



Ruberval José da Silva

“A TRINCA DE CARUARU”:

Os irmãos José, João e Elysio Condé e a imprensa literária na cidade do Rio de Janeiro em meados das décadas 1940 e 1950.

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juçara da Silva Barbosa de Mello

Rio de Janeiro
Novembro de 2022



Ruberval José da Silva

“A TRINCA DE CARUARU”:

Os irmãos José, João e Elycio Condé e a imprensa literária na cidade do Rio de Janeiro em meados das décadas 1940 e 1950.

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof.^a Dr.^a Juçara da Silva Barbosa de Mello

Orientadora

Departamento de História – PUC-Rio

Prof.^a Dr.^a Larissa Rosa Corrêa

Departamento de História – PUC-Rio

Prof.^a Dr.^a Angela Maria de Castro Gomes

Departamento de História - UNIRIO

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda

CPDOC-FGV

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Departamento de História – UFRN

Rio de Janeiro, 30 de Novembro de 2022

Ficha Catalográfica

Silva, Ruberval José da

“A trinca de caruaru”: os irmãos José, João e Elysio Condé e a imprensa literária na cidade do Rio de Janeiro em meados das décadas 1940 e 1950 / Ruberval José da Silva; orientadora: Juçara da Silva Barbosa de Mello. – 2022.

222 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2022.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. José Condé (1917-1971). 4. João Condé (1912-1996). 5. Elysio Condé (1906-1992). 6. Imprensa literária. 7. História de intelectuais. I. Mello, Juçara da Silva Barbosa de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Aos irmãos Elysio, João e José Condé,
que ajudaram a elevar a literatura e a cultura brasileiras.
(*IN MEMORIAN*)

À minha família migrante e a Raquel,
síntese de toda a poesia singela e romântica.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Os caminhos que fazemos e percorremos nos dão a nossa identidade, que é constantemente reafirmada e, contraditoriamente, transformada em muitos aspectos. E nesse jogo da vida estão ao nosso lado pessoas que contribuíram de alguma forma com as nossas conquistas diante dos desafios que se apresentam. É nessa coletividade distribuída em redes que podemos construir uma sociedade mais cidadã, diversa e fraternal.

Nesse sentido, agradeço a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, responsável por minha formação acadêmica desde a graduação, pelo suporte social aos alunos bolsistas, como no meu caso. Sem dúvidas o investimento em Educação contribuiu diretamente para que houvesse um acesso mais democrático ao conhecimento científico nas instituições superiores naquele período.

Estendo os agradecimentos à Fundação da Biblioteca Nacional e à Fundação Casa de Rui Barbosa, nos nomes de Cláudio César Batista Vitena, do setor de Pesquisa, e de Rosângela Florido Rangel, chefe da Divisão Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

Quero agradecer profundamente ao dedicado corpo docente do Departamento de História, a seus funcionários e ex-funcionários – amigos já de longa data: Cláudio Santiago, Débora Evelyn, Igor, Cleusa, Edna, Anair e Moisés.

Gratidão é um sentimento vasto de passados, que preenche a nossa caminhada coletiva de segurança e conforto nos momentos de incertezas e fragilidades. Por isso, agradeço a todos os meus ex-professores, em especial aos historiadores Armando Gonçalves, Betânia Barbosa, Flávia Schlee, Eunícia Fernandes, Selma Rinaldi e ao mestre Ilmar Mattos, por tudo o que fizeram em minha trajetória acadêmica e pessoal.

Nessa tessitura afetiva de uma rede intelectual entrelaçada com a rede das amizades, compartilho minha gratidão aos companheiros da dupla profissão, de historiador e de professor, que se fazem tão imprescindíveis nesse país: Aline Nascimento, Caroline Reis, Elaina Reoli, Rômulo Paura, Gustavo Simi, Renato

Ferraz e Regiane Matos. Essa rede solidária e gentil se estende às professoras e amigas de trabalho Marli Lameck, Maria dos Anjos e Fabiana Aires e ao professor Adso Assumpção.

Ainda na costura dessa rede tão significativa, eu agradeço imensamente a minha orientadora Juçara Mello, que desde o Mestrado me acompanha nessa trajetória acadêmica compartilhando seu tempo, sua dedicação, sua sensibilidade e sua larga experiência como pesquisadora e professora.

Essa tese não seria possível sem o apoio de uma rede indissociável pelo tempo ou espaço: minha família. Tudo começou com vocês, através de vocês e, por isso, esta tese sintetiza mais do que ideias, ela condensa o resultado de um esforço coletivo de abdicção e resiliência de todos vocês: minha mãe Berenice; meu pai Manoel; minhas irmãs Érica, Hozana e Eliane; meus irmãos José, Edmilson, Nilton e Erivaldo.

A Raquel, gratidão por tecermos essa rede infinitamente juntos...

Resumo

Silva, Ruberval José da; Mello, Juçara da Silva Barbosa de. “**A trinca de caruaru**”: Os irmãos José, João e Elysio Condé e a imprensa literária na cidade do Rio de Janeiro entre meados das décadas 1940 e 1950. 2022. 222f. Tese (Doutorado em História Social da Cultura). Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta tese analisa a atuação dos irmãos José Condé (1917-1971), João Condé (1912-1996) e Elysio Condé (1906-1992) na *sociabilidade intelectual* brasileira. Nos diversos suportes midiáticos em que desenvolveram as suas atividades intelectuais, os irmãos Condé foram reconhecidos como *homens de letras* por seus pares e pela comunidade leitora da época. João, José e Elysio atuaram como editores de colunas e seções do *Jornal de Letras* (JL). Além da atuação no JL que abordaremos a fundo ao longo da tese, João foi editor de livros e se destacou como jornalista literário com os seus “Arquivos Implacáveis”; José foi romancista, crítico literário e cronista e Elysio, embora médico, destacou-se sobretudo como empresário de imprensa – sua atuação viabilizou a longa vida do periódico. Na qualidade de letrados, assumiram distintas funções no mundo literário, no mercado editorial do período e na difusão de *bens culturais*. Funções que eles exerceram como *mediadores* entre o mundo letrado dos autores e o público-leitor, divulgando conhecimentos literários e culturais, de modo geral, e no caso do JL por meio da imprensa. Portanto, este trabalho objetivou evidenciar a interlocução e a significativa *rede intelectual* que os irmãos Condé desenvolveram a partir de suas atividades e de seus projetos em comum.

Nesse sentido, a imprensa ocupa lugar singular nesta tese, como objeto analisado em sua historicidade. Por meio dela os irmãos Condé deixaram vestígios de suas atuações, indispensáveis para a compreensão das Histórias da Imprensa e Literatura Brasileiras da segunda metade do século XX. A simbiose com os agentes em questão, produtores desse mundo impresso, reserva à imprensa lugar na produção e na alteração de sentido, bem como na transformação daquela sociedade.

Palavras-chave:

José Condé (1917-1971). João Condé (1912-1996). Elysio Condé (1906-1992). Imprensa. Literatura. Século XX. Intelectuais mediadores. História de intelectuais. Rio de Janeiro. Redes de sociabilidade.

Abstract

Silva, Ruberval José da; Mello, Juçara da Silva Barbosa de (Advisor). “**A trinca de caruaru**”: the brothers José, João and Elysio Condé and the literary press in the city of Rio de Janeiro between the mid-1940s and 1950s. 2022. 222f. Thesis (Doctorate in Social History of Culture). Department of History, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This thesis analyzes the performance of the brothers José Condé (1917-1971), João Condé (1912-1996) and Elysio Condé (1906-1992) in *intellectual sociability* Brazilian. In the different media supports in which they developed their intellectual activities, the Condé brothers were recognized as *men of letters* by his peers and the reading community of the time. João, José and Elysio acted as editors of columns and sections of the *Jornal de Letras* (JL). In addition to his work at JL, which we will discuss in depth throughout this thesis, João was a book editor and stood out as a literary journalist with his “Arquivos Implacáveis”; José was a novelist, literary critic, and columnist and Elysio, although a physician, stood out above all as a press entrepreneur – his work made the periodical’s long life possible. As scholars, they took on different functions in the literary world, in the publishing market of the period and in the dissemination of *cultural goods*. Functions they performed as *mediators* between the literate world of the authors and the readership, disseminating literary and cultural knowledge in general, and in the case of JL through the press. Therefore, this work aimed to highlight the interlocution and the significant *intellectual network* that the Condé brothers developed from their activities and their common projects.

In this sense, the press occupies a unique place in this thesis, as an object analyzed in its historicity. Through it, the Condé brothers left traces of their actions, essential for understanding the Histories of the Brazilian Press and Literature of the second half of the 20th century. The symbiosis with the agents in question, producers of this printed world, reserves a place for the press in the production and alteration of meaning, as well as in the transformation of that society.

Keywords:

José Condé (1917-1971). João Condé (1912-1996). Elysio Condé (1906-1992). Press. Literature. 20th century. Mediating intellectuals. History of Intellectuals. Rio de Janeiro. Sociability networks.

Sumário

1. Introdução	13
2. João Condé e os “ <i>Arquivos Implacáveis</i> ”: o exercício da sociabilidade intelectual (1946-1949)	31
2.1. O jornal A Manhã, os dois suplementos literários e os Arquivos Implacáveis	32
2.2. A subseção <i>Confissões</i> : os intelectuais (se) confessam...	51
2.3. A subseção <i>Diário</i> e os intelectuais	61
3. José Condé entre a crônica e a crítica em <i>Vida Literária</i> (1946-1952)	84
3.1. José Condé: o cronista da <i>Vida literária</i>	91
3.2. Folheando a <i>Vida Literária</i>	95
3.3. A <i>Vida Literária</i> passando entre os intelectuais	101
3.4. “ <i>Em torno do crítico vivem e morrem as suas esperanças</i> ”: o crítico José Condé	108
4. Elycio Condé e o Jornal de Letras: “ <i>O monumento do nosso ofício</i> ” (1949-1956)	128
4.1. A defesa da “ <i>classe intelectual</i> ” e da cultura	160
4.2. Os escritores novos e os concursos como consagração	171
4.3. “ <i>A varanda de Portugal</i> ”: O Jornal de Letras e o intercâmbio com os intelectuais portugueses	184
5. Considerações finais	195
6. Referências bibliográficas	203
7. Anexos	208

Lista de figuras

Figura 1 - Recorte da seção <i>Arquivos Implacáveis</i> de 14 de junho de 1946.	39
Figura 2 – Recorte da subseção <i>Correspondência</i> de 8 de maio de 1949.	43
Figura 3 - Cópia das duas páginas dos Arquivos Implacáveis especialmente sobre Cândido Portinari.	46
Figura 4 – Rede de intelectuais da seção <i>Flash</i> (parcial).	49
Figura 5 – Parte superior das duas páginas dos <i>Arquivos Implacáveis</i> em homenagem ao centenário de Joaquim Nabuco.	51
Figura 6 – Recorte com a subseção <i>Confissões</i> por Guimarães Rosa, 1946.	56
Figura 7 – Homenagem de João Condé nos <i>Arquivos Implacáveis</i> de 19 de janeiro de 1947.	63
Figura 8 – Tabela com os intelectuais mais citados nas subseções dos <i>Arquivos Implacáveis</i> (1946- 1949).	68
Figura 9 – Cópia das páginas completas dos <i>Arquivos Implacáveis</i> , 1 de maio de 1948.	72
Figura 10 – João Condé com peças de seu acervo particular em dezembro de 1952.	78
Figura 11 – Organograma das subseções dos <i>Arquivos Implacáveis</i> com os intelectuais.	80-81
Figura 12 – Fotografia de Edgar Medina.	93
Figura 13 – Organograma da <i>Rede intelectual</i> parcial em torno da coluna Vida Literária (1946-1952).	96
Figura 14 – Autores e obras citados na subseção <i>Próximos Lançamentos</i> .	99
Figura 15 – Autores e obras citados na subseção <i>O que vamos ler</i> .	100
Figura 16 – Crítica Literária: Organograma parcial de subseções com autores, suas obras e províncias.	118

Figura 17 – Organograma completo da subseção <i>Revistas Literárias</i> com os seus respectivos editores, diretores, instituições, estados ou cidades.	124
Figura 18 – Confraternização dos intelectuais na A.B.I.	130
Figura 19 – Primeira edição do Jornal de Letras.	132
Figura 20 – “O trio Condé” examina o primeiro exemplar do Jornal de Letras. (Da esquerda à direita: José, Elysio e João.).	133
Figura 21 – Integrantes do corpo editorial do Jornal de Letras.	135
Figura 22 – Capa do Jornal de Letras com destaque ao rascunho de Portinari.	142
Figura 23 – Representação caricatural dos intelectuais por Augusto Rodrigues.	145
Figura 24 – Estrutura editorial do Jornal de Letras no final de 1956 com a presença de Gilberto Freyre no Conselho Fiscal.	157
Figura 25 – João Condé, Drault Ernanny, Cavalcanti Proença e Francisco de Assis.	181
Figura 26 - Orris Soares, Peregrino Junior, M. Cavalcanti Proença e José Lins.	181
Figura 27 - Destaque do Jornal de Letras à viagem de João Condé para Portugal.	185

“Escritores e cientistas são cidadãos; é, portanto, evidente que eles têm o direito de participar da vida pública. Resta saber de que maneira e em qual medida”.

Durkheim. *O individualismo e os intelectuais*, 1898.

“Não serei o poeta de um mundo caduco
Também não cantarei o mundo futuro
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças
Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.

Carlos Drummond. *Sentimento do mundo*, 1940.

Introdução

“José Condé era, com Elysio e João,
um dos senhores da República das Letras (...).”

(Dinah Silveira de Queiroz, 07/10/1971)¹

A “trinca de Caruaru” foi como a escritora Rachel de Queiroz se referiu aos irmãos Elysio, João e José Condé, no contexto do lançamento do *Jornal de Letras* (1949-1992) em 1949. Escreveu a consagrada escritora cearense em seu artigo no *Diário de Notícias* – também reproduzido no *Jornal de Letras* – que os Condé não eram estreantes “em empresas desse gênero”, e, por serem “excelentes *homens de letras*”,² não deixavam de ser “ao mesmo tempo (...) também *homens práticos*”. Seguindo a apresentação do perfil dos irmãos, Rachel de Queiroz declara que essa “*duplicidade* (...) me parece essencial para qualquer *homem de letras* que aspire a êxito material no seu ofício.”³

Foi seguindo essas pistas descritivas, deixadas pela intelectual amiga dos Condé, que intentamos investigar as desenvolturas intelectuais e empresariais dessa trinca. Os irmãos Condé foram intelectuais que atuaram no cenário literário brasileiro a partir da segunda metade da década de 1930 na função de escritores, editores, colunistas e diretores de diversas mídias de circulação de literatura e de cultura no Brasil.

Toda essa diversidade de atividades literárias praticadas pelos irmãos Condé nos dá a dimensão da importância dessa trinca na criação, na produção, na circulação e na difusão da literatura não apenas do Brasil como também em/de outros países em que estiveram envolvidos em veículos de imprensa e em editoras, deles ou de outrem.⁴ Uma importância que, apesar de reconhecida por

¹ Crônica da autora intitulada “Nunca mais, José Condé”, sobre a morte do autor e crítico, transcrita no *Jornal do Commercio* (RJ). Trecho retirado da obra de BARBALHO, Nelson. **José Condé**: romancista de Caruaru. Caruaru: WDimeron, 2017, p. 112.

² O historiador Roger Chartier (1997, p. 145) esclarece que, ao longo do século XVIII, na Inglaterra e na França: “São os livreiros, os advogados, os juizes que estabelecem uma nova definição de homens de letras, proprietários de sua obra, por isso remunerável por um trabalho diferente de qualquer outro”. As pesquisas do autor serviram de balizamento nesta tese ressaltando aspectos da história dos intelectuais, da cultura e do livro em relação ao Estado (objeto de crítica e de identificação) e ao mercado editorial implicados com a imprensa.

³ QUEIROZ, Rachel de. *Jornal literário*. In. **Diário de Notícias apud Jornal de Letras**, ano II, n. 08, fev, 1950, p. 4, grifos meus. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), Casa de Rui Barbosa.

⁴ A socióloga francesa Gisèle Sapiro (2019, p. 55) destacou em seus trabalhos o poder decisivo da figura do editor no mercado de bens simbólicos: “O papel do editor é aí ainda mais importante,

alguns de seus contemporâneos ilustres – dentre eles Rachel, não lhes garantiu presença significativa na historiografia da literatura, na crítica literária e na história dos intelectuais. Por isso, temos como intenção principal analisar algumas dimensões intelectuais conexas desses destacados homens de letras e sua representação na sociedade brasileira entre meados das décadas de 1940 e 1950.

A primeira preocupação é investigar e analisar parte das trajetórias intelectuais dos irmãos Condé na imprensa literária e cultural, enquanto *intermediários* entre os demais *homens de letras*, a sociedade, o mercado editorial e o próprio Estado, agindo na divulgação de *bens culturais* que marcaram a vida cultural daquele período. Por outro lado, pretendemos explicitar e explicar a formação de uma *rede intelectual*⁵ que se relacionava por critérios profissionais e que foi tecida por sentimentos afetivos em torno e por meio dos irmãos Condé. Eles usufruíam de tal rede nos diversos lugares de sociabilidade e nas mídias em que produziam na recepção de outros escritores ou de suas obras provenientes de diversas províncias do país, especialmente daquelas da região Nordeste.⁶

Naquela sociabilidade tão múltipla de intelectuais, a agência dos irmãos Condé parecia pender para essa “sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades (...) que fundam uma vontade e um gosto de viver (...)” que tecem as “estruturas de sociabilidade” (SIRINELLI, 2003, p. 248). Por isso, as historiadoras Maria Rachel da Fonseca, Ângela de Castro Gomes e Kaori Kodama (2018, p. 594) orientam que nessa “(...) abordagem os intelectuais estão sempre imersos em redes de sociabilidade que os situam, inspiram, demarcam e deslocam através do tempo/espço”. No caso aqui analisado, tal rede havia começado a ser tecida há tempos...

A família Condé é proveniente da cidade de Caruaru, no Agreste pernambucano. O pai, que também se chamava João José Condé, foi um dos

pois cabe a ele criar não somente valor monetário das obras, mas também seu valor simbólico: ele tem o poder de consagrar o autor, de constituí-lo como tal e de produzir a crença no valor da obra, fixando nela sua ‘grife’” (Cf. SAPIRO, Gisèle. **Sociologia da literatura**. Trad. de Juçara Valentino. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019).

⁵ Gisèle Sapiro (Ibidem, p. 46) esquematizou as primeiras pesquisas na área das Ciências Humanas sobre a origem e o uso do conceito como método de pesquisa. Segundo ela, as redes permitem “(...) religar o nível da estrutura macrossocial (...) ao nível microssocial das interações”. Ou seja, o foco nesse tipo de análise é a dimensão coletiva da atividade literária.

⁶ O termo Nordeste apareceu a partir da nova divisão político-administrativa proposta por Fabio Macedo Soares Guimarães, geógrafo do IBGE, em 1941. Antes dessa mudança, os escritores se referiam a essa região como Norte. Ao longo desse trabalho iremos sempre usar a expressão Nordeste, mesmo que estejamos tratando de um período anterior a tal mudança, a fim de facilitar a compreensão do leitor.

pioneiros da cidade ao investir na produção e no comércio de algodão, na pecuária e na indústria. Um dos precursores da cidade, era um negociante, portanto, de economias tradicionais da região Nordeste, “(...) trazendo para Caruaru uma nova mentalidade”, segundo Elyso Condé.⁷ No entanto, os empreendimentos não se resumiam às antigas atividades econômicas. João Condé (pai) investiu também numa grande novidade midiática da época: ele era diretor de uma empresa cinematográfica em Caruaru, fato muito inovador para qualquer cidade da época, inclusive capitais. Ainda segundo o relato de Elyso sobre o pai,

(...) vindo ao Rio, assistiu a um filme de grande sucesso da época, “Lágrimas de Homem”; levou-o para ser exibido em Caruaru. O tema do filme trata de um pai que tudo fez e muito se sacrificou com o seu trabalho para ver seu filho formado em Medicina. Esse filme muito o impressionou. Ele também se esforçou para ver seu filho formando em Medicina.⁸

A “trinca de Caruaru” não teve uma trajetória inicial muito distinta dos demais jovens de origem oligárquica da região Nordeste daquela época. Todos os três irmãos migraram para a capital federal e, depois de formados, trabalharam em órgãos ligados ao Estado nos serviços públicos. Segundo Sérgio Miceli (2011, p. 198-199), “seja como for, um número considerável de intelectuais teve condições materiais e institucionais para conciliar seus cargos no serviço público com os seus projetos intelectuais (...)”.

Elyso Condé (1906-1992),⁹ o irmão mais velho, por exemplo, chegou à cidade do Rio de Janeiro com 16 anos e foi morar na Lapa, bairro de custo mais acessível ao universitário daquele momento. Nessa época ele já havia cursado um ano de Medicina na cidade de Salvador e foi para a capital federal a fim de concluir o curso na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, na qual se formou aos 21 anos de idade. Depois de formado, exerceu a profissão de médico na Ilha de Paquetá como plantonista. No entanto, foi no Hospital Pedro Ernesto onde seguiu por muito tempo até ocupar o cargo de chefe clínico daquela instituição.

Por sua destacada atuação na área da Urologia, tornou-se membro do Colégio Internacional de Cirurgiões, do Instituto Brasileiro de História da

⁷ CONDÉ, Elyso. “João Condé, meu pai”. In: CONDÉ, Elyso. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. 7.

⁸ *Ibidem*, p. 8.

⁹ Elyso foi casado com Heloísa Gomes Condé, com quem teve uma filha chamada Lúcia Maria Condé.

Medicina, da Academia Pan-Americana de História da Medicina, da Sociedade Brasileira de Urologia e chefe de Serviço do Hospital da Beneficência Espanhola.

Contudo, como bem sintetizou Antônio Carlos Villaça, “(...) Medicina, Literatura e amizade, eis o rumo da vida de Elyσιο Condé (...)”.¹⁰ Dividindo-se nos cargos de médico e de diretor-responsável do *Jornal de Letras* (1949-1992),¹¹ Elyσιο aglutinava em torno da sua trajetória intelectual o mundo das letras e das ciências naturais. Não por acaso, era no seu consultório na Avenida Rio Branco que ele compartilhava os conhecimentos de Medicina e de Literatura com os companheiros de profissão, dentre eles Hamilton Nogueira e o crítico literário e escritor José Geraldo Vieira. Segundo Elyσιο, “(...) éramos três homens pobres, que teimavam em servir aos seus ideais – medicina e literatura.”¹²

Por essa longevidade no empenho pelo *Jornal de Letras*, Elyσιο Condé ganhou muito reconhecimento e honrarias no Brasil e em Portugal. Por seu esforço em aproximar a Literatura Portuguesa da Brasileira, em 1981 foi condecorado com a maior honraria daquele país: a de Comendador da Ordem Infante Dom Henrique.

Do lado de cá (e da literatura), também recebeu reconhecimentos de muitos órgãos e de instituições de imprensa. Foi detentor da Medalha do Mérito Jornalístico da União Brasileira dos Escritores; diretor do Pen Clube do Brasil; diretor da União Brasileira dos Escritores e diretor da Associação Brasileira de Imprensa. Também foi membro-correspondente da Academia Pernambucana de Letras e recebeu do Estado de Pernambuco a Medalha Guararapes e do Tricentenário da Restauração Pernambucana.¹³

Ele também integrava a Academia Carioca de Letras, o Instituto de História de Medicina e era associado à Associação Brasileira de Imprensa.

¹⁰ VILLAÇA, Antônio C. “O navegante solitário”. In: CONDÉ, Elyσιο. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. XIII.

¹¹ O crítico literário Wilson Martins (1977-1978, p. 280), que começava a sua atividade literária durante aqueles anos, ressaltou a maturidade literária do *Jornal de Letras* já nos primeiros números do período: “com o aparecimento do *Jornal de Letras*, no Rio, sob direção de Elyσιο, João e José Condé (...) a literatura ganhava organização intelectual e os instrumentos de trabalho correspondentes à sua idade crítica (...)”.

¹² CONDÉ, 1983, p. 29.

¹³ VILLAÇA, Antônio C. “O navegante solitário”. In: CONDÉ, Elyσιο. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. XIII. Segundo o prefaciador da sua autobiografia, Elyσιο tinha “(...) a fidelidade enternecida à sua província, ao chão da sua infância, impregnada de autenticidade e de poesia”.

Chegou ao cargo de diretor-geral da Biblioteca Nacional em 1960, por ocasião das celebrações dos 150 anos de existência da instituição.

Tais associações, distinções e honrarias recebidas por Elysio Condé são indícios das inúmeras conexões sociais, culturais e políticas envolvendo as ações e os projetos em que ele esteve inserido. Elas revelam a “duplicidade” como “homem prático”, na definição de Rachel de Queiroz.

O segundo a compor a “trinca de Caruaru” foi João Condé (1912-1996).¹⁴ Ele, assim como o irmão mais novo, José Condé (1917-1971), era amigo de infância de Álvaro Lins, que se tornara o principal crítico literário do *Correio da Manhã* na década de 1940. Quando estudava no tradicional Ginásio no Recife, nos anos 1920, tornara-se colega do futuro poeta Mauro Mota e de outros que se tornariam escritores reconhecidos nacionalmente. Ao mudar-se para o Rio, ainda jovem, estudou no tradicional e prestigiado Colégio Pedro II. Logo depois, conheceu amigos de geração, como o poeta Murilo Miranda e outro crítico literário, Lúcio Rangel, que viria a ter uma coluna no *Jornal de Letras*.

João Condé formou-se em Direito na Universidade do Brasil em 1937, enquanto já era funcionário do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários (IAPC) e escrevia contos eventualmente em alguns suplementos, inicialmente sem muita expressão. No entanto, João soube fazer seu espaço nos meios literários da cidade do Rio de Janeiro de uma maneira inovadora. Ao contrário de seu irmão José, que logo se destacou como um premiado escritor de romances e novelas, ele conseguiu transformar-se: de um intelectual “satélite”, tornou-se um intelectual de referência, por tratar de um aspecto muito importante para a vida e para o projeto intelectual, que é a preservação de sua memória e de sua produção enquanto permanência do legado de sua imagem pessoal.

Explico. Ele ficou conhecido como um garimpador de joias literárias, ou “o gari da literatura”, como o apelidara o escritor e crítico literário Agrippino Grieco. Isso porque buscava e guardava incansavelmente algumas relíquias da Literatura Brasileira, como os manuscritos originais de obras primas dos famosos escritores nacionais. Além disso, também as divulgava em seus célebres *Arquivos Implacáveis*, uma seção que chegou a ocupar duas páginas do concorrido suplemento “Letras e Artes” (1946-1949) do jornal carioca *A Manhã*, que

¹⁴ Ele teve dois filhos: José Luiz Condé e João Carlos Condé.

permaneceu até dezembro de 1949, ou seja, até o lançamento do *Jornal de Letras* com seus irmãos Elysio e José.¹⁵

Essa seção fez tanto sucesso de público que ultrapassou as páginas do jornal e até da revista *O Cruzeiro*. João Condé não demorou muito e estreou os seus *Arquivos Implacáveis* numa nova mídia de massa: o rádio. Em março de 1950, na estatal Rádio Ministério da Educação (PRA-9), ele passou a produzir e apresentar semanalmente o seu acervo singular e os causos em torno dele para milhares de ouvintes.

Por seu fácil trânsito e reconhecimento em meio à intelectualidade da época, iniciaremos a tese com o capítulo “João Condé e os “*Arquivos Implacáveis*”: o exercício da sociabilidade intelectual (1946-1949)”. O objetivo principal desse capítulo é analisar essas práticas colecionadoras e de difusão de *bens culturais* do cronista literário João Condé, que encontrou “uma outra porta para entrar na literatura”, como salientou o repórter José Medeiros, da revista *O Cruzeiro*.¹⁶

Atrelado a esse objetivo principal, temos como intenção discutir as ações desse intelectual em relação à literatura, aos literatos e a outros agentes culturais do período, enquanto assumia o papel de *mediador cultural* e fazia os *bens culturais* circularem através de um suporte impresso de grande circulação e recepção: o jornal *A Manhã*.

Ao qualificarmos João Condé e os seus irmãos como “intelectuais mediadores” estamos nos referindo ao conceito do historiador francês Jean Sirinelli (1998, p. 261):

Sob esta classificação podem estar reunidos tanto os criadores como os “mediadores” culturais: à primeira categoria pertence àqueles que participam da criação artística e literária ou no progresso do saber, na segunda juntam-se os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber.

¹⁵ Em 1954, os *Arquivos Implacáveis* passaram a ser publicados na revista *O Cruzeiro*, inclusive em sua edição internacional. Ainda no jornal *A Manhã*, Condé assegurava os seus direitos autorais (e intelectuais) de sua produção e acervo: “Os Arquivos Implacáveis não podem ser transcritos, mesmo parcialmente, sem autorização do seu responsável” (CONDÉ, João. “Suplemento Letras e Artes”. In: **A Manhã**, 24 jul. 1949, Hemeroteca da Biblioteca Nacional).

¹⁶ Reportagem da revista *O Cruzeiro* por ocasião da estreia da seção “Arquivos Implacáveis” nessa revista, no início de 1953.

Em determinadas funções, os indivíduos ganham uma carga maior de importância porque geram grande interesse ou comoção no meio social, construindo representação de si mesmo, dos outros e dos *bens culturais* envolvidos sendo, sem dúvidas, “(...) estratégicos para se entender como uma série de novos sentidos são gestados a partir da recepção dos bens culturais; de como tais bens transitam (...)” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 26).

Por isso, devemos investigar as suas atuações como arquivista literário particular e cronista num dos principais suplementos literários do período, com o propósito de situá-lo na História da Literatura e na História dos Intelectuais, tal como compreende uma vertente dessa historiografia, sobretudo Charle (1985), Rioux e Sirinelli (1998) e Ângela de Castro Gomes (1996; 1999) e Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016).

Seguindo essa “tradição” historiográfica, Muza Chaves Velasques (2000) discutiu as redes de sociabilidade intelectual na cidade do Rio de Janeiro nos anos 1930 e 1940. Especificamente sobre João Condé e as suas atividades culturais, a historiadora dedicou o capítulo da sua tese “Suplementos e colunas literárias: os arquivos implacáveis”, do qual nos aproximamos em certos aspectos. Enfatizaremos neste trabalho a simbiose entre o autor e a seção Arquivos Implacáveis no suplemento “Letras e Artes” do jornal matutino carioca *A Manhã* e nos desdobramentos das relações intelectuais e afetivas.

João Condé, portanto, pode ser configurado como um intelectual que faz mediação por, no mínimo, dois meios: o primeiro pela sua seção *Arquivos Implacáveis* (1946-1949) e o segundo porque ele foi um colecionador/arquivista literário, que guardou documentos e objetos culturais de interesse aos demais intelectuais, sendo reconhecido pelos seus pares. Essa percepção de sua atuação estava ligada ao compromisso assumido pelo arquivista, de salvaguardar um patrimônio artístico e literário brasileiro. Ambas as funções culturais possibilitaram que ele usufruísse de um poder de influência nos meios em que circulava e construía conexões diversas no mundo literário e político, formando uma sólida *rede de sociabilidade*.¹⁷

¹⁷ Destacando “(...) o caráter polissêmico da noção de intelectual”, Jean-François Sirinelli (2003, p. 242) esclarece que esse grupo se caracteriza por uma atuação “ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores culturais” e, não dissociado disso, por um engajamento político ou por outras causas da sociedade”.

Como categoria analítica, as redes de sociabilidades “não explicam, elas devem ser explicadas, para que a dinâmica organizacional e os “microclimas” intelectuais dos grupos sejam apreendidos pelo historiador” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 25).

Comunga também dessa concepção de *rede de sociabilidade* a socióloga francesa Gisèle Sapiro (2019, p. 48). Para ela, as redes devem funcionar como um método de análise e não como teoria social, pois pode ser apreendida como uma “estrutura de afetos” ou como uma “consciência coletiva” sempre mediatizada pelas relações sociais entre as classes ou interclasses que, por vezes, refletem também as contradições ou concessões.

E como João Condé conseguia essa inserção de modo tão orgânico no grupo dos intelectuais para cumprir os seus propósitos? Ficaremos com a melhor narração-descrição possível: a de Graciliano Ramos.

(...) homem terrível e absurdo, que guarda fotografias e papéis inéditos de todo gênero, da novela ao rol de roupas sujas, do poema à carta de cobrança, autos de processos e correspondência amorosa, *coisas obtidas pelos mais diversos meios*: sorrisos, pagamento de café, do ônibus e do bonde, ameaças, gritos, carinhos, promessas, injúrias, *apresentação a cavalheiros poderosos* e chantagens, pois o monstro *conhece fidalgos estrangeiros e funcionários da polícia*. Para me extorquir estas declarações, Condé me ofereceu, antes de tudo, *a glória*. Como *sua Coleção durará séculos*, posso ter a certeza de que, senão a obra inteira, pelo menos uma das minhas personagens tomará pé no futuro (RAMOS, Graciliano. “Paulo Honório”. In: CONDÉ, João (org.). **10 romancistas falam de seus personagens**. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1946, p. 33).¹⁸

Assim como Graciliano, que sem dúvidas o influenciou, José Condé (1917-1971)¹⁹ também era romancista e contista. O “*príncipe dos Condé*”, como era conhecido José, iniciou os seus estudos no oligárquico Ginásio de Recife e, com a morte do pai, foi trazido por Elysio junto a João para o Rio de Janeiro ainda adolescente. Diferentemente do irmão João, ele não estudou na capital. José foi estudar em Petrópolis, no colégio interno Plínio Leite, segundo relato de Elysio

¹⁸ A declaração consta na edição de luxo organizada e editada por João Condé e sua editora. Foi impressa nas oficinas Irmãos Pongetti, com revisão do alagoano Aurélio Buarque de Holanda e ilustrações de Cornélio Penna, dos paraibanos Augusto Rodrigues e Tomás Santa Rosa, do pernambucano Luís Jardim, entre outros.

¹⁹ José Condé foi casado com Maria Anália Faria, com quem teve três filhos: Fernando, Regina e Vera. Após desquite, casou-se com Maria Luiza Cavalcanti, escritora de livros didáticos e também jornalista.

“(…) pagando um preço generoso, graças à amizade do seu saudoso diretor, Plínio Leite (…)”.²⁰

Como a maioria dos intelectuais residentes na capital da República, José Condé tão logo se formou pela Faculdade de Direito de Niterói e foi nomeado para a Agência Nacional, onde teve como colegas de trabalho o escritor Antônio Callado e a jovem escritora Clarice Lispector, mas passou pouco tempo no cargo. No entanto, após passar por dificuldades financeiras, segundo o seu amigo Renard Perez, Condé foi nomeado na autarquia do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB), permanecendo no órgão até assumir o cargo de procurador, no qual permaneceu até a sua morte.²¹

Na atividade literária, José Condé atuou como repórter no jornal literário semanário carioca *Dom Casmurro*, fundado entre 1937, com textos temáticos ligados à sua província. O jornal circulou no Rio de Janeiro entre 1937 e 1947 e foi um importante veículo de difusão de obras e autores diversos, principalmente daqueles iniciantes da segunda geração modernista de diferentes regiões e vertentes, com a predominância de autores da região Nordeste. Era um espaço de experimentações dos autores novos e de encontros com os mais consagrados.

Por pouco meses (de outubro de 1940 a abril de 1941) José Condé escreveu como colunista social, tratando de assuntos diversos n’*O Jornal*, de Assis Chateaubriand, sob pseudônimo de Mr. Chips, emprego conseguido pelo escritor Austregésilo de Athayde (nascido em Caruaru). No entanto, foi por intermédio de Álvaro Lins, também de sua cidade natal, que José Condé tornou-se colunista literário no *Correio da Manhã*, com sua seção “Vida Literária” (1946-1952). Depois de 1952, a coluna passou a ser intitulada de “Escritores e Livros”, no suplemento literário no qual ele continuou como crítico até 1969, dois anos antes de sua morte.

José Condé tornou-se um escritor de contos e romances de grande sucesso. Em 1945, ele publicou pela José Olympio Editora a novela *Caminhos da sombra* (livro ilustrado pelo paraibano Santa Rosa). Já no ano de 1950, ele escreveu o romance *Onda selvagem*, publicado pela Edições O Cruzeiro e premiado no concurso “Malheiro Dias”. Após dois anos, foi agraciado com um dos prêmios

²⁰ CONDÉ, 1983, p. 29.

²¹ PEREZ, Renard. “José Condé: notícia biográfica”. In: CONDÉ, José. **As chuvas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

mais importantes da época, o “Fábio Prado”, com o livro de contos *História da cidade morta* (1951). A publicação da novela *Os dias antigos*, de 1955, rendeu-lhe os prêmios “Paula Brito”, da Prefeitura do Distrito Federal, e também o “Afonso Arinos”, da Academia Brasileira de Letras.

José Condé ainda publicou inúmeras outras obras: a novela *Um ramo para Luíza* (1959), que foi adaptada para o cinema; o romance *Terra de Caruaru* (1960); *Santa Rita (Histórias da Cidade Morta e Os Dias Antigos em um só volume)* (1961); o romance *Vento do Amanhecer em Macambira* (1962); o romance *Noite Contra Noite* (1965), a novela *Pensão Riso da Noite: rua das Mágoas (cerveja, sanfona e amor)* (1966); o romance *Como uma tarde em dezembro* (1969); as novelas *Tempo, vida, solidão* (1971) e *As chuvas* (1972). No entanto, o nosso foco é na outra atividade literária desse intelectual, ou seja, na crítica literária.

O segundo capítulo da tese, intitulado “José Condé entre a crônica e a crítica em *Vida Literária* (1946-1952)”,²² tem como propósito investigar a inserção de José Condé nas *redes intelectuais* e nas práticas culturais na imprensa literária da cidade do Rio de Janeiro a partir da segunda metade dos anos 1940, bem como suas relações e diálogos com os demais intelectuais em outros diversos *lugares de sociabilidade intelectual*.

Analisaremos mais detidamente a atuação profissional de José Condé enquanto cronista e crítico literário no *Correio da Manhã*, na sua seção “Vida Literária”, entre maio de 1946 e agosto de 1952, porque entendemos terem sido estas as principais atividades intelectuais em que o exercício da *mediação* entre os autores e os seus respectivos leitores foi praticado por José Condé. Além do mais, argumentamos que ao longo da sua vida literária essas duas práticas intelectuais foram estruturadoras de um projeto intelectual maior, que perpassou todo seu percurso no mundo das letras: a valorização dos novos intelectuais e das produções da província.²³

²² Em 1952, a seção passou a ser intitulada “Escritores e Livros”, nome que levou até 1969. A frase que está empregada no título foi retirada de um artigo de Dinah Silveira de Queiroz, em homenagem a José Condé devido à sua morte. Cf. QUEIROZ, Dinah Silveira de. “Nunca mais, José Condé”. In: *Jornalzinho Pobre*. Transcrito no *Jornal do Brasil* em 07 de outubro de 1971 apud BARBALHO, 2017, p. 111).

²³ Sobre o conceito de *província*, Condé parece comungar do seguinte entendimento que a teórica literária Silvana Moreli Vicente (2017, p. 14) desenvolveu sobre a troca de cartas entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira: “(...) de uma acepção inicial como território administrativo, nação, estado e colônia, a “província” passa a significar qualquer delimitação ou esfera de interesse,

Os irmãos Condé, em especial José, mobilizavam frequentemente em seus discursos uma ideia de província distinta da que foi sendo construída por determinados grupos intelectuais que passaram a associar o termo a algum tipo de atraso e marginalidade. A acepção atribuída pelos irmãos aparecia associada à valorização de seu lugar de origem, que coincide também com o de tantos outros intelectuais. Nesse sentido, o termo província, nesse caso, parecia demandar uma tentativa de superação de uma suposta decadência, ao mesmo tempo em que buscava a positivação de uma tradição que era por eles forjada. Essa singularidade aparecia em seus textos, por vezes, confrontada com os valores tidos como cosmopolitas representados e vivenciados nas metrópoles (Rio de Janeiro e São Paulo): a modernização, a força tecnológica, a efervescência econômica e a ordem burguesa.

Nossa intenção é, assim, a de explicitar a multiplicidade de sentidos empregados em torno desse termo no contexto das experiências vivenciadas pelos irmãos Condé e demais intelectuais.

Os irmãos Condé não somente forjavam esse sentido mais original sobre o termo *província*, como também acrescentavam um caráter de desprovimento e desfavorecimento em torno dos intelectuais de outros estados e das suas produções culturais e literárias que, por sua vez, reverberava com certo teor político.

José Condé, por exemplo, atuava contra essa suposta desigualdade produtiva entre os ditos provincianos e metropolitanos buscando sempre valorizar os jovens escritores, especialmente àqueles originários de espaços do interior do Brasil.

Como editor daquela seção, José Condé acumulava o poder de consagração ou não de obras e de seus respectivos autores, lhes atribuindo um valor simbólico que, por sua vez, resultaria numa valoração monetária. Essa era, sem dúvidas, uma atividade mediadora decisiva na recepção desses *bens simbólicos* e na dinâmica editorial do impresso (SAPIRO, 2019, p. 55). Por isso, para os propósitos desta tese, iremos nos restringir à sua inserção como crítico no

genericamente, até apontar para a escassa importância econômica e cultural de um território frente a outros maiores e, logo, para “o fechamento”, “o sufocamento” e “o atraso” supostamente próprios das pessoas ditas provincianas ou de pensamento pequeno-burguês. É contra tal acepção restritiva que os autores se posicionam”.

referido jornal, pois foi nesse período que ele escreveu e publicou suas primeiras obras e, ao mesmo tempo, empreendeu o projeto do *Jornal de Letras* (1949).

Segundo Brito Broca (1993, p. 104), um dos intelectuais contemporâneos que mais refletiu e escreveu sobre os seus pares e a literatura, o *Dom Casmurro* representou uma grande inovação na produção literária da década de 1940. O escritor, que depois seria um dos diretores de redação do *Jornal de Letras*, enfatizou a marcação de uma geração que passou pela redação do *Dom Casmurro*:

Ali surgiram, pode-se dizer, alguns dos elementos mais representativos da geração que hoje chega aos quarenta anos: Franklin de Oliveira, Josué Montelo, Joel Silveira, José Condé, Wilson Lousada.

O periódico criado em 1937 era, sem dúvidas, um espaço de experimentações dos autores novos, como José Condé, e de encontros com os mais consagrados. Afinal, no corpo de colaboradores constavam os maiores nomes da literatura nacional naquele momento: Carlos Drummond, Rodrigo de Mello Franco de Andrade, Roquette Pinto, Manuel Bandeira, Afonso Arinos de Mello Franco, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Rodrigo Octavio Filho e os redatores desenhistas paraibanos Augusto Rodrigues e Tomás Santa Rosa. O fato é que grande parte desses intelectuais cruzariam a vida intelectual de José Condé ao longo de suas práticas e projetos culturais.

Apesar de hoje podermos correr o risco de julgar a rápida vivência de José Condé enquanto redator do periódico supracitado como exemplar de sucesso na vida literária, o historiador que investiga a trajetória de um intelectual pode cair na armadilha do “indivíduo ideal”. Embora José Condé pudesse contar com o capital social por intermédio do seu irmão mais velho, o médico Elysio Condé, que estava estabelecido profissionalmente na cidade do Rio de Janeiro, as experiências iniciais de José como homem de letras foram, por vezes, frustrantes, mas suficientes para galgar certos espaços e visibilidade.

Foi na revista *O Cruzeiro* que José Condé revelou, numa amplitude maior, o seu talento para as letras. Talvez sua inserção tenha se dado por intermédio de seu conterrâneo Austregésilo de Athayde, dirigente dos *Diários Associados* do

paraibano Assis Chateaubriand,²⁴ que esteve ao lado do empresário desde a compra d'*O Jornal* (Rio de Janeiro), em 1924.²⁵ Foi em *O Cruzeiro* que ele iniciou seus trabalhos na literatura, com a publicação do poema “A Feira de Caruaru”. A qualidade literária do texto repercutiu entre grande parte dos colonistas da imprensa literária, que ainda desconheciam o autor. A repercussão foi tão positiva que logo foi contratado para fazer uma série de entrevistas sobre alguns dos escritores mais lidos e discutidos, intitulada “Ouvindo uma geração”, em meados de 1937. Nelas, o “repórter literário” colhia em sua enquete informações sobre a atuação dos escritores, opiniões sobre o momento literário, perspectivas de futuro, obra em detalhe e vida cotidiana.

As fontes consultadas evidenciam que na época era sabido e notório que a revista *O Cruzeiro* era um polo de atração e permanência de escritores da região Nordeste, notadamente nos anos 1930 e 1940. Primeiramente, acreditamos que seja pelo fato de Assis Chateaubriand, enquanto estudante, ter circulado pela imprensa na Recife dos anos 1920, onde estabelecera contato direto com os intelectuais “da província”. O segundo fator deve-se à conjuntura favorável à recepção das obras literárias de cunho social dos autores de estados da região Nordeste, especialmente de Pernambuco e de Alagoas, que migraram para a metrópole no início e ao longo da década de 1930, entre eles João e José Condé, que colaboraram nas colunas de seus jornais e da revista, atraindo jovens talentos e consolidando o sucesso na venda de livros.

Fazer parte do corpo colaborativo daquela revista era desfrutar de privilégios e de uma visibilidade sem igual nos circuitos literário e cultural do país, ainda mais se o seu trabalho fosse reconhecido nesses ambientes concorridíssimos – especialmente da capital. Segundo Fernando Morais (2011, p. 154), a revista circulava nas capitais e nas principais cidades, com uma tiragem média de 50 mil exemplares, com os melhores articulistas do Brasil e do exterior.

O ponto central era, sem dúvida, o movimento literário na capital daquela década com tantas novidades lançadas, mas o mundo da política também estava

²⁴ Em um texto em homenagem a José Condé, após a sua morte, o poeta Mauro Mota, seu amigo de infância do Ginásio de Recife e interlocutor, definiu a amizade entre José Condé, Álvaro Lins e Austregésilo de Athayde como a “trindade literária de Caruaru” (Cf. MOTA, Mauro. “JOSÉ CONDÉ”. In: **Diário de Pernambuco** (02/10/1971) apud BARBALHO, 2017, p. 84).

²⁵ Como mencionamos anteriormente, por pouco meses, de outubro de 1940 a abril de 1941, José Condé integrou o corpo colaborativo como colunista social d'*O Jornal*, de Assis Chateaubriand, sob o pseudônimo de Mr. Chips.

impregnado na vida e na obra daqueles homens de letras, resultando numa simbiose singular que influenciava as relações profissionais e de amizade. Os debates literários e políticos estavam nas ruas, nas páginas dos jornais e revistas, nas livrarias, cafés e reverberavam nas redações, que produziam os textos numa circularidade fecundante. Era nessa movimentação frenética dos acontecimentos do ano de 1937 que José Condé compartilhava de certos posicionamentos de esquerda nos bares, redações e nos cafés, como o Café Vermelho, que não por acaso era conhecido pela reunião de intelectuais comunistas e socialistas. Ali se concentravam costumeiramente figuras de destaque como Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Jorge Amado, Carlos Lacerda e Rachel de Queiroz.²⁶ E da redação do *Dom Casmurro* certamente era aquele o destino nos finais de expediente do secretário de redação Joel Silveira, de Aníbal Machado e do próprio José Condé, que morava no Catete com o irmão João Condé.

O fato é que tanto na redação do *Dom Casmurro* como na revista *O Cruzeiro*, o jovem José Condé participava de uma rede de sociabilidade intelectual estruturada nas relações de afetividade política, de identificação ideológica e de aprendizado nos mundos político e literário (quase sempre confundidos) que, de certa forma, ficaram amalgamadas em suas obras. Sem dúvidas, esta foi uma década muito rica e ao mesmo tempo complexa para os homens de letras de outros estados que queriam inserir-se nos espaços de sociabilidade da capital, mesmo que o *capital social* (MICELI, 1979) de seus dois irmãos mais velhos tenha facilitado a sua entrada e acomodação naqueles espaços concorridos.

José Condé foi parte de uma geração marcada pela ditadura instalada com golpe de Estado de 1937 e que perdurou até 1945. Naquela época, ele flertava (e parece que nunca deixaria de flertar) com ideias esquerdistas. Porém, com o golpe, se afastara das discussões políticas por causa da censura imposta pelo novo regime.

O escritor maranhense Josué Montello, que também iniciava sua carreira literária naqueles anos, acerca do lançamento do livro de José Condé *Tempo Vida Solidão* (1971), assim definiu o “lugar geracional”:

²⁶ MOTA, Mauro. JOSÉ CONDÉ. In. Diário de Pernambuco (02/10/1971) *apud* BARBALHO, Nelson. **José Condé**: romancista de Caruaru. Caruaru: WDimeron, 2017, p. 83.

José Condé pertence à geração que em 1937-8 se iniciou aqui no Rio no semanário *Dom Casmurro*, ao tempo dirigido por Álvaro Moreyra. Dessa hora em diante, ele marcou o rumo da sua vida literária, tratando de temas ligados à sua província natal.²⁷

José Condé não conseguira apenas uma via de inserção nos ambientes literários naquela que era a revista de maior circulação e prestígio do mundo da cultura enquanto “repórter literário”, mas também iniciava na empresa *Associadas* de Assis Chateaubriand a sua trajetória enquanto romancista. Afinal, José Condé tornou-se um escritor de contos e romances de relativo sucesso ainda em meados da década de 1940.

Em 1945, ele publicou pela José Olympio Editora a novela *Caminhos da sombra*, com ilustrações do paraibano Tomás de Santa Rosa, amigo e companheiro de redação do *Dom Casmurro*.²⁸ Segundo Renard Perez, amigo dos Condé, o estreante romancista tinha “muita esperança nessa obra; mas, publicada, ela lhe traz grande decepção. Passa então o escritor uma fase difícil, em que chega à conclusão de que não dá para a literatura”.²⁹ No entanto, antes de chegar à publicação dessa obra na José Olympio, Condé havia trabalhado, logo depois de se formar na Faculdade de Direito de Niterói, como publicista da livraria até 1941,³⁰ período no qual passou a conviver com a intelectualidade principalmente proveniente da região Nordeste, que frequentava aquele importante espaço de sociabilidade.

Portanto, José Condé também exerceu papel fundamental de incentivo à circulação de outros bens simbólicos, os livros, e a partir dessa atividade começou a tecer a sua própria *rede de sociabilidade* na prática literária que anos depois ocasionaria na sua atuação como crítico literária e cronista no suplemento literário do *Correio da Manhã*.

²⁷ MONTELLO, Josué apud BARBALHO, Nelson. **José Condé**: romancista de Caruaru. Caruaru: WDimeron, 2017, p. 69.

²⁸ O paraibano Tomás de Santa Rosa Júnior tornou-se uma das referências da ilustração de livros nos anos 1930 em diante. Ele e o pernambucano Luís Jardim foram os responsáveis por transformar a arte gráfica da Editora José Olympio. Eles estamparam muitas das capas e páginas das principais obras literárias daquelas décadas.

²⁹ PEREZ, Renard. “José Condé: notícia biográfica”. In: CONDÉ, José. **As chuvas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972, p. XX.

³⁰ José Condé era responsável por redigir as notas publicitárias dos livros publicados pela Editora José Olympio. No arquivo da editora constam recibos que comprovam a realização desses serviços desde novembro de 1938. Casa de Rui Barbosa, Fundo LJOE. JOL RLS.94 (Relações Sociais).

Essa atividade de publicista estava longe de ser banal, pois significava um acesso aos escritores de tais livros e, simultaneamente, ele era o responsável pela divulgação para os leitores em linguagem acessível, além do contato direto com os livreiros pelo país afora. Ou seja, como propagandista, José Condé adquiria mais uma experiência no mundo editorial, que lhe ajudaria futuramente quando chefe-redator da seção “Escritores e Livros” e do *Jornal de Letras* em que era diretor junto com os demais irmãos. No terceiro capítulo, intitulado, “Elysio Condé e o *Jornal de Letras*: “*O monumento do nosso ofício*” (1949-1956)”,³¹ falaremos mais a respeito do periódico dirigido pelos Condé.

Por mais de quarenta anos (e sem interrupção alguma), o *Jornal de Letras* foi o porta-voz de literatura nacional mais conhecido e respeitado no Brasil da segunda metade do século XX (1949-1992). Quem esteve à frente por todo esse tempo como diretor-responsável foi Elysio Condé, que teve uma trajetória diversa em relação aos seus irmãos mais novos – ele era médico, como já vimos. Por isso, as suas redes profissionais e de amizades estão atreladas ao encontro da Medicina com a Literatura: de literatos e médicos ou pessoas que exerceram as duas funções.

Desse modo, o médico e fundador-diretor do *Jornal de Letras* parece se encaixar naquilo que o historiador francês Christophe Charle chamou de “homens duplos”. Primeiro porque ele reconhecia a si mesmo e era reconhecido por seus pares como homem de cultura e porque também atuava como um “intelectual mediador”, uma vez que divulgava e promovia os produtos culturais de importantes intelectuais por meio das páginas do *Jornal de Letras* aos seus leitores ilustres e para um público mais amplo.

Nesse sentido, Elysio Condé atuava ambigualmente, e de forma discreta, como “homem duplo”, pois “eles são pensados como “pontes”, estabelecendo uma ligação entre tais níveis, ou seja, servindo como “meio de passagem”³² na produção e na difusão de bens simbólicos (GOMES; HANSEN, 2016, p. 28-29).

³¹ A oração “Monumento do nosso ofício” é de Rachel de Queiroz e foi originalmente publicada na coluna de crônicas semanal da escritora em um periódico da cidade do Rio de Janeiro. Foi reproduzida no *Jornal de Letras*, junto a outros depoimentos de intelectuais em homenagem a esse mensário (JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, Ano II, n. 8, fev. 1950, p. 4).

³² Ainda segundo as historiadoras, os indivíduos figurados como “homens duplos” “(...) sustentam sua identidade de “homens de cultura”, quer no nível “mais alto”, da criação de bens culturais, quer como “transmissores culturais, um nível que, segundo a construção da reflexão, está sendo concebido como “mais baixo” e apropriado aos “intermediários”.

Ou, nas palavras da amiga Rachel de Queiroz, era um homem que exercia uma “duplicidade” reconhecida pela comunidade intelectual.

Elysio frequentava *lugares de sociabilidade* mais ou menos formais enquanto médico, pois integrava várias associações e instituições médicas e, ao mesmo tempo, circulava e compunha órgãos e instituições culturais ou era condecorado por eles.

Porém, foi à frente do *Jornal de Letras* que Elysio ganhou mais notoriedade empresarial e intelectual. Tanto que o crítico literário Wilson Martins (1977-1978, p. 280), que começava a sua atividade literária durante aqueles anos, ressaltou a maturidade literária do *Jornal de Letras* já nos primeiros números do periódico: “com o aparecimento do *Jornal de Letras*, no Rio, sob direção de Elysio, João e José Condé (...) a literatura ganhava organização intelectual e os instrumentos de trabalho correspondentes à sua idade crítica”.

No entanto, tal importância reconhecida pela intelectualidade brasileira e portuguesa e por outras instituições da época não teve a mesma atenção por parte dos estudiosos das Ciências Humanas. Seja na Historiografia, na Sociologia, na Comunicação Social ou na área de Letras, a ausência de trabalhos acadêmicos sobre o principal veículo impresso literário e cultural do país da segunda metade do século XX foi motivação para esta pesquisa e um propósito para a divulgação desse imprescindível bem cultural e acervo histórico brasileiro.

Em depoimento do amigo alagoano Valdemar Cavalcanti, em sua coluna n’*O Jornal*, como o título “Exemplo de resistência”, ele configurou o lugar central do JL³³ e dos irmãos como *intelectuais mediadores* naquele cenário cultural:

Estabeleceram eles o seu reduto, organizaram equipes, mantem contato com tudo quanto é escritor e poeta brasileiro, empenharam-se na difusão de ideias e no debate de pontos de vista, realizam concursos, dão, enfim, movimento à vida literária.³⁴

Mas, foi Elysio quem dirigiu o *Jornal de Letras* sozinho a partir de 1956, quando se afastaram João e José Condé. Este fato justifica o recorte temporal do terceiro capítulo, no qual analisaremos as relações entre os três irmãos e redatores, colaboradores, correspondentes e demais pessoas envolvidas nesse que foi, sem

³³ A partir dessa parte da tese usaremos as letras “JL” para nos referirmos ao *Jornal de Letras*.

³⁴ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, Ano IV, n. 37, jul. 1952, p. 5.

dúvidas, o maior produto cultural criado e difundido pelos irmãos sob a liderança de Elysio.

De 1956 em diante ele contou com a colaboração intelectual de Valdemar Cavalcanti tanto na função de redator-chefe como na “*difusão de ideias*” e dando “*movimento à vida literária*”. De fato, o periódico empenhou-se primeiramente na defesa da cultura e nos interesses dos “trabalhadores intelectuais”, como Elysio gostava de se referir às atividades intelectuais. Por isso, nosso primeiro enfoque no capítulo foi discutir como o JL serviu como plataforma discursiva para as questões ligadas à liberdade de imprensa, ao mercado impresso e ao incentivo, ou à falta dele, por parte do Estado e de seus órgãos. Esse foi um engajamento político relevante para a conquista do mensário como órgão representativo da intelectualidade.

Uma representação que abrangia escritores e demais homens de letras, que almejavam angariar seu espaço de atuação nas redes de sociabilidade da capital federal ou em suas respectivas cidades ao redor do Brasil. E isso se dava principalmente por meio dos concursos promovidos pelo JL e patrocinados por “mecenas” do mundo político ou por iniciativas privadas. Essa também foi uma prática cultural sensível não apenas para Elysio, mas comum aos outros dois irmãos. Sem dúvidas que os intelectuais que passavam por essa “instância de mediação” (SAPIRO, 2019, p. 110) que eram os concursos e as premiações, possivelmente usufruiriam de uma carreira de sucesso, pois, como sabemos, é a recepção quem “determina a evolução da trajetória do autor” (Ibidem, p. 117).

Nesse entendimento, os escritores portugueses também tiveram nas páginas do JL um amplo acolhimento com a divulgação de suas obras no Brasil. Afinal de contas, era a intenção de Elysio Condé torná-lo um periódico luso-brasileiro desde o início da sua criação. Como não foi possível, o diretor-responsável se esforçou para tornar o mensário uma mídia de intercâmbio cultural entre os dois países, principalmente a partir de 1952, quando houve tratados bilaterais de acordos linguísticos sobre o comércio do livro e viagens de homens das letras e da política entre ambos os países. Por isso foi imprescindível a nossa análise das relações dentro dessa *rede intelectual* transnacional estabelecida por meio das seções do periódico dedicadas à produção portuguesa e aos seus intelectuais. Essas relações eram afetivas e também políticas dos regimes em vigor nos dois países, como demonstraremos no capítulo. São evidências do

reconhecimento e da expansão do JL para além do Atlântico europeu e africano, por intermédio dos interlocutores portugueses, em consonância com os valores lusotropicalistas dos quais comungava Elysio Condé. Afinal, ninguém é condecorado com a maior honraria de um país, a de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, sem ter provido uma causa (mediadora) de tão alta relevância para duas nações com uma relação histórica umbilical.

2

João Condé e os “Arquivos Implacáveis”: o exercício da sociabilidade intelectual (1946-1949)

Não há, entre os que se interessam pela literatura no Brasil, quem não conheça, ao menos de nome, João Condé. É uma figura popularíssima, que está frequentemente em foco. Mas afinal, de quem se trata? - poderá perguntar o leitor leigo no assunto. Que obras publicou? Onde escreve? A isso respondemos simplesmente: João Condé não escreve. Procurou ele uma outra porta para entrar na literatura. Tornou-se colecionador. É o maior colecionador de autógrafos do Brasil. Não somente autógrafos, mas de toda sorte de curiosidades referentes a homens de letras e artistas. Sua coleção, que representa, hoje, um valor incalculável, foi batizada pelo poeta Carlos Drummond de Andrade de ARQUIVOS IMPLACÁVEIS. Por que implacáveis? Explica o poeta: Porque “Se um dia eu rasgasse os meus versos, por desencanto ou nojo da poesia, não estaria certo da sua extinção: restariam os ARQUIVOS IMPLACÁVEIS de João Condé.”³⁵

José Medeiros, *João Condé apresenta: ARQUIVOS IMPLACÁVEIS*

João Condé, “a figura popularíssima” para os que se interessam por literatura e a quem a epígrafe se refere, é personagem central deste capítulo. A reportagem de *O Cruzeiro*, revista de maior circulação do país daquele momento, visava apresentar a estreia da seção “Arquivos Implacáveis” em grande estilo. Com perguntas retóricas, de modo a chamar a atenção do leitor, é realizada a apresentação daquele que seria responsável pelos ARQUIVOS IMPLACÁVEIS, embora já fosse bastante reconhecido pela intelectualidade do país. E o que poderia ser mais representativo do valor desses arquivos do que tê-los referenciados e reconhecidos pelo poeta Carlos Drummond de Andrade? Um dos

³⁵ Reportagem da revista *O Cruzeiro* na ocasião de estreia da seção “Arquivos Implacáveis”, no início de 1953. João Condé afirmou nessa entrevista que possuía uns 100 originais de livros manuscritos “de autores representativos do Brasil”, cerca de 5 mil cartas, quase mil fotografias e centenas “curiosidades literárias” (MEDEIROS, José. João Condé apresenta: ARQUIVOS IMPLACÁVEIS. In: **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, ABI, p. 52, n. 9, 13 dez. 1952). Em uma carta de João Condé a Carlos Drummond, o arquivista pediu que o poeta lhe enviasse a cópia original do poema “Carta a Stalingrado”, publicado no jornal. João Condé ainda solicitava uma fotografia do poeta para colocar na capa da “Pasta nº 12 – Carlos Drummond de Andrade” (Cf. CASA DE RUI BARBOSA. *Carta de João Condé a Carlos Drummond de Andrade*, Julho de 1944 – CDA –CP – 0443). Além de selecionar e armazenar documentos do poeta mineiro em sua respectiva pasta, no arquivo de Condé constavam pastas dos poetas Augusto Frederico Schmidt e Manuel Bandeira, dos romancistas José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Otávio de Faria. E, por isso, eram os mais citados nas subseções, como veremos a seguir.

muitos intelectuais que tiveram tantos fragmentos de suas obras públicas, “segredos”, curiosidades e “causos” de suas vidas privadas “implacavelmente” arquivados em sua coleção e publicizados na famosa seção.

Este capítulo está estruturado em três partes. Na primeira, apresentamos uma pequena trajetória do jornal e de seus dois suplementos literários – “Autores e Livros” e “Letras e Artes” – e os principais intelectuais que os integravam. Ainda nessa parte, apresentaremos as características, a dinâmica de seus conteúdos e os intelectuais citados nas subseções iniciais dos *Arquivos Implacáveis*. Já nas duas últimas partes do capítulo analisamos, respectivamente, as duas principais subseções “Confissões” e “Diário”.

Para os propósitos deste capítulo nos deteremos mais especificamente na subseção “Confissões”, na qual os intelectuais revelavam, a pedido do colunista, os segredos, as curiosidades, os detalhes e o contexto de produção de suas obras. Se nesta subseção os artistas faziam as confissões sobre si, era verdade também que eles discorriam sobre as ações privadas do próprio João Condé para o público-leitor. Porém, isso não significava uma exposição desmedida, pelo contrário, era possivelmente estimulada pelo autor da seção. Não por acaso, analisaremos mais cuidadosamente o discurso presente na subseção “Diário”, na qual João Condé publicava pequenos textos sobre a sua atuação enquanto colecionador e episódios acerca dos intelectuais e suas obras, muitos desses derivados do próprio suplemento.

2. 1.

O jornal *A Manhã*, os dois suplementos literários e os *Arquivos Implacáveis*

O jornal *A Manhã* foi criado em 1941, suas edições continham 16 páginas e ele vigorou até junho de 1953. O projeto ideológico do periódico fazia parte de um amplo programa do Estado Novo do governo Getúlio Vargas na criação e difusão da cultura nacional através do Departamento de Informação e Propaganda (DIP). O próprio Getúlio Vargas encarregou-se de nomear o coronel Luís Carlos da Costa Netto como o superintendente das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, que incluía os jornais *A Manhã* e *A Noite* (e a editora com o mesmo nome) e outros órgãos de imprensa vinculados ao governo. Isso justifica o baixo valor do preço do jornal: 0,40 centavos de Cr\$ no meio da semana e no domingo

0,50.³⁶ O objetivo era claramente o de possibilitar o acesso em massa aos conteúdos do periódico, que tinha a “explícita intenção doutrinária” do regime em vigor (GOMES, 1996, p. 27).³⁷ Tanto que os demais jornais, como *A Gazeta* (de São Paulo), destacavam que o lançamento tinha “(...) o objetivo de cooperar na obra de confraternização nacional do governo Vargas”.³⁸ Outras notas com mensagens semelhantes de vários jornais espalhados pelo país foram reproduzidas nas páginas dos primeiros números de *A Manhã*.

Para a direção do jornal, o chefe das Empresas Incorporadas da União escolheu o já consagrado poeta paulista Cassiano Ricardo. A escolha recaiu sobre Cassiano Ricardo por alguns motivos de ordem política e cultural. Primeiro porque as suas ideias foram ao encontro daquelas diretrizes políticas centralizadoras impostas pelo Estado Novo, a partir de 1937, e antes de assumir a direção do jornal ele já era diretor-geral do Departamento de Imprensa e Propaganda de São Paulo. Por outro lado, além de sua obra ser voltada em parte para o tipo de nacionalismo vigente, ele pertencia à Academia Brasileira de Letras. Dessa forma, sua escolha foi estratégica, porque procurava aglutinar em seu entorno intelectuais de gerações distintas e outros que despontavam com suas produções a partir de meados dos anos 1930, como foi o caso de João Condé.

Quando João Condé se afastou,³⁹ em dezembro de 1949, o jornal vendia em torno de 100.000 exemplares numa tiragem dominical para todo o país, sendo naquela década o auge dos suplementos literários, com destaque para o jornalismo literário.

Em relação ao suplemento do jornal *A Manhã*, Cassiano Ricardo seguiu a linha de indicação de intelectuais com ligações políticas, como o poeta pernambucano Múcio Leão, que também pertencia à Academia Brasileira de Letras e que ficou responsável por organizar o suplemento literário “Autores e

³⁶ Naquele ano, o principal concorrente, o jornal *Correio da Manhã*, vendia os exemplares nos dias úteis por Cr\$ 0,70 e aos domingos o valor era de Cr\$ 1,0. Já *O Jornal*, do conglomerado empresarial de Assis Chateaubriand, custava também Cr\$ 0,40 nos dias úteis e nos domingos Cr\$ 0,50.

³⁷ Sobre o público-alvo do jornal, o outro periódico vinculado ao Estado destaca: “(...) além de ser um jornal popularíssimo, “A Manhã” é o órgão preferido pelas nossas elites.” (*A Noite* –SP) (**A Manhã**. O 2º aniversário de A Manhã. Rio de Janeiro, Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 12 de Agosto de 1943, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 mar. 2020).

³⁸ **A Manhã**. O aparecimento de A MANHÃ. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 10 de agosto de 1941, p. 13. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 mar. 2020.

³⁹ Na documentação da imprensa analisada, João Condé não faz nenhuma menção sobre o motivo de sua saída do periódico.

Livros”. Já o poeta Ribeiro Couto, acadêmico e diplomata, dirigiu o “Pensamento da América”, outro suplemento que era publicado mensalmente, embora tenha sido substituído, em pouco tempo, pelo folclorista Renato de Almeida.

Em um breve artigo de defesa do suplemento, publicado em número especial e a respeito de críticas sobre a valorização aos escritores do passado, Múcio Leão reafirmou a intenção do suplemento por ele organizado:

A finalidade precípua de Autores e Livros é, pois, constituir-se uma espécie de história literária, de difusão amplamente popular. Se há nessa ambição uma tal ou qual cor de inatualidade, essa cor será compensada pela aquisição dos escritores novos, que em cada número estão aparecendo.⁴⁰

De fato, o suplemento “Autores e Livros” prezava por divulgar semanalmente os escritores importantes da história da literatura do país, de maneira que assim se escrevia a história da literatura pelas mãos de críticos literários que se tornavam historiadores, como bem aponta a historiadora Ângela de Castro Gomes (1996). O propósito era o de difundir de maneira pedagógica aos leitores um sentimento de pertencimento, de valorização da cultura nacional e de um certo passado dentro da concepção do regime em vigor.

O discurso dos organizadores dos suplementos procurava ressaltar uma união entre as distintas regiões do país, numa espécie de concertação nacional, em relação à política e à produção literária, conforme explicitou Múcio Leão:

(...) Um órgão de coordenação da inteligência literária do nosso país. Nada de exclusivismo: acadêmico ou modernista, antigas e modernas, revolucionárias e conservadoras...

(...) O *Brasil provincial* de hoje parece-nos sentir o florescimento de um brilhantismo de espírito...⁴¹

O organizador do suplemento citou como autores exemplares de um provincianismo que contribuía para a unidade nacional os então consagrados Gilberto Freyre e Érico Veríssimo que, fixados em suas respectivas províncias

⁴⁰ LEÃO, Múcio. “Considerações à margem de ‘Autores e Livros’”. In: **A Manhã**. Rio de Janeiro, Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 30 set. 1941, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 mar. 2020.

Sobre a formação dos quadros de colaboradores do suplemento, assegura Ângela de Castro Gomes, que: “A segunda parte não tinha uma estrutura nítida. Sua intenção dominante, contudo, pode ser descrita como a divulgação de novos talentos.” (p. 29)

⁴¹ LEÃO, Múcio. “O 2º aniversário de A Manhã”. In: **A Manhã**. Rio de Janeiro, Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 12 ago. 1943, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 mar. 2020.

(Recife e Porto Alegre), produziam obras que representavam a atividade literária de envergadura nacional.

Aos leitores, o organizador de “Autores e Livros” aconselhou que encadernassem os suplementos, pois seria uma coleção sobre literatos e historiadores do passado analisados em estudos escritos por diversos historiadores e escritores do tempo presente (GOMES, 1996).

Conforme esclarecem os dois trechos supracitados, o suplemento contava com uma diversidade de escritores com as características ressaltadas anteriormente. Além dos dois organizadores dos suplementos (Múcio Leão e Ribeiro Couto), da ABL colaboravam também o crítico literário conservador católico Tristão de Ataíde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima) e o historiador Pedro Calmon. À poesia o suplemento procurou dar destaque e era dedicada a escritores de sucesso editorial, como: Cecília Meireles, Carlos Drummond e o ex-deputado alagoano Jorge de Lima, além do romancista mineiro Lúcio Cardoso e do contista potiguar Peregrino Junior.

Analisando “Autores e Livros” é possível perceber algumas seções com formatos e temáticas semelhantes às quais João Condé iria se dedicar no suplemento “Letras e Artes”, criado para substituir o anterior suplemento dirigido por Múcio. Havia, por exemplo, a seção “Páginas de Autores Mortos”, com textos, poemas e notícias sobre os escritores mortos em passado recente. Já na seção “Correspondência de escritores”, na última página do suplemento, constavam cartas manuscritas (fac-símiles) que revelavam a troca de assuntos diversos entre os intelectuais.

No entanto, mesmo com um corpo de colaboradores de peso num dos melhores suplementos literários da imprensa do país, o suplemento “Autores e Livros” parou de circular em 1945 por causa das “(...) extremas dificuldades com que vimos lutando em todos os terrenos”.⁴² Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes (1996, p. 29), os contatos que Múcio Leão tinha nos meios intelectual e político – que havia pesado em sua escolha por Cassiano Ricardo –

⁴² LEÃO, Múcio. “Despedida de ‘Autores e livros’”. In: **A Manhã**, dez. 1950. Rio de Janeiro, Hemeroteca da Biblioteca Nacional, dez. 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 mar. 2020. Em fevereiro de 1945 “(...) Múcio Leão apresentou uma carta de demissão na qual, além de denunciar as pressões da superintendência das Empresas Incorporadas e de demonstrar a inviabilidade de seu suplemento (...)” (Cf. FERREIRA, Marieta de M. “A Manhã” (Verbete). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lacerda-jorge>. Acesso em: 03 abr. 2020).

também podem servir de explicação para o fim do suplemento por causa de uma crise entre os membros redatores do jornal com a abertura política do regime em 1945.⁴³

Logo em fevereiro daquele ano surgiu o novo suplemento dominical do jornal *A Manhã*, chamado de “Letras e Artes” e que contava com apenas quatro páginas em cada edição. Nelas, destacavam-se o romancista e crítico literário Octávio de Faria, o poeta Murilo Mendes escrevendo na seção de música, o crítico literário Rosário Fusco sobre poesia e o filósofo Euryalo Cannabrava. Enquanto Djalma Viana (pseudônimo de Adonias Filho), com a *Revisão Literária*, escrevia o panorama literário dos demais periódicos, e o jovem poeta Vinícius de Moraes escrevia seus poemas na última página.

A partir de junho de 1946, o “Letras e Artes” já estava mais encorpado, com quinze páginas, e contando com um corpo de colaboradores com outras diversas seções, como “No mundo das Letras”, “Através dos Suplementos” (por Djalma Viana, pois mudara o título), o pintor paraibano Santa Rosa na seção “Artes plásticas” e a permanência do antigo suplemento de Oswaldo Goeldi nas ilustrações.

Como redatores constavam João Condé, Almeida Sales, Batista da Costa, Fernando Leme, Murilo Mendes, o contista potiguar Peregrino Junior (que entrou para a ABL em 1945), Brito Broca, Adonias Filho e Santa Rosa.⁴⁴

Integravam o corpo colaborativo alguns dos nomes mais proeminentes da literatura brasileira do período. Críticos de reconhecimento intelectual, como Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), Otto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet, o paraibano Ascentino Leite e o baiano Adonias Filho. Romancistas de renome dos anos 1930, como Octávio de Faria e Lúcio Cardoso, Cyro dos Anjos e Marques Rebelo. Além dos poetas importantes, como Augusto Frederico Schmidt, os remanescentes do antigo suplemento Ribeiro Couto e Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, os alagoanos Jorge de Lima e Lêdo Ivo e o pernambucano Manuel Bandeira. Figuraram no “Letras e Artes” ainda o romancista de Alagoas Breno Acioli, Guerreiro Ramos, Gustavo Barroso, Roland Corbisier e o desenhista e

⁴³ Para a historiadora: “(...) pode-se dizer que, a partir de fevereiro de 1945, *A Manhã* tem apenas uma sobrevivência, embora continue a existir até 1953”. A historiadora ainda observou que havia uma participação considerável no suplemento de autores da região Nordeste (Ibidem, p. 44). Percebemos que essa presença continuou ainda mais acentuada no suplemento “Letras e Artes”.

⁴⁴ Peregrino Júnior, Brito Broca, Adonias Filho e Santa Rosa viriam a ser redatores do *Jornal de Letras*, criado pelos irmãos Condé em meados de 1949.

escritor pernambucano Luís Jardim, que fazia parte do corpo de ilustradores ao lado dos já citados Santa Rosa e Oswaldo Goeldi. Todos eles foram, em algum momento, citados ou foram tema de alguma subseção dos *Arquivos Implacáveis* – alguns até mais assíduos que outros –, mostrando os vínculos de amizade com o criador da coluna.

É notável que naquele suplemento constavam a nata da intelectualidade literária brasileira de gerações e posicionamentos políticos distintos, mas seguindo a orientação ideológica do jornal estatal, que já estava estabelecida desde a sua criação em 1946.

Para dar continuidade a essa linha, mesmo com o surgimento de um novo e mais diversificado suplemento em relação ao seu antecessor, o governo Dutra indicou Ernani Reis para o cargo de diretor do jornal matutino. Ernani Reis tinha forte vínculo com o governo anterior, pois ele havia sido secretário de Francisco Campos, ministro da Justiça e dos Negócios Interiores no início dos anos 1940.

Reis, por sua vez, indicou um jovem, mas já bastante articulado aos meios literário e político: o catarinense Jorge Lacerda. Formado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná (1937), se aproximou das ideias integralistas participando, inclusive, do levante da Ação Integralista Brasileira em 1938. Malograda a intenção de derrubar Getúlio Vargas, Jorge Lacerda migrou para a cidade do Rio de Janeiro, onde se tornou amigo do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt e do crítico Adonias Filho, este simpatizante dos ideais da AIB. Por afinidade ideológica, Jorge Lacerda foi convidado por Cassiano Ricardo para ser auxiliar de direção do suplemento “Autores e Livros”.

Foi a pedido do organizador do “Letras e Artes” que João Condé começou a publicar o acervo de sua coleção em uma seção desse suplemento, intitulada *Arquivos Implacáveis*, como relembrou em entrevista para a revista *O Cruzeiro*, em sua edição internacional:

Fue entonces cuando tuve la idea de *darle un sentido*, por así decir, “dinámico” a esa colección. En lugar de conservar tan vasto material en los archivos, como piezas de museo, creí necesario divulgarlo por la prensa en reproducciones facsimilares, haciendo conocer textos curiosísimos y fotografías de los más destacados escritores del Brasil, de Europa e las Américas.⁴⁵

⁴⁵ Entrevista de João Condé concedida à revista *O Cruzeiro* (Edição internacional). Rio de Janeiro, 16 maio 1957, (s/p.), Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 nov. 2019.

Como pretendemos analisar neste capítulo, não há dúvidas de que a seção *Arquivos Implacáveis*, com as suas subseções, tinha uma estrutura bastante dinâmica, que contribuía para a diversidade de intervenções literárias e culturais do suplemento. Assim surgiu, em meados de 1946, essa seção editada com as seguintes subdivisões e com conteúdos semelhantes às daquelas do suplemento “Autores e Livros”: “Correspondência” (com fac-símile e transcrita); “Confissões”; Diário; “Álbum de Família” e “Curiosidades”.⁴⁶ Havia ainda um espaço livre dedicado a rascunhos, desenhos e gravuras feitos por escritores e poemas manuscritos por pintores.

Vejamos essa inversão de “papéis” entre o poeta alagoano Jorge de Lima e o pintor paraibano Santa Rosa, antigos amigos do grupo de Maceió (Figura 1):

⁴⁶ Até o término da seção no jornal *A amanhã*, em dezembro de 1949, surgiram outras subseções, como: *Biografia do livro*, *Retratos*, *Poema em manuscrito*, *Flash* (Maio de 1948), *Galeria Política* (Maio de 1948), *Caricatura* (Maio de 1948), *Dedicatórias* (Janeiro de 1947).

As dedicatórias nos livros era um sinal de prestígio para quem era homenageado e uma possível “entrada” do candidato a escritor no restrito meio intelectual pelo reconhecimento do receptor daquela mensagem. Em todo caso, elas são indícios das relações de amizade ou profissional que teciam as *redes de sociabilidade* intelectual.



Figura 1 - Recorte da seção *Arquivos Implacáveis* de 14 de junho de 1946.⁴⁷

⁴⁷ O texto da legenda escrito por João Condé, provavelmente, adverte: “Não vire o jornal. A ilustração é para ser vista assim.”.

Poema: Rapsódia da tarde indolente

Fumam as chaminés silenciosas
No meio do espaço cortado de asas
Deus está agora no meio daquelas flores tão lindas
Que irão, talvez cobrir o feltro dalgum anjo
(que voz estranha era aquela cantando inda há pouco)
As caricias do mundo passam no meio pela minha pele
Deslizam pelas calçadas
Sobem nas paredes dos edifícios...

Àquela altura João Condé já era uma figura bastante (re)conhecida nos círculos literários da capital, em São Paulo, no Recife e em outras cidades por sua prática de colecionador de bens literários e sua produção como cronista. Tanto que ele e outros intelectuais como Afonso Arinos de Melo Franco, Rodrigo Otávio Filho, Astrogildo Pereira e Francisco de Assis Barbosa foram designados pela Associação Brasileira de Escritores para comporem uma comissão com a finalidade de organizar o 2º Congresso Brasileiro de Escritores. O Congresso foi realizado entre os dias 12 e 16 de outubro de 1947 na cidade de Belo Horizonte e no centro das discussões esteve a crítica à ditadura do Estado Novo e a defesa à liberdade de expressão.⁴⁸

Muitos desses autores citados foram personagens frequentes nas abordagens das subseções das duas páginas dos *Arquivos Implacáveis*. Mas, quais foram os critérios adotados pelo colunista para editar as páginas com os autores selecionados e suas respectivas obras? Os depoimentos sobre as obras lançadas ou relançadas foram pedidos pelos autores ou negociados por João Condé, em troca de algo? E, finalmente, qual era a narrativa que o colecionador almejava passar para o leitor sobre a sua relação com os intelectuais e a literatura?

Desse modo, não podemos deixar de destacar que a análise da atuação de uma figura como João Condé como *mediador cultural* é capaz de fornecer subsídios para entendermos um contexto mais amplo da produção intelectual e dos meandros da literatura, em conexões culturais e sociais entre intelectuais no Brasil do período.

Enquanto
 Este uísque da pontinha
 Vai carregando devagar a paisagem embora
 Pra longe do momento ritmado
 Pelos brancos do guarda civil
 Giratórias como as pontas de uma estrela boemia
 Que se divertisse.
 Rodando.
 Vestida de kaki.
 1928, Santa Rosa”.

⁴⁸ Os temas norteadores do 2º Congresso Brasileiro de Escritores eram amplos e difíceis naquele contexto: direitos autorais; intercâmbio cultural; o escritor e a luta pela paz; o escritor e a defesa da democracia; a difusão do livro e a situação econômica do país; o livro didático; teatro, rádio, imprensa e cinema; problemas de arte literária. Em dezembro daquele ano, renunciaram o presidente Guilherme de Figueiredo e o vice Rodrigo Octávio Filho da A.B.D.E. No pleito realizado para assumir os cargos vagos foram eleitos os pernambucanos muito ligados a João Condé: Álvaro Lins, crítico literário do *Correio da Manhã*, para presidente, e Luís Jardim para vice-presidente.

Por essa razão, argumentamos que João Condé é:

Entendido como um sujeito histórico que se envolve na produção cultural de bens simbólicos, sendo reconhecido por sua comunidade de pares, o intelectual, em uma acepção mais ampla, também é aquele que se volta para práticas culturais de difusão e transmissão, ou seja, que faz “circular” os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados, razão pela qual pode ser identificado, entre outras possibilidades, como vulgarizador ou divulgador (FONSECA; GOMES; KODAMA, 2018, p. 594).

A subseção “Correspondência” cumpria bem a função de estimular a circularidade de ideias literárias de escritores e reverberava entre os demais colonistas do próprio suplemento e de outros periódicos literários. Como já se subentende pelo título, tratava-se da divulgação daquela parte do acervo de João Condé, em que ele conservava cartas trocadas entre intelectuais contemporâneos ou de um passado mais remoto. Nessa subseção, os leitores comuns ou ilustres poderiam ficar a par dos tipos de relações entre os intelectuais e de assuntos nos âmbitos da amizade, da profissão e até mesmo da família. Numa dessas cartas, o poeta Alphonsus de Guimaraens escreveu ao filho João Alphonsus sobre a correção de um poema deste e chamava-lhe a atenção sobre o mau desempenho em um concurso prestado pelo jovem João Alphonsus que, aliás, integrava o suplemento “Letras e Artes”.⁴⁹

A exibição das cartas mostrava as trocas afetivas, de aprendizagens literárias e experiências vividas pelos intelectuais e suas obras. Essas correspondências poderiam ser a primeira (ou a única) avaliação crítica de um livro antes de ser publicado ou enviado a um editor. Portanto, as correspondências, além de revelar a construção das relações e de experiências coletivas com ressonância pública, evidenciam as subjetividades envolvendo o indivíduo e o coletivo que estavam “no cerne da prática epistolar de escritores do século XX” (VICENTE, 2014, p. 129).

Em outras correspondências sob a guarda do arquivista, eram expostas as atividades intelectuais diversas e as relações afetivas de uma rede de intelectuais, posta em diálogo pelo próprio colonista. Na carta do acadêmico e político Afrânio

⁴⁹ “Carta do poeta APHONSUS DE GUIMARAENS ao seu filho o contista JOÃO ALPHONSUS.” (Correspondência). In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 14 nov. 1948. Arquivos Implacáveis, p. 8. Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Peixoto ao poeta Manuel Bandeira, agradecendo por este ter lhe enviado um exemplar do livro *Libertinagem*, Peixoto tece diversos comentários avaliativos acerca da obra: “a “Poética” vale por um volume de estética e de crítica”.⁵⁰ Tal carta reunia dois dos intelectuais mais próximos de João Condé e que tinham um papel afetivo importante na composição do seu acervo e da coluna. Tanto é que essa subseção era apenas mais uma das demais que homenageavam o escritor Afrânio, pois João Condé tinha um motivo especial: “Foi Afrânio Peixoto um dos iniciadores destes *Arquivos Implacáveis*, que a seguir prestigiou e enriqueceu com doações raras e preciosas”.

Portanto, as cartas eram, sem dúvidas, um dos documentos mais lidos em sua coluna, porque nelas havia aspectos da dimensão privada do cotidiano intelectual, apreendendo as movimentações dos bastidores da vida artística de um determinado período. Nesse sentido, a carta pode ser uma espécie de “crônica” das criações intelectuais e, portanto, “a visão híbrida” do texto das cartas “pode implicar, simultaneamente como valor documental e como texto de caráter literário” (VICENTE, 2017, p. 21).

Vejam como dava-se essa tessitura na composição da narrativa do texto de uma carta de Jorge de Lima,⁵¹ enviada de Maceió em abril de 1928, para Carlos Drummond (Figura 2):

Carlos Drummond de Andrade, qual de nós mais tratante? Eu devia ter escrito a V., meu camarada, imediatamente depois daquela carta danada de bonita que V. me mandou. Vai sair a 2ª edição de meus “Poemas”. Por Deus que eu quase cortei o “Painel de Nuno Gonçalves” de que V. não gostou! Mas penso que a 2ª edição de um livro não deve ser mutilado. Modifiquei aqui e acolá, alguns poemas. Tenho um livro novo para o fim do ano. [...]
Aí vai também o coração inteiro do Jorge.⁵²

⁵⁰“Carta de Afrânio Peixoto a Manuel Bandeira” (Correspondência). In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 19 jan. 1947. *Arquivos Implacáveis*, p. 8, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 mar. 2020. Essa coluna foi integralmente em homenagem a Afrânio Peixoto devido à sua morte naquele mês: uma fotografia de 1915 de Afrânio Peixoto com Otávio de Faria quando criança; dedicatórias ao colunista; pequenos textos manuscritos para outros intelectuais e a subseção *Diário*, na qual ondê relata as suas vinculações afetivas com o acadêmico, desde a sua juventude enquanto estudante de Direito na Faculdade Nacional da Universidade do Brasil, da qual Afrânio Peixoto era professor.

⁵¹ Jorge de Lima transferiu-se em 1931 para cidade do Rio de Janeiro por desavenças políticas. Na capital federal exerceu a clínica médica e tornou-se grande amigo do também médico, literato e político Afrânio Peixoto. O seu consultório na Cinelândia tornou-se famoso centro de reunião de intelectuais e amigos.

⁵² *Correspondência*. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 8 maio 1949, *Arquivos Implacáveis*, p. 8, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 abr. 2020.

A correspondência trata não só de uma afinidade de amizade entre os dois poetas, mas também é uma forma de “negociar”, usando os artifícios mais sensíveis do discurso para a finalidade de adquirir uma boa crítica sobre a obra numa possível publicação no jornal e/ou revista literária. Ou seja, ela era um meio de interlocução artística entre intelectuais de distintas escolas literárias e servia como estratégia de divulgação de um projeto estético. O poeta mineiro naquele momento já era o diretor do *Diário de Minas*, cargo que ocupava desde 1926. Em 1934, na então capital federal, assumiu o cargo de chefe de gabinete do poderoso Gustavo Capanema, ministro de Educação, função na qual permaneceu até 1945.

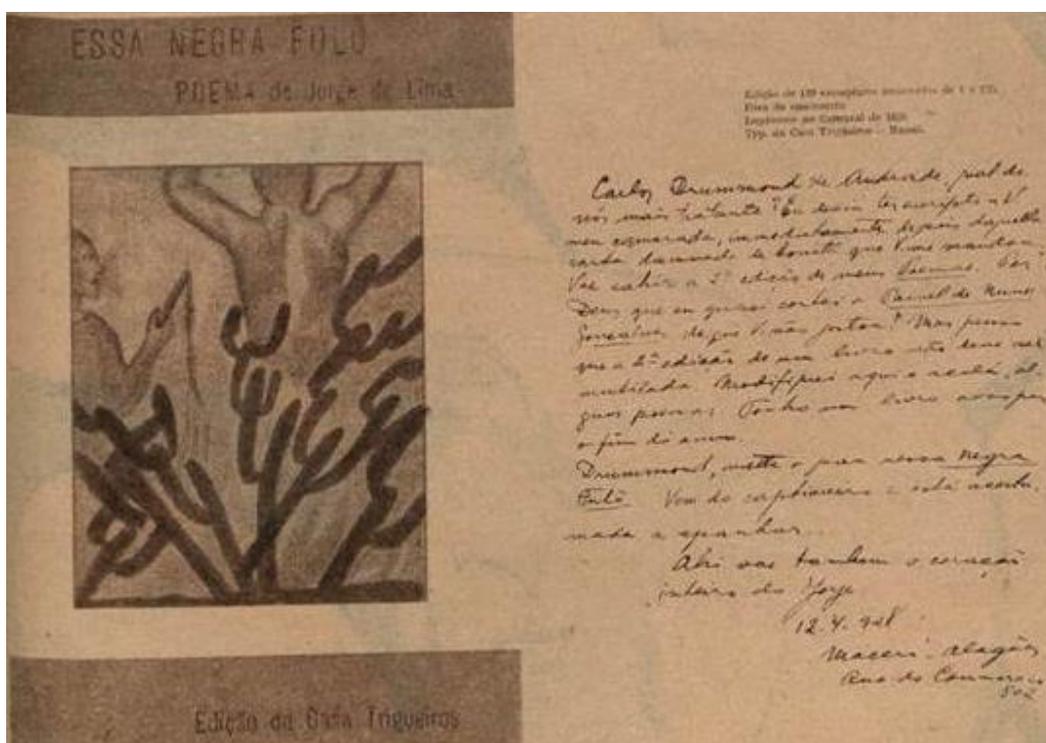


Figura 2 - Recorte da subseção *Correspondência* de 8 de maio de 1949.

A carta viera com o exemplar da primeira edição do livro *Essa Negra Fulô*, que Condé diz ser “hoje uma raridade bibliográfica”. E insinua aos poetas Carlos Drummond e Jorge de Lima que: “O curioso é que a “plaquete” desapareceu misteriosamente das mãos do seu legítimo dono, e VINTE ANOS

DEPOIS veio parar nos “Arquivos Implacáveis”, que comete esta indiscrição, divulgando a dedicatória em homenagem aos dois poetas amigos”.⁵³

Poeta e político alagoano, Jorge de Lima foi um dos principais interlocutores de intelectuais do grupo de Maceió, do qual também fizeram parte José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda e Valdemar Cavalcanti, nomes que ele também fazia circular entre editores e críticos literários em suas redes de sociabilidade na capital federal. Visto que “(...) o jornal é um “emprego” e uma tribuna; o local de início de carreira e também um palco de consagração e de veiculação sistemática da produção intelectual (...)”, como salientou Ângela de Castro Gomes (1996, p. 46).

A divulgação dessas correspondências para todos esses leitores ilustres, como o próprio Condé reconhece e fazia questão de ressaltar, poderia causar algum tipo de desconforto aos intelectuais citados. Entretanto, para contrapor a esse possível sentimento, o colunista defendia-se argumentando que se tratava de uma homenagem através de sua seção. Nessa prática cultural, envolvendo importantes homens das letras de sua contemporaneidade ou de outrora, João Condé atuava como um intermediário de bens simbólicos, através do seu acervo ou na publicização desses documentos, que reverberava em outros órgãos de imprensa.

O próprio jornal *A Manhã* carregava em si essa potência difusora e tinha em seu conteúdo um suplemento literário assinado por grandes nomes não somente da imprensa, mas também atuantes em instituições culturais e políticas da capital da República, alargando e potencializando ainda mais sua atuação intelectual na imprensa nacional.

Embora João Condé usasse o argumento de não pertencer e não fazer distinção a nenhum grupo – nos critérios ressaltados por ele (oposição entre acadêmicos e modernos) –, sabemos que intelectuais com qualitativo de mediador estarão sempre cercados de outros que compartilham alguma afetividade, sensibilidade e valores, que permeiam as sociabilidades intelectuais em determinados espaços, eventos e comemorações etc. Nas páginas dos *Arquivos Implacáveis* são notórias as “presenças” de escritores e artistas provenientes da

⁵³ *Correspondência. A Manhã*, Rio de Janeiro, 8 maio 1949, Arquivos Implacáveis, p. 8, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 abr. 2020. Essa primeira edição foi realizada pela *Tipografia da Casa Trigueiros*, com tiragem de 120 exemplares.

região Nordeste ou de “conformação provinciana”. Em suas subseções figuram nomes como o romancista José Lins do Rego, os pintores Tomás Santa Rosa e Luís Jardim, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, que são os mais assíduos ou por suas colaborações ou sendo “notícia” em função de suas produções.

Graciliano Ramos é um intelectual que parecia não se encaixar em qualquer categoria ou grupo, por sua produção e personalidade singulares. A partir de 1948, João Condé criou a subseção “Flash”, uma espécie de entrevista rápida com intelectuais, com informações corriqueiras e preferências das mais diversas ordens, como a marca de cigarro que fumava e o número do sapato que usava, mas que era repercutida em crônicas na imprensa literária. Na coluna ocupada pela entrevista (na qual só havia as respostas), entre os literatos mais citados destacaram-se José Lins, os poetas Carlos Drummond, Manuel Bandeira e Augusto Schmidt e os respeitadores críticos literários Tristão de Ataíde e Sérgio Milliet, além do próprio Graciliano Ramos e o pintor Candido Portinari (Anexo 1).⁵⁴

A repercussão dos “flashes” desses dois últimos intelectuais citados, que eram comunistas, não foi positiva. João Condé foi pressionado por pessoas vinculadas ao governo e a seção foi suspensa do suplemento por três semanas. O motivo alegado foi a declaração de admiração de Portinari pelo líder revolucionário de esquerda Luís Carlos Prestes. Afinal, aquele governo havia, naquele ano, expulsado os comunistas do sistema político-partidário e cassado os mandatos dos parlamentares eleitos pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). O fato é que a repercussão na mídia e nos meios intelectuais foi grande e demandou do diretor do jornal, Ernani Reis, uma nota explicativa na capa do periódico, criticando a repercussão negativa de uma possível demissão do cronista, sem justificar o afastamento.⁵⁵

A Figura 3 ilustra a edição da seção “Arquivos Implacáveis” dedicada exclusivamente ao pintor Portinari, inclusive com uma foto do rascunho original do quadro “A Primeira Missa no Brasil”.

⁵⁴ No Anexo 1 constam outros intelectuais que concederam entrevistas a João Condé e que consideramos interessantes para percebermos as suas posições ideológicas, visão literária e de mundo e formação de uma rede intelectual.

⁵⁵ REIS, Ernani. “Reaparecimento dos Arquivos Implacáveis”. In: **A Manhã** (capa). Rio de Janeiro, 26 set. 1948, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 21 abr. 2020.



Figura 3 - Cópia das duas páginas dos *Arquivos Implacáveis* especialmente sobre Cândido Portinari.⁵⁶

Segundo Christophe Charle (1985), Sérgio Miceli (2001), Ângela de Castro Gomes (1999) e Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016), o intelectual nunca está dissociado da dimensão política, quer em seu sentido amplo ou no engajamento mais restrito. Embora João Condé sempre tivesse como argumento o não envolvimento com as questões políticas daquele período de polarização, fica claro que essa posição de isenção não se sustentava devido à circularidade que ele tinha entre os intelectuais ligados às instituições estatais e os opositores ao governo. O próprio arquivista era funcionário, como já sabemos, do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC), autarquia estatal vinculada ao Ministério do Trabalho.

Graciliano Ramos era reconhecido por seus pares como um sujeito reservado, ríspido e, assim como Condé, um assíduo frequentador da livraria José

⁵⁶ Na coluna esquerda da página oito consta a subseção "Flash" e acima do título da seção vê-se a reprodução de um esboço do painel do quadro "A Primeira Missa no Brasil", "feito especialmente para os ARQUIVOS IMPLACÁVEIS" (CONDÉ, João. *Arquivos Implacáveis*. In: *A Manhã*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1948, p. 8-9, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 12 mar. 2020.

Olympio.⁵⁷ No entanto, a relação de amizade com Condé era de intimidade e bom humor, conforme podemos constatar na subseção especial “Dedicatórias dos Arquivos Implacáveis”, já na revista *O Cruzeiro*, por ocasião da morte do amigo alagoano, em março de 1953:

INFÂNCIA – Condé:

Eu tinha prometido lhe mandar este livro impresso, porque a sua exigência, depois do furto dos originais, era uma safadeza. Enfim, como José Olympio exige, aqui lhe mando um volume, com bastante indignação. Graciliano – Rio -1945.

S. BERNARDO – A João Condé, homem que guarda negócios escritos e um dos grandes talentos de caruaru. Graciliano Ramos – Rio – 1947. [...].⁵⁸

As dedicatórias seguem nos principais livros do autor de *Vidas Secas* com uma linguagem que demonstra a proximidade entre os dois intelectuais, que frequentavam aquele importante espaço de sociabilidade intelectual tendo como mediador José Olympio. No entanto, tais características do “Velho Graça” não afastava o implacável João Condé em sua perseguição ao escritor em busca (ou furto) de materiais ou depoimentos para o seu acervo ou informações para alguma das suas subseções da sua coluna.

No dia em que conseguiu arrancar um “Flash” de Graciliano Ramos e publicá-lo, a repercussão foi tamanha que chegou ao outro lado do Atlântico. A *Século Ilustrado*, importante revista de Lisboa, em sua edição de 12 de março de 1949, reproduziu uma edição dos *Arquivos Implacáveis* transcrevendo o “Flash” de Graciliano Ramos.⁵⁹ O escritor português António Guedes de Amorim, que era colaborador correspondente de Portugal do suplemento, assegurava que os *Arquivos Implacáveis* era uma parte “integrante e insubstituível” do “Letras e Artes” que “já gozam de uma popularidade que ultrapassou as fronteiras nacionais”. Esse conhecido interlocutor português dos periódicos cariocas observava ainda as qualidades de “extraordinário observador e psicólogo” em

⁵⁷ A livraria era um dos lugares de sociabilidade mais frequentado por intelectuais das mais diversas ideologias políticas nos anos 1930 e 1940. Para Gustavo Sorá (2010, p. 247), os *habitués* era a comunidade de escritores da região Nordeste, pois “a vida deles, no Rio de Janeiro, passava pela livraria”.

⁵⁸ RAMOS, Graciliano. Dedicatória. In: **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, mar. 1953, Arquivos Implacáveis, p. 8, ABI.

⁵⁹ AMORIM, Guedes de. João Condé e os “Arquivos Implacáveis” (Colaboração de Portugal). In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 1949, Letras e Artes, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 10 abr. 2020.

João Condé em suas entrevistas provocadas ou espontâneas: “Todos se têm confessado como se estivessem diante de um espelho do corpo e da alma”.⁶⁰

Antônio Guedes ressaltou ainda um aspecto muito importante para o argumento que estamos desenvolvendo neste capítulo, a respeito da prática cultural de Condé em sua função de intelectual mediador, uma vez que

cada “flash” registrado por Condé contém elementos suficientes para se conhecer melhor, para se ver o homem de todos os dias que se encontra no homem excepcional.⁶¹

Por isso, a seção causava tanta repercussão dos meios literários, porque suas subseções traziam para o público outras representações do intelectual consagrado por sua produção, como aspectos de um homem comum. A seção, “originalíssima sem dúvida nenhuma”, analisou o escritor português, fazia o leitor confrontar-se com as múltiplas dimensões identitárias e afetivas de um intelectual inserido em suas atividades profissionais e institucionais e em suas relações com outros escritores.

No “Flash” que reverberou no outro lado do Oceano Atlântico, Graciliano Ramos confessou, entre outras coisas, que: detestava rádio, telefone e companhias; tinha horror a pessoas que falam alto e a sua leitura predileta era a Bíblia. Disse também que odiava a burguesia e o seu maior desejo era a morte do capitalismo. Dos romancistas brasileiros que mais lhe agradavam, ele destacou: Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, sendo este um dos seus melhores amigos, ao lado de José Olympio, do Capitão Lobo (um oficial conhecido na prisão em Pernambuco), “Cubano (vagabundo encontrado na Colônia Correccional)”. Assumiu que fumava cigarros SELMA (3 maços por dia), que refazia seus romances várias vezes e deu uma declaração particular ao seu perfil devido às experiências nas prisões: “É-lhe indiferente estar preso ou solto”.⁶²

⁶⁰ AMORIM, Guedes de. João Condé e os “Arquivos Implacáveis” (Colaboração de Portugal). In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 1949, Letras e Artes, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 10 abr. 2020.

⁶¹ AMORIM, Guedes de. João Condé e os “Arquivos Implacáveis” (Colaboração de Portugal). In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 1949, Letras e Artes, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 10 abr. 2020.

⁶² AMORIM, Guedes de. João Condé e os “Arquivos Implacáveis” (Colaboração de Portugal). In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 1949, Letras e Artes, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 10 abr. 2020.

A Figura 4 ilustra parte de uma *rede intelectual* mobilizada pela seção “Flash”, além dos intelectuais já citados acima e dos que constam no Anexo 1. É possível perceber as preferências de cada um deles em relação aos seus romancistas, poetas, pintores e influenciadores. São escolhas que deixam de fora tantos outros, evidentemente, pelos motivos mais diversos e que não ficam evidentes nas entrevistas em discussão.

Portanto, a composição de uma rede relativamente simples de uma seção dos “Arquivos Implacáveis” pode indicar as relações intelectuais afetivas e evidenciar quais deles tinham um reconhecimento maior entre a própria comunidade de iguais. Por exemplo, entre os romancistas mais citados constam Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. Já na poesia prevaleceram as escolhas em Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Augusto Frederico Schmidt. Na pintura os destaques são dados a Candido Portinari (e nas demais entrevistas no anexo a Emiliano Di Cavalcanti).

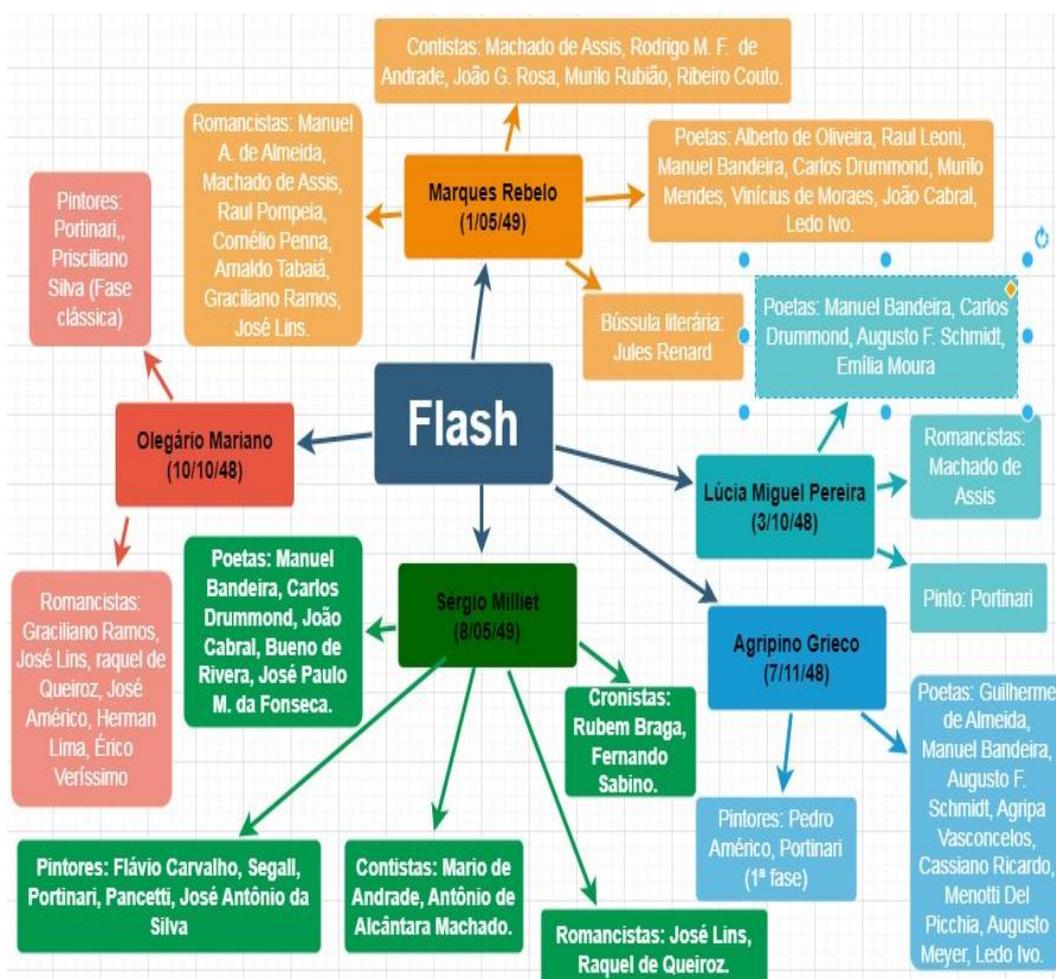


Figura 4 – Rede de intelectuais da seção *Flash* (parcial).

Como se pode perceber, a circulação de João Condé entre esses intelectuais possibilitava um aprendizado amplo sobre as esferas da literatura, das artes (poesia, romance, pintura, música etc.) e da cultura de modo geral. Ele, como agente mediador, transformava as experiências de sociabilidade em aprendizado e construía nas páginas dos *Arquivos Implacáveis* uma certa narrativa da literatura. Nesse sentido, é importante salientar que um dos significados que o conceito de *intelectual mediador* contém e que está em sua essência é a intermediação de coisas materiais e bens simbólicos (arquivista) até nos atos mentais (seus relatos), num processo de interação – nas páginas do suplemento ou em outros espaços – em que a forma de mediação altera as coisas mediadas (WILLIAMS, 2017, p. 274).

2.2.

A subseção *Confissões*: os intelectuais (se) confessam...

As duas páginas dos *Arquivos Implacáveis* eram editadas graficamente exatamente no miolo do suplemento “Letras e Artes” (nas páginas 8 e 9). Ao longo da permanência dessa seção no jornal *A Manhã* (1946-1949), subseções como “Álbum de Família”, “Curiosidades”, “Diário”, “Confissões”, “Dedicatórias” e Biografia do livro” eram distribuídas com supressões de algumas delas em detrimento de outras, dependendo da ênfase que João Condé queria dar. Portanto, em relação à organização, as subseções ganhavam um dinamismo dentro das duas páginas e a própria arte gráfica também mudava constantemente. Inclusive o título da seção oscilava de posição com bastante frequência, assim como o *layout* quando havia ocasiões especiais como o aniversário de lançamento de alguma obra de relevância nacional, a morte de algum amigo próximo – como foi o caso de Afrânio Peixoto – ou homenagem a algum intelectual pelo seu centenário, como aconteceu com Joaquim Nabuco em agosto de 1949 (Figura 5).



Figura 5 - Parte superior das duas páginas dos *Arquivos Implacáveis* em homenagem ao centenário de Joaquim Nabuco.⁶³

⁶³ *Arquivos Implacáveis*. In: *A Manhã*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1949, p. 8-9, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 13 mar. 2020.

Especialmente para essa edição dos *Arquivos Implacáveis*, a seção ganhou essa moldura envolvendo o título e a frase de Carlos Drummond que acompanhou todas as seções. A intenção do editor era, possivelmente, vincular uma ideia de tradição e fidalguia ao intelectual e político pernambucano. As duas páginas contemplavam em suas subseções trechos da biografia do homenageado e as relações intelectuais e de amizade. Além da reprodução de autógrafos do escritor, em uma fotografia estão Joaquim Nabuco com Machado de Assis e outros integrantes fundadores da ABL. Também consta uma carta do amigo pernambucano Oliveira Lima, historiador e diplomata também fundador daquela instituição. O que chama a atenção do leitor é um “Flash” póstumo, composto por depoimentos colhidos pelo colunista da filha Carolina Nabuco e do filho, o Monsenhor Nabuco, e de informações das publicações do escritor.

Essas subseções espalhadas pelas páginas dos *Arquivos* eram índices e, ao mesmo tempo, fatores dos vínculos intelectuais e de amizade entre os intelectuais homenageados. Elas são produtos de operações intelectuais de João Condé que, embora recusasse a alcunha de intelectual, tomou para si um legado para a literatura brasileira. Tanto que, na comemoração de um ano do suplemento “Letras e Artes” no jornal *A Manhã*, as duas páginas⁶⁴ que ocupavam os *Arquivos Implacáveis* foram as mais lembradas e citadas nas declarações dos intelectuais consultados. Dos vinte depoimentos, oito foram dirigidos ao trabalho de divulgação de João Condé: dos críticos Álvaro Lins e Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), do contista Guimarães Rosa, além do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, para quem dos arquivos “se falará pelo futuro adiante”; e do alvo predileto do implacável João Condé, o velho poeta Manuel Bandeira, que ressaltou “a novidade dos Arquivos Implacáveis de João Condé, novidade bem brasileira, não copiada do que se faz lá fora...”.⁶⁵

O reconhecimento das ações intelectuais empreendidas por Condé enquanto colecionador e divulgador partia também de colegas de outros jornais literários. A partir da escrita sempre humorada, o amigo escritor Rubem Braga

⁶⁴ A partir de março de 1947 a seção *Arquivo Implacável* passou a ocupar duas páginas do suplemento.

⁶⁵ *Suplemento Letras e Artes*. O 1º Aniversário de “Letras e Artes”. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 11 maio 1947, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 03 abr. 2020.

assim descreveu a atuação de João Condé em sua *missão* de colecionador e *guardião* de artefatos literários e de intelectuais:

João Condé é o tal que tem a *mania* de *coleccionar* autógrafos e *documentos de toda espécie* referentes a intelectuais, artistas e *gente mais ou menos ilustre*. Vocês se lembram daquele samba de Noel que diz que o homem, “se ele é fraco de ideia, acaba apanhando papel”; no resto, e até no poker, ele é forte, é pernambucano e é até de Garanhuns. *Vive a recolher*, com um grande saco às costas, o *lixo ilustre (ou não)* das letras. E vai arquivando, arquivando. Desses arquivos mostrava alguma coisa naquele suplemento.⁶⁶

Tal reconhecimento é um ato simbólico inerente ao engajamento intelectual em sua esfera sociocultural onde atua e cria, pois “legítima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende” (SIRINELLI, 2003, p. 243). Nesse sentido, cumpria essa função a subseção “Confissões”, que resultou da junção de outras duas, “Biografia do livro” e “Dedicatórias”, embora as duas continuassem aparecendo esporadicamente na seção. Como o próprio nome já sugere, naquele espaço os intelectuais eram convencidos e até “coagidos” pelo colunista para revelar algum segredo, “causo” ou curiosidade e as circunstâncias de suas obras literárias publicadas.

Na subseção “Biografia do livro” João Condé expôs uma carta de 24 de setembro de 1944, enviada por seu amigo conterrâneo Luís Jardim e que versava sobre a publicação de um de seus livros. Nela fica explícita a situação de precariedade financeira (foi o que ele revelou...) do desenhista da Editora José Olympio naquele período:

MARIA PERIGOSA é fruto – Deus me perdoe – da necessidade. Não andassem, por volta de 38, os bolsos do autor mais ociosos do que lhe andam hoje os miolos, e o magro livro de contos jamais teria esta história. A verdade, opulento amigo, eu era preciso ganhar, pagar, resgatar. Dívidas! Eis o que se propunha resgatar a coletânea de contos premiados.⁶⁷

Em sua ação de exposição de alguns aspectos da vida particular dos escritores, o “terrível” Condé expõe a situação socioeconômica dos literatos de

⁶⁶ BRAGA, Rubem. “Algumas notícias”. In: **Jornais Diversos**. Rio de Janeiro, 1948, Casa de Rui Barbosa, Acervo Rubem Braga.

⁶⁷ Carta de Luís Jardim a pedido de João Condé na subseção *Biografia do livro*. In: CONDÉ, João. Arquivos Implacáveis. In: **Revista Manchete** (nº 67 a 140). Rio de Janeiro, 26 set. 1953, Casa de Rui Barbosa, Arquivo Rubem Braga (Periódicos Diversos).

seu círculo de amizade mais próximo e, ao mesmo tempo, alerta sobre a crise do livro causada pelo encarecimento do papel no final dos anos 1940.

Enquanto assumia também a função de editor daquela página – ação de mediação intelectual por excelência – João Condé lançava mão dessas estratégias de convencimento investindo, mais uma vez, contra uma das principais referências literárias do país em prol de sua missão. No caso da obra *10 romancistas falam de seus personagens* (1946), editada pela Edições Condé, Graciliano Ramos expôs essa relação afetiva e o compromisso profissional quase intrínsecos. Por isso, vale recuperar a longa narrativa particular do romancista alagoano:

Paulo Honório, concebido em 1924, nasceu em 1932. Narro essa longa gestação por *exigência de Condé*, homem terrível e absurdo, que guarda fotografias e papéis inéditos de todo gênero, da novela ao rol de roupas sujas, do poema à carta de cobrança, autos de processos e correspondência amorosa, *coisas obtidas pelos mais diversos meios*: sorrisos, pagamento de café, do ônibus e do bonde, ameaças, gritos, carinhos, promessas, injúrias, *apresentação a cavalheiros poderosos* e chantagens, pois o monstro *conhece fidalgos estrangeiros e funcionários da polícia*. Para me extorquir estas declarações, Condé me ofereceu, antes de tudo *a glória*. Como *sua Coleção durará séculos*, posso ter a certeza de que, senão a obra inteira, pelo menos uma das minhas personagens tomará pé no futuro.⁶⁸

Nesse projeto em torno da edição de luxo de *10 romancistas falam de seus personagens* (Edições Condé, 1946), além de Graciliano Ramos constavam outros intelectuais de referência no romance nacional do chamado “Grupo de Alagoas”: Amando Fontes, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. Integravam o livro artigos dos críticos literários e romancistas Cornélio Penna, Octavio de Farias, Lúcio Cardoso e José Geraldo Vieira, com prefácio de outro crítico de peso, Tristão de Athayde.⁶⁹

Nesse projeto editorial, percebe-se a transação de João Condé entre intelectuais renomados de distintas orientações políticas, com a presença de referências do chamado “círculo católico” (Cornélio Penna, Luís Jardim, Octavio

⁶⁸ RAMOS, Graciliano. “Paulo Honório”. In: CONDÉ, João (org.). **10 romancistas falam de seus personagens**. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1946, p. 33.

⁶⁹ João Condé tinha uma relação muito próxima com Alceu Amoroso Lima, um dos líderes do movimento católico conservador, por quem foi indicado em carta elogiosa, “por instância de família”, para assumir um cargo no Ministério do Trabalho então comandado por Valdemar Cavalcanti, de quem Amoroso Lima era muito amigo. No entanto, devido aos elogios do consagrado crítico literário, ele guardou a carta e perdeu a promoção na autarquia do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC), da qual posteriormente tornou-se procurador.

de Farias, Lúcio Cardoso e Tristão de Athayde), de simpatizantes da esquerda e comunistas (Santa Rosa, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Jorge Amado).

O livro foi impresso em edição de luxo nas oficinas Irmãos Pongetti, revisado pelo alagoano Aurélio Buarque de Holanda. As ilustrações ficaram a cargo de Cornélio Penna, dos paraibanos Augusto Rodrigues e Tomás Santa Rosa e do pernambucano Luís Jardim, entre outros.⁷⁰

Ora, se levarmos em conta a “denúncia” do escritor de *Vidas secas* e a rede que foi tecida com a convocação do editor, percebemos a potência da ação mediadora de João Condé na composição de uma obra coletiva, de intelectuais das mais distintas posições políticas e estéticas e autores de obras fundamentais da literatura brasileira. Obras essas com personagens que permeavam o imaginário de milhares de leitores comuns e alimentavam discussões literárias acaloradas nos diversos círculos intelectuais ao redor do país.

Portanto, o que queremos ressaltar nessa concepção e execução de tal projeto intelectual são dois aspectos centrais dessa prática cultural: o primeiro diz respeito à capacidade de intervenção que um editor (seja ele da página dos *Arquivos Implacáveis* ou de livros) enquanto criador mostrou ter ao convencer todo esse grupo a se engajar nessa obra – *10 romancistas falam de seus personagens*. A segunda característica que configura João Condé como um intelectual mediador diz respeito à sua agência na intermediação e na circulação de um bem simbólico impresso entre os seus próprios pares, uma vez que esse tipo de edição de luxo imprimiu algumas centenas de exemplares.

Em outra extensa confissão, que tomou rodapés das duas páginas da edição, o escritor e diplomata mineiro Guimaraes Rosa revelou a tática utilizada por João Condé para conseguir o relato sobre os detalhes da composição do livro de contos *Sagarana* (1946) (Figura 6):⁷¹

⁷⁰ Paralelamente à atividade de colunista, João Condé começou a publicar semanalmente, em junho de 1949, nas páginas dos *Arquivos Implacáveis* um livro de suspense de autoria conjunta chamado *O homem das três cicatrizes*. A cada domingo saía um capítulo escrito por um intelectual diferente como: Fernando Sabino, Herberto Sales, Adonias Filho, Josué Montello, Dinah Silveira, Marques Rebelo, Lêdo Ivo, José Condé, Rosário Fusco e Newton Freitas.

⁷¹ ROSA, Guimarães. *Confissões*. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 21 jul. 1946. Arquivos Implacáveis, p. 8-9, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 16 abr. 2020.

Prezado João Condé,

Exigiu você que eu escrevesse, manu própria, nos espaços brancos desde seu exemplar do “Sagarana”, uma explicação, uma confissão, uma conversa, a mais extensa possível – e imposto João Condé para escritores, enfim.

A capa da obra estampava o selo de uma editora chamada Universal, talvez por ser a primeira edição com editora local, uma vez que o próprio Guimarães Rosa informou que a obra havia sido retrabalhada e enviada para a José Olympio Editora, para que fosse republicada em 1946.



Figura 6 - Recorte com a subseção *Confissões* por Guimarães Rosa, 1946.

Nas próprias folhas em branco do livro, o contista escreve sobre o momento de pensar na história, os personagens e o local em que isso se deu. Enfim, tudo narrado como um outro conto especialmente para a subseção *Confissões dos Arquivos Implacáveis*:

Assim, pois, em 1937 – um dia, outro dia, outro dia...- quando chegou a hora de o “Sagarana” ter de ser escrito, pensei muito. Num banquinho, que viria descendo o rio e passaria aos alcances das minhas mãos, eu ia poder colocar o que quisesse. Principalmente, nele poderia embarcar, inteiro, no momento, a minha concepção-do-mundo.

E assim o autor foi tecendo uma espécie de autocrítica do livro e sua interpretação do modo de fazer literatura numa obra que havia sido premiada com

o importante Prêmio Filipe d'Oliveira naquele mesmo ano. Portanto, João Condé lançava mão de uma estratégia de expor naquela subseção segredos de uma obra já consagrada nas rodas intelectuais para, talvez, angariar mais público para a sua seção.

Através dessa subseção ficamos sabendo que uma das obras mais importantes da literatura brasileira foi criada em sete meses e no ano de 1937. No entanto, nem João Condé ou Guimarães Rosa explicam o longo intervalo entre o fim da escrita e a publicação pela Editora José Olympio. Será que tinha algum contrato vigente com a primeira editora? O fato é que o autor seguiu fazendo uma autocrítica dos 12 capítulos que compõem o livro e também revelou o motivo da escrita de cada um deles, bem como a inspiração de personagens e os desafios de concepção e recortes da história, projetos no desenvolvimento de determinada história em outra obra até as conquistas. Dessa maneira, ele deixava os leitores dos *Arquivos Implacáveis* e os futuros leitores de sua obra a par dos mínimos detalhes do processo de criação:

XII) – A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA – História mais séria, de certo modo síntese e chave de todas as outras, não falarei sobre o seu conteúdo. Quanto à forma, representa para mim vitória íntima, pois, desde o começo do livro, o seu estilo era o que eu procurava, descobrir.

Os *Arquivos Implacáveis* foram uma mídia fundamental para os escritores que lançavam naquele momento suas obras ou até para resgatar aquelas que já tinham sido publicadas para quem sabe despertar o interesse para que fosse feita uma segunda edição. Afinal, dependendo do conteúdo da releitura feita por seus autores e da repercussão, essa autoavaliação teria tanto êxito quanto a apreciação de críticos profissionais dos periódicos e das editoras.

Por essa razão – e mais uma vez – queremos chamar atenção para a influência que a coluna tinha para esses intelectuais, pois ela ampliava não só a visibilidade daquelas obras e de seus autores para o público do campo intelectual, mas também para os leitores comuns do suplemento. Por isso, a atuação de *mediação cultural* de João Condé deu-se em duas dimensões que só são possíveis aos intelectuais denominados “homens duplos”. Assim como os “homens duplos”, Condé, em suas práticas de criação e de edição de uma seção de literatura, atuava nas esferas culturais alta/erudita e baixa/popular na difusão da cultura por meio

dos *Arquivos Implacáveis* como um intermediário entre os escritores e o público mais amplo (GOMES; HANSEN, 2016, p. 29).

Essas práticas de mediação de João Condé tinham uma ressonância em outros meios literários impressos e reverberavam interesses em poetas e romancistas, além de se tornarem temas de textos de outros colunistas. Conhecido pelos intelectuais como “o homem dos arquivos”, João Condé passou a ser configurado como o colunista e o arquivista. Esta atividade literária também despertava o interesse nas seções dos suplementos e das revistas literárias e revela-nos a importância do acervo de Condé nos círculos culturais da cidade do Rio de Janeiro. O romancista e crítico literário Lúcio Cardoso foi um desses intelectuais que visitou o cronista e admirou a importância dos documentos ali presentes, para quem “a Coleção passou a constituir, por si só, um mundo inteiro”.⁷²

Esse ponto tem grande relevância neste estudo, pois percebe-se o reconhecimento dessas práticas mediadoras tanto pela comunidade intelectual como pelo público mais amplo:

Ora, não é impunemente que se alimenta uma mania dessas e que se fabrica um museu assim tão pacientemente. O nome do sr. João Condé passou de repente a ser citado, poetas ilustres escreveram artigos sobre sua coleção, chamando-a de “arquivo implacável”, psicanalistas recorreram às confissões *autógrafas* para esboçarem perfis completos dos imortais. O retrato do sr. João Condé começou a parecer nos jornais, artigos assinados por ele reportaram nos grandes diários, os repórteres passaram a procurá-lo para obter entrevistas, as pastas, os armários, os implacáveis arquivos foram abertos à curiosidade pública.

Lúcio Cardoso foi um dos principais romancistas da década de 1930, da chamada segunda geração modernista, e era assiduamente citado ou referenciado nas diversas subseções dos *Arquivos Implacáveis*. De fato, o interesse e a procura

⁷² CARDOSO, Lúcio. “Livros do Dia: Perfil”. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 13 abr. 1944, p. 3, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 01 mar. 2020. O bem considerado crítico Lúcio Cardoso dedicou um texto em sua coluna sobre o ofício do colecionador de tantas obras originais manuscritas (de José Lins do Rego tinham todas) e revelava a rede de importantes intelectuais por causa de sua ação mediadora: “No sr. João Condé, o amor pelos autógrafos preciosos foi crescendo, passou ele a cortejar vultos eminentes como o sr. Georges Bernanes, escrever cartas a Tristão de Athayde, rebuscou os arquivos, tentou encontrar os últimos vestígios de Machado de Assis e Euclides da Cunha. Depois iniciou uma coleção de obras de autores modernos, com confissões no lugar de dedicatórias. Todos se confessam candidatos à imortalidade. A coleção foi crescendo, as pastas se multiplicaram e nosso herói conseguiu livros inteiros inéditos (...)”. Dentre os originais que conservou, estavam o do editor e escritor Augusto Frederico Schmidt, do diretor do SPHAN Rodrigo de M. F. de Andrade, do conterrâneo e crítico literário Álvaro Lins e de Gilberto Freyre.

pelos arquivos de João Condé havia crescido. Tanto é que, a partir de 1948, o cronista fixou na parte alta da página 9 o aviso sobre a vedação da reprodução daqueles documentos em outros periódicos sem a sua devida autorização. Se o acervo provocava uma curiosidade nos mais diversos escritores e jornalistas, também o próprio “homem dos arquivos” tratou de publicizar sua própria imagem ao posar em fotografias ao lado dos intelectuais entrevistados para a subseção “Flash”. Talvez seja este mais um indício de sua importância para a literatura brasileira, como já reconheciam vários intelectuais, conforme assumiu o próprio Lúcio Cardoso.

Enfim, o que queremos ressaltar aqui é que João Condé soube interpretar e entender as demandas dos leitores-consumidores e ocupou um vácuo que até então existia nesse tipo de produção literária na imprensa. Ele aglutinou em torno de si e de seus projetos inúmeros intelectuais que passaram a colaborar cada vez mais (para o acervo ou para a seção) com a doação de documentos, divulgação de notícias sobre *Arquivos Implacáveis* e partir da própria ação do arquivista nos demais lugares de sociabilidade.

Como Lúcio Cardoso, o crítico literário e romancista Adonias Filho, também companheiro de redação do suplemento “Letras e Artes”, reconheceu a importância da atuação arquivística de João Condé e a sua contribuição para a história da literatura brasileira:

(...) para a *literatura moderna do Brasil*, João Condé Filho corresponde a um milagre. Sozinho, amando a nossa ficção que também *ele ajuda a construir, organiza dessa literatura uma história viva, surpreendente, ilustrada*. Visitando-o, examinando as peças do seu arquivo, senti pela primeira vez *a consistência de tudo o que se possa definir como sendo a nossa literatura moderna*. Há, em verdade, um fundo de paixão que se reflete na correspondência. Inevitável o *orgulho intelectual* que se desprende dos originais mais íntimos.⁷³

Adonias Filho já era bastante atuante na imprensa das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro e fora nomeado diretor da *Editora A Noite*, em 1946, pela qual os irmãos Condé imprimiam o *Jornal de Letras*, jornal este do qual

⁷³ FILHO, Adonias. “João Condé Filho e nossa literatura”. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 20 maio 1945. Através dos Suplementos, p. 3, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 06 fev. 2020.

Adonias se tornaria redator quinzenal de crítica literária. Portanto, João Condé tinha uma estreita relação profissional e de amizade com o crítico baiano.

Nesse relato dedicado exclusivamente à seção dos *Arquivos Implacáveis* em sua coluna dominical, “Através dos Suplementos”, Adonias referenciou Condé como uma figura singular no cenário literário brasileiro, não apenas reconhecendo o seu propósito por meio daqueles bens culturais que eram os *Arquivos Implacáveis*, como também ressaltou a historicidade deles para a literatura brasileira. Nessas diversas formas de apropriações e de interpretações dos intelectuais a respeito das práticas mediadoras tão significativas do arquivista, percebemos que “seus usos criam sentidos que emergem no trânsito dos bens culturais entre diferentes grupos sociais, através do tempo e do espaço” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 15). Ou seja, os arquivos de João Condé ganharam um potencial de acervo indispensável para a compreensão dos meandros da literatura daquele momento. Ao mesmo tempo, os próprios intelectuais disseminavam sua importância e continuavam a contribuir com a doação de peças ou com artigos nos seus respectivos meios de difusão para a valorização do arquivo e da atividade literária do intelectual mediador João Condé. Enfim, tal prática colecionadora requeria de seu manipulador uma coordenação sistemática, um conhecimento e certo gosto literário que assegurassem uma catalogação racional e uma colheita de materiais diversos, que visavam ainda a personalidade do escritor com a sua obra num determinado contexto.

De qualquer forma, os arquivos literários como bens simbólicos tão subjetivos causavam certa comoção, conforme demonstrou em outra oportunidade Adonias Filho:⁷⁴ “Eu vi, meus filhos, eu vi o romancista Octavio de Faria aos dois anos de idade, em madeixas, no colo do líder católico Tristão de Ataíde”. Sobre os originais manuscritos: “(...) encontramos, encadernado e belíssimo, o que de melhor já se produziu em plagas nacionais”. E passou impressionado ao seu leitor peças de autores estrangeiros consagrados, como do romancista alemão Thomas Mann e do filósofo e poeta francês Paul Valéry: “Que o sujeito seja louvado! (...) São autógrafos de sujeitos importantes, mundialmente famosos” e reconhece, finalmente: “Condé, você é um Estado!”.

⁷⁴ FILHO, Adonias. “João Condé Filho e nossa literatura”. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 25 maio 1947. Através dos Suplementos, p. 8-9, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 06 fev. 2020.

Esse reconhecimento por seus pares é um índice importante da qualidade de um intelectual que fez *mediação cultural*: João Condé, um “guardião da memória” literária do século XX. Não por acaso, no final dos anos 1950, quando já desfrutava desse reconhecimento por seus pares e leitores, Condé avaliou seu acervo considerável como contribuição para a constituição de uma memória da literatura brasileira:

En lugar de conservar tan vasto material em los archivos, como piezas de museo, *creí necesario divúlgalo por la prensa em reproducciones facsimilares*, haciendo conocer textos curiosísimos y fotografías de los más destacados escritores del Brasil, de Europa e de las Américas. [...]

Se trata, además, de una sección única em el género. El lector encontrará aquí el documento, lo anecdótico y lo pintoresco, em suma, la utilización periodística de la manía de un coleccionista implacable, que con eso cree *prestar algún servicio al público y a la literatura*.⁷⁵

Na função de redator de uma seção de uma revista de maior circulação no país e até no exterior, é notória na narrativa de João Condé uma tentativa de autorrepresentação como colecionador e cronista literário. No entanto, também devemos ressaltar, diante do exposto até aqui, que ele foi responsável pela construção de uma narrativa particular da história da literatura. Essa memória era invocada intencionalmente na recordação ou no reconhecimento daquilo que era revelado como valor para essa história e para a história dos intelectuais. Ao escolher em seu acervo os materiais que seriam editados e divulgados em sua seção, João Condé constituía uma espécie de “memória enciclopédica” (CANDAU, 2014, p. 23), que poderia acionar em seus leitores uma memória afetiva acerca dos literatos ou dos artistas, das obras, de momentos específicos do passado, uma vez que esses bens simbólicos são ressignificados constantemente e sob variadas formas na recepção, como verificaremos na próxima subseção.

2.3. A subseção *Diário* e os intelectuais

Os *Arquivos Implacáveis*, assim como a memória e o esquecimento também implacáveis, acionavam a metamemória, um recurso poderoso da

⁷⁵ Entrevista de João Condé concedida à revista *O Cruzeiro* (Edição internacional). Rio de Janeiro, 16 maio 1957, (s/p.), Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 nov. 2019.

representação de sua própria memória (no caso do autor da seção) sobre a literatura brasileira, seus escritores e da vida cultural. Tal representação resultou do “(...) conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao modo de afiliação de um indivíduo ao seu passado (...), na construção da identidade”.⁷⁶ Ou seja, o seu acervo era o *lugar de memória* fornecedor dessa “exteriorização da memória” (Ibidem, p. 106), que fez um coletivo maior, como a sociedade ou grupo social, (re)pensar e manter “vivo” o seu passado. Por outro lado, João Condé acionava lembranças (in)voluntariamente a partir da sua coleção ou da convivência com os intelectuais e compartilhava essas experiências, sempre selecionando o que deveria ser exposto, a sua interpretação da cultura e da literatura.

A subseção “Diário” cumpria bem essa função, pois trazia relatos de encontros, eventos, casos anedóticos e a rotina envolvendo João Condé e outros intelectuais, tendo sido provavelmente uma das seções mais lidas, pois criava uma nova forma de comunicação na imprensa literária sobre as relações intelectuais. Essa subseção era enumerada e, geralmente, ficava verticalmente na parte lateral esquerda da página 8, embora mudasse de localização esporadicamente. Nesta seção, que foi publicada até meados de 1948, João Condé publicava textos com características de crônica que evidenciavam os laços afetivos da convivência cotidiana com artistas e escritores. No entanto, esses textos já tinham sido escritos anteriormente e, ao publicá-los, percebe-se as implicações simbólicas dessa ação em relação aos seus pares e às suas produções, como ressaltou o amigo Lêdo Ivo ao visitar João Condé e o seu arquivo:

Este diário constitui um documento de eloquente interesse, *pois levanta o véu que costuma separar o escritor do público*. João Condé Filho *revela* o escritor em sua vida civil, com as suas *preocupações pessoais*, seus problemas espirituais, sua *visão quotidiana dos homens e das coisas*. Em vez da estátua ou do retrato de capa de livro, *temos o homem feito de carne e osso*, claramente exposto ao olhar de um observador sagaz e compreensivo, que sabe fixar em seu diário até os tics nervosos do observado.⁷⁷

⁷⁶ Joël Candau (2014) desenvolve pesquisas relacionadas à sociologia da memória, à antropologia cognitiva, à identidade e suas implicações. Além das taxonomias descritas acima (memória de alto nível e metamemória), o autor também conceitua a protomemória: associada ao “habitus” tal como referenciado por Pierre Bourdieu.

⁷⁷ IVO, Ledo. “Revelação dos Arquivos Implacáveis”. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 5 maio 1946. Suplemento Letras e Artes, p. 2, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 11 abr. 2020.

Nessa subseção, João Condé transcrevia seus textos, originalmente escritos em meados da década 1930, ou revelava algo recente por alguma ocasião especial de algum intelectual. Na semana da morte do médico, romancista e político Afrânio Peixoto, no início de janeiro de 1947, as duas páginas dos *Arquivos Implacáveis* foram dedicadas ao acadêmico, como já mencionamos anteriormente. A seção trazia a mensagem: “Homenagem a Afrânio Peixoto” com letras em caixa alta, tomando maior corpo que o próprio título da seção (Figura 7).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1813307/CA



Figura 7 - Homenagem de João Condé nos *Arquivos Implacáveis* de 19 de janeiro de 1947.

Nessa edição especial do “Diário”, escrita de maneira comovida, Condé revelou que tinha sido Afrânio Peixoto um dos iniciadores dos *Arquivos Implacáveis* e que ele sempre colaborava com “doações raras e preciosas”. A edição também contou com a reprodução de um depoimento do próprio João Condé, de 3 de setembro de 1942, sobre sua visita à casa do escritor no bairro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro, revelando os vínculos afetivos ao longo do tempo:

Afrânio Peixoto com sua bondade, com o seu entusiasmo pelos moços e pelos que se preocupam, mesmo lateralmente, como eu, pelas coisas que dizem respeito à vida intelectual inicia este acervo de autógrafos, páginas inéditas, cartas que há muitos anos procuro organizar.⁷⁸

Essa declaração mostra a importância do reconhecido intelectual Afrânio Peixoto para o colunista dos *Arquivos Implacáveis*. Afinal, foi este quem encorajou o jovem Condé, presenteando-o com uma carta do famoso poeta francês Paul Valéry em meados da década de 1930. Talvez os vínculos entre Condé e Peixoto tenham sido construídos por intermédio do irmão mais velho Elysis Condé, que como Afrânio Peixoto também era médico. Naquele início de década de 1940, Afrânio Peixoto era professor da Faculdade Nacional de Direito, enquanto João Condé era aluno do curso de Direito daquela instituição e conseguira alguma ajuda nos estudos durante a prestação dos exames “graças às relações de família”. O fato é que toda a parte central da página foi dedicada ao *Diário* sobre a trajetória de amizade entre os dois.

Também foi nessa subseção que João Condé revelou os detalhes de mais um ofício, o de editor na atividade de datilografia para a José Olympio Editora, função que exerceu com o intuito de ficar com os originais das obras escritas pelos romancistas e poetas. Um desses intelectuais com quem Condé “negociava” era o seu amigo José Lins do Rego, que dedicou a exclusivamente a ele seu romance *Fogo Morto* (1943). João Condé “confidenciou” ao seu leitor a dificuldade em compreender a caligrafia do escritor paraibano: “Quantas vezes, ao querer decifrar uma palavra, procuro o escritor e ele próprio fica sem saber que palavra escrevera. Outras ocasiões encontro palavras que nunca vi na língua portuguesa”.⁷⁹

Desse modo, ao publicizar tal relação de amizade e intimidade com José Lins do Rego, tanto para o público mais amplo como para outros intelectuais, Condé evidenciava o poder que os arquivos davam a ele pelo fato de ter sob seu domínio informações privilegiadas. Então, ciente da importância de suas

⁷⁸ CONDÉ, João. *Diário*. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 19 jan. 1947. Arquivos Implacáveis, p. 8, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 21 fev. 2020.

⁷⁹ CONDÉ, João. *Diário*. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1946. Arquivos Implacáveis, p. 8, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 26 fev. 2020.

atividades, que aqui estamos classificando como sendo de *mediação cultural*, ele reforçava esse poder com certa modéstia na narrativa:

Há sete anos que diariamente *transporto* para um grosso volume as conversas *quotidianas* com intelectuais e artistas, tudo pormenorizadamente contado, o que torna a maior parte delas impublicável, pois haveria protestos incríveis.

[...]

Não faço comércio com os meus papéis. Eles não me pertencem. Ficarão, futuramente, para o Estado. Para uma biblioteca, ou uma instituição qualquer. Os méritos destes arquivos pertencem mais *a eles do que a mim*. Sou apenas um “gari” da literatura, um *intermediário*. *Facilito* talvez o conhecimento biográfico de muita gente.⁸⁰

Portanto, há em seu *fazer* (datilografar obras inéditas, editar e publicizar tais experiências e relações em sua página) um projeto maior, que era o de fomentar não apenas a literatura e o mercado de livros, mas também o de aproximar o intelectual despido de aura do público-leitor.

No trecho acima, podemos destacar a consciência do produtor da página, como um sujeito exercendo múltiplas práticas culturais de mediação em prol de um projeto maior, que era o de preservação de uma memória da literatura, como de fato tornou-se. Embora a modéstia fosse sempre mobilizada como estratégia discursiva, João Condé parecia transitar na definição de “homem duplo”. Na medida em que se reconhece e é reconhecido por seus pares como homem de cultura, um intelectual criador, ele também atuava como um intelectual que fazia mediação, uma vez que coletava e selecionava, como um *gari*,⁸¹ transportava e promovia os produtos culturais de importantes intelectuais, por meio de sua página, *contando* e *facilitando* aos seus leitores, fossem “ilustres” ou um público amplo. Nesse sentido, João Condé comportava-se ambigualmente como “homem duplo”, pois “eles são pensados como “pontes”, estabelecendo uma ligação entre os níveis de conhecimentos erudito/acessível, pela mídia e pela linguagem, servindo como “meio de passagem” seja como colecionador, cronista e editor da página (GOMES; HANSEN, 2016, p. 28).

⁸⁰ CONDÉ, João. “Amigos”. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 11 maio 1947. Arquivos Implacáveis, p. 9, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 19 fev. 2020.

⁸¹ A comparação entre o trabalho de gari e a atividade de colecionador pode ter suas semelhanças no sentido em que empregou Aleida Assmann (2011, p. 412), especialista em Filologia Inglesa e Literatura: “‘Arquivo’ e ‘pilha de lixo’ podem ser compreendidos acima de tudo como emblemas e sintomas da lembrança e do esquecimento culturais (...)”. Ou seja, o poderia ser considerado “lixo” para uma geração poderia ser informação preciosa para outra.

Rubem Braga, um dos intelectuais mais citados nas subseções, assinava a coluna “Gente da cidade”. Escreveu aos seus leitores sobre “João Condé, o arquivista”, este que era amigo de infância de Álvaro Lins (já consolidado crítico literário no Rio de Janeiro), pois o pai deste era secretário da prefeitura da cidade natal dos Condé. Braga nos dá pistas importantes da sua circulação na sociabilidade literária da capital, entre intelectuais de sua rede provinciana de Recife:

[...] almoça todo dia com Zé Lins na Colombo há muitos anos, toma uísque moderado à tardinha no Valarinho [...] faz há 4 anos o “Jornal das Letras” com seus irmãos José (escritor) e Elysio (médico) [...]. Seus “flashes” são seguramente a secção mais imitada na imprensa do Brasil.

[...] *Dá-se com tudo quanto é escritor* da direita, do centro e da esquerda, *velho ou novo*; seus amigos mais diletos, do já mencionado Álvaro Lins, de Odorico Tavares, Mauro Mota e Luís Jardim, suas admirações maiores são Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, José Lins do Rego...⁸²

Como podemos perceber, João Condé tinha uma rede de (re)conhecimento e de amizade na cidade do Rio de Janeiro sedimentada principalmente por intelectuais de “conformação provinciana” de Recife. No entanto, ele não se restringia a esse grupo. Ele buscou ampliar seus diálogos com outros interlocutores de gerações, partidários políticos e linhas literárias diversas, da província e da metrópole.

Contudo, é notório em seus textos um tipo de “sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades (...) que fundam uma vontade e um gosto de viver (...)” que tecem as “estruturas de sociabilidade” (SIRINELLI, 2003, p. 248) e sobre a qual Maria Rachel da Fonseca, Ângela de Castro Gomes e Kaori Kodama (2018, p. 594) lembram que nessa “(...) abordagem os intelectuais estão sempre imersos em redes de sociabilidade que os situam, inspiram, demarcam e deslocam através do tempo/espaço”.

Não por acaso, a amizade de João Condé com aqueles intelectuais de Pernambuco possibilitava sua inserção em espaços de sociabilidade e o colocava em contato com inúmeros, escritores, artistas e políticos com os quais angariou documentos e fez propaganda de sua seção e acervo. Como bem salientou Rubem Braga, são perceptíveis na documentação as menções àqueles intelectuais nas

⁸² BRAGA, Rubem. “Gente da cidade”. In: **Revista Manchete** (nº 67 a 140). Rio de Janeiro, 26 set. 1953, Casa de Rui Barbosa, Arquivo Rubem Braga (Periódicos Diversos).

diversas subseções dos *Arquivos Implacáveis* ao longo daqueles anos. O amigo de infância Álvaro Lins, já respeitado crítico literário do *Correio da Manhã*, foi um dos intelectuais mais citados nas subseções (Álbum de família (1); Retratos (1); Correspondência (1); Confissões (1); Diário (1); Flash (1)) assim como foram Gilberto Freyre e Luís Jardim. Porém, entre os intelectuais que mais foram citados, estão: Manuel Bandeira (Caricatura (1); Álbum de Família (1); Correspondência (4) e abordagens diversas (6 vezes)) e José Lins do Rego (Álbum de Família (1); Caricatura (1); Diário (3); Flash (1); Curiosidade (1) e em uma citação aleatória).

Na Figura 8 constam os nomes dos intelectuais que mais foram citados por João Condé e os seus respectivos locais de trabalho, com destaque para o poeta Manuel Bandeira, que era sempre uma “vítima” fácil nas investidas do “arquivista implacável”. Além do poeta Augusto Frederico Schmidt que, ao lado dos poetas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira formavam uma trindade de bastante sucesso de venda de livros e, portanto, eram figuras citadas com frequência na seção.

Já as presenças assíduas do contista e cronista Rubem Braga e do romancista Marques Rebelo talvez se justifique por suas posições polêmicas em seus textos, quase sempre em tons sarcásticos, que causavam dissabores ou deleites na comunidade intelectual, além do fato de os dois fazerem parte do mesmo suplemento literário do colunista João Condé, com quem compartilhavam, certamente, muitas histórias e causos na redação do suplemento, que era um lugar de sociabilidade intelectual por excelência.

Intelectuais mais citados	Instituição ou periódico em que atuava
Manuel Bandeira (12)	Academia Brasileira de Letras (1940) Faculdade Nacional de Filosofia (1943-1956)
Augusto F. Schmidt (8)	<i>Correio da Manhã</i>
Marques Rabelo (8)	<i>A Manhã</i> , Conselheiro Fiscal da Associação Internacional de Imprensa (1947), Comissão de Livros do Instituto Brasil-EUA (1947).
Dinah Silveira de Queirós (7)	<i>A Manhã</i>
José Lins do Rego (7)	<i>O Globo</i> , <i>Jornal dos Sports</i> , <i>O Cruzeiro</i> (revista). Diretor do Conselho Nacional de Desportos.
Afrânio Peixoto (6)	Academia Brasileira de Letras (1940); IHGB, Academia das Ciências de Lisboa.
Cyro dos Anjos (6)	Presidente do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, IPASE (1947-1951). Assessor do ministro da Justiça do governo Dutra.
Di Cavalcanti (6)	<i>O Estado de São Paulo</i> , <i>Folha da Noite</i> (SP).
Octávio de Faria (6)	<i>A Manhã</i>
Rubem Braga (6)	<i>A Manhã</i> , <i>O Globo</i> , <i>Correio da Manhã</i> , <i>Diário Carioca</i> , <i>Leitura</i> (revista).

Figura 8 - Tabela com os intelectuais mais citados nas subseções dos *Arquivos Implacáveis* (1946-1949).

Portanto, ao longo da existência da seção *Arquivos Implacáveis* no suplemento do jornal *A Manhã*, percebe-se uma considerável parcela de intelectuais da região Nordeste, especialmente de Pernambuco. Sobre esse aspecto, é necessário salientar as articulações e o sentimento de grupo entre esses intelectuais “provincianos de Recife” na formação de uma *rede de sociabilidade*. Eles partilhavam de sentimentos, sensibilidades e valores dos quais João Condé parecia comungar, uma vez que ele reconhecia “(...) ser um homem tímido e cheio de complexos provincianos. Mas se tratando de coisa literária, sou realmente perigoso, implacável”.⁸³

⁸³ CONDÉ, João. “Amigos”. In: *A Manhã*, Rio de Janeiro, 11 maio 1947. *Arquivos Implacáveis*, p. 9, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 19 fev. 2020.

Além de pertencerem a uma *geração provinciana*, independentemente de idade, uma forte solidariedade horizontal vinculava-os, pois eles compartilhavam de uma mesma origem social e tinham suas trajetórias marcadas pela experiência da migração. O termo *geração*, como todo conceito, é polissêmico e deve ser configurado em associação com os fatos e contextos específicos em que tais palavras são mobilizadas nos discursos. Nesse sentido, estamos mobilizando o termo *geração* tal qual empregado por Jean-François Sirinelli (1996) e Ângela de Castro Gomes (1996, p. 40), ou seja, “a geração como uma escala móvel no tempo”, que não se restringe apenas ao aspecto da idade, “também como um fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da autorrepresentação e da autoproclamação.”⁸⁴

A grande maioria desses intelectuais era descendente de importantes famílias proprietárias rurais, que tiveram em suas trajetórias a experiência comum do desterro de suas terras, do declínio, traumas de transmissão de heranças e educação em internatos, como foi o caso dos irmãos Condé, que faziam parte de uma segunda leva de intelectuais que foram “assentados” nos órgãos de imprensa e do Estado por indicação daqueles que já estavam consolidados profissionalmente na capital, como José Lins do Rego, Jorge de Lima, Rachel de Queiroz, Valdemar Cavalcanti e Gilberto Freyre, entre outros.

O poeta Mauro Mota havia estudado com João Condé e Álvaro Lins no Ginásio do Recife, ou seja, amigos de infância da mesma região do Agreste. Mauro Mota destacou-se por sua produção literária na imprensa da cidade do Recife e sempre esteve em interlocução com os irmãos Condé mesmo após eles terem migrado para o Rio de Janeiro. Já com esse reconhecimento entre os intelectuais provenientes do Recife que atuavam na imprensa carioca, principalmente depois da criação do *Jornal de Letras*, ele escrevia poemas, textos de crítica literária e atualidades do meio cultural da província em suplementos dos jornais cariocas. O texto “Espírito de província”,⁸⁵ por exemplo, foi publicado no suplemento literário do *Correio da Manhã* que tinha como redator Álvaro Lins.

⁸⁴ A historiadora Ângela de Castro Gomes não somente se associa ao mesmo entendimento do historiador supracitado, como acrescenta que a noção de *geração* “(...) situa-se na junção da memória e história, sendo fundamental explicitar que a referência é uma memória “comum”, entendida enquanto testemunho de como um conjunto de homens experimentou um certo tempo”.

⁸⁵ MOTA, Mauro. “Espírito de província”. In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 out. 1945, p. 1, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 28 nov. 2019.

Em seu texto de valorização do sentimento e do engajamento dos intelectuais provincianos de Pernambuco, Mota criticou o que denominou de “regionalismo mesquinho” defendido em outras regiões do Brasil, mas singularizou uma “continuidade de nosso espírito pernambucano, para a nossa responsabilidade dos depositários das tradições dos Joaquim Nabuco e dos Oliveira Lima (...)”. Há nas palavras do jovem poeta que despontava uma clara tentativa de reafirmação de velhos valores e tradições, que eram reclamados naquele momento e atualizando-os por Gilberto Freyre, quem se tornava o mais proeminente intelectual em defesa de um provincianismo “pernambucano”.⁸⁶

Mauro Mota estava ciente da migração intensa das “figuras mais recentes de pernambucanos do Recife” para a capital do país ao longo das décadas de 1930 e 1940, como o próprio Álvaro Lins, Augusto Rodrigues, Cícero Dias, Josué de Castro, Elycio, José e João Condé, João Cabral de Melo Neto, Luís Jardim, Willy Lewin, entre outros, que ocupavam as colunas dos periódicos, como o *Jornal de Letras* e instituições públicas da metrópole. Em seu texto, o poeta segue lamentando o “êxodo alarmante” que levou “grandes e autênticos valores” do Recife e que “formam apenas o bloco dos que partiram outro dia, podemos assim dizer, daqueles que ainda não se desprezaram de todo do meio onde talvez quisessem, mas não puderam viver”.

Por outro lado, Mota ressaltava orgulhoso e com saudosismo particular o “espírito provinciano”, lembrando o núcleo das “resistências” do movimento modernista dos anos 1920 “com raízes aprofundadas na terra (...), mantendo vivo nosso espírito de província”, como Gilberto Freyre, Antiógenes Chaves, Olívio Montenegro, Odilon Nestor e Silvio Rabelo. E esse “espírito vivo” estava presente nas aulas, nas bibliotecas deles, nos jornais e revistas do país fora em que colaboravam os que haviam migrado.

Essa digressão realizada sobre o texto de Mauro Mota é importante, uma vez que os irmãos Condé prezavam o contato com a produção literária da região Nordeste, sempre divulgada e incentivada por eles. Isso ficou ainda mais notório com o lançamento e com a longa existência do *Jornal de Letras*, que divulgou poemas, contos, cobriu lançamento de revistas e livros e publicou as novidades

⁸⁶ E isso se justificava, pois, “à medida que a obra prima do sociólogo consolidava sua valorização no cenário intelectual, Gilberto Freyre passou a ser um artífice na imposição da noção de Nordeste, entre as categorias cognitivas de brasilidade (...)” (SORÁ, 2010, p. 193).

literárias, inclusive sendo o próprio Mauro Mota um correspondente ativo do periódico.

Na construção dessa *rede de sociabilidade* provinciana, a contribuição dos *Arquivos Implacáveis* dava-se de maneira não tão evidente como no *Jornal de Letras*, como veremos. Porém, a preponderância dos intelectuais da região Nordeste na seção é um indício da influência deles nos meios impressos do Rio de Janeiro, de modo geral.

O que queremos deixar claro é que João Condé tinha consciência das diversas atividades culturais em que estava envolvido, enquanto diretor do *Jornal de Letras* com os irmãos, como cronista e colecionador. Embora houvesse essa valorização do intelectual e da sua produção provinciana, ele não se reduzia a ela.

E foi agindo dentro de um equilíbrio entre os diversos grupos intelectuais que vieram as implicações de um reconhecimento que marcou a sua personalidade com essa atividade intelectual poderosa como colecionador. Tanto que, numa de suas anuais viagens ao seu estado natal, ao ser perguntado numa entrevista concedida ao jornalista do *Diário de Pernambuco* sobre a repercussão dos *Arquivos Implacáveis*, ele reconheceu:

Simplesmente isto: fiquei despersonalizado; deixei de ser o João Condé para ser “o homem dos arquivos... implacáveis”. Em todas as pequenas cidades do interior, nessa minha viagem de automóvel do Rio ao Recife, ao assinar, nos hotéis, o registro de hóspedes, era imediatamente identificado: nunca como João Condé, porém, sempre como o “homem dos Arquivos.”⁸⁷

Embora parecesse superdimensionar a popularidade daquela sua atividade específica, por mais que escrevesse num jornal de apoio ao governo e bastante popular, também não podemos subestimar o reconhecimento que João Condé passou a ter nos principais *microclimas intelectuais* das capitais do país. Atuando no centro político e cultural da capital federal, estabeleceu contato com muitos intelectuais provenientes dos estados, que assumiram cargos públicos e privados na cidade do Rio de Janeiro.

⁸⁷ Entrevista concedida ao Suplemento literário do **Diário de Pernambuco**, 01 nov. 1953, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 11 abr. 2020.

Voltando ao ano de 1948, após quase um ano de ausência no jornal, quando foi para Pernambuco assumir um cargo público,⁸⁸ João Condé retomou a seção com uma alteração gráfica no *layout* das páginas, com linhas verticais separando as seguintes subseções da esquerda à direita: “Confissões”, “Correspondência” e “Diário”; logo abaixo duas caricaturas assinadas por Emiliano Di Cavalcanti que retratavam Carlos Drummond de Andrade e Afonso Arinos de Melo Franco (Figura 9).



Figura 9 - Cópia das páginas completas dos *Arquivos Implacáveis*, 1 de Maio de 1948.

Já na parte inferior das duas páginas aparecem as subseções “Álbum de família” (com foto do romancista Marques Rebelo aos 16 anos), um poema inédito de Manuel Bandeira e uma nova subseção “Galeria Política”, com

⁸⁸ Talvez como procurador na autarquia Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC) do Rio de Janeiro.

fotografia do governador de São Paulo, Ademar de Barros, simulando um embate de luta livre.⁸⁹

Esse retorno marcou o auge da popularidade da seção e do seu editor. Na medida em que outras subseções foram criadas, Condé revelou aos seus leitores uma representação que fizeram dele em sua dupla mediação cultural, de colecionador e de colunista literário:

Mas a verdade é que ampliei o registro civil criando uma personagem – na verdade, um “duplo” – saída de mim mesmo. Amigos e conhecidos, quando me apresentam a outros, já me suprimem o nome e me indicam este título:
- “Apresento-lhe o homem dos arquivos.”
O “homem dos arquivos” já é, pois, uma personagem desligada do autor.⁹⁰

Como bem alerta Jean Sirinelli,⁹¹ essa notoriedade representativa deve ser posta em xeque pelo historiador, pois o indivíduo que produz o discurso é o próprio personagem histórico, como um dos autores que colaborou com “Diário”, texto de caráter íntimo que viria a ser publicado num jornal de ampla circulação. Essa autorrepresentação, como já discutimos, deve ser contrastada com os depoimentos dos contemporâneos não necessariamente na quantidade, mas levando em conta quem narra sobre João Condé e as suas atividades. No caso deste estudo, acreditamos que já deixamos suficientemente claro que as práticas culturais executadas pelo colecionador/colunista o legitimavam como um *intelectual mediador* que teve uma considerável ressonância nas redes da intelectualidade e construiu um legado na história da literatura brasileira.

Sua legitimação e consagração, como reconheceu Lúcio Cardoso e outros de seus pares, foram sendo construídas no interior dos círculos de intelectuais que se tornaram seus amigos e, ao ouvi-los em situações informais, “(...) ele se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagens e estratégias com a sua experiência e com aquela acumulada ao longo do tempo” (GOMES;

⁸⁹ Essa subseção foi criada em maio de 1948 e contou com outra fotografia do, então, jovem advogado Getúlio Vargas, que era auxiliar do gabinete do político gaúcho Borges de Medeiros. Mas, devido aos acirramentos políticos na esfera pública, João Condé não mais publicou tal subseção.

⁹⁰ CONDÉ, João. Diário. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 1 de Maio de 1948, Arquivos Implacáveis, p. 9, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 30 de Abril de 2020.

Na subseção *Confissões* o poeta Augusto Frederico Schmidt lembrou que foi João Condé quem datilografou os originais *O Galo Branco* para ele ter o direito de ficar com os manuscritos.

⁹¹ RIOUX, Jean- Pierre; SIRINELLI, Jean (Orgs.). **Para uma história cultural**. Tradução Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 261.

HANSEN, 2016, p. 19). Naquelas oportunidades, Condé começou também a incentivar as doações e a cobrar confissões nas conversas em espaços de sociabilidades por cartas e até nos eventos literários se usando dos artifícios mais variados possíveis. Porém, reconhecia na subseção “Diário” de 11 de outubro de 1946:

Tenho apenas narrado episódios e fatos que não possam melindrar a classe. “Verdades agradáveis”, como notavam os irmãos Goncourt no seu diário. Depois que estas notas começaram a ser divulgadas, verifico um certo retraimento, frases comedidas sem espontaneidade. Até o meu velho amigo Graciliano Ramos com quem venho há anos conversando diariamente naquele banco do fundo da Livraria José Olympio, tem mudado.⁹²

O motivo de intimidação que ele causava em alguns intelectuais mais reservados, como Graciliano Ramos, era um motivo de preocupação de João Condé em sua atividade de convivência com eles. No entanto, essa estratégia de divulgação desses “detalhes psicológicos” aos seus leitores, dos quais faziam parte os próprios intelectuais, intencionava a valorização de sua aproximação com intelectuais importantes e sua demonstração de poder. Afinal, ele detinha informações que poderiam “melindrar a classe”.

Numas das idas à Livraria José Olympio ao encontro de Graciliano Ramos, frequentador assíduo e ilustre da casa, para buscar documentos para adicionar aos seus arquivos ou depoimentos para a seção, “o homem dos arquivos” revelou artimanhas e intimidade para conseguir tais raridades de um dos autores mais importantes da literatura brasileira:

“- Olá, grande reacionário, agente provocador!”
“Retribuo com outros cumprimentos nada amáveis e começamos a conversar. É certo que já preciso de certa habilidade. Faça-me de ingênuo e começo a arrancar as suas confissões. Jogo celebridades em cima do velho.”⁹³

Seguindo em sua estratégia de dissuasão, João Condé colhia informações desses intelectuais que quaisquer colunistas literários desejariam ter em seu domínio. O fato é que a estratégia deu certo e ele arrancou a confissão do

⁹² CONDÉ, João. Diário. In: **A Manhã**. Rio de Janeiro, 11 out. 1946. Arquivos Implacáveis, p. 9, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 abr. 2020.

⁹³ CONDÉ, João. Diário. In: **A Manhã**. Rio de Janeiro, 11 out. 1946. Arquivos Implacáveis, p. 9, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 20 abr. 2020.

“fechado” Graciliano sobre a construção de uma estrada enquanto o escritor de *Vidas Secas* era prefeito em Palmeiras dos Índios, em Alagoas, entre 1928 e 1930. Segundo o romancista, a tal estrada foi tão trabalhosa que precisou soltar os presos da cadeia pública e ele mesmo ficava até tarde fiscalizando a obra. E até ironizou: “Todos os meus livros juntos não valem aquela estrada”.

O experiente escritor de tramas narrativas primorosas da literatura brasileira logo percebia as manobras do esperto jornalista e disparava insultos, mas sempre demonstrando uma certa intimidade, de uma convivência habitual dentro daquele espaço intelectual: “– Quer dizer uma ova! Você vem com essas manhas e depois vai inventar lendas a meu respeito, como diz Aurélio Buarque de Holanda...”.⁹⁴ E assim a conversa não pode mais continuar, porque *o velho Graça* fechou-se para o diálogo.

Outro intelectual que era um alvo frequente das investidas de João Condé era o poeta Manuel Bandeira. Não por acaso, ele era um dos intelectuais mais citados nas diversas subseções dos *Arquivos Implacáveis*, com poemas inéditos, caricaturas suas assinadas por outros artistas, correspondências e fotografias antigas ou daquela época:

Mas, para consegui-las, é preciso que eu faça promessas de não publicá-las nem mostrá-las a pessoas indiscretas. Não me custa prometer, e para reforçar a minha afirmativa faço juramentos, invocando desastres e castigos que caíam sobre minha cabeça caso não cumpra a promessa. As íntimas [cartas] dos amigos, estas o poeta conserva amarradas, e só os meus olhos as acompanham curiosos no trajeto de uma caixa para outra.⁹⁵

Diante das desconfianças de Manuel Bandeira e para livrar-se do constrangimento de ter alguma fonte sua publicada nos *Arquivos Implacáveis*, o poeta pernambucano tomava sempre medidas precavidas. Contudo, João Condé conseguia os documentos como um historiador furtivo – que inclusive ilustra a reportagem –, para a produção de seu trabalho de publicização do passado de seus escritores prediletos e satisfazia as curiosidades dos leitores. Ou seja, o cronista não apenas transferia esses materiais para o seu acervo (criador), ele transformava-os em bens culturais simbólicos ao publicá-los em suas páginas,

⁹⁴ Ibidem.

⁹⁵ CONDÉ, João. Visita ao apartamento 415 – Bloco E. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 de Setembro de 1944, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em 30 de Outubro de 2019.

fazendo-os circular (mediação) entre um público amplo acompanhado de uma narrativa (intermediário).

Desse modo, o seu leitor não somente desfrutava da exibição desses documentos, mas também se divertia com essas divulgações dos bastidores da sua relação com os homens de letras, expondo em tom jocoso seus métodos de pesquisa e de recolhimento dos documentos:

Quando ao seu lado, espiava os retratos, o telefone tocou e na interrupção, enquanto o poeta foi atender ao chamado eu, com uma rapidez felina, *adquirida em outras ocasiões idênticas a estas*, consegui transferir da caixa de sapato para o meu bolso algumas fotografias mais íntimas.⁹⁶

Essa exposição certamente contaria com a autorização, e quem sabe até era de interesse do intelectual, mas sempre com uma narrativa afetuosa e realçada de admiração com aqueles mais próximos e consagrados na literatura.

João Condé era leitor de Bandeira nos tempos em que era aluno do Ginásio do Recife nos anos 1920. Seu pai era assinante do jornal *A Província* em que escrevia Gilberto Freyre, José Lins do Rego e o próprio Manuel Bandeira, com suas crônicas que João Condé guardava. Nas diversas visitas que Condé fez ao apartamento do poeta pernambucano trazia a pasta cheia de documentos e exibia nessas narrativas o seu poder de convencimento e vangloriava-se do seu rico acervo, com itens como uma fotografia de Manuel Bandeira “com Augusto Frederico Schmidt e Carlos Drummond de Andrade, formando trilogia dos maiores poetas da nossa literatura”.⁹⁷

Essa consciência da importância que tinha na preservação desses bens simbólicos ficou explícita na concepção e na criação de uma obra de Manuel Bandeira. O livro de memórias do poeta, *Itinerário de Pasárgada*,⁹⁸ havia sido escrito por insistência do próprio João Condé, como conta o escritor Francisco de Assis numa ocasião em que estavam presentes os personagens citados, destacando a frase dita pelo homem dos *Arquivos Implacáveis*: “Não esqueça de anotar isso. João Condé [foi] quem obrigou Manuel Bandeira a escrever o “Itinerário de

⁹⁶ *Ibidem*

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ O livro de memórias do poeta foi publicado pelo *Jornal de Letras* dos irmãos Condé em 1954. Na dedicatória constam os nomes de João Condé, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos “que me fizeram escrever este livro, dedico.”

Pasárgada”. Isso é muito importante para a literatura brasileira”.⁹⁹ Não por acaso, o arquivista foi também o editor desse livro, com projeto de capa segundo o traço do próprio poeta Carlos Drummond de Andrade.

Por tudo o que já foi exposto, os *Arquivos Implacáveis*, enquanto seção de um suplemento, era o resultado de um trabalho intelectual que requeria não apenas conhecimento da literatura e do mundo cultural como um todo, mas também uma sistematização daqueles bens que representavam materialmente o tempo passado e o tempo presente da literatura dos intelectuais. Por outro lado, enquanto colecionador/arquivista, João Condé transformou e divulgou o seu acervo como um “objeto-memória”, na expressão de Joël Candau (2014, p. 84). Isso porque, antes de publicá-los, aqueles documentos eram registrados, classificados e ordenados, requerendo de seu organizador um trabalho intelectual que demandava afetividade e compromisso com a história da literatura e dos intelectuais.

Essa função de “guardião da memória” era constantemente mobilizada em seu discurso e manifestava um desejo de transmitir uma memória ou os traços dela nessa gestão do passado no presente para o futuro, uma vez que “(...) toda perda de arquivos é vivida como uma perda de si próprio. Todos esses traços, tanto os produzidos quanto os registrados, são ‘ilusões de eternidade’”¹⁰⁰ –, como bem estava fixado na epígrafe de todas as seções dos *Arquivos Implacáveis*, de autoria de Carlos Drummond de Andrade.

No “Diário” do dia 21 de julho de 1946, João Condé reescreveu as anotações feitas na mesma subseção do mês anterior, sobre a sua atividade de datilógrafo de importantes obras literárias:

Daqui a meses, quando terminado o trabalho, e os originais estiverem encadernados, estou certo que aparecerá alguém e esse alguém me dirá: - Sim, senhor, seu Condé, você é um camarada sabido. Com isso aí você está fazendo um grande pecúlio *para o futuro*. Não é nada, não é nada, são daqui a 100 anos, uma colossal fortuna guardada à custa dos escritores.¹⁰¹

⁹⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. “João Condé obrigou-me a escrever as memórias” In: COSTA E SILVA, Alberto da. **Recordações de Manuel Bandeira nos “Arquivos Implacáveis” de João Condé**. Lisboa: Embaixada do Brasil, 1990, p. 70.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 160.

¹⁰¹ Enquanto editor, João Condé datilografou livros de José Lins do Rego, *O galo Branco* de Augusto Frederico Schmidt e *As Confissões do meu tio Gonzaga* de Luís Jardim (CONDÉ, João. Diário. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1946. Arquivos Implacáveis, p. 8, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 17 abr. 2020.

João Condé não havia se tornado apenas colecionador de manuscritos, primeiras edições ou até dono de preciosidades literárias. Ele também colecionava quadros e esboços dos principais pintores e gravuristas brasileiros e de outros países e tinha em seu acervo esculturas sacras e outras, além de pastas de cartas, dedicatórias, milhares de fotografias e toda sorte de documentos avulsos (Figura 10).



Figura 10 - João Condé com peças de seu acervo particular em dezembro de 1952.¹⁰²

Em sua crônica de despedida do suplemento *Letras e Artes*, em 25 de dezembro de 1949, intitulada “Se eu morrer...”, João Condé confessou aos leitores comuns e homens de letras os desafios de suas atividades intelectuais com esses bens culturais preciosos e repletos de significados afetivos para ele e para os antigos donos daqueles documentos, muitos deles ainda vivos:

¹⁰² Fotografia e texto de José Medeiros da revista *O Cruzeiro* (MEDEIROS, José. João Condé apresenta: ARQUIVOS IMPLACÁVEIS. In: **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, ABI, p. 52, n. 9, 13 dez. 1952.

Minhas noites estão cheias de presença de vivos e mortos. Aqui nestas quatro paredes vejo reunidos sem preconceito de raça, religião ou credo político escritores de todo o Brasil.¹⁰³

No seu apartamento repleto de documentos estavam “reunidos” por João Condé, enquanto mediador que atuava em diversas frentes das atividades literárias, os mais importantes escritores, pintores e demais homens de letras da sua época e do passado recente que “(...) em retribuição dou-lhes amor e preservo para o futuro sua literatura”.¹⁰⁴

Embora “o homem dos arquivos” recusasse a alcunha de literário, é inegável que ele era um homem de letras, como bem provam suas crônicas anedóticas ou emotivas nas páginas dos *Arquivos Implacáveis*, conforme essa última, reafirmando seus laços afetivos com intelectuais, estabelecidos na convivência:

Se eu morrer, sim, meu Deus, que não seja agora. Quero ainda visitar muitas vezes o poeta Bandeira; quero conversar no fundo da livraria José Olympio com o major Graça. Relembrar a infância com meu querido Álvaro Lins; ouvir o poeta Schmidt recitar “Jozefina”; dar gargalhadas espalhafatosas na rua do Ouvidor com Zé Lins. Estar orgulhoso ao lado de Carlos Drummond. Beber um uísque às seis horas no “Pardelas” com Luiz Jardim.¹⁰⁵

Nos momentos de despedidas ficam perceptíveis as associações de grupos de intelectuais e os sentimentos que sedimentaram as *redes* em lugares de sociabilidades intelectuais específicos em que são construídas as relações subjetivas.

Quando analisamos as subseções das duas páginas dos “Arquivos Implacáveis” também esses são os nomes mais frequentes. Em tom de despedida, João Condé manifestou a vontade de estar com Gilberto Freyre em Recife e com os mestres da crítica Octávio de Farias e Tristão de Ataíde. Além de se sentir bem aprendendo os ofícios das artes plásticas (e quem sabe adquirir um quadro ou rascunho) com Santa Rosa e José Pancetti. Deseja ainda debater literatura com o organizador do suplemento Jorge de Lacerda, o poeta alagoano Lêdo Ivo e Murilo

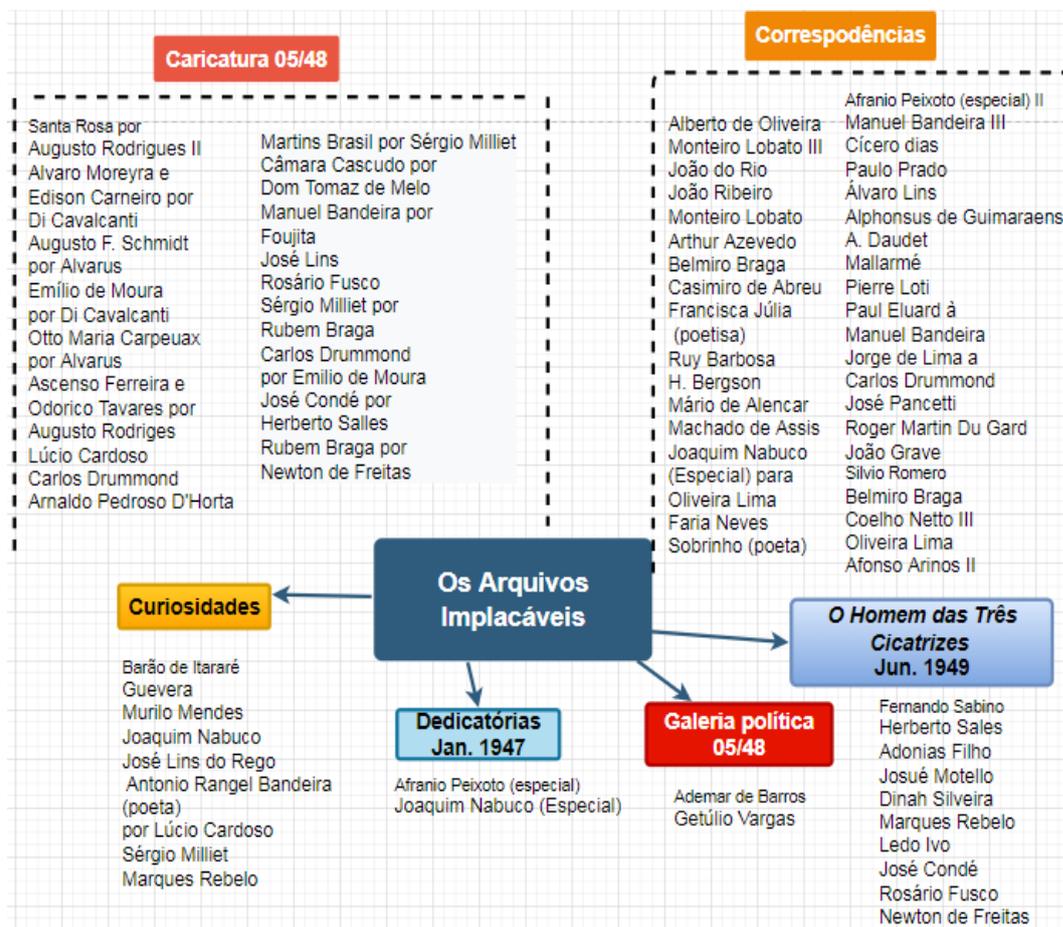
¹⁰³ CONDÉ, João. “Se eu morrer...”. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 25 dez. 1949. Arquivos Implacáveis, p. 9, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 10 abr. 2020.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ Ibidem.

Mendes e ainda levar os seus textos para Aurélio Buarque de Holanda corrigi-los trazendo-os “envergonhado”. Enfim, estava configurada uma pequena, mas significativa parte de uma extensa *rede de sociabilidade* em torno dos *Arquivos Implacáveis* e do seu idealizador.

A Figura 11 ilustra o mapeamento dessa rede, na qual figuram os principais intelectuais que foram abordados por João Condé nas respectivas subseções. A quantidade de traços (I), na frente dos nomes indica a frequência com que eles foram citados pelo colunista naquelas subseções ao longo do período. Já o termo “Especial” indica que a edição da seção foi dedicada exclusivamente para o intelectual homenageado.



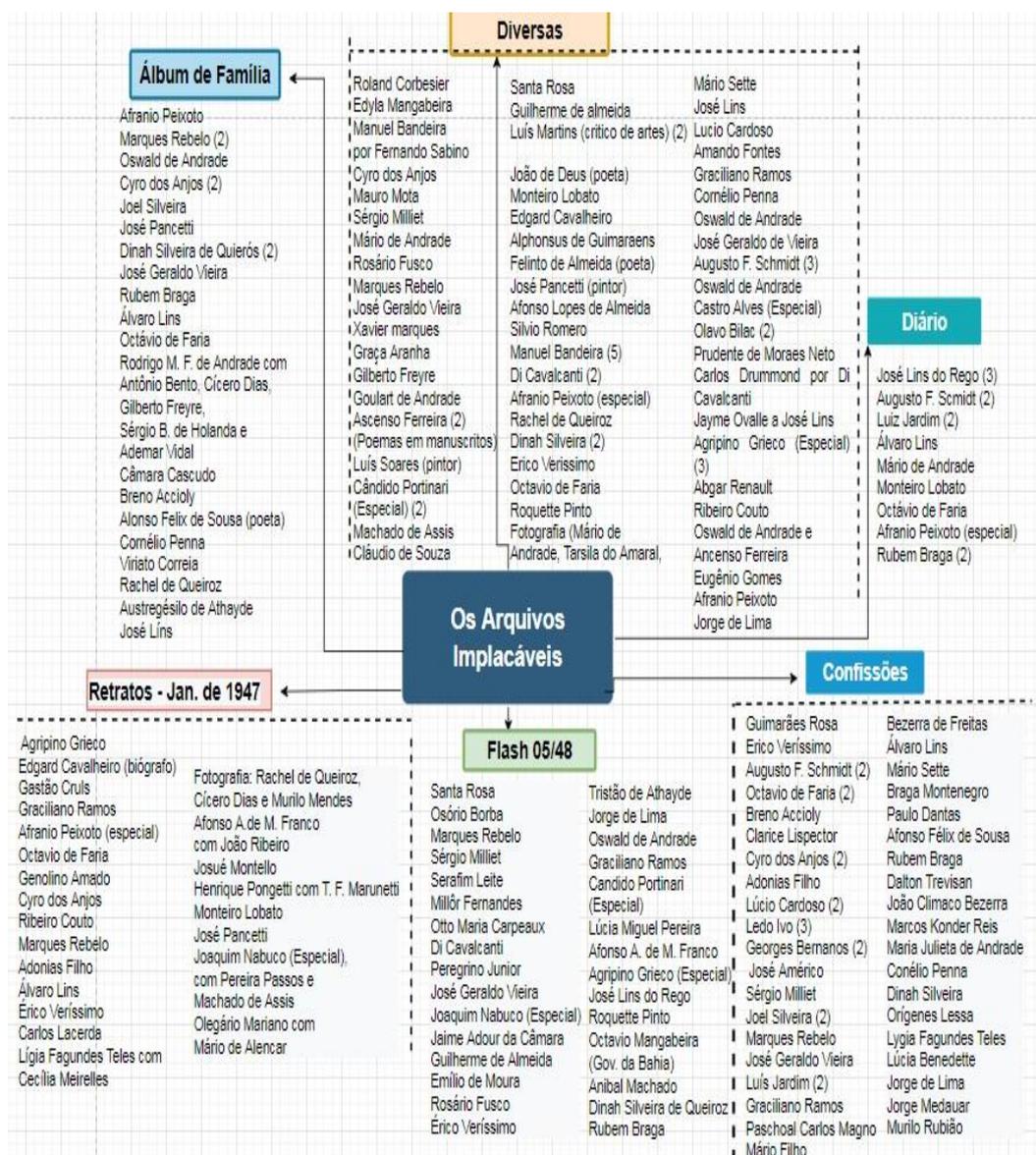


Figura 11 - Organograma das subseções dos *Arquivos Implacáveis* com os intelectuais.¹⁰⁶

Com a finalidade de termos uma visão geral, talvez seja interessante destacar algumas informações a título de balanço. Na subseção “Correspondências”, por exemplo, destaca-se a presença de intelectuais que atuaram nas décadas iniciais do século XX. Em “Caricatura”, por sua vez, o espaço foi dedicado, naturalmente, a pintores e desenhistas que interpretavam escritores contemporâneos, com destaque aos poetas e críticos literários que foram interpretados pelos caricaturistas. Em “Álbum de Família” e “Retratos” ganharam destaque intelectuais também da época do colunista. Nessa primeira subseção, 12

¹⁰⁶ A obra *O Homem das Três Cicatrizes*, publicada nas páginas da seção, reuniu membros do próprio suplemento *Letras e Artes* (com exceção de José Condé) por convite de João Condé.

dos 25 listados são oriundos da região Nordeste. Em “Confissões”, por exemplo, essa presença nordestina chega a 30% dos intelectuais com as suas respectivas obras.

Além disso, destacam-se autores que, por mais de uma vez, deram seus depoimentos sobre suas obras, como: Augusto F. Schmidt, Octávio de Faria, Cyro dos Anjos, Lúcio Cardoso, Lêdo Ivo, o francês Georges Bernanos, Joel Silveira e Luís Jardim.

Outro dado interessante consta da subseção “Flash”. João Condé a iniciou com os escritores mais reconhecidos pela intelectualidade e pelo público. Dentre os 30 listados, 26% eram críticos literários, indicando a relevância que tinham para a literatura naquele momento.

Para termos uma ideia do sucesso da seção perante o público-leitor, após o seu afastamento do jornal, João Condé não demorou muito e estreou os seus *Arquivos Implacáveis* numa nova mídia de massa: o rádio. Em março de 1950, na estatal Rádio Ministério da Educação (PRA-9), ele passou a produzir e a apresentar semanalmente autores e artistas em sua intimidade, revelando também a sua vinculação e a sua influência com membros de órgãos estatais.

O fato é que a recepção de seus *Arquivos Implacáveis* pelo público e pela imprensa especializada em literatura e nos espaços outros da intelectualidade foi impactante. João Condé passou a ser citado por poetas, ilustres romancistas e críticos literários sobre suas criações literárias (coleção e seção) e a ser investido por seus pares para assumir a missão de “guardião da memória” da literatura brasileira. Portanto, estava encarregado como autoridade na preservação daqueles bens culturais indispensáveis à cultura do país.

Afinal, o indivíduo que detém o controle de um arquivo tem o poder de controlar a própria memória e de tecer a narrativa histórica de acordo com a sua visão de mundo. Dessa maneira, João Condé, entendido como um *intellectual mediator*, não somente construiu um legado enquanto colecionador de bens culturais, especialmente literários, mas também disseminou uma certa narrativa histórica da literatura e dos intelectuais através da seção *Arquivos Implacáveis*.

Da criação e circulação à recepção e perpetuação, de caçador se transformando em caça, João Condé – como reconheceu-se “despersonalizado” naquela entrevista ao *Diário de Pernambuco* – viu-se também naquela situação pela qual passou o poeta Carlos Drummond, em que reconheceu o poder

irresistível e insistente das práticas culturais missionárias de Condé: “Se um dia eu rasgasse os meus versos por desencanto ou nojo da poesia, não estaria certo de sua extinção: restaria os Arquivos Implacáveis de João Condé”. E, de fato, o seu projeto em prol da literatura foi concretizado.

3

José Condé entre a crônica e a crítica em *Vida Literária* (1946-1952)

Durante tantos e tantos anos você carregou a glória de muitos escritores – de quase todos que vivem das letras no Brasil –, escrevendo sobre eles.

(Dinah Silveira de Queiroz, 07/10/1971).¹⁰⁷

Mesmo com reconhecimento, o indivíduo que “*carregou a glória de escritores*” de Dinah Silveira e de tantos outros não deve ter tido uma tarefa das mais fáceis naquele mundo intelectual de vaidades e disputas. A escritora talvez tenha rememorado a trajetória intelectual de José Condé desde quando este iniciara com a publicação de seus textos no jornal literário carioca *Dom Casmurro* ou ainda como repórter literário da mais importante revista do país por décadas, *O Cruzeiro*, na série “Ouvindo uma geração”, em 1937.

O contato profissional de Condé com os mais diversos intelectuais tão reconhecidos no cenário cultural daquela época deve ter lhe fornecido muitas aprendizagens, já que ele era um jovem com pretensões de ser romancista. E não era para menos, pois foram alvos da sua “série de palestras”¹⁰⁸ o poeta alagoano Jorge de Lima, o teatrólogo e escritor Álvaro Moreyra, que era um dos fundadores do jornal literário *Dom Casmurro*, e a poetisa Adalgisa Nery, entre outros.

Alguns nomes que o jovem José Condé outrora lia estampados nos livros, quando era aluno do internato de Petrópolis no início dos anos 1930, agora eram por ele entrevistados em suas casas e escritórios, em oportunidades nas quais revelavam ao seu público leitor o cotidiano privado nos mínimos detalhes. Muitos desses tornaram-se seus colegas de redação da revista *O Cruzeiro*, que era distribuída nas principais cidades do país. Isso possibilitou a José Condé as mais diversas experiências com poetas e romancistas de renome àquela altura, como Agripino Grieco, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt e Álvaro Lins.

¹⁰⁷ Crônica da autora intitulada “Nunca mais, José Condé”, sobre a morte do autor e crítico, transcrita no **Jornal do Commercio** (RJ) (apud BARBALHO, 2017, p. 112).

¹⁰⁸ CONDÉ, José. “Ouvindo uma geração, com Álvaro Moreyra”. In: **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 02 out. 1937, p. 52.

As relações de amizade entre José Condé e Álvaro Lins acabaram também se tornando um vínculo forte no meio literário. Isso fica claro numa troca de cartas a partir de 1938, em que Álvaro Lins, ainda em Recife, tratou da publicação do livro *História literária de Eça de Queirós* pela José Olympio. Essa obra o lançaria como crítico literário no meio intelectual do Rio de Janeiro, com uma alarmante recepção da crítica nos jornais e nas revistas, embora parte dela tratasse dos escritores da região Nordeste, especialmente de Pernambuco, escrevendo de lá ou que estivessem atuando na imprensa da capital, fato que reforça um sentimento de pertencimento muito forte desses intelectuais em defesa daqueles que vinham da província, como almejamos demonstrar neste capítulo e nesta tese como o grande projeto cultural e político dos irmãos Condé.

O fato é que anos antes de se estabelecer de vez na cidade do Rio de Janeiro (fato que se deu em 1940), Álvaro Lins sofreu a perseguição pós-golpe de 1937, assim como Gilberto Freyre e o seu pai professor de Direito, por fazerem parte do “antigo regime”, nas palavras de Álvaro Lins.¹⁰⁹ Lins era então secretário do governador Carlos de Lima Cavalcanti e, como represária, foi censurado e proibido de assinar textos que não fossem “sobre assuntos literários e culturais”. Segundo Nelson Werneck Sodré (1999, p. 385-386), a situação para os intelectuais era a pior possível, pois

(...) ninguém podia escrever livremente, nem nos jornais, nem nas revistas, nem mesmo em livros; fogueiras deles enchiam as ruas e praças, bibliotecas foram vasculhadas e expurgadas, sob o clima de terror que abafava tudo.

Ainda em novembro de 1938, Lins amargava a perseguição da censura. Em carta ao livreiro José Olympio, lamentava que não pudesse mandar um dos capítulos de sua obra *História literária de Eça de Queirós* para ser publicado na importante *Revista do Brasil*, pois, em tom sigiloso, ele estava “dentro de certas normas que me foram traçadas e dentro das quais tenho que me manter”.¹¹⁰

Em meio a esse diálogo político, Álvaro Lins e José Olympio contaram com a intermediação de José Condé, enquanto esse era um agente de publicidade

¹⁰⁹ Carta de Álvaro Lins para José Olympio, 03 de julho de 1938. A carta foi escrita em papel com timbre do *Diário da Manhã* (do Recife). Casa de Rui Barbosa, Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (Editados)

¹¹⁰ Carta de Álvaro Lins para José Olympio, 04 de novembro de 1938. A carta foi escrita em papel com timbre do *Diário da Manhã* (do Recife). Casa de Rui Barbosa, Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (Editados).

da editora naqueles anos. Foi primeiramente com Condé que Álvaro Lins tratou da possibilidade e de planos de publicação da obra pela editora de José Olympio:

(...) Então o Condé já lhe falou do meu livro? Pois realmente estou escrevendo sobre o Eça. [...]
Está claro que a minha ambição seria editá-lo na sua casa e com o seu nome. O condé antecipou-se e foi muito melhor. Melhor sobretudo porque recebi a sua pergunta: “Posso anunciar-lo nas minhas próximas edições?” Está claro que sim (...).¹¹¹

Como José Olympio tinha tanta certeza da qualidade da futura obra e confiança no jovem autor da província, que sofria com a dura repressão da censura? Sem dúvidas, a agência de José Condé, embora um jovem principiante, e de outros escritores já bastante publicados pela editora, como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Gilberto Freyre, contribuíram em peso na certeza de que aquele empreendimento editorial seria um sucesso. Como esclarece Gustavo Sorá (2010, p. 334): “Em lugares distantes da cidade-sede, os editores de literatura, como José Olympio, promoviam seus produtos por meio de ações individuais, laços personalizados”.

Há de se destacar que a distribuição de livros nos idos dos anos 1930 parecia ser de improvisação no que diz respeito à sua distribuição Brasil afora. Não é incomum perceber isso na documentação do diálogo entre o editor José Olympio com intelectuais como José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, quando estes estavam em Maceió e em Fortaleza, respectivamente. O apelo do editor era por uma maior difusão dos livros da editora e dos próprios autores junto aos livreiros das cidades, com os críticos literários locais, a partir da divulgação em eventos culturais e, principalmente, às autoridades políticas dos respectivos estados.

Ao mesmo tempo em que a demanda do editor por maior divulgação local era expressa aos autores da província, os outros autores amigos que já viviam na capital do país publicavam resenhas críticas na imprensa e assinavam prefácios em suas obras. Os apelos partiam de todos os lados e teciam uma rede de interesse intelectual que procurava suprimir as dificuldades dos atores do mercado editorial, dando uma ideia de improviso pela *cordialidade intelectual* figurada numa extensa *rede de sociabilidade* que era sempre mobilizada. O que é possível

¹¹¹ Carta de Álvaro Lins para José Olympio (de início de 1938). Casa de Rui Barbosa, Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (Editados).

perceber é que o editor não era somente a figura credora num momento difícil para os editados, ele também carecia muito da intermediação daqueles, principalmente nas províncias ou que, se o autor estivesse no Rio, se utilizasse da influência nas regiões de origem para melhor penetração das obras nas cidades fora do eixo Rio-São Paulo.

Essa composição de *rede intelectual* era a própria sobrevivência de editores como José Olympio, que é retratado pela historiografia do impresso no Brasil como um símbolo do paternalismo absoluto, quando na verdade essa relação era bem mais horizontalizada e de dependência mútua entre autores, editor, livreiro e críticos.

O apelo era que o autor também se responsabilizasse também pela propaganda do livro próprio, pois o serviço de propaganda da própria editora era limitado pelo serviço postal do país, que era fraco e que não chegava aos polos culturais das cidades interioranas. Por isso, o editor incentivava os seus editados que se esforçassem também para escrever aos amigos colunistas locais ou de outras editoras, como Érico Veríssimo, para fazer esse favor por amizade intelectual.

O fato é que a publicação da obra foi muito bem recepcionada pelos principais críticos da capital e Álvaro Lins escreveu da cidade do Recife para Condé, solicitando do editor e dele mesmo que a livraria liberasse exemplares da obra, pois o autor tinha “vários amigos que vão escrever sobre o livro”.¹¹² José Condé foi alertado que a vendagem dependia bastante da publicidade e sabia que os artigos em jornais e revistas contribuía para isso, visto que a rede de amigos colaborava para ampliar a recepção da obra.

Com o sucesso de venda da obra, Álvaro Lins revelou a José Condé a gratidão “com o gesto de amizade” a José Olympio, pois este garantia, naquele momento, arranjar também um emprego em algum jornal do Rio de Janeiro, prometendo não esquecer que “foi ele quem me abriu o caminho”¹¹³ com a publicação da biografia do escritor português.

Todavia, Álvaro Lins revelava uma preocupação com o seu custo de vida na capital e pedia a José Condé que ele procurasse uma solução junto a José

¹¹² Carta de Álvaro Lins para José Condé, 20 de abril de 1940. Casa de Rui Barbosa, Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (Editados).

¹¹³ Carta de Álvaro Lins para José Condé, 20 de abril de 1940. Casa de Rui Barbosa, Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (Editados).

Olympio sobre a sua colocação, local de residência e vencimentos que possibilitasse a sua vinda definitiva, fato que nos indica a relação de troca de favores que tecia aquela rede em torno da Livraria e Editora José Olympio: “Creio que, com o prestígio e relações que ele tem, não será difícil”.¹¹⁴ E, em meio a tantas incertezas, aposta acertadamente em sua estadia e colocação como “profissional” das letras: “Além disso, o Rio me é absolutamente necessário para que eu realize uma carreira literária. Tenho certeza de que no Rio conseguiria autoridade como crítico e acabaria num rodapé de jornal como crítico oficial”.¹¹⁵

Ou seja, para além das dificuldades do mercado editorial, das perseguições políticas e das disputas intelectuais, aqueles homens de letras eram pegos nas dificuldades mais cotidianas, que poderiam impactar também nas decisões importantes. Embora, não tenhamos dúvidas, de que usufríssem de uma rede de proteção que amenizava esses percalços.

Não sabemos se foi José Olympio que arranhou essa colocação de crítico no principal jornal da cidade do Rio de Janeiro e um dos melhores do país, mas Gilberto Freyre era um dos principais editados da editora e colunista colaborador do jornal *Correio da Manhã*. Ou seja, em fins da década de 1930, Freyre já era bastante influente na intelectualidade e na imprensa literária da cidade do Rio, que era dominada pelos escritores da região Nordeste. Tanto é que o jornal soltou uma nota informando, na mesma página da coluna do sociólogo, a contratação do crítico pernambucano no dia 09 de agosto de 1940. A nota ressaltava que ele já era “uma figura já bem conhecida e estimada no mundo das letras” e destacava a publicação de sua obra *História literária de Eça de Queirós*, e que, apesar de jovem, já era “grande sua bagagem”, destacando ainda sua atividade intelectual como “jornalista militante”.¹¹⁶ Alguns meses depois, José Condé iria ser um dos colaboradores do suplemento literário, por intermédio do próprio Álvaro Lins...

Já no ano de 1950, Condé escreveu o romance *Onda Selvagem*, publicado pelas *Edições O Cruzeiro* e premiado no concurso “Malheiro Dias”. O concurso promovido pela mais importante revista brasileira, a *Revista O Cruzeiro*, tinha a finalidade de estimular a produção literária nacional e alcançou grande

¹¹⁴ Carta de Álvaro Lins para José Condé, 20 de abril de 1940. Casa de Rui Barbosa, Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (Editados).

¹¹⁵ Carta de Álvaro Lins para José Condé, 20 de abril de 1940. Casa de Rui Barbosa, Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (Editados), grifo meu.

¹¹⁶ “A crítica literária do *Correio da Manhã*”. In: **Correio da Manhã**, 09 ago. 1940, p. 2 Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

repercussão em todo o país, tanto pelo valor pago aos ganhadores como pela visibilidade intelectual que alcançavam os vencedores. Apesar de premiado, José Condé não reconhecia os méritos daquela obra. Talvez possamos encontrar uma explicação para tal desprezo pelo modo como deu-se a sua escolha como melhor obra.

Considerado o maior certame literário do país naquele momento, do qual saíra vitorioso, os avaliadores eram reconhecidos por sua autoridade intelectual e ficou sabido que a obra tinha sido escrita por Condé, mas por pressão de Álvaro Lins, com quem já trabalhava na redação do *Correio da Manhã*, como já sabemos.

Segundo relato do historiador e compositor Nelson Barbalho,¹¹⁷ amigo de infância de José Condé, *Onda Selvagem* foi escrito às pressas, enquanto ele estava em Petrópolis, porque estava perto do fim das inscrições do concurso. O próprio autor revelou-se surpreso com o resultado, pois alegava que o livro não tinha a qualidade literária que ele almejava. No entanto, foi inegável que a obra, editada pelas *Edições O Cruzeiro* e lançada por uma empresa com aquela envergadura, dava a José Condé um lugar privilegiado no mundo das letras daquela época.

(...) o novo livro de José Condé encontrou a mais expressiva repercussão entre o público, ao mesmo tempo em que alcançava uma decisiva consagração nos círculos literários mais categorizados do país.¹¹⁸

O livro foi dedicado ao poeta alagoano Lêdo Ivo, ao romancista e crítico do *Jornal de Letras* Adonias Filho¹¹⁹ e a Jose Lins do Rego. Além da chancela e da benção deste último na orelha do livro, essa pequena digressão revela-nos as relações de amizade e o paternalismo que teciam as redes intelectuais naquele período, especialmente daquelas da província de Pernambuco, que demarcavam suas posições na imprensa literária da cidade do Rio de Janeiro.

Embora Lêdo Ivo não fosse de Pernambuco (e sim de Alagoas), ele era redator de uma coluna de crítica que ficava ao lado da seção “Vida Literária” e teceu uma avaliação bastante positiva da obra a quem tinha sido dedicada. O jovem crítico também colocou José Condé como continuador de uma tradição

¹¹⁷ BARBALHO, 2017, p. 29.

¹¹⁸ CONDÉ, José. *Onda Selvagem*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1950.

¹¹⁹ Adonias Filho foi convidado para escrever o rodapé de crítica literária de *Jornal de Letras* em maio de 1951.

inglesa, assim como enfatizava Gilberto Freyre, que valorizava o cotidiano nas obras de ficção:

(...) uma linha de romance contemporânea que possui grandes exemplos na literatura em língua inglesa, na qual é a adesão ao cotidiano, a pesquisa do real rotineiro, e não sua repulsa, que garante a autenticidade das obras. E, submisso a tão animadoras verdades artísticas, José Condé se destaca entre os seus companheiros de geração (...).¹²⁰

Após dois anos, José Condé foi agraciado outra vez com um dos prêmios mais importantes da época, o “Fábio Prado”, com o livro de contos *História da cidade morta* (1951).¹²¹ Esse livro foi criado a partir de alguns contos dele na sua coluna “Vida Literária”, dentre os quais percebeu que havia uma unidade pelo fato se passarem numa mesma cidade que se chamava Santa Rita (Caruaru). Na orelha desse livro, editado pelo próprio *Jornal de Letras*, foi a vez Gilberto Freyre chancelar o escritor, naquele momento já reconhecido pela intelectualidade como romancista de sucesso, com um tom paternalista, relembra o sociólogo: “Vejo que não me enganei com o adolescente em quem há onze ou doze anos eu já reconhecia talento literário”.¹²² Assim como Álvaro Lins, buscava Freyre ressaltar uma característica de uma certa “tradição provinciana” genuína de Pernambuco: a valorização do cotidiano nas obras literárias.

Esse talento se afirma nesses contos novos de modo esplendidamente claro e, em alguns deles, é completado por uma sensibilidade quase inglesa ao que o cotidiano guarda, na paz ou na rotina de velhas cidades brasileiras do interior ou de província (...).¹²³

Percebe-se em seu discurso uma tentativa de vinculá-lo a uma tradição que remonta a Joaquim Nabuco e até um romantismo do século XIX.¹²⁴ Certamente o

¹²⁰ IVO, Lêdo. *Um romancista (A cidade e os dias)*. In: **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 18 fev. 1951.

¹²¹ A consagração como romancista veio com a publicação da novela *Os dias antigos* (1955), rendeu-lhe os prêmios “Paula Brito”, da Prefeitura do Distrito Federal, e também o “Afonso Arinos”, da Academia Brasileira de Letras. José Condé ainda publicou inúmeras outras obras: a novela *Um ramo para Luíza* (1959), que foi adaptada para o cinema; o romance *Terra de Caruaru* (1960); *Santa Rita (Histórias da Cidade Morta e Os Dias Antigos em um só volume)* (1961); o romance *Vento do Amanhecer em Macambira* (1962); o romance *Noite Contra Noite* (1965), a novela *Pensão Riso da Noite: rua das Mágoas (cerveja, sanfona e amor)* (1966); o romance *Como uma tarde em dezembro* (1969); as novelas *Tempo, vida, solidão* (1971) e *As chuvas* (1972).

¹²² CONDÉ, José. **Histórias da cidade morta**. Rio de Janeiro: Edição Jornal de Letras, 1951.

¹²³ CONDÉ, José. **Histórias da cidade morta**. Rio de Janeiro: Edição Jornal de Letras, 1951.

¹²⁴ Silvana Moreli Vicente Dias (2017, p. 13), ao analisar as correspondências entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, confirma essa vinculação do sentimento provinciano pernambucano

provincianismo intimista procurava suas raízes de autenticidade nessa tradição da qual Freyre rogava-se o seu continuador e que parte da intelectualidade da chamada “Escola do Recife” o reconhecia por força da sua influência.

3.1.

José Condé: o cronista da *Vida literária*

No jornal *Correio da Manhã*, de agosto de 1959, na seção “Escritores e Livros” que veio a substituir a “Vida literária”, o “noticiarista” José Condé recordava com certo saudosismo um episódio ocorrido no final dos anos 1930. Recém-chegado de Petrópolis para a sua preparação ao exame de vestibular na cidade de Rio de Janeiro, o jovem defrontara-se com um dos seus maiores inspiradores na literatura:

Certa vez na Cinelândia (fazia ponto no Café Amarelinho), um dos colegas de mesa apontou:

- Aquele que vai ali é o José Lins do Rego.

Parece que estou vendo: de terno branco, gordo, andar descansado, sobrançando um volume, caminhava na direção do Teatro Municipal.¹²⁵

Seja na Livraria José Olympio ou no Amarelinho, José Condé era conhecido por seus pares como um “repórter literário” muito detalhista em suas observações dos ambientes literários e do comportamento dos intelectuais. Ele procurava transplantar esses momentos em seus textos para passar o máximo de realidade, detalhes e curiosidades aos leitores ansiosos – como ele mesmo se reconhecia enquanto leitor do romancista paraibano.

Ao descrever e narrar fatos e “causos” envolvendo intelectuais de diversas regiões do país naqueles espaços de sociabilidade, como a livraria José Olympio, sempre uma referência quando se tratava dos principais intelectuais na capital da república das letras,¹²⁶ José Condé contribuía na elaboração do imaginário dos

com a tradição de figuração romântica: “A “província”, ao englobar uma crítica aos valores cosmopolitas, como o racionalismo, o individualismo e o tecnicismo da sociedade burguesa, parece mostrar que os autores estavam acompanhados em algum medida de um amplo espectro de pensadores e artistas de linhagem romântica com variáveis conservadoras e de esquerda”.

¹²⁵ CONDÉ, José. “Escritores e Livros”. In: *Correio da Manhã*, ago. 1959, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa.

¹²⁶ Como esclarece a historiadora Ângela de Castro Gomes (2014, p. 8): “Intelectuais são, assim, homens cuja produção é sempre influenciada pela filiação a associações e instituições, e pelo pertencimento a uma série de grupos e “lugares de sociabilidade”, que podem ser mais ou menos formais, além de marcados por práticas culturais tanto de oralidade como de escrita”.

leitores daqueles intelectuais pelo Brasil afora em sua convivência nos corredores da José Olympio. Em tom humorado revela em crônica ao seu leitor sobre aqueles escritores:

A Livraria José Olympio é o ponto de reunião, todas as tardes, dos políticos e dos literatos. Disseram mesmo: os literatos discutem política e os políticos discutem literatura. [...]

Se for de esquerda sairá apregoando o entusiasmo que dele se apoderou. Recordará a função social da literatura: o intelectual de hoje desceu das torres de marfim para se confundir com as ideias e as aspirações da massa. Misturou-se com o povo sentindo todas as expressões da sua alma...¹²⁷

O espaço da livraria era um lugar de discussões sobre futebol, sendo José Lins um dos mais apaixonados pelo time do Flamengo, debates políticos – com Amando Fontes e Graciliano Ramos contando sobre época em que era prefeito de Palmeiras dos Índios (AL) – e, claro, debates sobre a prática e os rumos da literatura. Em meio à efervescência intelectual daquele ambiente, José Condé, ainda contratado pela Editora José Olympio e, ao mesmo tempo, colaborador da *Revista O Cruzeiro*, captava o clima acalorado por esses debates envolvendo autores com posições ideológicas bastante dissonantes, certamente. Aquele local onde se fazia livros e escritores, sendo José Condé um deles, era um dos lugares de sociabilidade mais concorridos da capital.

Como próprio Condé fez questão de destacar aos seus leitores pelo Brasil afora, em sua reportagem repleta de muitas fotos de boa qualidade visual estavam o editor José Olympio solitário com os seus papéis, Álvaro Lins, Oswald de Andrade, Augusto Meyer, o pintor Tomás de Santa Rosa e o próprio José Condé ao lado do poeta Murilo Mendes, da poetisa Adalgisa Nery, do romancista Amando Fontes e Jayme Adour da Câmara (Figura 12).

¹²⁷ CONDÉ, José. “Onde se fazem livros e escritores”. In: **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 14 jan. 1939, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.



Figura 12 - Fotografia de Edgar Medina.¹²⁸

Esses e outros escritores já estavam desfrutando de uma enorme popularidade e consagração perante seus pares no cenário literário nacional da década de 1940. José Condé, como reconhecia em diversas passagens, começaria a sofrer influências através das leituras enquanto estudante a partir da leitura de autores “cujos livros me haviam revelado, subitamente, um mundo diferente”.¹²⁹

O olhar retrospectivo e saudoso de José Condé revelava sua consciência histórica e o reconhecimento da importância daqueles autores na renovação literária para o período posterior na literatura a partir de meados da década de 1940. José Condé não apenas vivenciava os espaços intelectuais e as suas *rodas literárias* diversas, mas também conformava os seus leitores com uma representação espacial dos encontros intelectuais, criando no imaginário do público leitor o que podemos chamar de *cotidiano intelectual* na cidade. Ou seja,

¹²⁸ CONDÉ, José. “Onde se fazem livros e escritores”. In: **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 14 jan. 1939, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹²⁹ CONDÉ, José. “Escritores e Livros”. In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ago. 1959, Casa de Rui Barbosa.

em seu ofício de cronista da vida intelectual percebe-se “aquela filosofia do dia a dia, que se esconde e se revela na leveza e no humor do texto, no seu tamanho e na comunidade de sentidos que mantêm com seu leitor” (GOMES, 2014, p. 10). De outro modo, com uma lente aproximada ao cotidiano pode-se perceber as manifestações, as tensões, os conflitos e as crises que se desenvolvem na sociedade como um todo. Cabe ao historiador estar atento a como esse indivíduo atuava na esfera social e cultural maior e era, simultaneamente, movido por ela, refletindo na sociabilidade intelectual na qual estava envolvido.

Se a livraria era o local de convergência da intelectualidade na cidade do Rio de Janeiro, caberia ao cronista Condé identificar aos leitores que desconheciam a cidade onde residiam alguns dos escritores mais repercutidos da literatura nacional. José Condé descreveu o Catete como “o bairro de pequenos burgueses” que ficava perto da Cinelândia, um dos espaços de convergência dos literatos que migraram do “Norte”:

Vários escritores morando nesse tempo no Catete. *A turma do Norte*, sobretudo, e, entre estes, *os que vieram de Alagoas*: Zé Lins, Valdemar Cavalcanti, Santa Rosa, Rachel de Queiroz (também Jorge Amado, chegado há pouco, de Salvador) – todos na mesma pensão.¹³⁰

Apesar de José Condé não citar um dos maiores de todos aqueles, Graciliano Ramos morou por uns tempos dessa época na casa de José Lins do Rego, antes de alugar um quarto numa pensão entre as inúmeras pensões do bairro do Catete. Recém-saído da prisão devido à falsa acusação de estar envolvido na Revolta Comunista (1935) deflagrada em Natal, em Recife e que depois eclodiu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, Graciliano Ramos passou por grandes dificuldades financeiras para se estabelecer no Rio de Janeiro.

Numa crônica na *Revista Sombra* (lançada em 1940), que tinha como secretário o próprio José Condé, Graciliano assinou a crônica “Chegando ao Rio...” e assim descreveu o que parecia ter sido sua experiência no Catete: “Lá está o Catete, sim, senhor, é ali. Nos arredores, a casa de móveis do judeu, literatos padecendo no fundo de pensões ordinárias (...)”.¹³¹

¹³⁰ CONDÉ, José. “Escritores e Livros”. In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ago. 1959, Casa de Rui Barbosa. O tempo ao qual refere-se Condé é em meados dos anos 1930.

¹³¹ No primeiro aniversário da *Revista Sombra* (nov./dez. 1941) já consta José Condé como chefe de redação e com os desenhos dos pintores paraibanos Augusto Rodrigues e Tomás Santa Rosa.

Para Monica Pimenta Velloso (2010, p. 75), a expressão da cotidianidade está sempre presente nos jornais e nas revistas literárias, indicando “(...) modos de ser, de lazer, de falar, de participar e de reelaborar valores e conceitos”. Associada ao estilo e sentimento provinciano, a crônica era a forma de narrativa que confluía a espontaneidade, o humor e a miudeza cotidiana das relações de literatos, que eram geralmente representados por si mesmos, por outros e, principalmente, pelo imaginário dos seus leitores que os viam como homens extraordinários. Essa forma de texto variava de estilo, a depender do escritor que escrevesse o tema ou do suporte. Segundo Antônio Candido (1992, p. 21), as crônicas poderiam ser escritas em forma de diálogo, no estilo de contos, outras semelhantes à exposição de um poema, como espécie de “biografia lírica” ou ainda como anedota – sendo esta a característica mais encontrada nas subseções da coluna “Vida Literária”.

3.2.

Folheando a *Vida Literária*

Era esse um dos papéis de um *intelectual mediador* como José Condé: trazer em suas subseções as experiências da convivência dos homens das letras em seus círculos de amizade, de trabalho e de lugares do exercício de sociabilidade, mostrando também as discussões e as rugas daqueles homens falíveis. Essa era uma parte bastante dinâmica da coluna “Vida Literária” que em seu início era publicada duas vezes por semana e depois passou a ser publicada no suplemento de literatura, que saía aos domingos.

No ano de estreia da coluna, que tinha José Condé como editor (em maio de 1946), o perfil de “Vida Literária” era marcado pela presença da crônica com um texto principal na parte superior e resto do corpo subdividido com as subseções que ficavam dentro de quatro títulos: “Livros”, “Notícias”, “Escritores” e “Fatos da Semana”. Entre as principais subseções fixas, constavam “Da Província” ou “Notícias da Província”, “Depoimentos”, “Curiosidade Literária”, “Nota Biográfica” e “Confissão”. Havia também uma enorme quantidade de notícias de eventos literários, viagens de escritores, lançamentos de livros, tentando dar conta da produção do mercado editorial: “Próximos Lançamentos”, “Livros da Semana”, “Variedades”, entre outras.

Como podemos perceber, a coluna realmente se propunha a cumprir com o significado que trazia na sua titulação. Ela atualizava o seu leitor a respeito dos eventos literários e culturais do país, divulgava as traduções de obras dos Estados Unidos, da França e da Inglaterra, destacando a qualidade das traduções e de seus tradutores e, o mais importante para os propósitos desta tese, servia como guia literário para um público amplo.

Em 1947, por exemplo, é possível perceber um maior espaço para a literatura internacional na coluna, com destaque para os livros dos Estados Unidos, já que no contexto do pós-guerra havia declinado a produção do impresso no continente Europeu. Dado esse maior espaço, foram suprimidas algumas subseções ou aglutinadas com outras de conteúdos semelhantes. Essa preponderância da literatura estadunidense foi perceptível por José Condé, que constatou uma “invasão do best-seller” num país emblemático na história do impresso: “Toda a França está lendo o que se edita nos Estados Unidos (...)”.¹³²

As subseções que traziam as novidades externas, principalmente a partir de 1947, eram: “Novidades Literárias Americanas”, “Moderna Ficção Inglesa” e “Novidades Literárias Francesas”. Também houve uma valorização e olhar mais atento do editor da coluna a respeito da produção literária dos jovens escritores de província. A subseção “Revistas literárias” (de agosto de 1947) tratava da divulgação das revistas mensais com seus conteúdos, colaboradores e editoras que surgiram a partir daqueles periódicos, com o claro projeto de valorizar os jovens literatos sempre com textos de incentivo de José Condé. Outra subseção de destaque que surgiu ainda em 1947 foi a “Nota Pitoresca da Semana”, que analisaremos com mais vagar, além de “Um Autor por Semana”, “Letras Acadêmicas” e “Instantâneos”, que traçavam perfis dos autores e citavam as suas principais obras. Essas são subseções importantes para analisarmos neste capítulo, porque através delas José Condé exercitava a prática de *mediação cultural* enquanto um intelectual de crítica literária, com os seus julgamentos de obras e autores em outras subseções já citadas, como “Um autor por semana”, “Galeria dos Novos”, “Nome da semana”, além de editoriais que vinham na parte superior da coluna (depois página).

¹³² CONDÉ, José. “Estados Unidos”. In: **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 01 dez. 1946, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Com a passagem dos primeiros meses de existência da coluna, José Condé foi alternando com publicações de seus próprios contos (muitos deles integraram seus romances em livros), notícias extraordinárias e, a partir de 1948, já abrangendo uma página inteira, com editoriais (sobre livro, literatura, rádio etc.) e textos de crítica mais consistentes. De qualquer maneira, desde o início da coluna, a crítica sempre esteve presente em notas e subseções que divulgavam autores e suas obras, especialmente da produção provinciana.

Como um dos pilares do projeto literário e cultural dos Condé, especialmente de José, como argumentamos neste capítulo, era incentivar a produção dos jovens autores de província, como ele, a subseção “Galeria dos Novos”, de 1948, por exemplo, apresentava ao público leitor a estreia de muitos escritores, com amplo espaço dedicado aos poetas de todas as regiões do Brasil. Não por acaso, José Condé percebeu, pela quantidade de livros que ele deveria receber, que aquele ano foi muito produtivo para os poetas, tanto pela publicação de livros como pela edição de revistas dedicadas ao gênero. A subseção também foi intitulada em algumas edições “Galeria dos Novos Poetas” ou “Galeria dos poetas novos”. A estratégia do editor da página consistia em apresentar o escritor ao público, identificar ao leitor de onde era, as obras já publicadas ou alguma a ser lançada, a revista ou jornal para qual colaborava e, por vezes, reproduzia os trechos de poemas com comentários do próprio Condé ou de algum outro crítico.

Entre meados de 1949, após o lançamento do *Jornal de Letras*, a página tornou-se ainda mais diversificada com charges, ilustrações, fotos, porém, com a ausência de muitas subseções. No entanto, os textos de editoriais, crítica literária, entrevistas ou contos de Condé continuavam no centro superior e com novas subseções: “Notas e Notícias”, “Movietone Estrangeiro” e “De Todos os Fronts” – sobre as novidades e notícias da literatura estrangeira – além de “Fragmentos” e “Cinema e Literatura”. Na subseção “O Que Vamos Ler” junto a “Próximos Lançamentos” José Condé exercia seu poder de crítico, utilizando-se da estratégia editorial com textos curtos de informações sobre os recentes lançamentos ou dos vindouros e tecia breves comentários que certamente influenciavam no gosto e na escolha do leitor.

O que chama atenção nas subseções “Próximos Lançamentos” (Figura 14) e “O Que Vamos Ler” (Figura 15) é a grande presença de obras dos autores jovens da mesma geração de José Condé.

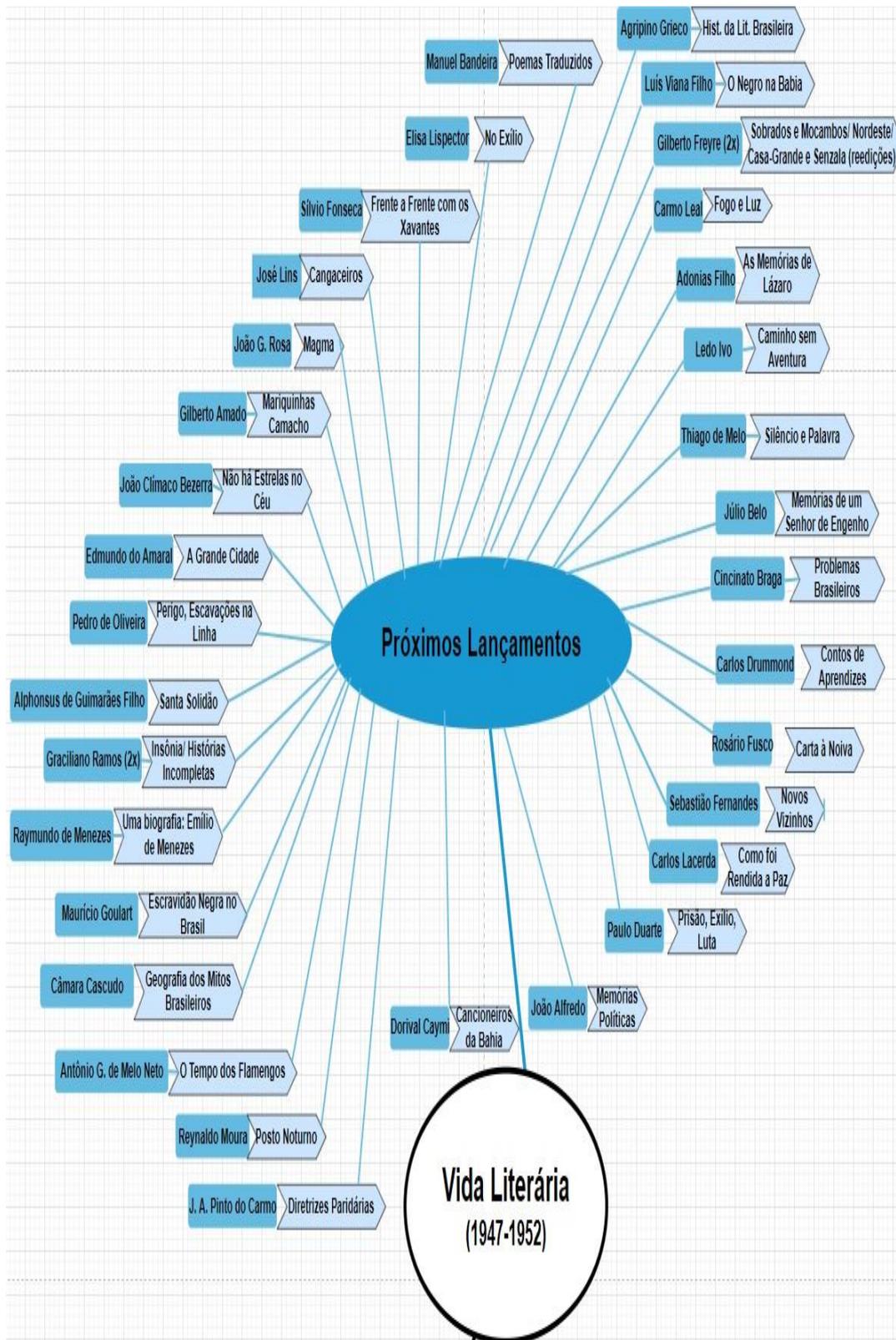


Figura 14 - Autores e obras citados na subseção *Próximos Lançamentos*.

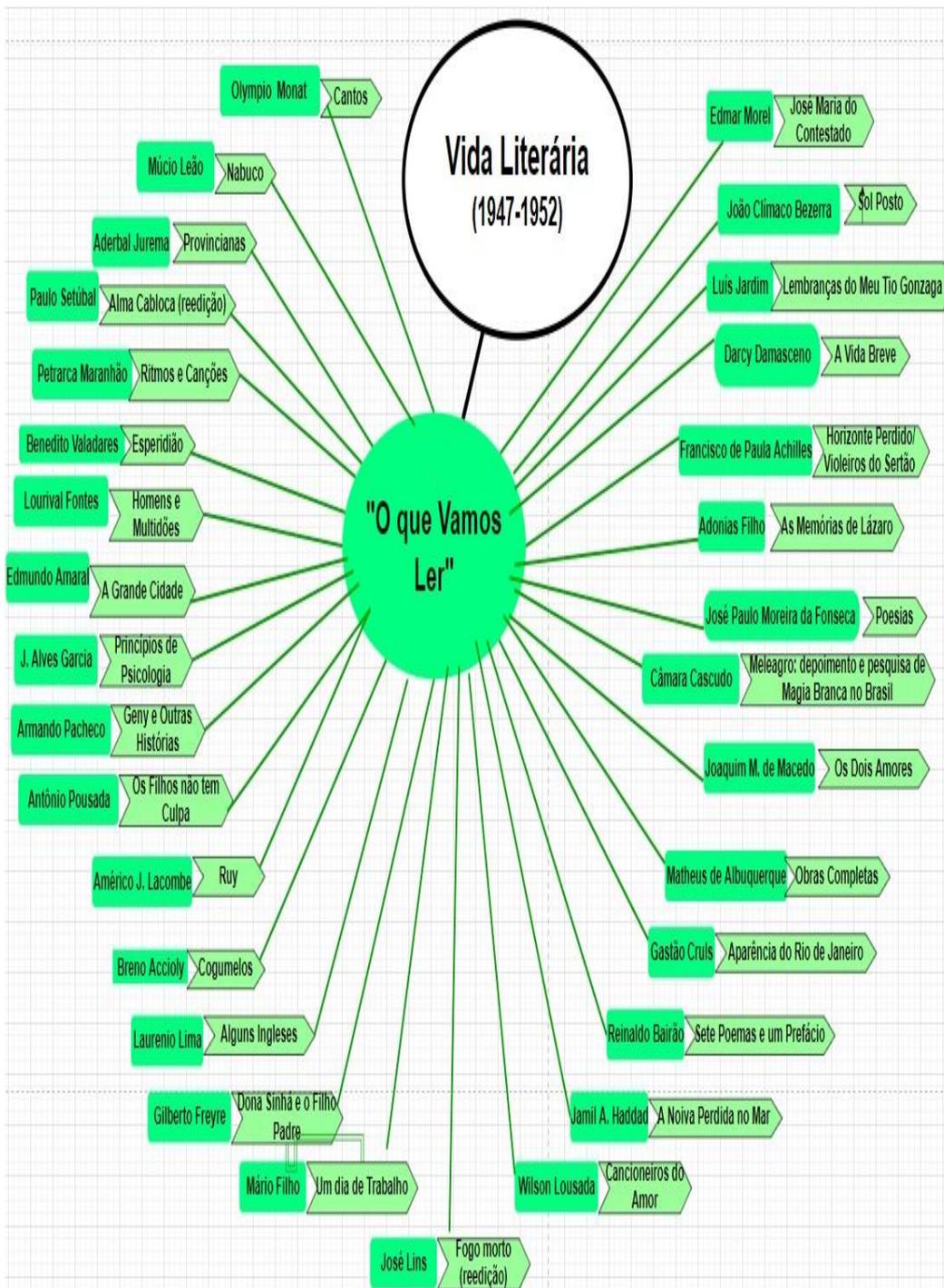


Figura 15 - Autores e obras citados na subseção *O que vamos ler*.

As redes mobilizadas na divulgação das obras e dos autores com pequenos comentários do editor José Condé evidenciam também uma diversidade nos gêneros literários, temas e autores de distintas posições políticas da *metrópole* e da *província*.

Em nossa análise da coluna, podemos afirmar que entre 1948 e 1950, com pequenos intervalos, José Condé despendeu grande esforço de sustentação e com

ampla vulgarização da “literatura provinciana” atingindo o auge. Já em 1951 houve a redução de uma página para uma coluna, como iniciara em 1946, e o editor subtraiu inúmeras subseções, restando uma seção chamada “7 Dias nas Letras” que se subdividia em: “Livros ingleses”, “Cinema e Literatura”, “Notas e Notícias”, “Atividades dos Escritores” e “Província e Literatura”.

Embora resumida, a coluna não mantinha as seções permanentes e algumas das antigas por vezes reapareciam em detrimento daquelas acima citadas. Talvez essa redução tenha sido provocada pelo envolvimento do próprio José Condé em outras práticas literárias, como na direção editorial do *Jornal de Letras*, ao lado dos irmãos, ou na publicação de seu livro *Histórias da cidade morta* (1951), que inclusive foi premiado com o “Fábio Prado”, como já sabemos. Também cogitamos uma formulação editorial que possa ter partido do próprio suplemento literário do *Correio de Manhã*, que passou a ser intitulado “Literatura e Artes”. Esse esvaziamento da coluna foi perceptível até o último aparecimento sob o título de “Vida Literária”, em agosto de 1952 e no mês seguinte com o título “Escritores e Livros”. José Condé permaneceu como editor até a sua morte, em 1971.

3.3. A Vida Literária passando entre os intelectuais

Um dos destaques da coluna eram as notas humorísticas a respeito do cotidiano dos intelectuais em suas respectivas *rodas literárias*. Os títulos das subseções davam indícios das *redes intelectuais*: “Porta de Livraria”, “Na Academia”, “Curiosidades” e “Nota Pítoresca da Semana”. Essas curiosidades diziam respeito aos assuntos mais particulares dos autores, como a quantidade de livros de suas bibliotecas (Francisco Campos tinha cerca de 50 mil volumes), mas também tratava de provocações políticas, pessoais e literárias.

Um desses episódios narrados por Condé envolvia o seu companheiro de redação e vizinho de coluna na página do suplemento literário, o poeta e crítico alagoano Lêdo Ivo. A provocação teria acontecido numa reunião social de intelectuais na qual “se destacavam os mineiros”, que se mantinham deslocados dos demais, conversando em voz baixa. Na hora de ir embora, o grupo ainda permanecera “longe dos demais pertencentes a outros estados”. Foi quando Lêdo

Ivo, segundo contava Condé aos seus leitores da coluna e aos fãs do próprio poeta, junto a dois outros escritores da região Nordeste, ao passar pelo grupo desferiu um comentário de modo provocativo: “– Não adianta, não adianta. O último movimento literário importante de Minas foi mesmo o da Inconfidência...”.¹³³

Evidenciava-se, mais uma vez, a disputa nas rodas literárias vivenciada pelo próprio Condé nos círculos literários da capital. Tais situações, por mais inocentes que possam aparentar, refletiam ou poderiam resultar em disputas por posições e cargos em jornais, nas revistas ou até em instituições, tendo em vista o mercado de trabalho tão restrito na capital. Não era apenas uma circunstância provocativa que ficava circunscrita àquele momento, ela reverberava nas redações, nos cafés, nos bares e em outros locais de *sociabilidade intelectual*, resultando em debates cheios de humor, mas que poderiam também causar desconforto e discussões.

Como caracterizou bem o sentimento intelectual, a romancista Dinah Silveira:

Os escritores discutem, brigam e se ressentem com mais facilidade do que outros, porque o que eles oferecem ao público é o verdadeiro sangue de sua alma. São pessoas muito sensíveis e, por mais que não aparentam, seu sofrimento fornece muito da matéria prima com que lidam (...).¹³⁴

Os debates acalorados acerca dos gostos literários ou das disputas políticas também podem aparecer nas crônicas ou em anedotas, sob o prisma da leveza e da descontração, mas também podem revelar disputas e afinidades entre os intelectuais. No entanto, os organizadores da obra *Histórias em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil, nos chamam atenção para o fato de a crônica ter como característica a “(...) cumplicidade construída entre o autor e o público quanto aos temas e questões a serem discutidos” (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p. 11).

E digo mais, já que no caso de José Condé supomos que havia uma cumplicidade desse colunista com os demais intelectuais que se tornavam personagens de suas crônicas e anedotas. Tal prática cultural pode ser caracterizada como *ação de mediação cultural*, que envolvia os autores e os seus

¹³³ CONDÉ, José. “Rivalidades da vida literária” (Vida Literária). In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 jun. 1951, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹³⁴ QUEIROZ, Dinah Silveira de. “Nunca mais, José Condé”. In: **Jornalzinho Pobre**. Transcrito no **Jornal do Brasil** em 07 out. 1971 (apud BARBALHO, 2017, p. 111).

públicos leitores e se utilizava de suporte midiático com ampla recepção pela sociedade leitora e até não pela não leitora. Nesse caso, revelamos mais uma faceta desse tipo de *intelectual mediador*, pois sua característica marcante nessa atuação é a de um divulgador das atualidades da sociabilidade de homens extraordinários no imaginário do leitor, desnudados pela publicização dos seus pormenores, fatos corriqueiros e, por vezes, envolvidos em sérias questões de envergadura nacional.

As anedotas, dependendo de seu teor conteudístico, revelavam pequenas tensões que indicam para os historiadores eventos e discussões políticos, sociais, econômicos e culturais mais amplos daquela sociedade, que poderiam afetar diretamente a atividade intelectual ou profissional daqueles homens de letras, muitos deles inseridos nas instituições públicas do Estado.

Na tentativa de fixar a crônica como gênero literário genuíno dos folhetins do século XIX, Antonio Candido (1992, p. 14) destaca que “o fato de ficar tão perto do dia a dia age como quebra do monumental e da ênfase”. E, geralmente, é tomada pelo humor e tem tempo de validade rápida por ser “filha do jornal e da era da máquina”, o seu consumo era diário e constante, o que requeria do editor da coluna, nesse caso José Condé, um bom repertório de anedotas e causos para escrever.

Na subseção “Porta de Livraria”,¹³⁵ que sugere que a conversa tenha sido desenrolada naquele local, Condé narrou mais um episódio cotidiano que revelava as ligações e os arranjos profissionais entre os intelectuais na burocracia estatal. Segundo Condé, o escritor e romancista Cyro dos Anjos, quando era presidente do IPASE,¹³⁶ comunicou ao chefe de uma seção que ele teria um novo funcionário recém-nomeado: o também romancista de sucesso e crítico literário Lucio Cardoso. Cyro dos Anjos salientou ao encarregado de recepcionar o novo funcionário e agora ilustre colega de trabalho e declarou que o escritor era “portador de um terrível complexo”, pois “sendo escritor não gosta de trabalhar, o que é uma injustiça”. Sendo assim, prosseguia Cyro dos Anjos, afirmando que Lucio Cardoso estaria aborrecido com tal preconceito e queria desfazê-lo o quanto

¹³⁵ CONDÉ, José. “Porta de Literária” (Vida Literária). In: **Correio de Manhã**, Rio de Janeiro, 30 nov. 1947, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹³⁶ Em fevereiro de 1938 foi criado o Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado (IPASE). A presidência desse instituto foi exercida por pessoas livremente nomeadas pelo presidente da República, geralmente intelectuais.

antes com o seu trabalho naquela autarquia. Segundo Condé, quando Cardoso deparou-se com as pilhas de processos sobre a sua mesa, “o primeiro exigia um parecer a propósito do material a ser empregado pelo IPASE na construção de um prédio no Recife”, Lucio Cardoso apresentou-se no dia seguinte: com o pedido de demissão.

O caso sem dúvidas rendeu risos e comentários mais diversos a respeito dos envolvidos na suposta porta da livraria e, mais ainda, aos leitores de Condé, o divulgador da anedota, que também nos revela como eram tecidas essas relações de amizade, que tinham como consequência o paternalismo ou filiação dentro das instituições que serviam de cabide de emprego entre a classe intelectual, mesmo que muitos deles não tivessem a capacidade técnica de ocupar tais cargos, conforme deixa subentendido a narrativa trazida ao leitor pelo cronista Condé.

Sem dúvidas que, para ter um acervo tão diverso de anedotas, José Condé deveria ter contatos próximos com aqueles intelectuais em momentos de descontração, em bares e cafés para tirar sua matéria-prima do dia a dia. E, “por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um” (CANDIDO, 1992, p. 14).

Sobre Astrojildo Pereira, que gozava “de grande prestígio nos meios intelectuais” e com quem Condé convivia no Café Vermelhinho e na época da *Revista O Cruzeiro*, confessou aos seus leitores, após breve descrição profissional do seu alvo, os laços de amizade entre os homens de letras em forma de homenagem:

Na vida prática, Astrojildo Pereira negocia com bananas. À propósito, é conhecida esta quadrinha do poeta Manuel Bandeira:

“Bananeiras – Astrojildo
[esbofa-se –
Plantae-as às centenas, às mil:
Musa Parasidíaca, a única
Que dá dinheiro nesse Brasil.¹³⁷

O que queremos enfatizar é esse tipo de encontro, da valorização da cotidianidade com a forma de narrativa das crônicas, das anedotas e tiradas que José Condé escrevia em algumas de suas subseções soltas na coluna “Vida Literária”. Aliás, a vida cotidiana dos intelectuais era captada pelo próprio

¹³⁷ CONDÉ, José. *Curiosidade*. In. Vida Literária, **Correio de Manhã**. Rio de Janeiro, Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 11 de Agosto de 1946.

colunista nos locais de convivência intelectual e através de conversas de amigos que presenciavam anedotas, rusgas e situações corriqueiras envolvendo grandes nomes da cultura brasileira do período.

Em destaque na coluna, o polêmico Marques Rebelo era um dos mais citados nas subseções por Condé. Em junho de 1946, o colunista abria sua seção dando destaque escritor de sucesso, que regressava de Buenos Aires, onde realizara conferências. Condé assim narrou um episódio do romancista e crítico:

(...) doido, porém, pelo *ar da rua* e pelas *novidades de porta de livraria*. [...]

Farejou os boatos, tomou conhecimento de outras tolices praticadas pelos inimigos e, como se já não pudesse continuar calado por mais tempo, desabafou diante do primeiro sujeito que viu: “- Arre! Do Monteiro Lobato já ficamos livres... Buenos Aires que o agente, agora.”¹³⁸

Marques Rebelo não era somente um autor de muito sucesso na literatura. Ele era conhecido nos ambientes literários e culturais da cidade por suas polêmicas com os demais homens de letras, por sua maneira sarcástica e crítica acerca das pessoas e/ou suas obras. Não importasse o seu oponente, Condé narrava que Marques Rebelo era um homem inquieto que, “na rua, na José Olympio e nos cafés onde se reúnem os literatos, tudo vendo e comentando – espalhando um complicado rastro de simpatia e antipatia a um só tempo”.¹³⁹

Se Marques Rebelo, que era seu amigo de redação desde a época do *Dom Casmurro* (do qual era redator-chefe) e muito próximo a João Condé, destacava-se pelo humor corrosivo, José Condé aproveitava o que ouvira falar de terceiros ou do próprio Rebelo naqueles ambientes e divulgava aos seus leitores a diversão em forma de anedotas: “De Lúcio [Cardoso] surgiu anos depois o romance “Dias perdidos” e o Marques jogou esta: “- Dias Perdidos? Pelo leitor ou pelo autor?...”.

Como mostra Condé, nem mesmo um autor consagrado literariamente era unanimidade entre os intelectuais e as anedotas revelavam os desafetos. Sobre o poeta Augusto Frederico Schmidt e o seu livro recém-lançado, José Condé presenciou certa vez a seguinte crítica:

Há poucos dias, Marques Rebelo me mostrou a edição de luxo do livro de Augusto Frederico Schmidt, “Canto da Noite”.

¹³⁸ CONDÉ, José. “Regressou Marques Rebelo” (Vida Literária). In: **Correio de Manhã**, Rio de Janeiro, 23 jun. 1946, grifos meus, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹³⁹ CONDÉ, José. “Regressou Marques Rebelo” (Vida Literária). In: **Correio de Manhã**, Rio de Janeiro, 23 jun. 1946, grifos meus, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

- Está vendo? Não é uma beleza de edição? Olha o papel, as ilustrações do Santa, a apresentação gráfica...
- Fez uma careta e atirou longe o cigarro:
- É pena que um livro assim tão bonito seja do Schmidt...¹⁴⁰

É interessante perceber que num pequeno texto que trazia a notícia de uma viagem externa de um escritor como Marques Rebelo, Condé também descrevia e narrava episódios da vida cotidiana. Até atuando como cronista, Condé contribuía com uma maior divulgação da literatura, pois citava as obras e os seus autores e revelava os indícios de uma recepção crítica e ácida no mundo literário que estava longe de representar uma rede intelectual harmoniosa. Contudo, quem atirava frases sarcásticas e, por vezes, corrosivas na visão de muitos homens de letras também não poderia esquivar-se de homens que têm o dom da escrita e da fala. O editor da coluna entrava nessa operação de mostrar esse “diálogo” desafetuoso naquela comunidade tão restrita. Na mesma página, o editor José Condé escreveu uma pequena nota intitulada “O romancista desce”: “Quando apareceu o romance de Marques Rebelo, “A Estrela Sobe, Oswald de Andrade comentou: - “A Estrela sobe e o romancista desce...”¹⁴¹.

As estruturas de textos, sejam eles anedotas ou crônicas, requerem um exercício do historiador que é o jogo do olhar micro-macro e macro-micro, a fim de identificar as questões discutidas por aqueles atores sociais e que são alvos de análise do próprio historiador. Como bem salientam os autores Sidney Chalhoub, Margarida de Sousa Neves e Leonardo Pereira (2005, p. 12), recentemente a crônica vem ganhando reconhecimento e espaço “como campo de experimentação literária como testemunho de um tempo vivido”.

Para o autor da coluna e daquelas crônicas, cabe-lhe a alcunha de intelectual que faz *mediação cultural*, já que a crônica tem grande potencial de penetração no imaginário do leitor e seu texto fluido e anedótico contribui para a formação de um público leitor de literatura:

Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas (CANDIDO, 1992, p. 19).

¹⁴⁰ CONDÉ, José. “Regressou Marques Rebelo” (Vida Literária). In: **Correio de Manhã**, Rio de Janeiro, 23 jun. 1946, grifos meus, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹⁴¹ CONDÉ, José. “Vida Literária”. In: **Correio de Manhã**, Rio de Janeiro, 11 ago. 1946, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Sidney Chalhoub, Margarida de Sousa Neves e Leonardo Pereira (2005) também ressaltam como característica da crônica a intervenção na realidade imediata, o que reverberava com maior rapidez as discussões nos meios literários, nas redações dos jornais, nas revistas e nos cafés pela cidade, que podem revelar as teias de uma rede intelectual e suas filiações ou de desafetos em movimento ou circulação, como vimos.

Quando José Condé escondia-se atrás do pseudônimo de Mr. Chips para escrever as crônicas sociais e também literárias, ele inspirava-se em cronistas de peso, como os poetas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, e em seus contemporâneos Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga, esse último mestre da crônica humorística e muito amigo de João Condé, alvo de seus *Arquivos Implacáveis*, como já comentamos em capítulo anterior desta tese.

Antonio Candido (1992, p. 17) informa que, a partir de meados dos anos 1940, esses autores passaram a escrever em seus respectivos suplementos literários um tipo de crônica que foi abandonando um estilo mais “argumentativo e expositivo” e passou a ser um estilo mais despojado, virando uma “conversa aparentemente fiada”.

Na subseção “Nota Pitoresca da Semana” Condé trazia ao seu leitor informações das atividades ou dos trabalhos antigos praticados pelos autores para a sua sobrevivência, antes de viverem “da pena”, bem como as passagens engraçadas em torno da escrita de uma obra, as situações embaraçosas entre os intelectuais brasileiros e estrangeiros ou desses com os leitores etc. Ao narrar esses episódios, Condé transformava aquelas dificuldades em peças de humor: “Em 1929, Érico Veríssimo era farmacêutico em Cruz Alta, RGS, sua terra natal. Lia Ibsen e desesperava quando surgiu um freguês solicitando um remédio. Resultado: a farmácia faliu – mas a literatura brasileira ganhou um romancista”.¹⁴²

Em meados de novembro de 1947, Érico Veríssimo, da Livraria e Editora Globo, desfrutava de um grande prestígio, pois o livro *Olhai os lírios do campo* a adaptação argentina ao cinema estreava no Brasil e estava sendo lançado a sua 13ª edição, alcançado a marca impressionante de 62.000 exemplares vendidos – além das traduções para o espanhol e para o inglês. Ou seja, em torno de um sucesso de

¹⁴² CONDÉ, José. “Nota Pitoresca da Semana” (Vida Literária). In: **Correio de Manhã**, Rio de Janeiro, 30 nov. 1947.

um autor consagrado pelo público e por seus pares, José Condé aproveitava o sucesso para fornecer ao seu leitor e ao leitor do escritor famoso todos os detalhes da vida cotidiana. Ou seja, era uma estratégia de mão dupla, que movimentava a cultura literária do suplemento e a própria convivência intelectual nos espaços de sociabilidade.

Nesse sentido, nada mais apropriado do que a denominação da coluna de Condé: “Vida Literária”. O que ele procurou passar em sua coluna foi a pulsação da literatura e os seus agentes na labuta, no ócio, nas disputas, nos ambientes e nas tiradas da convivência em grupos. O cronista mostrou as afinidades e os debates e forneceu ao seu leitor as miudezas cotidianas daqueles que escreviam obras primas da literatura ou outras práticas culturais relevantes na história literária do Brasil daquelas décadas.

3.4.

“Em torno do crítico vivem e morrem as suas esperanças”: o crítico José Condé

A frase enfática de José Condé nos dá a dimensão do poder de um crítico acerca de sua avaliação de um autor e de sua obra. José Condé, que praticava as duas atividades – a de escritor e a de crítico literário, sabia bem o que era estar nas duas situações. O editorial no qual a oração estava escrita refletia sobre a influência do crítico literário “no espírito do leitor”¹⁴³ e, respectivamente, na venda ou não de um livro.

Ao longo do texto intitulado “Capítulo pitoresco”, Condé explicava ao seu leitor os aspectos dessa dupla dimensão da prática literária (de crítico e de escritor), especialmente sobre as experiências de um escritor à procura de uma boa avaliação de um crítico. Esse movimento iniciava-se já no momento da escrita de seu próprio livro, quando o escritor antes mesmo de imaginar um público leitor ou um editor pensava amarguradamente em quem avaliaria a sua obra criticamente. Na insegurança da escrita, o futuro escritor temia a recepção avaliativa, que poderia convencer qualquer editor a publicar ou não o livro, mesmo que este nem sequer lesse os originais, caso um crítico de peso desse um aval positivo sobre a obra. Era uma questão de sobrevivência ou morte para o escritor na vida literária.

¹⁴³ CONDÉ, José. “Capítulo pitoresco” (Vida Literária). In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 02 jun. 1946, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Por isso, segundo José Condé, o escritor deveria seguir algumas estratégias para conseguir seu lugar naquele restrito mundo letrado. Escolhido o crítico-alvo, o candidato deveria apresentar sua obra com uma boa dedicatória com frases “redondas e bonitas cheias de fé e ansiosas de justiça”. Outra artimanha era mais audaciosa e consistia na perseguição ao crítico nos espaços frequentados ou recorrendo a cartas de apresentação “como se estivesse em jogo algum possível emprego público”.

No entanto, todas essas artimanhas descritas por José Condé poderiam ser frustradas caso o crítico não lesse, não o indicasse a algum editor ou deixasse de publicar sua opinião positiva em alguma mídia que desse visibilidade à obra e ao autor.

Para finalizar seu texto editorial, Condé narrou um episódio com “sabor de anedota” no qual exemplificou a situação dos muitos escritores jovens e/ou da província que ele tanto ajudava como crítico literário e como divulgador geral de suas produções:

Contam que certo escritor mineiro o um fazendeiro criador de poemas e de galinhas – enviou seu livro de estreia ao crítico Tristão de Athayde. Acompanhando o livro vinha um embrulho. E dentro do embrulho um saco. Ao abri-lo, o sr. Tristão de Athayde parou espantando: continha nada menos que alguns pés de alface, algumas aboboras, quiabos, maxixes, bananas e laranjas...¹⁴⁴

Embora fosse um editorial que discutisse a relação escritor-crítico, queremos destacar as características desse tipo de narrativa, típica dos rodapés que oscilavam entre a crônica e a crítica, no cultivo da eloquência a fim de cativar e convencer o leitor da coluna.

O texto deixa claro o poder que um crítico tinha sobre a produção literária naqueles anos. Além de editor de uma seção de livros que organizava a distribuição das obras expostas ao público, José Condé assumia outra *prática cultural*, de maneira que podemos configurá-lo na categoria de *intelectual mediador*, com enorme influência entre intelectuais na atividade de crítico literário.

A dedicatória é um índice interessante para perceber concretamente os elos ou *nós* de uma *rede de sociabilidade* fortalecida pelo interesse dos editados, que

¹⁴⁴ CONDÉ, José. “Capítulo pitoresco” (Vida Literária). In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 02 jun. 1946, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

almejavam ter sua obra divulgada num dos principais suplementos literários do país. Segundo dados levantados por Edson Tavares Costa (2013, p. 144), dos 1.770 exemplares de livros da biblioteca particular de José Condé, 662 têm dedicatória autografada:

Os autógrafos revelam-nos, com certa clareza, a ligação social, profissional, literária de Condé com uma gama de escritores, que, ao lhes oferecer um exemplar de sua obra (ou de outrem), exprimiam, invariavelmente, sob a forma de dedicatória, juízos sobre o romancista, pistas sobre o relacionamento existente entre eles, bem como o papel de Condé como divulgador literário.

Primeiro, o que queremos destacar é que aqueles foram anos importantes para a criação literária, acelerada pelo ritmo industrial da imprensa. Podemos afirmar que a crítica de rodapé atingia seu auge nos suplementos literários dos jornais. Nesse sentido, essa prática literária bastante relevante colocava José Condé como um importante interlocutor entre os escritores e produtores de literatura, especialmente entre os jovens da *província*. Ou seja, nesta parte do capítulo temos a intenção de analisar sua prática de *mediação* entre escritores e os públicos leitores da coluna e das obras divulgadas, uma vez que o seu julgamento interferia nas escolhas destes últimos e poderia potencializar as vendas dos livros, como bem enfatiza Adélia Bolle (1979, p. 24):

O aparecimento de um livro e do comentário subsequente era um acontecimento social, e a crítica, sendo uma atividade de homens cultos, sem cunho necessário de especialistas, um ato de sociabilidade. Depois do espigão dos anos 40, ela passa por um processo de especificação, mas antes o autor estava mais perto do público e o crítico era uma espécie de mediador.

O crítico literário não era apenas um divulgador de produtos simbólicos, por si só uma ação muito significativa no mundo das letras, mas também exercia a atividade pedagógica de explicar ao seu leitor (e potencial leitor do autor em questão) as nuances do objeto literário, interpretar as intenções do escritor e elucidar ao seu leitor-consumidor as questões literárias e estéticas em torno da obra. Por isso, ao qualificarmos José Condé como *intelectual mediador* (criador e intermediário), estamos nos associando ao conceito tal qual compreende o historiador francês Jean-François Sirinelli (1998, p. 261):

Sob esta classificação podem estar reunidos tanto os criadores como os “mediadores” culturais: à primeira categoria pertencem os que participam da criação artística e literária ou no progresso

do saber, na segunda juntam-se os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber.

Em sua prática intelectual de crítico, José Condé contribuía mais diretamente na difusão e na vulgarização dos bens culturais e literários, mesmo não tendo a formação acadêmica de crítico – embora essa não fosse uma prerrogativa para tal função na década de 1940.

Edson Tavares Costa (2013, p. 81), em minuciosa pesquisa que resultou na sua tese de doutorado, procurou explicar a ausência do nome de José Condé nas obras de crítica literária e de história da literatura contemporânea, apesar da sua longa trajetória enquanto crítico num dos principais jornais da cidade do Rio de Janeiro:

Apesar de não ter uma formação acadêmica como crítico literário, suas opiniões e sugestões literárias tinham o poder de catapultar a obra de qualquer escritor, que precisasse de visibilidade. Por isso, o colunista era frequentemente assediado por aqueles que tinham algum trabalho a mostrar.¹⁴⁵

Como bem indica Tavares Costa, não possuir formação acadêmica em alguma das então recentes Faculdades de Letras parece ter sido a causa da ausência de José Condé como referência na historiografia e na literatura após o intenso debate nos anos 1950 entre os críticos bacharéis e os críticos das recentes criadas academias.

A discussão tornou-se personalizada nas figuras de Álvaro Lins, representante máximo de uma tradição bastante antiga, que era dos rodapés dos periódicos, e o crítico Afrânio Coutinho, ferrenho defensor de uma crítica literária especializada e produzida sob os critérios acadêmicos. Naquela disputa por espaço, críticos catedráticos como Antonio Candido, Sérgio Buarque de Holanda e o próprio Afrânio Coutinho acabaram superando, ao longo dos anos 1950, a produção nos suplementos dos jornais – a crítica de rodapé –, embora esta nunca tenha deixado de existir e de ter um papel importante.

Tavares Costa também deixa claro que tal ausência não impediu que José Condé ocupasse um lugar central na dinâmica de divulgação e de reconhecimento de obras literárias de “qualquer escritor”, inclusive daqueles já consagrados, como

¹⁴⁵ Para Alzira Alves de Abreu e Plínio de Abreu Ramos (1996, p. 36), “(...) o crítico de jornal indicava tendências, ajudava os jovens a ingressar no meio literário”.

Jorge Amado, antigo colega de redação do *Dom Casmurro*. José Condé assim avaliou o livro *Seara Vermelha*, na subseção “Livros da Semana”:

O conhecido escritor, sem dúvida um dos mais importantes da nossa literatura, embora insistindo em confundir literatura com propaganda política, realizou com “Seara Vermelha” um romance que contém as mesmas qualidades e a mesma força dos seus melhores livros de ficção.¹⁴⁶

Por ter atuado em um dos principais jornais do país – o *Correio da Manhã*, José Condé pode ser considerado personagem inserido no debate daquele momento (e de longa data) sobre as tensões que envolviam o *status* atribuído ao crítico acadêmico frente à certa subalternidade conferida àqueles então chamados de críticos de rodapé:

(...) percebe-se em meados da década de 40 uma tensão cada vez evidente entre um modelo de crítico pautado na imagem do “homem de letras”, do bacharel, e cuja reflexão, sob a forma de resenha, tinha como veículo privilegiado o jornal, e um outro modelo, ligado à “especialização acadêmica”, o crítico universitário, cujas formas de expressão dominantes seriam o livro e a cátedra (SUSSEKIND, 1993, p. 13).

Nesse ponto, é importante frisar que José Condé não era um crítico de profundidade de análise, como eram Álvaro Lins e Adonias Filho, que faziam estudos densos sobre obras e estilos de autores. Condé assumia um vácuo nas páginas do suplemento literário do *Correio da Manhã*, trabalho que demandava divulgação de muitos livros de todo o país e do exterior. Como frisou Adélia Bolle (1979, p. 33):

É claro que para isso se fazia necessário uma visão geral da literatura, não apenas da época presente e nacional, mas também do passado e universal – que fornece critérios para a formação do gosto.

Eram demandas de públicos leitores distintos, mas não menos importantes e que atendiam às exigências (entretenimento, leitura fácil e convencimento rápido) em “um diálogo estreito com o mercado, com o movimento editorial seu contemporâneo” (SUSSEKIND, 1993, p. 15). Portanto, argumentamos que o tipo de crítica literária feita por José Condé não o colocava em menor nível de

¹⁴⁶ CONDÉ, José. “Vida literária”. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 nov. 1946, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

responsabilidade profissional que o do crítico Álvaro Lins ou de outros *críticos-scholar*.

Ao analisarmos a sua documentação pessoal, é possível perceber que Condé tinha uma demanda semanal frenética de obras a serem avaliadas, mesmo que brevemente, e divulgadas em sua coluna. Isso nos revela que ele também tinha um imenso acúmulo de informações sobre o mercado internacional de livros e do movimento literário externo e que estava ciente da necessidade de fortalecer e colocar em evidência toda uma produção literária que ficava obscurecida pelo fato de ser nacionalmente produzida e geralmente discutida apenas no interior do país. Com isso, ele também expôs os contatos e as trocas intelectuais intensas com diversos escritores de todas as regiões do Brasil, especialmente com os intelectuais e mídias de sua *província* natal: o estado de Pernambuco.

As *ações mediadoras* da crítica e da edição da seção “Vida Literária” tomavam uma dimensão política. Elas permitiam concretizar uma maior integração entre a *província* com as suas rodas literárias e produções de revistas e livros que ganhavam uma maior divulgação no grande centro político, econômico e cultural: a cidade do Rio de Janeiro.

Numa das subseções que trazia notícias, publicações e entrevistas sobre a produção provinciana, como a “Notícias da Província”, José Condé concedia espaços para as vozes daqueles escritores:

Esteve nesta capital o poeta Duarte Netto, uma das vozes representativas da *nova geração* de poetas pernambucanos. Fala-nos sobre o movimento literário na província, disse-nos, em rápida palestra:

- Dado o intercâmbio existente entre os meios literários do Rio e Recife, nada posso adiantar que seja novidade. Ali o chamado movimento literário, pela falta natural de meios de expressão adequados, faz-se mais em torno de certas figuras consagradas, nas manchetes dos suplementos e nas revistas “*Arquivos*” e “*Nordeste*”. Dois livros estão sendo esperados com grande interesse: *Elegias e Outros Poemas*, de Mauro Mota, e *Palhano*, livro de estreia de José L. de Mello.¹⁴⁷

Tal intercâmbio revelado pelo poeta foi fortalecido ainda mais pelos irmãos Condé, cada qual com os seus projetos literários e culturais ou atuando coletivamente, como por exemplo na edição do *Jornal de Letras* que foi, sem

¹⁴⁷ CONDÉ, José. “Notícias da Província” (Vida Literária). In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 fev. 1950, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

dúvidas, a consolidação maior de um projeto político-cultural já empreendido por eles em favor da literatura brasileira, embora não sejam reconhecidos pelas historiografias dos intelectuais ou da literatura brasileira.

Nessa perspectiva, comungamos da ideia de que havia entre os chamados intelectuais provincianos uma afinidade de origem geográfica devido à situação de decadência material pela qual passaram os filhos dessas oligarquias regionais, causando “experiências de intimidação social”, como definiu Sérgio Miceli (2001, p. 163). Tais “estruturas de experiências” (WILLIAMS, 1979, p. 134)¹⁴⁸ impactaram na trajetória, pautaram as ações intelectuais dos irmãos Condé e definiram o engajamento de valorização da produção intelectual provinciana. Edson Tavares Costa (2013) destaca o apego e o afeto de Condé em relação à sua terra natal alimentados pelas lembranças selecionadas pela memória cheia de elementos que estruturam os sentimentos do autor como a saudade, a nostalgia, a solidão e a timidez do romancista.

Como já discutimos, José Condé era amigo do crítico literário Álvaro Lins, já muito respeitado pelos demais críticos da cidade, conterrâneo e seu contemporâneo e através do mesmo conseguiu integrar-se na redação do *Correio da Manhã* como crítico em sua coluna “Vida Literária”. Essa relação fraternal iniciara-se ainda em Caruaru quando, relatou Lins: “Vi-o menino, ainda de calças curtas, as voltas com um jornal manuscrito na nossa cidade do interior de Pernambuco, já com a ideia de ter um dia um jornal de verdade”.¹⁴⁹

Mesmo depois da migração de José Condé com o seu irmão João Condé para a cidade do Rio de Janeiro, em meados dos anos 1930, Álvaro Lins acompanhava da cidade de Recife a trajetória e as atividades intelectuais de José nas revistas, nos suplementos, nos diários, escrevendo crônicas, elaborando inquéritos e entrevistas e “movimentando a vida literária”.¹⁵⁰

¹⁴⁸ Raymond Williams amplia o sentido do conceito de estrutura, tido como material e rígida, para uma visão mais fluída das relações humanas entre as práticas e os sentimentos dos homens em sociedade em suas relações em tensões diversas: “(...) elementos especificamente afetivos da consciência e das relações, e não de sentimento em contraposição ao pensamento, mas de pensamento tal como sentido e de sentimento tal como pensado: a consciência prática de um tipo presente numa continuidade viva e inter-relacionada”.

¹⁴⁹ LINS, Álvaro. “Histórias da Cidade Morta” (*Jornal de Crítica*). In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 jun. 1952, p. 2, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹⁵⁰ LINS, Álvaro. “Histórias da Cidade Morta” (*Jornal de Crítica*). In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 jun. 1952, p. 2, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

No entanto, Lins parecia fazer questão de manter uma visão imparcial perante os demais críticos sobre os livros de contos e romances de conterrâneos seus, alegando que a proximidade de amizade o impediria de construir julgamentos isentos, apesar de Álvaro Lins admirá-lo enquanto escritor e jornalista (COSTA, 2013, p. 81). Foi nesse tom que o “imperador da crítica”, tal como era reconhecido pela intelectualidade dos anos 1940 e 1950, escreveu sua análise crítica extensa acerca do romance *Histórias da cidade morta*, em sua famosa coluna “Jornal de Crítica”, assegurando ao seu público leitor que: “É, assim, José Condé uma das mais puras vocações literárias que conheço entre nós (...)”.¹⁵¹

Receber esse tipo de crivo de um crítico reconhecido e respeitado por seus pares naquele momento representava ter uma chancela de sucesso literário perante o público e o mercado editorial e firmar-se de vez nos meios intelectuais concorridos da capital, como analisamos no início desta seção do capítulo.

A antropóloga Simone Silva (2008), ao analisar as relações entre os intelectuais das rodas literárias em São Paulo em torno de Mário de Andrade e a roda de Maceió, sob influência de José Lins do Rego, as críticas de amigos em relação às obras ficavam mais restritas ao âmbito das cartas trocadas privadamente e nos prefácios encomendados. Contudo, afirma a autora: “O texto publicado era antes de tudo um contradom, e não simplesmente um cumprimento do exercício profissional” (Ibidem, p. 195).

Ao que parece, o crítico e escritor José Condé entendia as limitações éticas do amigo e companheiro profissional do *Correio da Manhã*. No entanto, Álvaro Lins reconhecia também as múltiplas atividades literárias com as quais José Condé sempre esteve envolvido:

(...) uma parte do seu tempo na vida literária dedica-o aos seus próprios escritos, outra grande parte emprega-o, porém, na divulgação dos seus colegas em noticiários, entrevistas e crônicas como no trabalho de criar instrumentos e órgãos de imprensa para valorizar a nossa literatura, no que já conta com toda uma série de empreendimentos culminados no *Jornal de Letras*, que fundou e dirige com os irmãos Elísio e João Condé.

¹⁵¹ LINS, Álvaro. “Histórias da Cidade Morta” (*Jornal de Crítica*). In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 jun. 1952, p. 2, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Contudo, nem sempre foi assim. Para galgar esses espaços, José Condé passou de admirador dos intelectuais e dos espaços de sociabilidade frequentados por eles no centro da cidade a conviver com eles e a intermediar suas obras aos leitores, principalmente como crítico literário. O crítico também buscava ampliar ou manter seu público leitor interessado em sua seção. Ele estava sempre em uma situação arriscada e equilibrada entre público, escritor e leitor, o que nos faz caracterizá-lo como *intelectual que faz mediação cultural*. Esse cuidado é perceptível ao analisarmos os textos das primeiras seções de “Vida Literária”, nos quais José Condé buscava a chancela de outro crítico sobre uma obra que ele mesmo comentava de maneira judicativa.

Sobre o lançamento do livro *Poesias*, do pernambucano Antônio Rangel Bandeira, Condé apresentou a divisão interna da obra e, em seguida, classificou o poeta como sendo “(...) da nova geração de poetas brasileiros” e acrescentou o comentário: “O nome deste poeta – disse um crítico – deve ser cuidadosamente guardado por quanto se interessam verdadeiramente pela poesia”.¹⁵²

Essa também pode ter sido uma estratégia do colunista, que recebia uma considerável quantidade de livros de autores de diversas partes do país e que provavelmente não tinha tempo hábil de lê-los em dois dias, intervalo em que “Vida Literária” era inicialmente editada no jornal, antes de ser publicada aos domingos no suplemento literário.

Outra maneira que ele encontrou para dar conta dessa demanda foi citar trechos dessas obras. Seja como fosse, nessas duas ações havia o emprego de uma sensibilidade intelectual e da responsabilidade nesse juízo de valor. Portanto, destacando trechos ou enfatizando a opinião de outro intelectual, Condé estava agindo como *mediador* em duas práticas significativas no mundo letrado: editoria¹⁵³ e crítica. Mesmo que em textos breves, o editor da seção empregava sempre os verbos no imperativo ou utilizava adjetivos pomposos, dirigindo o gosto do leitor sobre uma obra ou sobre um autor. Ainda assim, José Condé não se via como crítico literário e o cânone também o marginalizou ao longo do tempo, como bem demonstrou Edson Tavares Costa (2013). Tanto é que, após um ano da

¹⁵² CONDÉ, José. “Vida Literária”. In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 maio 1946, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹⁵³ A editoria é uma prática mediadora intelectual fundamental porque o editor transforma um texto em objeto, ao manipulá-lo com o objetivo de atingir uma maior difusão. Essa ação requer do indivíduo também um conhecimento técnico e sensibilidade às demandas do mercado impresso em geral.

seção, no balanço anual sobre a literatura, Condé enfatizou a negação de sua própria prática enquanto crítico:

Vale a pena repetir mais uma vez: esta seção não tem nenhum caráter crítico. Visa um único objetivo: informar. E nesse sentido tem ela se mantido há quase um ano. *Informando sem paixão, sem espírito de grupo*. Por aqui *desfilaram entrevistas com escritores*, notas sobre os principais acontecimentos da vida literária.¹⁵⁴

A crítica, seja ela qual fosse, era uma intervenção no meio cultural e intelectual. Era mais ainda potencializada quando escrita em linguagem acessível, didática e objetiva nas colunas dos suplementos e poderia guiar o indivíduo na leitura de uma obra. Dessa maneira, Condé possibilitava um encontro entre o texto, o livro e a leitura, ou seja, garantindo que o livro como mercadoria intelectual fosse difundido, recebido e lido por um público cada vez mais amplo e diversificado (CHARTIER, 2001, p. 48).

Algumas das subseções que serviam de suporte aos textos críticos de José Condé foram: “Nome da Semana” ou “Autor da Semana”; “Um Autor por Semana”; “Galeria dos Novos”; “Revistas Literárias” e “Guia do Leitor”. Esta última, iniciada a partir de 1949, era utilizada “como um guia de boa leitura” pelo qual o leitor da coluna teria acesso a uma breve biografia dos 10 melhores autores do romance mundial escolhidos pelos “nossos melhores ensaístas, poetas e ficcionistas”. Esse tipo de enquete influenciava muito o leitor da coluna, pois levava em conta a avaliação feita por autores consagrados da literatura brasileira. Com isso, o editor da coluna ajudava a movimentar o mercado editorial, que poderia reeditar as obras daqueles autores escolhidos ou alavancar as vendas de outras que estavam encalhadas nas prateleiras das livrarias, ainda mais num contexto de crise do papel no pós-guerra.

¹⁵⁴ CONDÉ, José. “Balanço de 1946” (Vida Literária). In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 dez. 1946, grifos meus, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

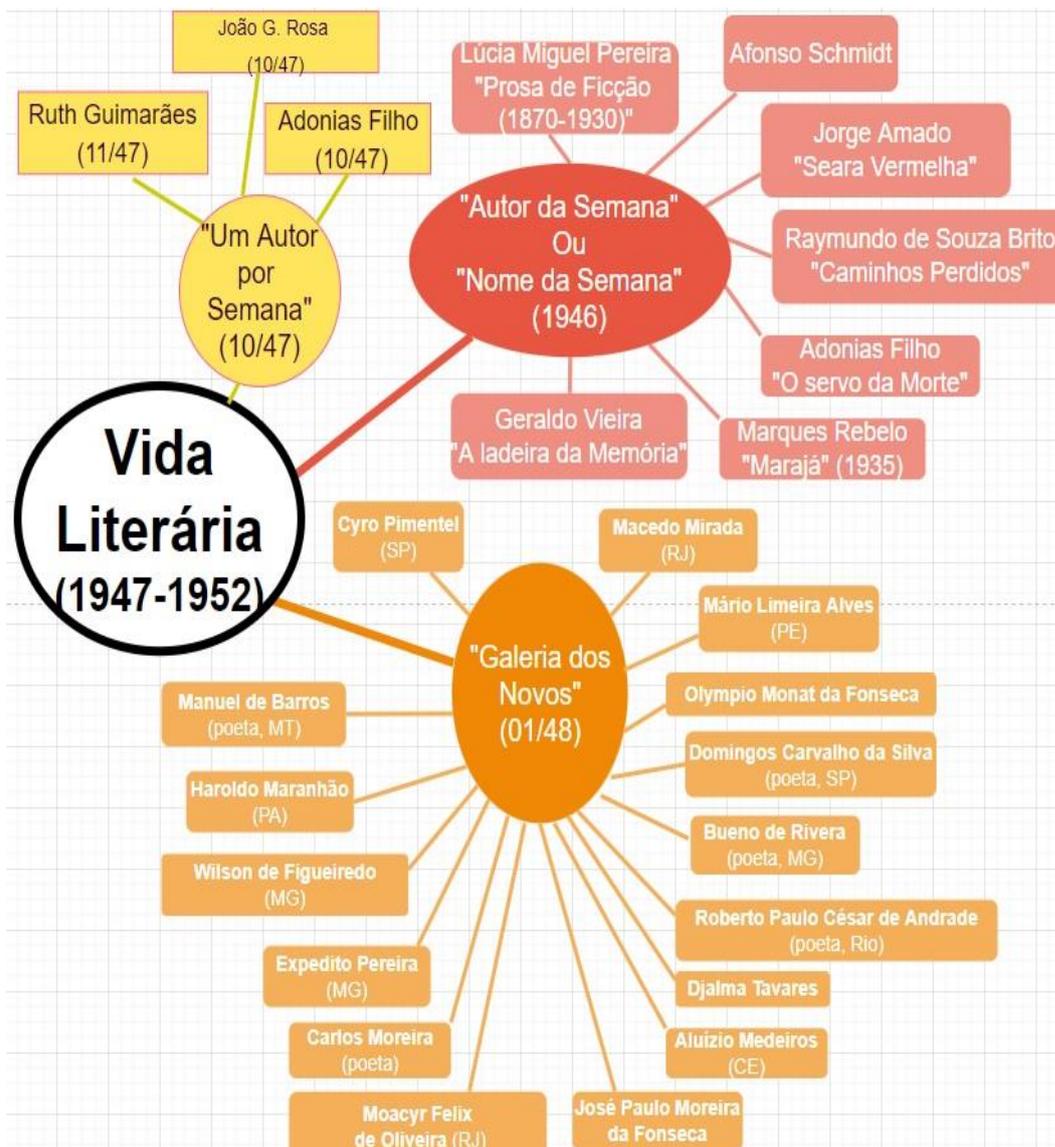


Figura 16 - Crítica Literária: Organograma parcial de subseções com autores, suas obras e províncias.

O destaque da rede ilustrada na Figura 16 está, sem dúvidas, em torno da “Galeria dos Novos”. Como já vimos, um dos propósitos do colunista era divulgar a produção nos novatos, principalmente de outros estados, a fim de incentivar a criação literária local pelo Brasil afora. Essa subseção tratava de apresentar o autor/autora para o público leitor: de onde era, se contribuía para algum periódico local, se já tinha escritor outra obra, suas influências e estilo. Enfim, era uma “fotografia” desses intelectuais, que estava sendo exposta numa grande vitrine da literatura por via da seção “Vida Literária”, do respeitado suplemento literário do *Correio da Manhã*.

Quando um colunista como José Condé divulgava um lançamento de uma obra individual ou coletiva, não era somente o nome do autor que ganhava relevo através naquela mídia, mas também inúmeros outros profissionais e agentes ligados ao mundo do impresso e do mercado editorial ficavam em evidência. Desse modo, a escolha do editor Condé em “o que”, “quem” e “como” divulgar representava, por vezes, interesses afetivos para além do compromisso profissional e até político.

Segundo uma enquete realizada pelo editor da seção perante a opinião dos seus leitores sobre os melhores escritores do ano de 1946, Condé diagnosticou dois dados interessantes. O primeiro foi que os considerados grandes escritores não produziram obras de relevo como antes, ao passo que houve uma valorização desses leitores em relação à produção dos novos escritores, com destaque para: o poeta Lêdo Ivo; o romancista e crítico literário Adonias Filho; Clarisse Lispector; o poeta Antônio Rangel Bandeira; Rute Guimarães e, com grande destaque para João Guimarães Rosa com *Sagarana*. Ele se posicionou de modo engajado numa discussão em torno de uma diferenciação entre gerações estilísticas e na defesa dos novos:

Desejamos apenas salientar esta coisa: o aparecimento de novos escritores constituiu o grande mérito literário dos últimos meses de 45 e dos primeiros de 46. Por isto mesmo não estamos de acordo com aqueles que declaram ter sido fraco o movimento literário. *O que vivemos é um período de transição. Estamos na expectativa de uma completa renovação de valores e de posições.* Transposto o modernismo, já muito bem realizado o papel dos grandes escritores que surgiram em 1930 – vamos procurar outros caminhos.¹⁵⁵

O que parece ficar claro é que Condé pertencia ao grupo de intelectuais que fazia um esforço de diferenciar a sua *geração literária* de uma anterior, da qual era devedora, e que abrisse as veredas para os jovens de 1945. Como salientou o historiador francês Philippe Ariés (1997, p. 353), fixar uma geração soa arbitrário, porque requer do cientista social uma análise dos discursos dos pretensos renovadores ou dos detentores de uma determinada tradição, geralmente autorrepresentados como autoridades. No entanto, o historiador pode balizar sua análise nos eventos que marcaram as vidas daqueles intelectuais e que os

¹⁵⁵ CONDÉ, José. *Balanço de 1946*. In. Vida Literária. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 29 de Dezembro de 1946.

caracterizaram coletivamente a ponto de significar mudança de rumo, rupturas e disputas ou associações no grupo. Até que ponto eles eram mais inovadores naquelas práticas do que os seus antecessores? Quais as intenções dos pretensos inovadores que eram, simultaneamente, devotos e devedores de uma geração postos por eles como antecessora?

No caso de José Condé, autorrepresentante daquela geração, houve uma tentativa de continuação de uma tradição modernista da qual eles se colocavam como os agentes da renovação e, por isso, a necessidade de ressaltar a contribuição dos jovens escritores na sustentação do movimento literário daqueles últimos dois anos. Ora, seu juízo interpretativo e firme do lugar dos “renovadores” pode ser concretizado no engajamento dos projetos culturais, como revistas, editoras e livros editados e publicados pelos jovens, para os quais a sua seção servia de suporte privilegiado de divulgação num dos principais suplementos literários da imprensa brasileira.

Como reconheceu o escritor gaúcho Olímpio Bonald, José Condé exercia em suas práticas literárias a aproximação dos interesses dos intelectuais, sem que lhe importassem as distâncias geográficas. Ou seja, “abrindo portas” ou sendo a “ponte”, Bonald nos revelou as características de um intelectual que estamos qualificando-o de *mediador*:

[...] para mim, como para dezenas de outros escritores de província, Condé, no Rio, foi o amigo, o crítico, o confidente, o divulgador, *abrindo portas de Jornais e editores, encaminhando o bisonho provinciano pelos caminhos difíceis e luminosos da metrópole*. [...] José ficou sendo para muitos de nós a *ponte e o apoio* no sul.¹⁵⁶

Como já deixamos pistas ao longo deste capítulo, numa tentativa de elucidar uma extensa *rede de sociabilidade*, construída através de seção “Vida Literária”, percebemos uma valorização dos intelectuais de Pernambuco. Era inegável o espaço que ele dedicou ao longo da seção em suas diversas subseções para divulgação da vida, eventos, projetos e obras de intelectuais conterrâneos.

Com intuito de percebermos com eram traçados esses fios da rede, analisaremos como Condé divulgou como crítico literário o livro *A Veste do Tempo*, do poeta Manuel Cavalcanti, natural da cidade de Limoeiro (PE):

¹⁵⁶ BONALD, Olímpio apud COSTA, 2013, p. 50.

E dessa vez uma obra mais amadurecida, vasada em novas experiências, mais profunda e mais humana. *A Veste do tempo* é um livro de quem já encontrou definitivamente o seu lugar na poesia. De um poeta com absoluto domínio dos temas e da capacidade de transmissão.¹⁵⁷

Apesar de fazer ao seu leitor observações mais diretas acerca da obra citada e de conhecer pessoalmente o autor, Condé parece querer eximir-se de seu papel de crítico e colocar-se como “cronista do cotidiano literário”. Porém, percebemos um paradoxo quando, na mesma frase, antecipa ao seu leitor o que os pretensos futuros críticos da obra irão fazer: “A única coisa que ele pode dizer sem incorrer no erro do elogio pródigo e fácil, é que os críticos terão muito o que falar de Manuel Cavalcanti”.¹⁵⁸

Essa proximidade com intelectuais da sua *província* revelada por Condé aos seus leitores nos entrega também a formação de uma *rede intelectual* mais próxima dele. Além de Manuel Cavalcanti, o também poeta Mauro Mota era um daqueles mais citados em sua seção, de quem a obra *Elegias e outros poemas* foi revelada por Condé ao público e logo em seguida alguns sonetos foram publicados no suplemento literário do *Correio da Manhã* e despertaram o interesse dos leitores pelo livro a ser publicado: “E agora temos uma notícia de primeira mão: o poeta reuniu sua produção de 1947-1948 e nos dará ainda este ano o volume que se intitulará ‘Elegias e outros poemas’”.¹⁵⁹

Em ambos os casos percebe-se a exclusividade adquirida pela proximidade entre o editor da seção e um grupo que possibilitava ao leitor da seção também essa exclusividade de informação. No caso do poeta Mauro Mota, seu amigo de infância do Ginásio de Recife, essa interlocução de amizade com José Condé também ligava-o a Álvaro Lins, redator-chefe do suplemento literário do *Correio*

¹⁵⁷ CONDÉ, José. “A veste do Tempo” (Vida Literária). In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 jan. 1947, Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Manuel Cavalcanti era formado em Direito pela Faculdade de Recife e morava na cidade do Rio de Janeiro. Ele era muito próximo aos irmãos Condé e, inclusive, fez parte de uma comissão formada por colaboradores do *Jornal de Letras* para falar com o presidente Getúlio Vargas sobre a crise do papel em 1953.

¹⁵⁸ CONDÉ, José. “A veste do Tempo” (Vida Literária). In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 jan. 1947, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹⁵⁹ CONDÉ, José. “Vida Literária”. In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 30 maio 1947, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

da Manhã, e a Austregésilo de Athayde, homem forte dos Diários Associados, formando a “trindade literária de Caruaru”, assim batizada por Mauro Mota.¹⁶⁰

Ainda em busca de notícias exclusivas para o seu leitor, Condé aproveitava dessa “fraternidade provinciana” para instigar sobre a edição de obras ainda no prelo. Dessa maneira, aos moldes do seu irmão João, na subseção “Variedades” José divulgou a conversa (e o telefone) com o desenhista e escritor Luís Jardim:

LUIZ JARDIM: pintor e ficcionista. Autor de Maria Bonita, livro e contos que obteve o Premio Humberto de Campos Tel. 25-5008.

PERGUNTA: - Algum livro em vista?

RESPOSTA: - Sim, estou acabando de escrever um romance intitulado “Confissões do meu tio Gonzaga.”

P.: - Sairá este ano?

R.: - Não sei ainda. Entreguei uma parte dos originais ao meu amigo Carlos Drummond de Andrade. Se ele gostar do livro, publicarei; se ele não gostar não publicarei...¹⁶¹

O que estava em jogo nessa sequência de casos não era apenas a circulação de *bens culturais* pelas práticas da crítica literária e da edição de uma seção na vulgarização de literatura – e isso, por si só, já era bastante significativo. O que queremos demonstrar é a tessitura de uma rede em que a própria seção é concretizadora e, ao mesmo tempo, palco de legitimação desses autores e do próprio projeto cultural de José Condé: a divulgação da produção literária dos novos escritores e/ou da *provincia*.

Denominado por Condé como “grande empreendimento editorial”,¹⁶² as obras do historiador pernambucano Oliveira Lima, “uma das grandes figuras da cultura brasileira, cujas obras, em sua grande maioria, permanecem ignoradas quando não pouco conhecidas das gerações modernas”, foram reeditadas e textos inéditos foram reunidos e publicados pela José Olympio. Prosseguiu o crítico elogiando a casa-editora de sua primeira obra: “(...) empreendimento monumental, orientado por esse espírito de bem servir às letras brasileiras, que vem caracterizando suas grandes aventuras editoriais”. Aquela “aventura” estava sob a direção geral de Gilberto Freyre, amigo íntimo de Oliveira Lima, que revisou para reedição de *Dom João VI no Brasil*, prefaciado pelo historiador Octávio Tarquínio

¹⁶⁰ MOTA, Mauro. “*JOSÉ CONDÉ*”. In: *Diário de Pernambuco*, 02 out. 1971 (apud BARBALHO, 2017, p. 84).

¹⁶¹ CONDÉ, José. “Vida Literária”. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 fev. 1948, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹⁶² CONDÉ, José. “Vida Literária”. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 nov. 1946, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

e com desenhos do pernambucano Luís Jardim. Assim como a obra *Pernambuco e seu desenvolvimento*, atualizada, anotada e prefaciada também por Gilberto Freyre e ilustrada por Jardim, que era o chefe da parte gráfica da editora. Já obras como *Coisas diplomáticas* e *No Japão e outros países* foram prefaciadas pelo crítico Olívio Montenegro. O perfil de Oliveira Lima foi escrito por Sílvio Rabelo. Tanto Montenegro como Rabelo eram pernambucanos e parte da *rede de sociabilidade* do sociólogo Gilberto Freyre.¹⁶³

É interessante perceber como na seção Condé articulou, por várias vezes, os dois projetos literários que sempre defendeu: os valores provincianos e a valorização dos jovens intelectuais. Clamando o “Movimento intelectual na província”,¹⁶⁴ em meados de 1948 ele destacou com orgulho o salto da produção *provinciana* em cidades como Curitiba, Porto Alegre e em estados como Goiás, Ceará e Minas Gerais por jovens que já não precisavam “(...) vir para a metrópole a fim de conseguir o seu lugar ao sol,” pois “a Província tem a sua vida intelectual própria”.

Condé dedicava amplo espaço de divulgação a essa produção, dando destaque aos lançamentos de revistas como a *Nordeste* e *Região*, ambas da cidade de Recife. A notícia que o crítico Condé trazia era a de que o grupo de jovens intelectuais daquela cidade iria promover o “I Salão de Poesia do Recife”. O Salão consistia num ambiente de debate sobre todas as escolas de poesia, que estariam presentes ali aproximando poetas “dispersos pela vida cotidiana”, como esclareceu aos leitores da seção um dos jovens poetas e editor da *Revista Nordeste*, Aderbal Jurema.

¹⁶³ Gilberto Freyre e Oliveira Lima eram muito próximos nos anos 1930. Foi Oliveira Lima quem o auxiliou na estadia do futuro sociólogo nos Estados Unidos, estabelecendo contatos com intelectuais das universidades. Para saber mais das relações intelectuais e de amizade entre Gilberto Freyre e o historiador e diplomata pernambucano, ver Ângela de Castro Gomes (2004).

¹⁶⁴ CONDÉ, José. “Vida Literária”. In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 01 ago. 1948, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

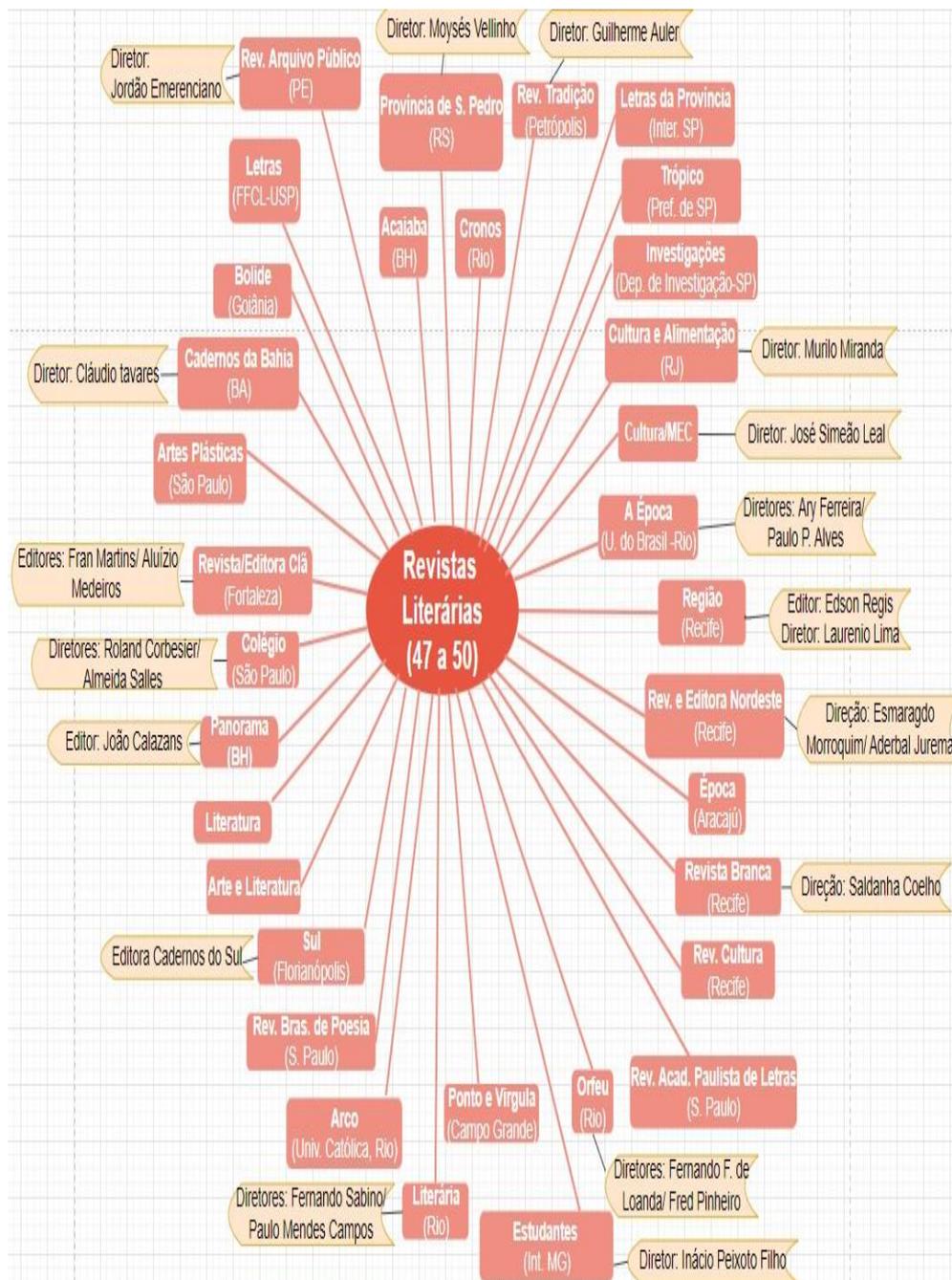


Figura 17 - Organograma completo da subseção *Revistas Literárias* com os seus respectivos editores, diretores, instituições, estados ou cidades.

Essa era, sem dúvidas, uma das mais significativas subseções da página de crítica de José Condé no suplemento “Letras e Artes”. Ele divulgava a produção de suportes literários que fomentavam o desenvolvimento cultural e literário em diversos estados. José Condé abria grande espaço para a valorização desses periódicos a fim de evitar que outros letrados precisassem migrar para a capital federal para terem suas obras divulgadas e reconhecidas, especialmente aqueles da região Nordeste.

Ao lado de Mauro Mota, Aderbal Jurema era frequentemente citado por Condé em sua seção. Como editor da revista *Nordeste*, que logo virou editora de livros para dar conta a produção editorial daqueles intelectuais de província, Aderbal era um “nome intimamente ligado ao movimento literário e artístico do Nordeste.” Ao apresentar o autor e a sua obra, Condé noticiou também o novo empreendimento literário da *Editora Nordeste*:

Provincianas reúne uma série de trabalhos que abordam vários gêneros da literatura, dos quais procura o autor tirar uma interpretação própria, ao mesmo tempo em que os examina em relação direta com as condições geográficas e sociais da província.¹⁶⁵

Como já mencionamos anteriormente, Condé sempre externava a necessidade de aproximar a *província* da *metrópole* e o fazia efetivamente, dentro de um projeto cultural-político para uma maior integração e valorização da literatura nacional. Sua documentação pessoal nos mostra que esse desejo se intensificou ainda mais a partir de 1948 e mais ainda após o lançamento do *Jornal de Letras*, no ano seguinte.

A respeito do lançamento de mais uma revista literária do recife, a *Revista Branca*, com editores da nova geração, Condé divulgou aos seus leitores ilustres:

Em março próximo, viajarão ao Recife, onde serão hóspedes do governo, os jovens escritores Saldanha Coelho e Haroldo Bruno, do grupo da “Revista Branca”. *A viagem se presta ao objetivo de estabelecer relações mais próximas entre os meios literários do Rio e de Pernambuco.* Durante sua estadia na capital pernambucana, Saldanha Coelho e Haroldo Bruno pronunciarão duas conferências intituladas, respectivamente, “Visão do novo conto brasileiro” e “Poesia e geração”.¹⁶⁶

O que interessava a José Condé eram as ações de estímulo para uma espécie de *emancipação cultural* da sua província com um leve teor político por trás desse conceito na relação histórica, quase sempre assimétrica, entre a *província* e a *metrópole*. Em outros tempos (século XIX), esse conceito significara para Pernambuco as experiências políticas de uma emancipação. Contudo, sendo editor de uma página literária, Condé estava ciente do seu papel na construção dessa independência literária como um projeto de política cultural:

¹⁶⁵ CONDÉ, José. “Vida Literária”. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1950, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

¹⁶⁶ CONDÉ, José. “Vida Literária”. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1950, grifos meus, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

(...) Da nova geração de poetas pernambucanos. Trata-se de uma estreante em livro, Entretanto, a imprensa do país – notadamente a do Nordeste – tem divulgado inúmeros trabalhos de Cezário de Mello, nome que participa com destaque do *atual movimento de emancipação literária da província*.¹⁶⁷

Esse engajamento de José no reconhecimento e na valorização às criações dos novos já deveria ser correspondido pelos intelectuais de província para mandar à sua redação as suas obras e notícias dos empreendimentos editoriais para divulgação. Não por acaso, as revistas literárias e culturais produzidas em Recife eram divulgadas em sua seção semanalmente, obedecendo à periodicidade de cada veículo. Muitas delas, como vimos, foram criadas e geridas por intelectuais jovens e com a colaboração de escritores consagrados e de uma geração anterior como Gilberto Freyre, Olívio Montenegro, Sílvio Rebelo, Joaquim Cardozo, Mário Sette, entre outros, fato que de certa maneira chancelava essa *emancipação literária*.

O que propusemos demonstrar neste capítulo foi uma teia de relações intelectuais que estruturaram uma *rede de sociabilidade* em que José Condé foi seu artífice através das suas práticas culturais (editor de seção, cronista e crítico) em defesa de seus projetos literários coletivos. Dentro dessa *rede* podemos constatar que conviviam os construtores de uma(s) tradição(ões) modernista(s) ainda em discussão na época e o engajamento dos herdeiros a fim de concretizar seus projetos editoriais de forma convergente ou divergente.

Foi nesse ponto que a figura do *intelectual mediador* atuou em suas funções, fazendo “a ponte” entre os indivíduos de gerações, ideologias políticas e estilos literários distintos em prol do desenvolvimento da literatura brasileira. Esse engajamento visto em toda a trajetória intelectual de José Condé não o eximia da responsabilidade consciente de concretizar seu próprio projeto literário, fazendo uso da sua influência por dentro da própria *rede de sociabilidade* que acreditamos ter demonstrado e analisado.

Como parte desse seu compromisso que perpassou sua vida intelectual com a literatura, Condé não se restringiu ao mundo impresso, enquanto editor da

¹⁶⁷ CONDÉ, José. “Vida Literária”. In: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 ago. 1950, Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

seção de jornal, diretor do *Jornal de Letras* e romancista. José Condé também era um dos intelectuais que defendia a associação entre a literatura e uma nova mídia poderosa naquele momento: o rádio. Em 1950, ele participou da apresentação de programas da Rádio MEC junto a outros autores em programas educativos para um público ainda mais numeroso.¹⁶⁸ Depois ainda se tornou produtor e apresentador do programa *Páginas Inesquecíveis*, na Rádio Clube, dedicado à divulgação da literatura.

A cidade do Rio de Janeiro representou um espaço vivo de experiências múltiplas para as diversas atividades intelectuais de José Condé. Ele, enquanto romancista, cronista, crítico, editor e até produtor de programas de rádio, não deixou de *carregar a glória* dos intelectuais da metrópole e dos provincianos de todas as partes do país.

Em suas *mediações culturais*, José Condé, exerceu por quase duas décadas a crítica literária, informava tanto o leitor comum como o intelectual sobre a vida literária, o mercado editorial e o cotidiano dos próprios homens de letras que sempre o fascinaram. E assim ele carregava a glória de muitos escritores até as mãos e mentes dos seus leitores, atualizando-os e conformando-os. Afinal de contas, as ações de um *intelectual mediador* como José Condé vão além de uma *intermediação*, o que já é muito. Em suas práticas ele alterou e, muitas vezes propositadamente, ressignificou ou reconfigurou os *bens culturais* mediados com uma crônica ou crítica literária que poderiam significar o nascimento, a morte ou a ressurreição de um escritor. Porém, os irmãos José, João e Elysio estavam decididos a carregar como projeto de vida a glória não somente dos escritores, mas também da própria literatura brasileira.

¹⁶⁸ O programa era apresentado por José Condé e ia ao ar todos os domingos, às 14 horas: “Alguns dos melhores cronistas da cidade estão colaborando em “7 dias em Revista” (...) contando com os pontos de vista de José Condé” (“Radiolândia”. In: **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 05 dez. 1950, Ano III, nº 65, p. 5, Hemeroteca da Biblioteca Nacional). Sobre o programa da Rádio Clube, a Revista do Rádio destacou a desenvoltura do literato naquela nova função mediadora: “José Condé, nome por demais conhecido em nossos meios literários e culturais, quando foi chamado a figurar no rádio fez com que sua intelectualidade de pronto se amoldasse à técnica radiofônica” (“Histórias que o Rádio conta”. In: **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 16 jun. 1953, p. 14, Hemeroteca da Biblioteca Nacional).

4

Elyσιο Condé e o Jornal de Letras: “O monumento do nosso ofício” (1949-1956)

“Meu nome não existe. O importante é a obra”.

(Elyσιο Condé)¹⁶⁹

Na edição da revista *O Cruzeiro* do dia 06 de agosto de 1949,¹⁷⁰ o jovem escritor pernambucano Ruben Macieira publicou artigo intitulado “Festa na cidade das letras”, por ocasião da festa do lançamento no mês anterior do *Jornal de Letras*. O relato do escritor novato era emocionado e carregado de admiração do ambiente festivo repleto de tantas referências literárias e artísticas presentes no jardim suspenso da Associação Brasileira de Imprensa, no centro da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, a reportagem repleta de fotografias límpidas – qualidade característica das fotos dessa revista – assinadas por José Medeiros, começava com um relato pessoal do escritor:

Não é mau que comece assim esta reportagem, com este jeito de literato provinciano ainda não inteiramente adaptado aos estilos da grande cidade. Porque o que eu sou, em verdade, em mim, há de melhor, é a província (...).¹⁷¹

Observando aquelas cenas em seu momento de chegada na cidade em 1941, Ruben Macieira recordava o passado, se deslumbrava com as descobertas da famosa capital federal e encontrava os seus escritores favoritos quando “ancorou naquela baía que se chamou “Dom Casmurro””.¹⁷² Na redação daquele famoso periódico, semelhante àquele que estava nascendo em meados de 1949, ele conhecera pessoalmente os escritores mais queridos, soube como eles eram, como falavam na vida real, seus “tics”, seus silêncios e sua eloquência. Era um deslumbre nostálgico que o lançamento do *Jornal de Letras* tornava vivo na memória do conterrâneo dos Condé.

O ato de lembrança de Ruben Macieira refere-se ao jornal literário *Dom Casmurro*, de Álvaro Moreyra, que recebera outrora tantos outros escritores novos

¹⁶⁹ CONDÉ, Elyσιο. “Presença portuguesa In: CONDÉ, Elyσιο. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. XXV.

¹⁷⁰ MACIEIRA, Ruben. “Festa na cidade das letras”. In: **Revista O Cruzeiro**, 06 ago. 1949. As fotografias são de José Medeiros.

¹⁷¹ **Revista O Cruzeiro**, 06 ago. 1949, p. 91.

¹⁷² In: **Revista O Cruzeiro**, 06 ago. 1949, p. 91.

ao longo da sua existência, como o próprio José Condé, dando-lhe as primeiras oportunidades no mundo literário logo no início do periódico. Essas confissões devem ser conectadas, pois o *Jornal de Letras* dos irmãos Condé tinha como propósito combater, de certa forma, não só o deslocamento dos intelectuais de suas províncias para irem produzir na capital, mas também possibilitava àqueles que chegavam na cidade esse contato com os mais famosos, também para que acabassem com “um halo de mistérios aos escritores”. Era um intercâmbio muito característico e proposital dos dois periódicos culturais históricos. O *Dom Casmurro* tornara-se receptor de intelectuais jovens de províncias e lugar de convivência entre autores consagrados e fora em sua redação que Ruben Macieira conheceu José Condé que iniciava, como muitos outros, a sua vida literária:

E agora, ele e seus dois irmãos, João, dos “Arquivos Implacáveis”, segundo a expressão de Carlos Drummond, e Elísio editam “Jornal de Letras”, que vem preencher, de forma expressiva, para os escritores do Brasil, a vaga que sempre constituiu a falta maior de nossa vida cultural – a falta de um jornal exclusivamente dedicado à literatura.¹⁷³

Na visão de Ruben Macieira, o *Jornal de Letras* vinha preencher ou dar continuidade ao bom desempenho por mais de uma década do *Dom Casmurro*, embora não fosse apenas um periódico sobre literatura. No entanto, em sua visão real, naquela tarde de sociabilidade literária desfilavam os intelectuais presentes em plena confraternização (Figura 18): Accioly Netto, José Lins, Carlos Drummond, Murilo Mendes, os críticos Álvaro Lins, Olívio Montenegro e Otto Maria Carpeaux, Rubem Braga, Franklin de Oliveira, Millôr Fernandes, a atriz Maria Fernanda, Paulo Ronái, Herberto Sales, os pintores Cândido Portinari, Santa Rosa, Luís Jardim, Pancetti e Henrique Pongetti, Adonias Filho, Mauricio Rosenblatt, Saldanha Coelho, Otto Lara Resende, Otacílio Alegrim, Jacinto de Thormes, Jorge Lacerda, Lúcio Rangel, Willy Lewin, Manuel Cavalcanti, Maria da Saudade Cortezão, José Paulo Moreira da Fonseca, Breno Accioly, Eustáquio Duarte, Pompeu de Souza, José Leal, Gasparino Damata, Lêdo Ivo, Fernando Sabino, Maluh de Ouro Pedro, Dinah Silveira de Queiroz, Medeiros Lima, Rafael Barbosa, Olavo Lira, Bastos Tigre, Helena Ferraz, entre outros.

¹⁷³ In: **Revista O Cruzeiro**, 06 ago. 1949, p. 30.



Figura 18 - Confraternização dos intelectuais na ABI¹⁷⁴

Vendo todos aqueles escritores reunidos, o nosso guia da festa lembrava-se dos tempos em que, na província, lia com encantamento mágico o *Dom Casmurro*, imaginando todos os seus redatores cercados de “um halo estranho e maravilhoso”.¹⁷⁵ Já em São Paulo, estava João Condé em outra festa dedicada ao lançamento do *Jornal de Letras*, onde recebeu homenagens “na pauliceia”, na casa de Oswald de Andrade, com a presença de Augusto Frederico Schmidt, Ciro Pimentel, José Tavares Miranda, Di Cavalcanti, Noêmia (cronista), Álvaro Armando, Ligia Fagundes Teles, Helena Silveira, Almeida Sales, entre outros.

Aquele era, sem dúvidas, um momento de festa, mas nos bastidores do lançamento do *Jornal de Letras* as dificuldades tanto financeiras como logísticas se impuseram como desafios para os irmãos Condé e os envolvidos mais próximos do projeto. Entre esses colaboradores, Adonias Filho foi um dos mais importantes desde a concepção até a concretização do periódico. Foi ao seu lado

¹⁷⁴ In: *Revista O Cruzeiro*, 06 ago. 1949. As fotografias são de José Medeiros.

¹⁷⁵ In: *Revista O Cruzeiro*, 06 ago. 1949, p. 30.

que Elysio Condé recebera inúmeras recusas de gerentes de gráficas para editar o *Jornal de Letras*. Diante da dificuldade, o próprio Adonias Filho, que na época dirigia a Editora A Noite, prontificou-se a imprimir o jornal, já que era naquela oficina gráfica que o próprio João Condé imprimia também seus livros em edição de luxo, sob o selo Edições Condé, que faziam bastante sucesso.

Talvez por isso tenha sido João Condé, já com a sua expertise de editor,¹⁷⁶ quem primeiro animou-se a fazer o jornal “(...) que bem refletisse a vida literária do Brasil, abrangendo todas as gerações, sem “cotégoriés” nem correntes de qualquer espécie”.¹⁷⁷ No entanto, a batida de martelo deu-se em reunião na casa de José Condé, momento em que decidiram que o jornal seria semanal, mas logo vieram as dificuldades e optaram por uma publicação mensal.

Às vésperas do lançamento, João Condé e o poeta amazonense Thiago de Mello tiveram que fazer a propaganda do periódico nas ruas da cidade, pois uma das dificuldades foi arranjar patrocinadores do meio livreiro e cultural que subsidiassem tal projeto, tendo como anunciantes naquele primeiro número apenas a Varig e o IPASE.¹⁷⁸

De fato, os primeiros exemplares do JL não contavam com quase nenhum anúncio, como se percebe na capa do primeiro exemplar publicado (Figura 19), diferentemente dos seis números subsequentes.

¹⁷⁶ O *Jornal de Letras* era publicado pelas Edições Condé.

¹⁷⁷ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano II, n. 12, jun. 1950, p. 11.

¹⁷⁸ Em fevereiro de 1938 foi criado o Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado (IPASE). A presidência desses institutos era exercida por pessoas livremente nomeadas pelo presidente da República.



Figura 19 - Primeira edição do Jornal de Letras¹⁷⁹

O fato é que o *Jornal de Letras* começou a circular com as suas 16 páginas em julho de 1949. Como destaque da edição, havia um texto central intitulado “Memórias de Afrânio Peixoto”, homenageando o grande amigo da família Condé. Nessa edição de lançamento, os integrantes do Conselho Fiscal do periódico trouxeram colaborações em suas respectivas áreas. Numa coluna vertical, Alvaro Lins escreveu “Liberdade interior” e Augusto Schmidt, outro grande interlocutor do jornal, compôs o poema intitulado “Ars poética”.

¹⁷⁹ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, ano I, n. 1, jul. 1949.



Figura 20 - “O trio Condé” examina o primeiro exemplar do Jornal de Letras (Da esquerda para a direita: José, Elycio e João.).

Como era de se esperar, Elycio Condé consta como diretor-responsável e compondo a direção encontram-se os nomes José e João Condé que, juntos, definiam as diretrizes, a linha editorial, as pautas, os conteúdos e as abordagens do periódico. Enfim, eram eles quem tratavam das relações estruturais, pessoais e profissionais dentro e fora da redação e exerciam, portanto, tarefas mediadoras fundamentais na manutenção do mensário, especialmente na função exercida por Elycio, que era uma espécie de editor-empresário.

Além de Álvaro Lins e do poeta Augusto Frederico Schmidt, o Conselho Fiscal contava com outros nomes de peso da literatura brasileira daquelas décadas e amigos de longa data dos irmãos: Carlos Drummond,¹⁸⁰ José Lins e Manuel

¹⁸⁰ José Condé dedicou o seu livro *Um ramo para Luísa* (novela) para o poeta mineiro. A obra foi publicada pela Editora Civilização Brasileira em 1959 e teve cinco edições. Para a sua primeira edição, Jorge Amado escreveu o prefácio: “Nunca pensei, porém, que esse romancista fosse o meu amigo José Condé, homem do agreste pernambucano de quem ansioso eu esperava (e espero) o romance épico e panorâmico que reclama aquela cidade de Caruaru” (p. XI). E ele veio: o romance *Terra de Caruaru*, publicado em 1961 pela editora Civilização Brasileira de Ênio, para quem a

Bandeira, levando Rachel de Queiroz a reconhecer: “(...) o Conselho é impressionante”, quando dos seis meses de existência do jornal.

Já na composição da Redação destacavam-se os intelectuais jovens da chamada geração de 1945, como Manuel Cavalcanti, Octacílio Alecrim, Willy Lewin, Lêdo Ivo, Otto Lara Resende, Herberto Sales, José Paulo Moreira da Fonseca e Constantino Paleólogo. Embora esse grupo fosse mudando ao longo do tempo, a experiência de troca entre escritores já consagrados do Conselho com jovens que despontavam com destaque no cenário literário dava um caráter dinâmico e multifacetado nas seções do mensário. Esse mesmo clima devia ser predominante nas reuniões de pautas, que aconteciam na própria clínica médica de Elysio, na Avenida Treze de Maio, no centro da cidade.¹⁸¹

Na gerência, Aloysio Bello permaneceu por longos anos, mostrando ser um homem de confiança dos irmãos Condé. Assim como o redator-chefe, Brito Broca, já muito conhecido no cenário literário brasileiro por sua capacidade de pesquisa na escrita de suas obras sobre os intelectuais e sobre a literatura brasileira. Este assumiu a função na edição de maio de 1952 e os seus textos em série, “Cinquenta anos de vida literária”, foram publicados integralmente nas páginas do JL a partir de dezembro de 1953.

A Figura 21 ilustra a rede de composição do periódico. Havia uma mistura de intelectuais com certa maturidade intelectual (todos do Conselho Fiscal) e editorial, como João Condé e Augusto Frederico Schmidt. Por outro, a Redação contava com jovens autores, já com certa bagagem de experiência, que se faziam reconhecidos nas redes de sociabilidades da capital (e, a partir do JL, por todo o país).

obra foi dedicada e também ao próprio Jorge Amado: “(...) aos amigos Jorge Amado, que me obrigou a escrevê-lo; e Ênio Silveira, que acreditou nele antes mesmo de ter sido escrito” (p. 20).

¹⁸¹ Eles imprimiam o jornal na Editora A Noite, então dirigida por Adonias Filho.

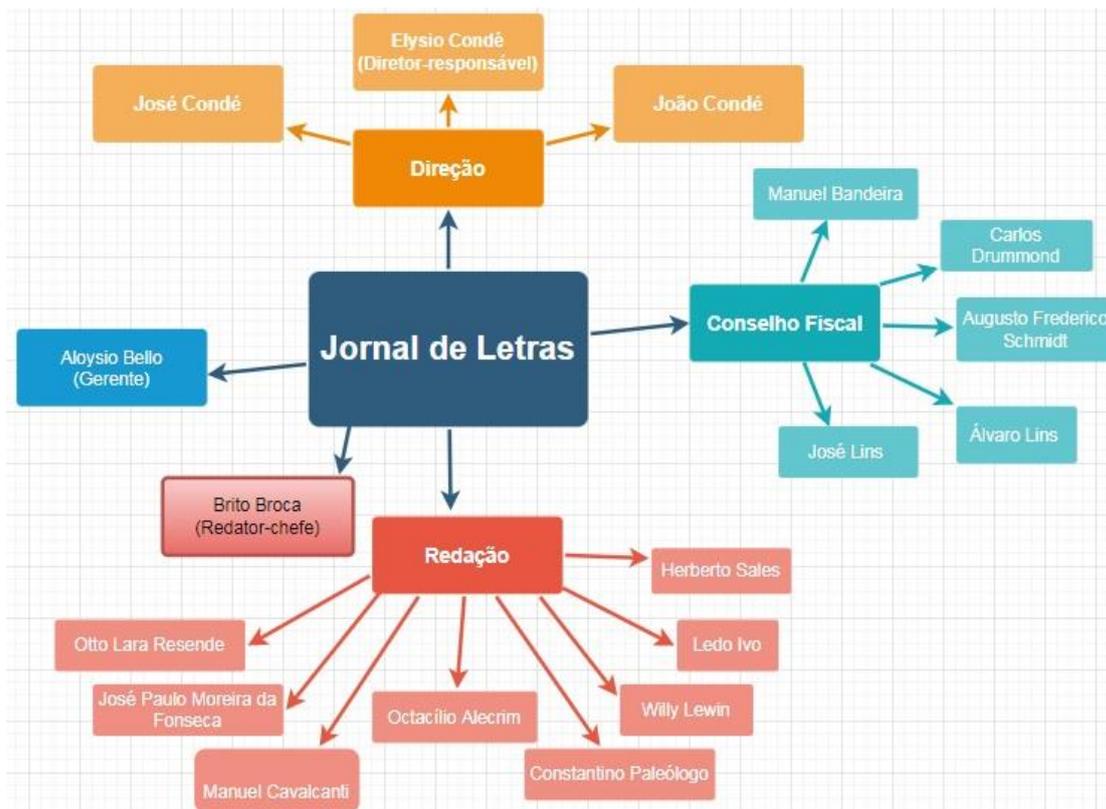


Figura 21 - Integrantes do corpo editorial do Jornal de Letras.

A atividade fundamental de Brito Broca foi reconhecida na seção “Instantâneo”, talvez escrita por José Condé:

Nos dois anos em que tem sido o redator-chefe do Jornal de Letras, tem dado tudo por esta publicação especializada. É pena que não possamos pagar-lhes mais. Merece vinte vezes mais do que realmente ganha.¹⁸²

Como indício de uma reforma no periódico, Brito Broca ficou até o fim da primeira fase (abril de 1955). Segundo o *Jornal de Letras*, ele ficaria ausente “por algum tempo”, por motivos de doença. Em seu lugar ficou, brevemente, Carlos David e, em seguida, o escritor Francisco de Assis Barbosa até julho de 1956, que consolidava o eixo literário Caruaru-Guaratinguetá (Pernambuco-São Paulo) mantido desde o primeiro número, pois todos os redatores-chefes até então eram naturais de Guaratinguetá: Homero Senna, Brito Broca e Francisco de Assis Barbosa. Em seguida, ainda em 1956 – ano da reformulação gráfica do JL, o

¹⁸² JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 22, abr. 1951, p. 16.

alagoano Valdemar Cavalcanti, tão entendedor da vida literária quanto Brito Broca, assumiu a função na qual ficou até a sua morte.¹⁸³

Nesse momento de transição, Assis Barbosa passou ao cargo de assistente de Redação ao lado de Jorge Leão Teixeira, continuando Aloysio Bello na gerência e acrescentando os nomes de João Sérgio Nunes na fotografia e Raul Pedroso no setor de publicidade, que indica a importância das agências de propaganda, que investiam nos periódicos impressos, no rádio e nova mídia que despontava: a televisão.

Antes de adentrarmos na apresentação das principais seções e colunas do periódico, é necessário conhecermos e examinarmos a visão e a diretriz dos irmãos Condé, que pouco irão mudar em relação ao seu programa ao longo do período que analisaremos.

No editorial de estreia impõe-se as ideias e intenções mestras dos diretores já no conceito de “Letras”:

“‘Letras’ aqui significa, principalmente, literatura no seu sentido mais geral, o que vale dizer: as intenções do grupo responsável pela publicação deste jornal se acham imbuídas do caráter eminentemente estético da palavra em foco, de acordo com a tradição de ‘belas artes’.”¹⁸⁴

O primeiro ponto referencial é em relação ao entendimento da cultura numa compreensão mais ampla desse conceito – tanto que consta no primeiro número “mensário de literatura e arte” – que abarca a pintura, a música, o teatro, a poesia e, obviamente a literatura. Seja por meio das suas colunas, seções, páginas fixas, textos avulsos, reportagens ou organização de concursos contemplando as áreas das “belas artes”, o mensário procurava contemplar todas as vertentes culturais daquele momento.

Outra questão fundamental para os propósitos dos irmãos Condé e, especialmente, no *Jornal de Letras*, é o papel do intelectual como agente ativo e

¹⁸³ CONDÉ, Elysio. “Valdemar Cavalcanti”. In: CONDÉ, Elysio. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. 59. Valdemar Cavalcanti nasceu no ano de 1912, em Alagoas, e morreu em 1982. Ele faz parte do grupo intelectual daquele estado que contava no início da década 1930 (em diferentes momentos) com Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, Santa Rosa, José Auto, entre outros. Foi colunista e crítico literário d’*O Jornal* por duas décadas e diretor do “Suplemento Literário” desse periódico. Ele datilografou os originais, em Maceió, do livro *Menino de engenho* de seu amigo José Lins do Rego e foi graças a esse que, em 1931, veio para o Rio de Janeiro.

¹⁸⁴ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano I, n. 1, jul. 1949, p. 1.

transformador da sociedade. E essa foi uma cobrança feita naquele editorial inaugural:

É preciso que ele “participe” ou se “comprometa”; que abandone a sua “torre de marfim” para que pese e meça os acontecimentos que se desenrolem em torno dele. Pois bem, aceitamos esse “engajamento”, essa participação na vida e nos fatos do mundo de hoje.¹⁸⁵

Ele disse que deveria manter-se fiel à “vocação natural de literatos”, contanto que concedessem condições para transformar “todos os assuntos e todos os fatos através de uma “visão” particular, que na hipótese será a do “homem de letras”.¹⁸⁶ Como afirma Roger Chartier (1997, p. 129), a partir do século XVIII a condição dos homens de letras é incompatível com o retiro e o afastamento da vida na capital das letras, e no caso dos integrantes do *Jornal de Letras*, na vulgarização dos bens culturais e na defesa dos intelectuais e de políticas públicas que favorecessem o desenvolvimento cultural do país.

Ora, esses dois pontos eram fundamentais no período aqui analisado para o periódico e, ao que parece, que persistiu ao longo de toda a sua longa existência. Aliás, esse engajamento que o intelectual deveria ter e executar em suas atividades pode ser visto em discussões em torno da eterna crise do papel e do livro brasileiro no pós-guerra, na defesa da cultura e dos intelectuais, na aproximação entre a literatura brasileira e a portuguesa e na valorização dos intelectuais e da cultura nas províncias. Eram essas questões de ordem que mobilizavam os projetos e os empreendimentos dos irmãos Condé, como já tivemos a oportunidade de discutir.

Entre esses engajamentos, o incentivo e a incrementação à produção provinciana ganhou bastante destaque no periódico, especialmente a do estado natal dos Condé. A produção intelectual de Pernambuco era constante nas diversas seções, subseções, colunas e reportagens em quase todos os números do periódico. Uma das notas, por exemplo, traz como destaque a obra *Pequena antologia pernambucana*, de João Cabral de Melo Neto, lançada pelo próprio poeta em Barcelona, quando ocupava o cargo de cônsul, sobre o outro escritor pernambucano Joaquim Cardozo: “Dez poemas foram enfeixados no volume –

¹⁸⁵ Ibidem, p. 1.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 1.

exatamente aqueles com sabor da terra, e que nos falam das velhas igrejas de Olinda, dos alvarengas e dos cajueiros de setembro”.¹⁸⁷

Já a seção “De todos os quadrantes”, uma das principais e mais duradoras do periódico, divulgava ao leitor um panorama de obras e autores internacionais em forma de notícias, no estilo do que fazia José Condé no *Correio da Manhã*, como vimos no capítulo anterior. Era um tipo de seção muito comum nos suplementos literários dos jornais e revistas.

Outras seções comuns em suplementos e revistas literárias eram: “Variedades” e “Porta de Livraria”. Ambas tratavam de expor ao leitor os pormenores e as curiosidades da vida e das relações dos intelectuais no estilo de anedotas. O caso a seguir relata uma situação entre outro ilustre escritor pernambucano, o sociólogo Gilberto Freyre, e o escritor e diplomata sergipano Gilberto Amado:

No capítulo de bebidas podemos acrescentar uma informação aos amigos do autor de Casa Grande e Senzala. Gilberto Freyre descobriu uma curiosa mistura, que pôs aos pulos Gilberto Amado quando andou por Apipucos. Trata-se de rum com maracujá.¹⁸⁸

No miolo do jornal destacam-se as seções “Os Novos” e “Atividades dos novos” que, assim como na coluna de José Condé, divulgavam a produção dos jovens escritores do país, consolidando um dos engajamentos culturais desses irmãos mediadores. Um desses intelectuais foi o poeta e crítico pernambucano Haroldo Bruno, que se tornou um colaborador frequente e uma espécie de correspondente do periódico. No número de estreia do *Jornal de Letras*, na “Atividade dos novos”, por exemplo, ele escreveu o texto “Sobre poesia”, ao lado do qual figura uma nota de apresentação do autor ao leitor da coluna: “Haroldo Bruno é, sem a menor dúvida, uma das vocações de crítico da nova geração de escritores brasileiros (...)”.¹⁸⁹

Numa análise despreziosa, percebe-se já no primeiro número do periódico uma inclinação para a valorização dos escritores e dos assuntos relacionados à região Nordeste e também na divulgação dos jovens intelectuais do país como um traço identitário do mensário.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 3.

¹⁸⁸ Ibidem, p. 5.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 8.

Há de se destacar também outras subseções que se tornaram importantes na sequência do jornal. “Correio de Portugal” retratou o intercâmbio intelectual entre os dois países, fato que não era novidade na história da literatura brasileira, mas ao longo da existência do *Jornal de Letras*, a interlocução entre portugueses e os irmãos Condé foi muito profícua, conforme analisaremos com mais vagar mais adiante neste capítulo.

O texto inaugural da seção “Província do Brasil” – que logo passaria a tomar uma página inteira, foi intitulado “Algumas palavras” e revela o verdadeiro propósito intelectual-político dos irmãos Condé, especialmente de Elysio, tanto que nesse primeiro número dedicou-se um texto exclusivamente para explicar aos leitores o que se pretendia e o que se entendia como “Província”. Apesar de não constar a autoria desse texto, a característica de editorial indica que foi escrito por um dos irmãos Condé. Para eles, província intelectual “(...) seria mais do que uma escola, porque, bem mais que uma atitude, se constituía em verdadeira condição de atividades intelectuais”.¹⁹⁰

E essa condição para ser efetivamente executada precisava de um periódico que conseguisse alcançar as mais distantes províncias para fazer revelar tanto intelectuais no centro cultural do país como levar ao conhecimento dos leitores do Brasil em suas distantes províncias que o periódico poderia e iria alcançar. Dessa forma, o *Jornal de Letras* contribuiu para uma integração da literatura brasileira, como de fato conseguira, em sua longa existência. Embora, tenha conseguido esse êxito logo nos seus primeiros seis anos, de acordo com a nossa pesquisa.

Para Elysio, o *Jornal de Letras* deveria ser um periódico que estivesse atento ao desenvolvimento cultural do país e, para isso, a presença da *Província* havia de se impor como uma necessidade das mais evidentes, já que a intenção era a “(...) difundir num só tratamento e numa só compreensão as vozes que cheguem até nós, vindo do sul e do norte, litorâneas e dos oestes.”¹⁹¹

O propósito dos irmãos Condé era claro: “dilatar os domínios de sua penetração”¹⁹² para alcançar não apenas um amplo público leitor, mas também uma receita capital considerável, embora os gastos para conseguir tamanha

¹⁹⁰ Ibidem, p. 12.

¹⁹¹ Ibidem, p. 12.

¹⁹² Ibidem, p. 12.

façanha fossem sempre um desafio para os irmãos diretores. Porém, o projeto intelectual, e político, estava lançado no seguinte propósito:

Esta seção se esforçará por consegui-lo, ao mesmo tempo em que se oferece como um endereço para os que, à falta de ligações, se abafam e dessoram no isolamento, quase dizemos, abandono, em que vivem, desconhecidos e distantes.¹⁹³

Tal ambição nesse momento do surgimento do jornal parecia ainda mais audaciosa dados os contextos político e econômico do país daquele período: as perseguições políticas do governo Dutra; a crise do papel no mundo pós-guerra; as disputas e os conflitos entre as mais diversas correntes e gerações de intelectuais; o confronto na área da crítica entre os chamados acadêmicos e os *Scholars* “(...) formando as suas páginas aquilo que poderemos chamar um centro de “fogo cruzado”,¹⁹⁴ como reconheceria anos adiante.

Foi nesse caldeirão de intenções, ações e projetos que pairavam na cabeça dos irmãos Condé que se deu o planejamento do periódico a ser lançado, com as dúvidas em relação às técnicas do setor gráfico, às questões comerciais e às estratégias de recepção. Muito pesado ou leve? Os temas seriam sensacionalistas ou abordados de maneira aprofundada? Teriam um tom polêmico ou “neutro”? Deveriam expor ou não a opinião sobre as questões envolvendo a cultura e a política cultural? Conforme veremos mais adiante, eles optaram pelos adjetivos finais de cada interrogação, com exceção da última que, além de ser verbo, se posicionaram firmemente sobre questões fundamentais da política cultural brasileira e atuaram como principal periódico cultural do país já desde o seu primeiro número.

O JL dedicava boa parte de seu espaço para a divulgação de textos críticos sobre autores da literatura logo nas primeiras páginas, como o texto de Gilberto Freyre sobre “Amores de Nabuco”, “Elogio a Goethe” de Gilberto Amado e “Fragmento sobre o Romantismo” de Antonio Candido. No ano seguinte ao lançamento, o periódico fixou em suas páginas importante seção de crítica literária, a “Revista dos livros”, sob a responsabilidade do conhecido escritor e crítico Rosário Fusco, que ficaria nessa seção por alguns anos, dando lugar a

¹⁹³ *Ibidem*, p. 12.

¹⁹⁴ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano V, n. 48, jun. 1953, p. 10.

Adonias Filho e depois, por um período de décadas, ao alagoano Valdemar Cavalcanti.¹⁹⁵

Outro pilar do mensário eram as Artes Plásticas, que abarcavam um espaço considerável entre as diversas seções. Inclusive o *Jornal de Letras* tornou-se uma das referências na organização de concursos e coberturas de eventos dessa bela arte. Tanto que a presença de pintores e desenhistas em cada número do periódico possibilitava uma visibilidade maior pelo Brasil afora e, em contrapartida, os leitores tão distantes conheciam o que de mais novo surgia nos outros centros intelectuais do país. Não era raro que pinturas de Emiliano Di Cavalcanti, Augusto Rodrigues e Candido Portinari, por exemplo, fossem destaques nas páginas do jornal ou viessem como destaques nas capas. Muitos desses artistas divulgavam até os rascunhos de estudos de quadros, que já eram famosos ou que viriam a ser, como um estudo de Portinari para o painel *Bandeiras*, produzido especialmente para o *Jornal de Letras* e publicado na edição de maio de 1951 (Figura 22):

Esta seção se esforçará por conseguir-lo, ao mesmo tempo em que se oferece como um endereço para os que, à falta de ligações, se abafam e dessoram no isolamento, quase dizemos, abandono, em que vivem, desconhecidos e distantes.¹⁹⁶

¹⁹⁵ O livro *Santa Rita* (1961), de José Condé, publicado pela Editora Civilização Brasileira de Ênio da Silveira, foi dedicado a Valdemar Cavalcanti.

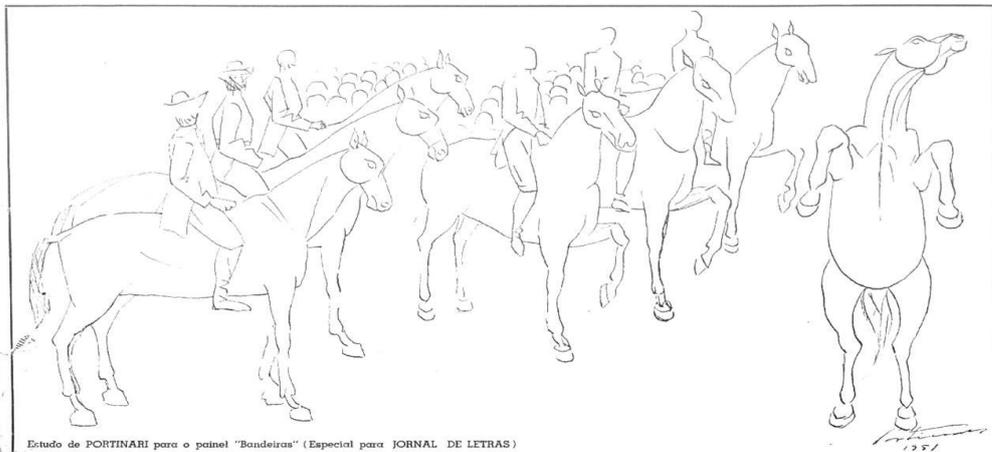
¹⁹⁶ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano I, n. 1, jul. 1949, p. 12.

JORNAL DE LETRAS

ANO — III ***

RIO DE JANEIRO — MAIO — 1951

*** NUMERO — 23



Estudo de PORTINARI para o painel "Bandeiras" (Especial para JORNAL DE LETRAS)

NEM MESMO NO CÉU MURILO MENDES FICARÁ CALMO ★

« ACHO TERRÍVEL TER CINQUENTA ANOS »



OS livros mais de
Muriilo, um gomo
simão descobriu
muito rápido um
retrato que pas-
sava a intrinseca-
mente fortissimo:
era um homem
naugeo e alto, de mãos de glicocobro-
na e testa amada, um ar nobre e
contemplativo ("em sentido nas
mãos e no rosto"), e encarnado uma
cabeça grega. A autoridade de re-
cogitação de sua atmosfera
diferente, haviam com que o
reputação guesse: imediatamente
saber o nome de tão
grande escritor. Era o poeta
Muriilo Mendes, que compo-
ria no estilo da antiga arte
teendo considerações sobre o
deleito do mundo, a guerra, a
paiz, o homem diante da História
e outros temas semelhantes.
E suas produções ao império
literário tinham um ar de
revelação ("Nasce para produ-
zir").

A VIDA E A OBRA DE UM GRANDE POETA BRASILEIRO —
O TEMPO E UMA CONVENÇÃO — QUER MORRER EM
OURO PRETO — POESIA, UMA FATALIDADE EM SEU DESTINO

LÉDO IVO

Nessa carta, eu dizia ao desti-
natório que havia mesmo profecia
na expressão cuja vida era ainda
da pelos seus versos. E, logo, me-
diante os poemas de prata, todos
eles, profundamente místicos, e em
poesia.



MURILO MENDES

Depois, um dia, deu-se a
mão: o conhecimento pessoal
entre Muriilo Mendes e o seu
companheiro mais novo, que
ele amava e para sempre teve
a sua infância. E agora, neste
momento, em que o grande
poeta completa 50 anos (efe-
tivo de sua existência poética
foi sempre inclinado que
se, Muriilo Mendes, e uma
indicação pessoal se justifica
retidamente. Logo, por isso,
quando um homem comemora
cinquenta anos, que sempre
também compartilham não ape-
nas dos acontecimentos sociais
contemporâneos, como também
de sua existência mais íntima.
No aniversário de Muriilo
Mendes, o corte destas li-
nhas revela o momento pre-
sente em que o retrato de um
poeta ainda oito anos de sua
existência sólida, filtrado pela
passagem do tempo, escurta-
da pelo meio diáfano: locus
estético e humano.

Uma coisa mais importante
do que se pensa. A poe-

sia brasileira, de o rax e uma
contribuição espontaneamente rica,
cujo propósito indiano podem ser
surpreendidos em sua fabulosa "ma-
gery", no sentido não apenas literá-
rio como geneticamente clássico
de sua natureza, no nível pon-
tado de sua poesia de amor, na es-
tética arquitetada de seus poemas,
em sua exatidão religiosa, e em
outros elementos que sabe ao falar
de descobrindo, na indispensável con-
sistência com os seus livros. E
poeta, uma faceta deve a curiosidade
de se sabe saber e supor-se al-
gumas das virtudes que lhe outor-
gam tal caráter. Ao leitor atento
aparece descobrir que a alta catego-
ria poética de Muriilo Mendes de-
corre não apenas de uma complexa
evolução artística, como também
de um largo sentido de comunhão
humana e de interesse ao mundo,
cujo entranha de presença reducionista
gracia ao poder interpretativo e au-
tenticação, e não um poeta in-
dependente, e por isso mesmo um
poeta antipolítico (para usar um
dos seus aspectos gramínicos,
encontrando Muriilo Mendes no Ma-
gical durante a "Teoria da
de José Louie Euzébio, percutiu-
se de assistir "Le Proche", ali
foi na noite anterior. Ante a ne-
gativa do poeta, a dita expressão:
"Oh, doutor Muriilo, o senhor não
sabe o que pensa?" Muriilo Mendes,
retorquiu: "Minha senhora, eu pe-
di a Crisólito de Xuxuê, e não
deu-me resposta".
Era uma grande lição dada por
um grande poeta. E o livro não
só não característico de sua in-
terpretação na vida universal para ex-
pressar os sentimentos que ocorrem a
alguém, no momento em que se de-
põe a fazer alguma impressão de
um homem diante de seu próprio
aniversário.

MEMÓRIAS
LITERÁRIAS
DE
MANUEL BANDEIRA



M. B.

NESTE
NÚMERO

OBRA DE ARTE VERSUS GRANDE VENDA
Inquirido entre editores e livrarias — JONES ROCHA
LIVROS FUNDAMENTAIS PARA CONHE-
CIMENTO DA LITERATURA BRASILEIRA
Entrevista com o jornalista OTTO MARIA CARPEAUX
ELES ESTIVERAM NO BRASIL
Depoimentos de escritores e artistas que nos visitaram



CARPEAUX

O TEMPO E UMA CONVENÇÃO
Ao conviva do banqueiro espiritista
de sua existência, o sentido não
oferece apenas sua subordinação par-
ticular em face do tratamento médi-
co. Hoje, 13 de maio de 1951,
Muriilo Mendes pode dizer ao seu
interlocutor muitas coisas mais, sub-
tilidade de sua existência de guerra
atravessou muito século, limitando
o uso do particular agrado das es-
(Conclui na pág. 14)

"JORNAL DE LETRAS" PU-
BLICA NESTE NÚMERO AS
MEMÓRIAS LITERÁRIAS DE
MANUEL BANDEIRA
"ITINERÁRIO DE
PASÁRGADA"
Páginas 8 e 9

Figura 22 - Capa do Jornal de Letras com destaque ao rascunho de Portinari.¹⁹⁷

A *Jornal de Letras* também incentivava, desde o início, a interlocução entre o rádio, que era a nova mídia de massa, e a literatura. Inclusive tinha uma coluna intitulada "Música e Rádio", com o pernambucano Fernando Lobo e o estudioso da música popular brasileira Lúcio Rangel, que ficou durante muito tempo como redator e era amigo de longa data dos irmãos Condé.

O fato é que já no primeiro semestre de existência do jornal, mesmo perante a crise do livro e do papel no Brasil, o mensário já estava presente nos principais polos culturais do país: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte,

¹⁹⁷ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 23, maio 1951.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1813307/CA

Porto Alegre e Recife. Dali em diante, foi se expandindo a cada ano, alcançando outras capitais e cidades menores. Inclusive já contava também com um correspondente literário em Paris. De fato, o JL colocou-se como vanguarda e interlocutor não somente porque trazia ao palco cultural as últimas produções nas províncias, mas também por meio dos seus correspondentes internacionais nos principais centros literários, trazendo para os leitores brasileiros as últimas novidades das manifestações nas artes e na cultura de modo geral.

Essa existência de seis meses e tais feitos do jornal foram motivos de louvores e reconhecimento da classe intelectual em diversos periódicos e suplementos literários. Como se tornara uma tradição editorial, os irmãos Condé faziam questão de exibir, muitas vezes na própria capa, essa repercussão de literatos e jornalistas, que ressaltavam as qualidades tanto material como humana do periódico, bem como a diversidade dos temas tratados, já alcançando 10 mil exemplares a cada mês.

Logo nas primeiras páginas, o destaque era costumeiramente dado aos amigos mais próximos dos irmãos Condé ou a membros do Conselho Fiscal, dentre eles José Lins do Rego, que teve seu texto d'*O Globo* reproduzido, sob o título “Árvore já de fronde”: “Aí é que está a razão do sucesso dos Condé. É que sendo eles tão ligados a grupos fugiram destes grupos e estão dando um jornal sem nenhum ranço de ‘Igrejinha’”.¹⁹⁸

Rachel de Queiroz, outra grande referência da literatura e muito próxima aos irmãos Condé, teve um de seus textos originalmente publicado no *Diário de Notícias* reproduzido logo início do JL. Ela destacou a efemeridade dos periódicos literários na história da literatura devido às questões financeiras, como de fato podemos constatar nas memórias de Elysio Condé, mas enfatizou a qualidade do papel e do desenho gráfico, mesmo diante de um cenário de crise financeira no país, em especial no setor editorial e ainda prenunciou:

Contudo, “Jornal de Letras”, parece que está fadado a destino mais seguro. Primeiro porque os irmãos Condé não são estreatantes em empresas desse gênero; e, por serem excelentes *homens de letras*, não deixam ao mesmo tempo de ser também *homens práticos*, que sabem governar a sua vida – *duplicidade* essa que parece essencial para qualquer *homem de letras* que aspire a êxito material no seu ofício.¹⁹⁹

¹⁹⁸ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano II, n. 8, fev. 1950, p. 4.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 4.

Rachel de Queiroz justificou uma pretensa longevidade do periódico porque pôs os irmãos Condé como *experts* do mundo das letras não apenas como literatos, mas também como homens práticos do mercado editorial e do mundo literário. Homens que circulavam pelos locais de sociabilidade e que tinham uma ampla rede de amizade, que ultrapassavam as barreiras ideológicas políticas e, como ressaltou José Lins, os grupos fechados em suas concepções de literatura e política.

Embora tivessem as suas convicções políticas, o interesse de seus empreendimentos literários chamava-os à praticidade na execução de seus projetos, dentre eles o próprio Jornal de Letras. Cada qual em suas atividades literárias, contribuíram para a concepção, elaboração e circulação do JL. No entanto, Elysio Condé, desde o início do periódico, foi o contrapeso desse empreendimento, embora João Condé tivesse uma pequena editora de edição de obras de luxo e José Condé já fosse reconhecido como um talentoso escritor de contos e romances da nova geração. O fato é que Rachel de Queiroz, como amiga próxima e com a sua perspicácia, indicou-nos que as características no modo de agir e o acúmulo de experiências dos irmãos Condé é que levariam ao sucesso editorial do empreendimento, que viria a ser ininterrupto por mais de quarenta anos. Para ela, o Jornal já era mais do que um simples periódico cultural, era “(...) uma espécie de monumento do nosso ofício”.²⁰⁰

De fato, o JL não só tornou-se um espaço de sociabilidade intelectual e de reflexão da história da literatura da segunda metade do século XX, mas também passou a ser visto, especialmente pelos escritores, como uma referência de qualidade e parâmetro para a produção literária e o para jornalismo literário, contendo a apreciação dos acontecimentos especificamente literários, como definiu Elysio na década de 1970.²⁰¹ Enfim, um espaço de plataforma por excelência do exercício de suas atividades intelectuais.

Tanto é que, na comemoração de um ano do lançamento do *Jornal de Letras*, o paraibano Augusto Rodrigues pintou uma caricatura para a capa do mensário que dá a dimensão dessa representatividade perante os intelectuais

²⁰⁰ Ibidem, p. 4.

²⁰¹ CONDÉ, Elysio. “Literatura e vida”. In: CONDÉ, Elysio. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. XXII.

brasileiros, com estes carregando o bolo de aniversário (Figura 23). Afinal, como escreveu Rachel de Queiroz, o JL era um monumento do ofício de escritores, pois o periódico sempre fez uma defesa intransigente do escritor e da cultura em alguns embates, como veremos mais adiante.

JORNAL DE LETRAS

ANO — II *** RIO DE JANEIRO — JUNHO — 1950 *** NÚMERO — 12

NÃO há que temer, em relação ao JORNAL DE LETRAS, que com este número completa seu primeiro aniversário, o lugar comum e disse logo que ele veio, de fato, "preencher uma lacuna".

Quisiam-se todos de que o Rio, capital não apenas política mas também literária e artística do país, não tivesse uma revista especializada nesses assuntos, coisa que vinha acontecendo só em diversas iniciativas. Morio o "Boletim de Arte", moria a "Revista do Brasil", refugiava-se a "Literatura" nos suplementos dominicais, que exatamente por acontecerem esporadicamente e em dias não podiam guardar, por mais que se esforçassem em suas organizações, o desejado equilíbrio de matéria e forma.

Mas mesmo desde abrigos já começa a literatura a ser encorçada: um dos principais diários desta capital transformou o seu tradicional suplemento literário numa espécie de almanaque, por achar que o público, aos domingos, não quer ler poemas, crônicas, ensaios, mas sim e unicamente "curiosidades", informações filosóficas, anedotas e outras coisas desse gênero.

Pela sua própria fé, os suplementos pedem colaborações leves, divertidas, boas para ajudar a vencer a monotonia de seu domínio.

Entre nós, quase sempre mais pelo estímulos dos respectivos organizadores do que pela vontade de dono do jornal, esses suplementos, estranhos de um ano para cá, têm tomado uma direção de vulgarização literária e cultural que hoje, sem dúvida, aquela intenção de apenas

ANIVERSÁRIO

COMO NASCEU A IDEIA DE SUA PUBLICAÇÃO ● O ESPÍRITO DE LETRAS ● RELEMBRANDO UM "COCK-TAIL" ● REVISÃO CRÍTICA DA OBRA DE COELHO NETO E OLAVO BILAC ● REPERCUSSÃO NO OCO DO MUNDO ● O PÚBLICO JÁ APOIA INICATIVAS COMO ESTA ● PLANOS PARA O FUTURO ● A OPINIÃO DOS ESCRITORES

Reportagem de MARTIM SOARES

No terreno propriamente da literatura, este jornal foi sempre sentido um brechó. Foi o desejo de fazer uma boa publicação inteiramente dedicada a assuntos de arte e literatura, e não de outra natureza, bem paguinha, que levou um grupo a fundar o JORNAL DE LETRAS. Não estando ligada a nenhuma empresa jornalística, mas sim, ao contrário, uma publicação autônoma, JORNAL DE LETRAS pode dedicar a matéria de sua especialidade aquele espaço que os diretores de jornal via de regra julgam perdido e antes despartir um cobertura de assuntos. Aqui, porque a seu público é de interessados, cabem todos os assuntos relacionados com arte e literatura: desde o artigo erudito até a reportagem ligeira e movimentada.

Não acreditavam os críticos que fosse possível manter no Brasil uma publicação desse tipo, onde suas condições em geral não passavam do terceiro número. A presente edição, com que JORNAL DE LETRAS completa o seu primeiro ano de existência, é uma prova de que o público já presta e apoia iniciativas como esta, valendo também como uma afirmação de que, vencida a primeira etapa, que é sempre a mais árdua e difícil, JORNAL DE LETRAS não deixará mais de existir. Após o estado de apertado, criar novas seções, torna-lo cada vez mais uma força viva e atuante no meio literário e artístico.

NASCIDO DAS "EDICÕES CONDE"

Mas, como nasceu a ideia deste jornal? Pode-se dizer que nasceu das "Edições Conde", aquelas famosas livras de Inzo que tanto sucesso alcançaram há tempos. Foi cuidando de lançar (continua na pág. 11)

divertir, que talvez não seja de todo errado considerar devam eles ter.

Mas, por isso mesmo que não podem se libertar de todo dessa intenção, como órgãos de vulgarização literária e cultural deixam eles de realizar por completo sua missão, pois os assuntos considerados mais áridos e difíceis são sempre excluídos de suas páginas. Onde, em qualquer dos nossos suplementos, uma boa seção de Filosofia, de História, de Filologia, de Edificação, de Sociologia, matérias que afinal interessam também o leitor médio de hoje? Em virtude dessas limitações e indubitável que os suplementos de modo por que não feitos atualmente, não satisfazem todos os círculos de leitores, como por

exemplo os jovens que anualmente deixam as novas Faculdades de Filosofia e não encontram aqui fora onde publicar o resultado de seus estudos e pesquisas, inclusive muitas vezes no campo da própria literatura, mas que se traduzem não em crônicas amenas e superficiais, mas em ensaios cheios de técnica e erudição. Tenho para mim que esses rapazes, mais cedo ou mais tarde, acabarão fundando as suas revistas, os seus jornais, como já fazem vários grupos de nossos Estados, dando assim novo golpe no prestígio dos suplementos, que durante tanto tempo monopolizaram a atenção do público mais interessado por esses assuntos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1813307/CA

Figura 23 - Representação caricatural dos intelectuais por Augusto Rodrigues.²⁰²

²⁰² JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, Ano II, n. 12, jun. 1950.

Por meio da análise dos editoriais, principalmente nessas edições de aniversário, percebem-se as intenções e as projeções dos diretores do JL. No editorial da capa, o autor (talvez Elysio Condé) colocou o mensário no rastro de outras publicações históricas da literatura brasileira do século XX, como o *Boletim de Ariel*, *Dom Casmurro* e a *Revista do Brasil*, sempre usados como parâmetro de qualidade e longevidade. Por isso, como pontuou Wilson Martins (1977-1978, p. 280): “(...) com o aparecimento do Jornal de Letras, no Rio, sob a direção de Elysio, João e José Condé (...), a literatura ganhava organização intelectual e os instrumentos de trabalho correspondente a sua idade crítica (...)”. A intenção era inserir o JL nesse *continuum* após o desaparecimento desses periódicos, que marcaram produção intelectual do país naquele período:

Queixavam-se todos de que o Rio, capital não apenas política, mas também literária e artística do país, não tivesse uma revista especializada nesses assuntos, coisa que vinha acontecendo até em diversas províncias.²⁰³

Nesse um ano de existência, Elysio Condé ressaltou as dificuldades de manter um produto cultural de altas qualidades gráfica e intelectual e sem nenhuma interrupção, características sempre ressaltadas por ele ao longo de quatro décadas de existência do JL. Além disso, se orgulhava de não receber investimentos diretos de políticos ou de instituições estatais.

Contudo, no ano seguinte à sua criação, o JL já contava com uma enorme variedade de propagandas de bancos (Caixa Econômica Federal, Banco do Distrito Federal e Banco de Crédito Real de Minas Gerais), de livrarias (Editora Civilização Brasileira, Livraria Martins Editora etc.) e de traduções de obras de vários países assinadas por autores brasileiros – o que fomentava também a divulgação de outra dimensão do trabalho desses intelectuais. Trazia também a propaganda dos livros publicados pelas Edições Condé, a pequena editora de João Condé.

Havia a presença constante de propagandas de instituições e de empresas de Pernambuco (Galeria Nassau de Recife, SENAI de Pernambuco, Casas Pernambucanas e Instituto do Açúcar e do Alcool, por vezes ocupado por algum intelectual). Além de propagandas dos serviços aéreos “Cruzeiro do Sul” (que

²⁰³ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, Ano II, n. 12, jun. 1950, capa. A primeira fase foi até 1955. Em 1956 o JL foi remodelado, com caráter gráfico dinâmico e modernizado.

distribuía o jornal), da Cia Colonial de Navegação, do IAPC (onde José Condé trabalhava como procurador) e até da Previdência Social. E não era incomum ter textos propagandísticos de realizações de governos de estados, especialmente de Pernambuco, como o “Panorama administrativo do governo de Pernambuco”, na edição de aniversário dos dois anos do JL.²⁰⁴

Foi também no seu segundo ano de existência que o JL passou a dedicar uma seção de duas páginas inteiras ao “movimento artístico e intelectual de São Paulo”,²⁰⁵ sob a responsabilidade de Alcântara Silveira, que estava atento a todos “os meandros [da] vida da inteligência paulista”.²⁰⁶ Esse colunista permaneceu como colaborador da seção do mensário até fevereiro de 1955 (quando houve a reforma gráfica), dando lugar ao jovem crítico paulista Fernando Góes.

São Paulo tornara-se um ponto de referência para os diretores-irmãos do jornal por sua representatividade cultural histórica, principalmente após a Semana de Arte Moderna de 1922. No entanto, já em seu segundo ano de existência o JL almejava mais e alcançava, de fato, uma consolidação reconhecida (e sustentada) no meio intelectual e no setor impresso em geral, tanto no Rio como na capital paulista.

Na edição comemorativa do segundo ano de existência, a edição de 20 páginas do *Jornal de Letras* trazia na capa o texto do principal colaborador do jornal, Álvaro Lins, com desenhos ilustrativos dos símbolos das artes diversas. Sobre os comentários dos seus integrantes do que representava o jornal, escreveu Álvaro Lins:

Jornal de letras não somos apenas nós, os de sua direção, de sua redação e de seu conselho diretor. Não são apenas os seus colaboradores, Jornal de Letras é hoje uma numerosa família, que se estende por todo o território nacional e atinge mesmo alguns países estrangeiros.²⁰⁷

O respeitado crítico literário naquela época congratulava também os “anunciantes inteligentes” que viram o “alcance publicitário” do jornal, já que o

²⁰⁴ Conforme esclareceu a historiadora Alzira Alves de Abreu (2002, p. 9), ao longo de sua extensa produção historiográfica sobre a imprensa, foi a partir do segundo governo Vargas e, principalmente, com Juscelino Kubitschek que os investimentos em propaganda aumentaram, fazendo surgir inúmeras agências de publicidade. Tanto que as receitas dos jornais e revistas provinham, em sua maioria, justamente da presença de propagandas. Contudo, no nosso recorte pesquisado não foi perceptível essa investida da propaganda mercadológica.

²⁰⁵ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano II, n. 17, nov. 1950, p. 10.

²⁰⁶ Ibidem, p. 10.

²⁰⁷ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 24, jun. 1951, p. 2.

mensário era “um traço de união, um denominador comum” entre as grandes e as pequenas cidades.²⁰⁸ Apesar do apoio publicitário naquele mês comemorativo, o *Jornal de Letras* aumentou seu preço, talvez pelo próprio crescimento do corpo colaborativo ou por causa do custo do papel, mais alto a cada ano.

Podemos perceber esse alcance de boa parte do território nacional nas mensagens de reconhecimento da parte de inúmeras instituições representativas dos poderes políticos do país, que os irmãos Condé faziam questão de expor na capa ou nas primeiras páginas. Afinal de contas, essa também era uma forma de exibição de sua importância, reconhecimento e influência.

O JL recebeu homenagens de importantes instituições representativas, como da Assembleia Legislativa de São Paulo e da Academia Carioca de Letras, pelos intelectuais que compunham a Câmara Federal em nota de congratulações, como Jorge Lacerda, Amando Fontes, Gustavo Capanema, Luís Viana, Afonso Arinos de Melo Franco, Menotti del Picchia e Gilberto Freyre, que afirmou ser o *Jornal de Letras* o “órgão oficial das letras brasileiras”.²⁰⁹ Manuel Bandeira, em discurso na ABL, ressaltou a qualidade gráfica e o comprometimento dos irmãos Condé em fazer e manter um periódico de tal envergadura demonstrando tanta solidez naquele produto cultural, apesar das dificuldades de fazer tal empreendimento no Brasil daquele período.

Essa demonstração de reconhecimento tornou-se comum ao longo da existência do periódico em suas edições de aniversário. Era, de fato, uma oportunidade de evidenciar as *redes de sociabilidade* intelectuais que confluíam nas páginas do jornal. Também não deixava de ser uma exibição da influência que os irmãos Condé tinham por estar à frente de um veículo de comunicação e de informação tão poderoso naqueles tempos. Com isso, inúmeros intelectuais tinham depoimentos transcritos no jornal em edições comemorativas: Joel Silveira, Luís Martins, Sergio Milliet e Austregésilo de Athayde, que destacou que o jornal “agradou ao mais comum dos leitores”.²¹⁰

Embora essa última afirmação parecesse corriqueira, ela evidencia outro aspecto importante para o sucesso desse empreendimento literário, uma vez que um periódico qualquer não dura por muito tempo se não estiver atendendo às

²⁰⁸ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 24, jun. 1951, p. 2.

²⁰⁹ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 25, jul. 1951, p. 3.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 3.

expectativas de um público mais amplo, que não necessariamente iria “consumir” ou estar interessado em textos ou informações mais eruditas. Essa recepção do JL era muito mesclada (visto que alcançava importantes cidades) e, por isso, a preocupação dos seus diretores era a de diversificar as colunas, as seções e as subseções que davam ao mensário uma dinâmica que possibilitava a esse “leitor comum” uma leitura direta com textos claros e sintéticos, mas sem renunciar à qualidade literária.

Tal preocupação e estratégia ficaram claras a partir da edição do terceiro aniversário, em agosto de 1952, quando o jornal inovou na parte gráfica, ao alterar o *layout* com destaques às matérias e às colunas principais numa determinada cor sempre vibrante a cada edição e também trazia o sumário logo na capa para orientar melhor o leitor. Com essas mudanças, o jornal ficou ainda mais dinâmico e com um aspecto mais moderno, contendo as seguintes páginas e suas seções de destaque: Panorama do Mundo (seções O livro estrangeiro, Literatura, Cinema); Artes plásticas (com Flávio de Aquino); A reportagem do mês; De todos os quadrantes (com seções Variedades, Jornal de poesia); colunas e seções regulares, como: Literatura nos Estados, Últimos lançamentos, Revista dos livros (Com o crítico e romancista Adonias Filho), Jornal de Letras em São Paulo, Correio Literário. Além de outras mais flexíveis, entre elas: textos de colaboradores diversos; Fatos, ideias e opiniões em artigos de jornal; Teatro; Artes; poemas e contos dos novos escritores. Como se percebe, o *Jornal de Letras* reafirmava aquele sentido alargado em seu título ao conceito “de letras”, como esclareceu os diretores no texto-programa do primeiro número do periódico.

O fato é que em seu terceiro ano de existência o mensário já contava com mais de 300 colaboradores, organizando concursos culturais nas mais distintas áreas, como discutiremos mais adiante. Além do mais, a partir do seu segundo ano, os irmãos Condé investiram na prática editorial com a *Edições Jornal de Letras*, que editou obras de Dinah Queiroz, Leonídio Ribeiro, Olímpio Monat, do próprio José Condé, Manuel Bandeira e anunciava insistentemente que seriam publicadas obras de Gilberto Freyre e do poeta pernambucano Mauro Mota. Muitos desses textos foram publicados parcialmente em forma de folhetim ao

longo das edições do jornal, como foi o caso do livro *Itinerário de Pasárgada*, de Manuel Bandeira.²¹¹

Em meio a tantas atividades culturais encampadas, o JL chegava ao seu sexto aniversário, em 1955, reconhecido como o principal periódico cultural e literário do país. O balanço foi feito em um editorial de capa, intitulado “6º aniversário”, que está escrito acima do próprio título do mensário que se situava como autoridade na política cultural:

Conseguimos fazer do nosso “Jornal de Letras” um órgão atuante no meio literário brasileiro, pela sua atividade opinativa em face dos nossos problemas culturais.

[...]

Que os poderes públicos conservem os ouvidos moucos para tais vozes é do que não temos culpa.²¹²

No texto editorial, também reivindicando um lugar de autoridade representativa dos intelectuais do país, Elysio Condé somente naquele momento de comemoração do sexto ano de existência traçou uma memória que sempre reivindicaria nas décadas posteriores. O ato de memória que ele procurou frisar foi o caráter de “aventura” ao lançar o periódico em 1949, uma vez que “(...) a atmosfera de ceticismo que nos cercava era absoluta. Todos os empreendimentos desse gênero nos tomavam o caráter de quixotismo.”²¹³ Isso porque “(...) nós contávamos apenas com o interesse dos leitores. Mas já existiria no Brasil essa entidade em que tanto confiávamos: o leitor de jornal literário? Os nossos melhores amigos nos afirmavam que não”.²¹⁴

Ora, de fato, esse público leitor no país era muito escasso, devido ao alto índice de analfabetismo e pelo valor dos periódicos ainda mais especializados, que acabava limitando o acesso ao mundo letrado. Mas, se os irmãos-diretores sabiam dos riscos e dos percalços, afinal eram homens envolvidos no meio editorial e com experiência ou, como descreveu Rachel de Queiroz, eram “homens práticos”, porque entraram naquela “aventura”? Talvez essa resposta esteja justamente nas palavras da famosa escritora cearense e amiga dos Condé.

²¹¹ O livro *Itinerário de Pasárgada* foi publicado em 1954. A obra é um relato memorialístico em que o autor expõe os bastidores de sua experiência literária. Ele foi escrito graças aos incentivos de João Condé, como vimos no capítulo primeiro desta tese.

²¹² JORNAL DE LETRAS. “6º Aniversário”. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VII, n. 72, jun. 1955, capa.

²¹³ Ibidem, capa.

²¹⁴ Ibidem, capa.

Nesse texto, Elysio Condé se posicionou diferentemente quando do lançamento do jornal, com o discurso de uma pretensa neutralidade política. Porém, com as pautas que iriam defender e com as quais estavam intrinsecamente ligados pela própria existência de um projeto editorial de cultura e literatura com tamanha envergadura, os embates em editoriais cada vez assertivos colocou o JL como um porta-voz de políticas culturais amplas que não diziam respeito apenas aos intelectuais, mas também a outros setores fundamentais da sociedade.

Inclusive o discurso de neutralidade por vezes esvaía-se quando anunciavam as candidaturas para a presidência da República nas eleições, previstas em 1955, com a expectativa de vitória do candidato Juscelino Kubitschek. Enquanto era governador de Minas Gerais, o próprio Juscelino subsidiou um dos concursos culturais organizado e divulgado pelo próprio JL. Por isso, há um certo otimismo contido nesse editorial de aniversário:

Que no seu próximo aniversário o Jornal de Letras possa anunciar o advento de governo preocupado com as coisas do espírito e para o qual os interesses da cultura não sejam simples figuras de retórica em discursos campanudos.²¹⁵

Contudo, aquele era um ano de comemorações e reconhecimento por instituições Brasil afora. Em outubro de 1955, o jornal recebeu da Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria de Educação e Cultura, por unanimidade, o prêmio pela melhor contribuição à divulgação do livro no Brasil e o próprio Elysio Condé foi recebê-lo. Na comissão julgadora estavam Fernando Góes (relator), que era o correspondente do próprio JL naquela cidade, Maria José Dupré, Afonso Schmidt, Arnaldo Casemiro Costa e Rossine Camargo Guarnieri.

Na ocasião festiva, e já experimentando o reconhecimento desse amadurecimento enquanto periódico literário, o ano de 1956 foi o primeiro marco de alteração gráfica e na dinâmica interna das seções e colunas ao longo da sua existência. Na última edição de 1955, o editorial reafirmava essa inovação quando apresentou na capa a seguinte manchete: “Projetos de Jornal de Letras para 1956”.²¹⁶

Os diretores, liderados por Elysio Condé, chamaram de “radical reforma” todas as mudanças que estariam em curso: maior número de páginas, nova feição

²¹⁵ Ibidem, capa.

²¹⁶ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VII, n. 78, dez. 1955, capa.

gráfica, criação de outras seções, novos colaboradores e o resgate de um sonho inicial de torná-lo hebdomadário, porém, tal plano declinou novamente. No entanto, era a função de Elysio, enquanto editor, “dar luz”, como um dos sentidos originais do conceito em latim, segundo Aníbal Bragança. Não apenas na concepção e na criação como também nos projetos remodelação para melhor atender às demandas do público leitor, com a finalidade de tornar aquele bem cultural conhecido, difundido, consumido e lido (BRAGANÇA, 2005, p. 222).

Essa desistência de colocá-lo semanalmente tinha uma explicação. Conforme Elysio, por causa de “exigências de ordem material e técnica”, que colocariam em risco “uma quebra de ritmo ou de qualidade”. Contudo, como diretor-responsável ele via a necessidade de uma reforma “aos olhos da nossa longa experiência” para “atuar de maneira mais eficiente em nossa vida literária”.²¹⁷ O fato é que essa procura pela inovação gráfica se tornou uma demanda para muitos periódicos do início daquela década. Essa modernização foi iniciada com a criação do jornal *A última Hora* (1951), de Samuel Wainer, seguida no mesmo ano pelo *Diário Carioca* e culminando na reformulação do *Jornal do Brasil* em 1956.

Naquele momento, ao que nos parece, Elysio Condé dirigia o periódico sem dificuldades de colaborações, com um enorme reconhecimento da intelectualidade interna e externa e com certa solidez financeira. Naquele que parece ter sido o momento auge do mensário, Elysio expôs, mais uma vez de maneira enfática, a missão do JL: “(...) cuja preocupação de base foi sempre a de representar os mais legítimos anseios da inteligência e da sensibilidade brasileiras (...)”.²¹⁸

Elysio Condé, em discurso proferido na ocasião do prêmio concedido pela Prefeitura de São Paulo na Câmara Brasileira de Livro, fez um contraponto entre o contexto político em que o JL tinha sido lançado e àquele atual, com a possibilidade de Juscelino vencer as eleições, embora a situação ainda carecesse de tranquilidade.

Vencida está a época em que, para combater orientações doutrinárias, destruíam-se os livros que as apresentavam. Hoje, é pela luta intelectual, inteligente e criadora, que se aniquilam

²¹⁷ Ibidem, capa.

²¹⁸ Ibidem, capa.

as doutrinas falsas e perniciosas, contrapondo-se a um mau livro, outro de nível elevado e ideias sadias.²¹⁹

Em tom de balanço e de marcação de posição, Elysio esclareceu o seu entendimento a respeito das funções de alguns postos intelectuais dentro de um jornal de literatura e cultura, de modo geral. Segundo ele, ao crítico literário, por exemplo, cumpre “orientar o público com uma crítica judiciosa, auxiliando-o na escolha de um bom livro”.²²⁰ Por isso que ao longo dos seis anos do JL aqui analisados críticos de peso como Valdemar Cavalcanti, Brito Broca e Adonias Filho fizeram parte do corpo colaborativo. O crítico assim como o editor assumem funções de peso na direção e na identidade de um periódico dessa natureza, já que o editor coordenava e orientava as pautas, reportagens e enfoques nos temas que deveriam compor as edições. Por isso, tais práticas mediadoras são potências na vinculação do sucesso de um impresso perante as comunidades leitora e intelectual. Esse entendimento também transformado em engajamento intelectual era enfatizado por Elysio em seus textos editoriais:

O editor é outro elemento responsável pela educação intelectual do povo, editando, de preferência, obras que possam elevar cada vez mais o seu nível de cultura e conduzindo os menos experientes para uma trilha proveitosa ao seu espírito.²²¹

Embora Elysio estivesse se referindo a uma espécie de editor de livro e não a si mesmo, nessa função ele estava num papel não somente de gestor do periódico, mas também de agente pedagógico em relação aos autores que colaboravam no periódico, aos seus leitores comuns ou aspirantes a escritores nos mais distantes lugares do país, que se defrontavam com os valores, os sentidos, as diretrizes e com as técnicas que formatavam o mensário.

Dentre outras missões – não apenas do JL, mas também doutros empreendimentos culturais dos Condé – a intenção era de propagar e facilitar o acesso dos jovens intelectuais, como já tivemos oportunidade de discutir, com o “objetivo de estimular os que iniciam a vida intelectual, o Jornal de Letras tem oferecido prêmios de dez, vinte e trinta mil cruzeiros (...)”.²²² Ora, essa foi uma prática cultural muito bem difundida no periódico pelos seus diretores, pois servia

²¹⁹ CONDÉ, Elysio. “Movimento Literário”. In: **Jornal de Letras**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VII, n. 78, dezembro de 1955, p. 1.

²²⁰ Ibidem, p. 1.

²²¹ Ibidem, p. 1.

²²² Ibidem, p. 1.

também como polo atrativo dos intelectuais de todas as partes do país para a participação e para, quem sabe, a integração efetiva à comunidade mais ampla dos letrados no mercado de trabalho impresso e editorial.

Essa expansão do JL era visível em sua cobertura, com pontos de distribuição em quase todos os estados do país, em endereços onde os leitores poderiam retirar os números atrasados, as coleções e fazer pedidos, já que o jornal já estava à venda “nas principais livrarias e bancas de jornal do Brasil”,²²³ inclusive nos longínquos “Território do Acre” (Rio Branco) e “Território do Guaporé” (Porto Velho), como se orgulhava Elysio Condé em discurso na capital paulista:

O Jornal de Letras que, por intermédio do Instituto Nacional do Livro, tem a felicidade de ser enviado para quase todas as bibliotecas do Brasil, leva um pouco da divulgação cultural às pequenas cidades do interior deste imenso território, pondo seus habitantes a par dos mais recentes acontecimentos literários.²²⁴

Nesse trecho acima podemos perceber as relações políticas de Elysio Condé com instituições e órgãos estatais importantes para o mundo impresso e editorial da cultura brasileira de modo geral. Não por acaso, quem estava à frente da direção do Instituto Nacional do Livro (INL) era Adonias Filho, crítico do JL e amigo de longa data dos irmãos Condé, que ficou no cargo entre 1954 e 1955.²²⁵ Tal expansão pode ter sido resultado não só de compromissos privados, mas também intermediada por essas redes de sociabilidade traçadas pelos próprios colaboradores e redatores do JL, que também assumiam cargos públicos diversos na cidade do Rio de Janeiro e em seus respectivos estados.

Essa difusão literária e da cultura brasileira pelas páginas do JL também alcançava Portugal e até as suas “províncias ultramarinas”, como Moçambique e Angola. Tal divulgação deu-se graças às relações de amizade e às contribuições de escritores portugueses – muitos deles ligados à estrutura governamental do ultramar – que foram se intensificando após essa primeira fase do periódico, como veremos mais adiante.

²²³ Ibidem, p. 1.

²²⁴ Ibidem, p. 1.

²²⁵ Ele também esteve à frente da direção da editora A Noite (1946-1950), que imprimia o JL, e foi diretor do Serviço Nacional de Teatro (1954), onde lançou concursos teatrais em parceria com o JL.

Enfim, no ano de 1956 um novo *Jornal de Letras* se configurava, com um maior número de páginas, grandes reportagens em colunas verticais, novas seções e novos colaboradores.²²⁶ Era uma nova roupagem gráfica, com 20 páginas subdivididas por linhas finas, bordando os destaques na capa, o nome do periódico e as seis primeiras páginas em cores. Cada edição era representada por uma cor dominante, o que dava ao jornal um aspecto moderno, dinâmico e vibrante.²²⁷

Entretanto, essa remodelação custaria um investimento financeiro maior e, por isso, o *Jornal de Letras* dedica um texto aos leitores acerca do preço do periódico, que passaria a custar 10 cruzeiros por causa do “encarecimento geral do custo de vida”, do aumento do preço do papel, de tintas e das impressões tipográficas por causa do aumento de páginas e da coloração: “Por isso mesmo, embora naturalmente constrangidos, estamos contando com a solidariedade de leitores e assinantes, para que melhor possamos servi-los, hoje como sempre”.²²⁸

Outra dificuldade não aparente parece ter sido a saída de José e de João da direção do periódico naquele ano, que teria sido provocada por uma crise dos irmãos na condução dessa reformulação. Essa questão não pode ser respondida com a documentação disponível e consulta por esta pesquisa. Um dos indícios dessa separação está na entrevista concedida por Elysio, em 1975, e que foi incorporada ao seu livro autobiográfico *O navegante solitário*. Disse ele que “(...) a vida profissional deles foi impedindo que continuassem na direção”.²²⁹ Já Fernando Sales, um dos primeiros redatores do mensário, deu outro sinal dessa crise ainda mais grave: “(...) levados, talvez pela dúvida quanto ao êxito da iniciativa, propuseram sua dissolução, como que não concordou Elysio, que passou então a assumir sozinho sua inteira responsabilidade”.²³⁰ Era ele quem fazia a gestão de uma série de demandas não editoriais do periódico. Além de negociar com o setor comercial, controlar custos e administrar pessoal (colaboradores, redatores etc.), procurava também zelar pelas relações políticas

²²⁶ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VIII, n. 80, fev./mar. 1956.

²²⁷ Nesse tipo de intervenção editorial, vale a pena a reflexão de Aníbal Bragança (2005, p. 224) sobre a ação intelectual na qualidade do editor: “Mesmo quando não é deles a iniciativa dos projetos, é deles que parte a direção a seguir. É neste lugar de decisão e comando, e de criação, que está o coração do trabalho do editor”.

²²⁸ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VIII, n. 80, fev./mar. 1956.

²²⁹ CONDÉ, Elysio. “Literatura e vida”. In: CONDÉ, Elysio. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. XXI.

²³⁰ CONDÉ, Elysio; SALES, Fernando. “Um testemunho”. In: CONDÉ, Elysio. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. 30.

mais amplas, como veremos a seguir. Portanto, nessa função de editor, Elysio era também intelectual medidor, pois assumia um conjunto de atividades burocráticas e intelectuais que exigiam boas relações e poder de negociação tanto na esfera pessoal como nas esferas social e institucional.

Contudo, essas funções concentradas em Elysio parecem ter durado pouco tempo. O que percebemos na análise dos exemplares dos anos seguintes foi o retorno de João e de José à função de diretores, o que pode indicar que houve algum tipo de desentendimento pontual entre os irmãos apenas naquele ano de reformulação.

Conforme pudemos constatar, houve uma maior modificação entre os integrantes da Redação, como esperado pela natureza dinâmica desse setor do periódico, fortalecendo tal setor com o reforço do experiente Valdemar Cavalcanti como redator-chefe, deslocando Brito Broca, outro destacado literato, para a assistência de Redação. No geral, o mensário ficou mais robusto também na composição do quadro pessoal, acrescentando um nome intelectual de peso no Conselho Fiscal: Gilberto Freyre. Por isso, pudemos deduzir que o JL ficara mais conteudista com tal reforma (Figura 24).

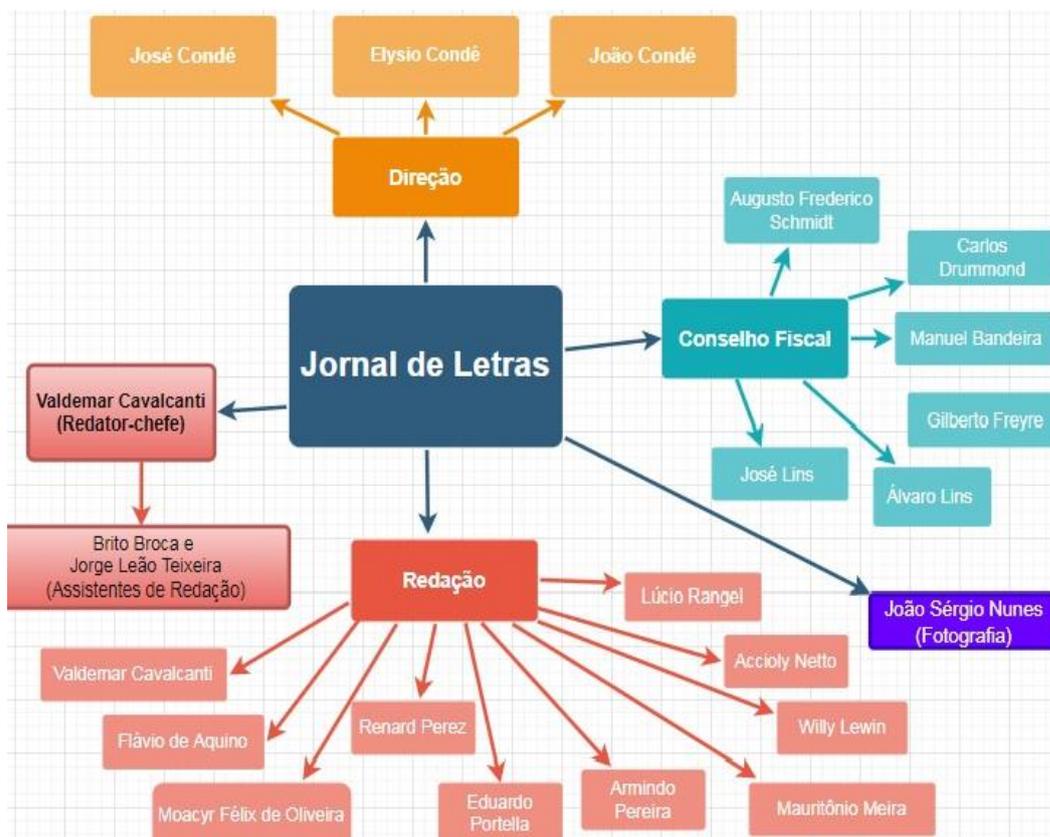


Figura 24 - Estrutura editorial do Jornal de Letras no final de 1956 com a presença de Gilberto Freyre no Conselho Fiscal.

No editorial ao lado do título do jornal, o artigo “Nova fase” marca, na nossa perspectiva, o fim da era de periódico em ascensão, que se firmava então como principal órgão de imprensa brasileira dedicado à cultura e, principalmente, à literatura. Isso em consonância com a ascensão de Juscelino à presidência que era, sem dúvidas, um prenúncio de entusiasmo, já que ele era reconhecido como um homem atencioso à intelectualidade.

Ainda assim, Elysio e os irmãos diretores, como disse Rachel de Queiroz, eram “homens práticos” e marcavam uma posição cética, tendo em vista as experiências passadas desse tipo de periódico, que eram tão voláteis conforme as dinâmicas políticas:

No limiar, portanto, de uma nova etapa, que esperamos seja tão bem-sucedida quanto à que precedeu, JORNAL DE LETRAS, se por um lado surge material e intelectualmente renovado ao influxo do progresso, por outro lado mantém-se conservador, estacionário, solidamente entrincheirado tal como no seu primeiro número, isto é, nas suas diretrizes, no seu pensamento, no seu programa. E, porque o seu programa é apolítico no sentido de filiação ideológica, quer do ponto de vista interno

quer do externo, porque o seu programa é o da defesa da cultura e da valorização do intelectual (...).²³¹

Devemos chamar a atenção para alguns pontos desse editorial em relação a alguns conceitos mobilizados no argumento de Elysio Condé. Embora ele enfatize a consolidação precoce dos periódicos, as situações econômica e política não eram tão favoráveis e otimistas assim. Por isso, a necessidade de até aquele momento terem marcado uma posição conservadora e de certa neutralidade política, a fim de não afastar o possível interesse de anunciantes públicos e privados. Percebe-se que, enquanto o JL adquiria essa consolidação perante o público leitor e entre a classe intelectual, os textos editoriais ganhavam um tom político cada vez mais direto, embora sempre com o argumento da defesa da cultura nacional e do intelectual, conforme percebemos no trecho apresentado anteriormente. Tal postura pode ser indício da aproximação dos irmãos Condé com Juscelino, na crença de uma nova fase de investimentos no setor cultural brasileiro. Até porque Álvaro Lins, conselheiro do JL no início de 1956, foi empossado como chefe de Gabinete Civil de Kubitschek devido à sua defesa enfática para o presidente eleito assumir a presidência da República, depois de uma tentativa de golpe da oposição para impedir a sua posse.

Ainda na capa do primeiro exemplar do periódico renovado, no ano da posse de Juscelino, os irmãos Condé, primos de Álvaro Lins, reconheceram a ajuda e a parceria intelectual de ligação regional de longuíssima data:

(...) um dos nomes que figuram nos seus quadros direcionais, desvanecimento tanto mais amplo quanto está acrescido de sentimentos de estima pessoal cimentada pelos anos, e pelos laços invisíveis de uma origem regional comum em relação aos seus Diretores.²³²

Seja no âmbito interno ou internacional da Guerra Fria, Elysio estava atento aos eventos políticos, pois sabia que tudo influenciaria no andamento daquele empreendimento impresso. Isso talvez explique por que os editoriais oscilaram numa linha tênue entre intervir no debate político cultural na defesa cultura-intelectual e os problemas e debates políticos propriamente. Por isso que o

²³¹ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VIII, n. 80, fev./mar. 1956, capa. Nesse período específico da nossa pesquisa, concentrou-se a maior alternância do poder da República (Dutra, Vargas, Café Filho e Juscelino), o que mostra certa instabilidade e justifica essa posição conservadora do editorial.

²³² Ibidem, capa.

conceito de “conservador” está associado ao desejo de estabilidade política e social para o pleno desenvolvimento da cultura no período democrático da República, repleto de eventos políticos internos e externos que causavam instabilidades. Também é condicional para a escolha do leitor o que expressa o periódico, a sua opinião diretiva e sua posição perante os eventos que compõem o contexto no qual está inserido (SODRÉ, 1999, p. 395).

Percebe-se em vários trechos que o lugar reclamado por Elysio é o da neutralidade, mas essa posição fica cada vez mais precária devido à sua inevitável inserção no mundo da política e enquanto intelectual que dirige um bem cultural tão central e com tamanha representatividade na sociedade brasileira, “(...) atuante em tudo o que diz respeito à dignidade da posição do escritor e do artista e à defesa das suas prerrogativas (...)”.²³³

Ele seguiu configurando um sentido de intelectual que associa a sua ação política como forma de transformar a sociedade em suas práticas culturais diversas a fim de torná-la cada vez mais democrática para o seu próprio livre exercício intelectual. Por esse motivo, o intelectual deve estar engajado:

Porque se o escritor e o artista exigem prerrogativas que lhes assegurem o livre exercício da manifestação intelectual, não há dúvida, por outro lado, que para um e outro há também deveres a cumprir relativamente à missão que lhes compete (...).²³⁴

Ora, o exercício da livre expressão, que os intelectuais de imprensa tanto almejavam em anos anteriores, naquele momento de perspectivas positivas o cenário apontava para que a intervenção do intelectual fosse efetiva na conquista de direitos, por melhores condições de trabalho para, justamente, executar as suas atividades e produzir bens culturais. No entanto, essa superação de tantos problemas, como a crise do papel, os direitos autorais, o alto índice de analfabetismo, entre outros, requeria uma ação constante dos órgãos de imprensa, a fim de que cobrassem políticas públicas que combatessem tais entraves, como uma espécie de porta-voz desses intelectuais nas suas inúmeras demandas.

²³³ Ibidem, capa.

²³⁴ Ibidem, capa.

4. 1. A defesa da “*classe intelectual*” e da cultura

O JL tornara-se a mídia responsável pelas reclamações e reivindicações dos “trabalhadores intelectuais”. Essa função era restrita aos editoriais escritos unicamente pelos irmãos Condé, especialmente por Elysio, enquanto diretor-geral daquele periódico. Tanto que logo no primeiro ano de existência, quando eram raros os editoriais, o primogênito tratou especificamente sobre “O problema econômico do escritor brasileiro”.²³⁵

Ele destacou a longa tradição de dependência dos intelectuais em relação ao Estado, que caracterizava a dinâmica da política cultural do então recente regime do Estado Novo: “Todos assentam sua existência em bares mais firmes, na burocracia, no professorado, em indústrias privadas etc.”.²³⁶ Ele ressalta que o jornalismo absorvia muita gente da literatura desde século XIX. Esses intelectuais, de acordo com ele, eram obrigados a “(...) trabalhar diariamente, como Álvaro Lins, Valdemar Cavalcanti, Graciliano Ramos, Lêdo Ivo”.²³⁷ Por isso que o JL encampou uma reivindicação pela valorização do escritor e do intelectual de modo geral, para que este dependesse cada vez menos dos tentáculos do Estado e de seus órgãos, conforme havia experimentado no Estado Novo e naquele contexto de crescente autoritarismo do governo Dutra, embora estivesse no seu fim.

Isso fica bastante lúcido no início do governo Vargas, em editorial chamado de “Notas e comentários”, no qual o autor fez uma campanha pela “profissionalização do escritor”, uma vez que não queriam a “caridade paternalista” do Estado pagando pela supressão da liberdade. Eles queriam “estabilidade de condições em que é possível o desenvolvimento normal das letras e das artes”.²³⁸

Então, como fica claro, o JL se colocava como o principal mediador entre as demandas e as carências dos intelectuais com o chefe de Estado. Também tentava desvencilhar o intelectual e sua produção das influências do Estado como outrora.

²³⁵ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano I, n. 6, dez. 1949, p. 3.

²³⁶ Ibidem, p. 3.

²³⁷ Ibidem, p. 3.

²³⁸ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 23, maio 1951, p. 4.

Para Sérgio Miceli (1979, p. 158), durante o regime ditatorial do Estado Novo:

(...) instaura-se uma situação de dependência material e institucional que passa a determinar as relações que as clientelas intelectuais mantêm com o poder público cujos subsídios sustentam as iniciativas na área da produção cultural, colocam os intelectuais a salvo das oscilações de prestígio, impunes às sanções de mercado, definem o volume de ganhos de parte a parte.

Contudo, essa era uma via de mão dupla, em que os intelectuais ficavam restritos às imposições e às manobras desse mesmo Estado. Era uma situação de ambiguidade, como demonstrou Ângela de Castro Gomes (2005, p. 227), que frisou que a lógica política tecida no Estado Novo na relação entre o presidente e o povo, que se prolongou pela década seguinte, era a da dádiva. Ou seja, Vargas como estadista visionário “(...) antecipava-se voluntariamente às demandas sociais e outorgava a legislação” como um compromisso de Estado, mas deveria, em contramão, garantir essa execução, pois, caso contrário, poderia levar desarmonia à sociedade. Por outro lado, o povo deveria retribuir essa doação, uma vez que:

Toda dádiva só se cumpre com a aceitação do que é dado: Sua lógica é bilateral, e assim como aquele que dá o faz também por “*necessidade*”, aquele que recebe “*precisa*” aceitar o benefício. A recusa de uma dádiva é o descumprimento de uma obrigação social (Ibidem, p. 228).

Tal trecho destacado é pertinente a este ponto da discussão, pois evidencia uma relação dialógica de questões complexas, sem dúvidas, que irá se perpetuar nos governos seguintes (Dutra, Vargas, Café Filho e Juscelino), em contextos em que o JL de Elysio Condé irá refletir em seus editoriais o esforço de mediador.

Durante as nossas análises dos perfis editoriais, percebemos uma crítica dirigida também aos setores privados, que não contribuía para o desenvolvimento cultural do país e, especificamente, sobre a sempre grave situação do livro brasileiro:

Os editores, tão interessados quanto nós na *difusão da cultura*, fazem-se – com as raras e confortadoras exceções também neste número representados – surdos. As grandes empresas, as poderosas indústrias, os monopólios comerciais, sorriem maliciosos e superiores. Do próprio Estado, se vem auxílio, melhor que não viesse: as duas pequenas publicidades da União

e da Prefeitura que, como ajuda foram dadas, oito meses depois ainda não conseguimos receber.²³⁹

A crítica tripla, dirigida aos grupos envolvidos na dinâmica do mundo impresso (editores, empresas e Estado), foi pela ausência de um engajamento no fomento à cultura nacional. Com isso, Elysio Condé com o JL reafirmava mais uma vez o seu papel de mediador por meio daquela importante mídia, entre esses setores e os intelectuais que dependiam de investimentos indiretos e diretos aos projetos. Ou seja, para os irmãos Condé, e para Elysio como diretor-geral, a associação dessas três esferas seria capaz de alavancar o setor cultural e de quebrar de certa maneira a dependência, direta e indireta, dos agentes culturais em relação ao Estado. No editorial do terceiro aniversário do periódico, essa função mediadora como porta-voz coletivo ficou explícita:

Nosso ardente desejo é tornar estas colunas cada vez mais vivas, reflexo do movimento literário do Brasil e do mundo, *instrumento de ação*, pronto sempre a intervir em favor de todas as iniciativas culturais e a concorrer para a *valorização da inteligência e as reivindicações dos intelectuais* num país, onde a situação deles continua precária.²⁴⁰

De fato, o JL como “*instrumento de ação*” tomara a iniciativa de dirigir uma carta aberta no editorial, no início do mandato de Getúlio Vargas, intitulada “Carta ao novo presidente”.²⁴¹ No entanto, fez por bem ressaltar sua independência ao afirmar que o *Jornal de Letras* não era “*palaciano*” por causa das centenas de assinaturas, vendas avulsas e da publicidade comercial e industrial. Sendo isento, nesse sentido, o editor Elysio Condé se apresentou como o representante da classe intelectual, visto que eles são “a parte do povo que se chama comunidade artística e literária”²⁴² e quer contar com o apoio do Estado sendo eles os “trabalhadores intelectuais no Brasil”.²⁴³ O editorial segue fazendo uma defesa enfática dos intelectuais de modo geral:

Mas o escritor propriamente dito, o escritor de livro, como também o pintor, o escultor e o músico de toda classe, de que organização dispõem, Sr. Presidente, para a defesa de seus

²³⁹ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 19, jan. 1951, p. 2.

²⁴⁰ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano IV, n. 36, jun. 1952, capa, grifos meus.

²⁴¹ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 20, fev. 1951, p. 2.

²⁴² JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 19, jan. 1951, p. 2.

²⁴³ *Ibidem*, p. 2.

interesses materiais e morais? Que possibilidades se oferecem para a plena realização espiritual deles?²⁴⁴

Como podemos perceber, o discurso da carta dispõe de inúmeros vestígios de uma herança e de uma representação trabalhista em que o próprio Vargas foi, e fazia questão de ser naquele contexto, o seu artífice e que, de certa forma, contribuiu diretamente para o seu retorno ao poder. Tal representação havia sido reforçada ao longo daqueles anos como uma política propagandística do Estado Novo. Ou seja, como indica Ângela de Castro Gomes (2005, p. 226):

Ela tornou-se assim bem mais do que a proposta política dos anos 40 ou de um Estado autoritário datado cronologicamente. Seus desdobramentos para a instituição de uma tradição política para o Brasil são reveladores, sobretudo quando se destaca seu eixo orientador.

Era por via dessa tradição que Getúlio Vargas estava sendo cobrado em seu retorno como chefe de Estado, com uma série de reivindicações em relação a direitos autorais, estímulos ao mercado do livro para barateá-lo, incentivos à indústria do papel, criações de prêmios culturais e por “uma boa política educacional”.²⁴⁵

O que fica notório na análise dos exemplares do periódico daquele início de governo é o engajamento cada vez mais contundente nos textos editoriais. No segundo número de 1951, o artigo “O intelectual e a administração do país”²⁴⁶ girou em torno da atuação dos intelectuais na política e nas instituições do Estado. A estratégia argumentativa parecia enfatizar a vinculação orgânica (mas nem sempre afetiva) do intelectual com o Estado, em um cenário da nova República democrática: “Agora a paisagem é outra, mas a presença do intelectual brasileiro a marca, como não poderia deixar de acontecer. Grandes postos, de relevo nacional, são ocupados por homens de letras”.²⁴⁷

Como exemplos de intelectuais, entre tantos outros Elysio Condé citou homens centrais da política cultural do Estado Novo, como Lourival Fontes, Almir de Andrade e Augusto Meyer, que esteve à frente do Instituto Nacional do Livro desde a sua fundação, em 1937, e esclareceu que:

²⁴⁴ Ibidem, p. 2.

²⁴⁵ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 20, fev. 1951, p. 2.

²⁴⁶ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 21, mar. 1951, p. 2.

²⁴⁷ Ibidem, p. 2.

Essa cooperação da inteligência é indispensável, pois o escritor leva para o serviço público alguns conhecimentos especializados que revertem em benefício do país, pela sua expressão humanizadora, pelo seu sentido cultural, pelo seu natural desejo de construção.²⁴⁸

No entanto, os intelectuais também deveriam buscar “o sentido de sua missão” a fim de colaborar com o progresso da nação da qual faziam parte. Dessa maneira, o editor do JL assumia como mediador, por excelência, a função de porta-voz dos intelectuais perante o Estado, provocando o debate público com o antigo presidente-ditador.

O bom trânsito político entre os homens do poder sempre exigiu do editor uma postura mais próxima possível de uma pretensa neutralidade política. Embora tenha sido uma tarefa quase impossível naquele contexto, uma vez que os diretores também discutiam nos editoriais questões fundamentais para a classe dos intelectuais e para a própria sobrevivência do periódico que, devemos lembrar, durou mais de quatro décadas, inclusive passando pelos vinte e um anos de ditadura militar (1964-1985).

A provocação gerou o efeito esperado pelo editor. Na folha de rosto do JL saiu estampada a seguinte manchete: “O presidente da República responde à carta divulgada por este jornal.”²⁴⁹ Na capa do mesmo periódico foi publicada toda a discussão, que se estendeu até a página seguinte. O objetivo era que o leitor ávido pelas novidades fosse direto ao texto e, conseqüentemente, às posições e possíveis providências tomadas.

A carta do JL havia sido divulgada pelo jornalista Samuel Wainer, do *Diário da Noite*, que era reconhecidamente um porta-voz do governo. Em sua resposta à carta, republicada pelo *Jornal de Letras*, Vargas se pôs como “um igual”, que compartilhava das mesmas preocupações intelectuais: “Como intelectual, compreendo perfeitamente as reivindicações ali expostas e com eles estou solidário. Sempre achei que o trabalho intelectual merece tanto a proteção do Estado quanto o trabalhador manual”.²⁵⁰

É importante destacar essa equiparação entre os dois trabalhadores, que está fortemente vinculada a todo um discurso pautado na experiência do Estado

²⁴⁸ Ibidem, p. 2.

²⁴⁹ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 22, abr. 1951.

²⁵⁰ Ibidem, p. 1.

Novo dos anos iniciais da década de 1940. Como podemos constatar, foi construída uma ligação direta da política trabalhista de amparo aos trabalhadores e operários com um marcado argumento patriarcal-estatal, na tentativa de legitimação de suas promessas e compromissos.

Apesar de Elyσιο Condé ter destacado o papel central dos intelectuais na direção política e cultural do país, especificamente na experiência do Estado Novo, parece que as demandas impostas pelos grupos intelectuais por intermédio do JL (e pelos próprios dirigentes dele) eram menos corporativistas e mais cooperativistas. Ou seja, que o Estado procurasse fazer uma legislação que possibilitasse ao intelectual “viver da própria pena” e menos dependente, portanto, do emprego público e passível de cooptação de autoridades do Estado como outrora.

Imbuídos desse intuito foi criada uma comissão de intelectuais por parte do periódico a fim de debater com o chefe do Executivo “o problema da situação do intelectual no Brasil”. Seguindo na aproximação propositiva com o governo, formou-se, a partir de convite de Vargas, uma mesa-redonda no Ministério da Educação e Saúde. Para isso, o *Jornal de Letras* convocou autores e artistas de “vários naipes” como José Lins do rego, Álvaro Lins, Euríalo Cannabrava, Adonias Filho, o escritor e deputado Jorge Lacerda, os pintores Iberê Camargo e Tomás Santa Rosa, o poeta e advogado pernambucano Manuel Cavalcanti, o crítico de arte Flávio de Aquino, Milton da Costa, Aldari Toletto, Peregrino Junior e o crítico literário Otto Maria Carpeaux. Quase todos eles eram colaboradores, conselheiros ou redatores do *Jornal de Letras* e amigos próximos dos irmãos Condé.

Entre as reivindicações reafirmadas estavam: a criação de uma lei dos direitos autorais; o barateamento do livro, com impostos que recaíam na atividade gráfica; uma resolução definitiva sobre a questão do papel e uma efetiva política educacional “para alfabetização de grandes massas”.²⁵¹

A campanha do *Jornal de Letras* foi amplamente divulgada por outros periódicos da capital e o próprio mensário fazia questão de reproduzir tal repercussão em suas páginas. Tanto que o *Diário da Noite* fez uma enquete sobre esse apoio do Estado entre alguns dos membros do próprio Conselho Fiscal do JL,

²⁵¹ Ibidem, p. 2.

com José Lins do Rego, Álvaro Lins, Augusto Frederico Schmidt e até João Condé. Dizia o texto do Diário que “(...) o empreendimento dos irmãos Condé acaba de obter notável vitória, atraindo para a abandonada classe dos intelectuais, a atenção do chefe supremo da Nação”.²⁵²

Vejam que o *Diário da Noite* seguia fazendo o seu papel de porta-voz do governo, exaltando-o. Embora o próprio *Jornal de Letras* tivesse todo o interesse em reproduzir o texto da notícia do outro periódico, com a intenção de frisar e expor o compromisso que o presidente Vargas estava selando com a classe intelectual, pois esta “(...) classe aspira a realizar-se como classe, que só o é realmente, para isto necessita dos olhos atentos de um autêntico dirigente (...)”.²⁵³

Percebe-se que o JL, na figura de Elysio Condé, ao tomar a iniciativa de contatar o governo sobre as necessidades de políticas públicas para fomentar a cultura brasileira e, em seguida, coordenar a comissão de intelectuais representando a classe, agiu como um intelectual mediador no mundo da política:

Foi para mim profundamente grato saber que o editorial do jornal de que faço parte merece a atenção e o interesse do presidente da República [...]. Espero que entendimento entre os intelectuais e o sr. Getúlio Vargas resulte em medidas práticas em favor do escritor e da cultura brasileira em geral.²⁵⁴

Por isso, os intelectuais poderiam passar a enxergá-lo de fato como um porta-voz ou interlocutor da classe e das suas reivindicações que colhia depoimentos e opiniões. Dentre esses, José Lins do Rego, um dos conselheiros do JL:

[...] Em primeiro lugar só desejamos uma coisa: liberdade. Nada de restrições ao livre pensar dos homens de letras.

[...]

E desde que somos livres, poderemos conversar com Vargas como se ele fosse um nosso igual. E Vargas gosta de literatos.²⁵⁵

Percebemos que o temor ao autoritarismo de outrora estava presente na entrevista de José Lins do Rego. O contexto democrático estava um pouco mais consolidado do que no governo anterior, do general Dutra. O conceito de momento era, sem dúvidas, o de liberdade, que é um indício de uma tentativa de desvencilhar a figura e a atividade do intelectual da influência do Estado. Pelo

²⁵² Ibidem, p. 2.

²⁵³ Ibidem, p. 1.

²⁵⁴ Ibidem, p. 1.

²⁵⁵ Ibidem, p. 1.

fato de Vargas ser um integrante da mesma classe do escritor paraibano, aquele estaria mais solícito às demandas que estavam sobre a mesa, levadas pela nomeada comissão.

O engajamento liderado pelo *Jornal de Letras* na imprensa brasileira chegou às mais distantes cidades pelo Brasil nas dimensões de outra mídia muito poderosa naquele momento, o rádio:

Assim, as *províncias brasileiras*, onde residem numerosos grupos de intelectuais, em breve *comparticipavam também do movimento*, mesmo porque uma melhor assistência governamental às atividades da cultura, da arte e da inteligência, não poderia deixar de dizer-lhes respeito, *pelo seu aspecto de descentralização*.²⁵⁶

O editorial tinha um discurso claramente político, no sentido de ampliar essas reivindicações para além dos círculos intelectuais da capital, com a estratégia de alcançar apoio e atender às demandas dos intelectuais de lugares mais distantes, onde o JL tinha interlocutores. Apesar de não ficar clara como se deu a intermediação dessa campanha do JL com o rádio, é interessante perceber como o projeto de descentralização para envolver as produções provincianas estava sempre nos projetos dirigidos pelos irmãos Condé e, em especial e mais diretamente, nas páginas do JL.

À medida que a comissão se reunia, as pautas já destacadas ganhavam concretude e adendos mais específicos: instituir prêmios literários (acima de 50 mil cruzeiros); realizar uma reforma no Instituto Nacional do Livro a fim de torná-lo mais dinâmico e eficiente na proteção e na valorização do livro nacional; a proposição de criação de um “órgão de classe” (sindicato?), proposto por Álvaro Lins; um projeto de lei de direitos autorais; redução de tarifa postal para remessa de livros pelo Brasil; isenção de impostos sobre o papel para livros editores; facilidades para o comércio de livros em lojas diversas como farmácias, além de outras reivindicações. Por isso ocorreu nos encontros a inclusão de representantes de setores envolvidos nos negócios impressos, como os editores José Olympio e Henrique Pongetti.

Talvez, como parte de uma estratégia de aproximação e agrado ao governo, o JL, na mesma edição de abril de 1951, trouxe em sua capa e estendendo-se pelas quatro primeiras páginas a mensagem de Getúlio Vargas ao

²⁵⁶ Ibidem, p. 6, grifos meus.

Congresso sobre a situação econômica do país. E em agosto daquele ano, o mensário tornou a trazer na capa o assunto dos escritores e suas reivindicações perante o governo com a seguinte manchete: “Escritores com o chefe de governo”. Naquela altura, a Comissão já havia se tornado uma “Comissão Consultiva Permanente”, por sugestão do próprio presidente, que estava incumbida de tratar com o Estado “(...) dos problemas atinentes à classe” sempre que fosse oportuno para dar “amparo ao trabalhador intelectual”.²⁵⁷

No entanto, na edição de julho de 1953, a seção “A reportagem do mês” já indicava uma insatisfação: “O Governo indiferente à cultura”.²⁵⁸ O autor do artigo, talvez escrito pelo próprio Elycio, voltou a criticar duramente não apenas o governo, mas também outros responsáveis por instituições estatais ligadas ao setor cultural do Estado:

Incrível, sobretudo, porque estamos no governo de um presidente da República que se considera escritor, faz parte da ABL, e logo no início de sua gestão, recebendo uma comissão de intelectuais lhes fez as melhores promessas.²⁵⁹

O texto segue atacando figuras importantes do mercado impresso e do setor cultural, como Coriolano de Góis (1896-1967), diretor da CEXIM,²⁶⁰ por dificultar a importação de papel, e o editor Ênio da Silveira, então presidente em exercício do Sindicato das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais e representante, no Rio de Janeiro, da Câmara Brasileira do Livro.²⁶¹ Ambos estariam contribuindo numa inércia para a não resolução da duradora “crise do livro”, que estaria associada, segundo o autor do texto, também à “crise nacional” com os seus problemas crônicos estruturais, entre eles: transporte, analfabetismo, saúde, a fome e destacou até a questão agrária. Constatava também que “(...) vieram determinar uma situação de fato contrária à liberdade editorial, fato indispensável à continuidade democrática”.²⁶²

²⁵⁷ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 26, ago. 1951, p. 1.

²⁵⁸ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano V, n. 49, jul. 1953, p. 3.

²⁵⁹ Ibidem, p. 3.

²⁶⁰ Em 1952, assumiu o cargo de presidente do Conselho Federal do Comércio Exterior e a Cexim a convite de Getúlio Vargas. Permaneceu no cargo até 1953, quando foi acusado de ter prejudicado justamente a balança comercial brasileira.

²⁶¹ José Condé dedicou a Ênio Silveira a sua principal obra, *Terra de Caruaru* (1960), editada pela Civilização Brasileira, do próprio Ênio. Segundo José, o editor “(...) acreditou nele antes mesmo de ter sido escrito”, como consta no prefácio da obra. A partir de 1959, todas as obras de José Condé em suas primeiras edições foram publicadas por essa editora.

²⁶² JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano V, n. 49, jul. 1953, p. 3.

Para o historiador Christophe Charle (2003, p. 152), esse tipo de posicionamento direto do intelectual tinha por trás uma responsabilidade política perante a sua classe, mesmo em sua diversidade, quando o interesse da coletividade estava em jogo:

A autonomia do intelectual implica a autonomia dos valores que ele encarna, obrigando-o a intervir no debate político quando os homens políticos dele se afastam. Assim, o intelectual rompe toda solidariedade simbólica com a classe dirigente no sentido lato.

Somente na edição de abril de 1954, o JL divulgou uma “Mensagem Presidencial”, que tomou toda a página 12 sob o título: “Educação e Cultura”,²⁶³ em que o governo se comprometeu com as pautas levantadas pela nomeada Comissão e com as críticas publicadas pelo mensário desde a sua fundação como: barateamento do livro didático; intercâmbio maior com autores portugueses; integração de eventos e seminários latino-americanos; concursos literários e históricos.

Percebe-se que algumas dessas pautas estavam em consonância com uma franca expansão do próprio *Jornal de Letras*, que já alcançava outros países, com destaque a Portugal (com viagem de João Condé) que, por sua vez, intermediava a chegada às províncias de além-mar, como Cabo Verde, Angola e Moçambique, como discutiremos mais adiante.

Essa relação intelectual orgânica entre os irmãos Condé e os escritores portugueses viria contribuir para a mobilização dos diretores do mensário sobre o seguinte problema: “Ameaçado de paralização o comércio do livro estrangeiro”.²⁶⁴ O jornal fez duras críticas ao aumento da taxa de importação de livros estrangeiros. O alvo da vez foi a Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC) que, segundo o editorial, prejudicaria

(...) não apenas os intelectuais, os que prescindem da contribuição da cultura europeia, mas também os estudantes das escolas superiores viram alarmados com a alta dessa preciosa mercadoria.²⁶⁵

²⁶³ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VI, n. 58, abr. 1954, p. 12.

²⁶⁴ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VII, n. 68, mar. 1955, Capa.

²⁶⁵ Ibidem, capa. A SUMOC foi criada em 1945, com o intuito de fazer a interlocução com órgãos credores internacionais. “Assim é que, tão logo criada, a Sumoc foi feita representante do governo junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial, passando a manter relações estreitas com estas entidades (...)” (Cf. MALAN, Pedro. “SUPERINTENDÊNCIA DA MOEDA E DO CRÉDITO (SUMOC)” (VERBETE). DISPONÍVEL EM:

Por mais que essa posição do JL parecesse contraditória à primeira vista, já que a diminuição da entrada de livros estrangeiros poderia fortalecer o mercado de livro interno, o que estava em jogo era toda uma cadeia produtiva da qual o intelectual brasileiro participava. Era um ramo do mercado impresso que tinha a ver diretamente com as editoras nacionais, que ganhavam o direito de tradução das obras, que seriam realizadas por intelectuais brasileiros que tinham entre suas atividades as traduções. Outros faziam resenhas para revistas especializadas e periódicos, como o próprio JL, além dos comentários em colunas e seções, como as do próprio José Condé no *Correio da Manhã*. Enfim, o problema acerca da importação do livro estrangeiro gerava um agravante também para os intelectuais, uma vez que atingia diretamente o mercado editorial e a circulação desses bens culturais. Por isso, o *Jornal de Letras*, cumprindo com o seu propósito, encaminhava a cobrança pela resolução do problema aos indivíduos nos cargos públicos:

Erguendo o nosso protesto contra semelhante absurdo, apelamos para o Ministro da Educação, o Sr. Cândido Mota Filho que, sendo um legítimo homem de letras, há de reconhecer no que acabamos de expor uma causa também muito sua.²⁶⁶

O literato paulista Candido Mota havia se tornado ministro da Educação a convite de João Café Filho após o suicídio de Vargas. Ele tinha bom trânsito entre os intelectuais, já que havia sido um dos importantes escritores modernistas, inclusive integrante do grupo Verde-amarelo ao lado de Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado.

Por isso, a estratégia discursiva do autor do texto foi apelar para a vinculação entre o ministro de Estado e o intelectual Cândido Mota, buscando uma sensibilização acerca da questão. Tal engajamento dos homens de letras foi sempre cobrado nos editoriais do mensário. Como pudemos constatar, esses editoriais foram se tornando cada vez maiores e mais frequentes, à medida que o periódico foi ganhando representatividade entre esses intelectuais e se expandindo

HTTP://WWW.FGV.BR/CPDOC/ACERVO/DICIONARIOS/VERBETE-TEMATICO/SUPERINTENDENCIA-DA-MOEDA-E-DO-CREDITO-SUMOC. ACESSO EM: 23 AGO. 2022).

²⁶⁶ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VII, n. 68, mar. 1955, capa. Quem estava à frente da diretoria executiva do órgão era Otávio Gouveia de Bulhões (de setembro de 1954 a maio de 1955) que, após as críticas, foi substituído por Prudente de Moraes Neto (de maio a outubro de 1955).

pelos centros urbanos do país. Tanto que, a partir de 1955, os editoriais passaram ocupar a capa do JL, indicando a sua posição enquanto principal periódico cultural e, portanto, como porta-voz da classe.

Ao assumir essa função política, na edição de abril de 1955, o JL expôs na íntegra o projeto de lei sobre os direitos autorais do deputado federal Jorge de Lacerda, que foi membro da primeira comissão criada pelo jornal para fazer a interlocução com o governo federal. Esse projeto de lei alterou o artigo do Código Civil e defendia que os direitos autorais das obras publicadas pelos estados, municípios e União pertenciam aos escritores e não mais a essas esferas. De acordo com essa mudança, o autor poderia, decorridos dois anos da publicação por aqueles entes administrativos, ter o direito pleno de republicá-la em qualquer editora. O periódico fez questão de publicar toda a justificativa do projeto daquele colaborador do *Jornal de Letras*, com caráter pedagógico dirigido aos seus interlocutores, os intelectuais:

Incube ao Estado, ao revés, amparar o escritor como a um *trabalhador da inteligência*, e oferece-lhe, à sua atividade criadora, estímulos eficazes, que não se compadecem, por certo, com essa faculdade estranha de desapropriar-lhe a obra, simplesmente, por tê-la editado.²⁶⁷

O JL aglutinava em torno (e por meio) de si um sentimento de “identidade coletiva” acerca de reivindicações antigas, como a política pelos direitos autorais, a democratização do alfabetismo e a liberdade de expressão. Essas eram pautas amplas que davam coesão e atinavam para certa consciência de classe dos “trabalhadores intelectuais” que implicava, por sua vez, “(...) no direito de intervir no debate político” (CHARLE, 2003, p. 143).

4. 2. Os escritores novos e os concursos como consagração

O engajamento do JL não se restringia aos intelectuais que atuavam diretamente na política, como Jorge de Lacerda, para angariar apoio aos próprios homens de letras. Por meio desse periódico, um dos projetos culturais mais importantes dos irmãos Condé era a divulgação dos jovens escritores e dos

²⁶⁷ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VII, n. 69, abr. 1955, capa, grifo meu.

agentes culturais em suas práticas, fossem eles das grandes cidades ou das províncias. O JL representava aos aspirantes do mundo das letras provinciano um grande palco de oportunidades para concretizar seus projetos intelectuais.

Essa valorização da produção provinciana ficou evidente no editorial de lançamento do JL, na seção “Província do Brasil”. Apesar de não constar a autoria do texto, o tom editorial talvez seja de um dos irmãos diretores e versa sobre o entendimento do conceito de Província e a função do periódico:

Seria mais do que uma escola, porque, bem mais que uma atitude, se constituía em verdadeira condição de atividades intelectuais.

[...]

Aqui nestas colunas limitamo-nos a coisas mais simplificadas. No plano geral de um periódico atento ao desenvolvimento cultural do país, a presença da Província havia de se impor como necessidade das mais evidentes.²⁶⁸

A intenção daquela página do JL era difundir a produção provinciana e valorizar os intelectuais, com a finalidade de “(...) dilatar os domínios de sua penetração”²⁶⁹ a partir do centro irradiador que era a capital do país. Nas diversas seções do JL era contemplada a produção interiorana, interligada com a produção dos grandes centros culturais da época.

Essa unidade forjada estava em consonância com um sentido de província, outro que não aquele original – o significado clássico romano *pro vincere* (“território vencido”).²⁷⁰ Era justamente ao avesso desse valor que o conceito de província estava vinculado. Esse editorial reivindicava fazer pulsar a vida cultural local:

Esta seção se esforçará por consegui-lo, ao mesmo tempo em que se oferece como um endereço para os que, à falta de ligações, se abafam e dessoram no isolamento, quase dizemos, abandono, em que vivem, desconhecidos e distantes.²⁷¹

Porém, como fazer essas conexões entre a produção cultural dos jovens intelectuais de outros estados e a capital federal? Uma das vias era pela realização ou pela organização de concursos. Os concursos tinham um duplo

²⁶⁸ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano I, n. 1, jul. 1949, p. 12.

²⁶⁹ Ibidem, p. 12.

²⁷⁰ As províncias eram as terras que os romanos venciam fora da Península Itálica, segundo o dicionário clássico de Rafael Bluteau (1712-1728, p. 807). Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

²⁷¹ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, Ano I, n. 1, jul. 1949, p. 12.

reconhecimento. Primeiro que o JL possibilitava aos candidatos de todo o país a oportunidade de mostrar o seu talento e, quando contemplado, ser inserido nas redes intelectuais locais e/ou da capital das letras. Em segundo lugar, o próprio mensário se firmava por via dessa prática como o principal veículo impresso de concursos em todo o país e contava com jurados do mundo cultural que viviam no centro irradiador: a cidade do Rio de Janeiro.

Os concursos geralmente eram organizados pelo JL e contavam com os patrocinadores contatados pelos irmãos-diretores. Era uma relação de mecenato, com homens dos setores cultural, empresarial e político motivados pelos mais diversos interesses, visto que:

É doado inferir de todo isto a importancia que poden adquirir os premios na instituicion literaria, en tanto em canto repercuten no volume de negocio editorial e na lexitimacion duns produtos e tradicional fronte a outros (VARELA, 2013, p. 25).

A realização dos concursos e os prêmios concedidos contribuíam para a canonização de obras e autores e fomentava o mercado impresso em geral com as edições, entrevistas para revistas e periódicos, resenhas etc. Ou seja, o prêmio poderia significar não somente uma autonomia econômica ao escolhido, como também era uma “instância de consagração” (SAPIRO, 2019, p. 54-55), pela qual a obra e o autor premiados ganhavam um valor simbólico perante a comunidade intelectual e o público leitor (se fosse o caso).

Desse modo, os prêmios eram excelente estratégia de difusão intelectual para todos os envolvidos nos processos seletivos e ajudavam a dinamizar as redes intelectuais. Dirigiam também o gosto do leitor, podendo induzi-lo de acordo com os participantes da comissão julgadora, de quem organizava, por sua relevância no mundo letrado ou, se não fosse para novatos, de quem estivesse concorrendo. Dessa forma, o autor ganharia consideração social perante seus pares naquela extensa rede de sociabilidade intelectual. Já o editor do concurso, no caso do JL, ganhava prestígio perante os ganhadores, diante dos leitores e toda a comunidade letrada. O leitor, por sua vez, conseguia ter acesso às obras que foram canceladas por essas duas esferas anteriores citadas (comissão e comunidade intelectual). No entanto, o leitor era o avaliador final do que e de quem estava sendo premiado.

Foram os leitores que certamente consagraram autores que se tornaram tão importantes no cenário nacional a partir da premiação do concurso realizado em

meados de 1950. Em junho daquele ano, o JL inquiria na capa os seus leitores: “Quem são os vencedores do concurso promovido pelo JL?”.²⁷² Logo abaixo o redator definiu que eram “representantes da novíssima geração literária” que seria devedora “da classe de 30”.²⁷³ A partir de fevereiro de 1955, o mensário passou a organizar um concurso permanente apenas para os escritores novos.

Os contemplados do concurso de fato se projetaram no cenário cultural brasileiro: o poeta Ferreira Gullar e Lucy Teixeira (ambos do Maranhão), bem como Edson Nery da Fonseca (de Pernambuco). O concurso foi organizado em três áreas e com a seguinte comissão: melhor poema, tendo como avaliador Manuel Bandeira; melhor conto de história de assombração, com Lúcio Rangel e Josué Montello; melhor artigo de crítica literária, tendo como julgadores Álvaro Lins e Aurélio Buarque de Holanda. É interessante perceber que quase todos os componentes da comissão julgadora eram da região Nordeste, com exceção de Lúcio Rangel, e que tinham afinidade com outros escritores dessa região. Também eram todos muito próximos dos irmãos Condé, frequentavam as mesmas rodas literárias, escreviam nas mesmas redações ou participaram em algum momento de projetos literários e culturais empreendidos pelos irmãos.

O autor do texto não escondia a satisfação com o resultado de um dos primeiros e principais concursos organizados pelo JL: “Dois maranhenses e um pernambucano: o Norte continua brilhando.” [...] Mais uma vez a província vence a metrópole”.²⁷⁴

Numa pretensa disputa entre província e metrópole, eis que se apresentam para nós, mais uma vez, vestígios de uma direção que os irmãos Condé procuraram imprimir em suas atuações intelectuais: a inserção dos jovens da literatura e a valorização da literatura provinciana, em especial da região Nordeste, como verificamos ao longo desta tese.

No entanto, não queremos afirmar que eles criaram os concursos literários e culturais, que já eram bastante populares e tradicionais tanto nos suplementos como nos boletins e revistas, como o caso do valioso concurso do *Boletim da Ariel* da Sociedade Felipe d’Oliveira, que tantos intelectuais de peso da década de 1930 foram contemplados, muitos deles revelados nos centros literários da

²⁷² JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano II, n. 13, jun. 1950, p. 12.

²⁷³ *Ibidem*, p. 12.

²⁷⁴ *Ibidem*, p. 9.

metrópole, como Rachel de Queiroz e José Lins do Rego. Nesse sentido, o trecho abaixo, talvez escrito por José Condé, pode nos revelar o sentimento e o entendimento dos irmãos Condé em relação a esse tipo de engajamento:

Vivendo na província, ou no Rio mesmo, mas afastados das “cotégoriés” que monopolizam os suplementos dominicais e as revistas especializadas, há um número fabuloso de escritores em potencial, “imigrantes”, grandes poetas, grandes contistas, grandes ensaístas. Como, porém, aparecer?²⁷⁵

Como reconheceu Elysio, o irmão José ajudava a quem recorria a ele sempre com “(...) uma palavra de encorajamento para os mais novos que desejavam ingressar na literatura, estimulando-os e publicando seus trabalhos”,²⁷⁶ tanto no periódico como na sua coluna no *Correio da Manhã*, como já discutimos.

Os concursos eram mais um importante ato de intervenção cultural e representavam uma oportunidade de entrada no mundo intelectual para aqueles autores e artistas. Tal prática cultural constituía e revelava as entranhas de uma extensa rede intelectual que envolvia jurados, participantes, redatores e colaboradores do JL e de outras mídias e que se consumava nas festas de premiações, nas quais essas relações eram reafirmadas por intermédio do periódico dos irmãos Condé, que articulavam em torno de si todos os envolvidos.

Mas, respondendo à pergunta do próprio José Condé, a própria *catégoriés* formada em torno do JL possibilitava essa inserção não somente por meio dos concursos. Se os escritores da região Nordeste estabeleceram um verdadeiro monopólio na imprensa literária e no setor editorial na década de 1930, o JL assumiu no final da década de 1940 esse papel de suporte para uma nova geração, da qual faziam parte os próprios José e João Condé, e que tinha os meios de possibilitar a “(...) publicidade, o alcandor, a glória (...), pois quem escreve quer ser divulgado, lido, comentado e isto, no estado atual das coisas, só consegue quem já tem um certo nome”.²⁷⁷

Além de ressaltar a importância da divulgação literária, enquanto diretor do periódico José Condé também contextualizava politicamente aquela geração nascida “sob o signo da Revolução”²⁷⁸ da qual ele fazia parte. Embora o sentido

²⁷⁵ Ibidem, p. 8.

²⁷⁶ CONDÉ, Elysio. “José, meu irmão”. In: CONDÉ, Elysio. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. 9.

²⁷⁷ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano II, n. 13, jun. 1950, p. 8.

²⁷⁸ Ibidem, p. 8.

original desse conceito estivesse associado à idade, a ênfase dada por José foi genuinamente política: a Revolução de 1930 e a ditadura Vargas. Para ele, o prêmio

(...) os coloca entre os primeiros dessa esplendida geração nascida ou formada já em plena fase ditatorial, mas que se teve frustrada sua participação na vida política do país, vem dando provas de que nos domínios da arte e da literatura, fez incursões proveitosas e fecundas.²⁷⁹

O trecho acima também revela um momento de certa euforia política com a volta da democracia, embora ainda cerceada pelo general Eurico Gaspar Dutra, mas dá uma ideia de liberdade política.

O autor do texto faz questão de destacar que os escritores vencedores não são “metropolitanos”, embora Lucy Teixeira estivesse morando no Rio, mas ela estava “(...) longe de ser uma “habituée” dos cafés intelectualizados da Esplanada do Castelo e das esquinas dos jornais cariocas”.²⁸⁰ Ferreira Gullar também não era uma figura desconhecida dos círculos literários da região Nordeste. Ele já tinha poemas publicados no tradicional *Diário de Pernambuco*, que tinha como um dos redatores o poeta Mauro Mota, amigo fraterno dos irmãos Condé. Edson Nery da Fonseca afirmava ter influências justamente de Álvaro Lins e já havia publicado textos de crítica no suplemento literário de outro antigo jornal de Pernambuco, o *Jornal do Comércio*. Ele também era colaborador do *Diário de Pernambuco* “(...) graças aos estímulos dos seus amigos Mauro Mota e Aníbal Fernandes”,²⁸¹ além de ter sido um dos fundadores da famosa *Revista Região*, que era sempre divulgada no próprio *Jornal de Letras*, na subseção “Província”, e na seção de José Condé no *Correio da Manhã*.

Quando analisamos os depoimentos dos autores premiados fica mais perceptível a formação de uma extensa rede de sociabilidade e de relações próximas e afetivas entre todos os envolvidos no concurso.²⁸²

Em setembro de 1950, o JL já anunciava aos seus leitores que haveria dois grandes prêmios literários para 1950 – visto que já era “uma tradição em nossa vida literária” – mais uma vez dirigidos aos escritores poetas da província e de

²⁷⁹ Ibidem, p. 8.

²⁸⁰ Ibidem, p. 8.

²⁸¹ Ibidem, p. 9.

²⁸² Ferreira Gullar trabalhava no IAPC, onde José Condé nessa época era procurador.

todo o Brasil no valor de 20 mil cruzeiros.²⁸³ O prêmio era um incentivo para “o escritor desconhecido e pobre”, que não tivesse condições de publicar o livro “pela má vontade dos editores” e que poderia ver o seu trabalho “apreciado como merecia pela crítica da metrópole”.²⁸⁴ Dessa vez, o concurso teve dois patronos: o de poesia era, outra vez, Manoel Bandeira e o de ficção foi “Mario Sette”, escritor pernambucano havia morrido naquele ano e era autor do clássico provinciano *Senhora de engenho*, importante obra do modernismo pernambucano, descrito por Gilberto Freyre, quando da morte daquele autor, em texto publicado no próprio JL, como um “escritor tipicamente de província” que tinha “sentimento da terra e do passado regional”.²⁸⁵

O Prêmio Mário Sette, portanto, visava premiar o escritor que residia na província e que já tinha publicado um livro no local (contos, novelas ou romance), ao contrário do outro prêmio:

Visa, pois, esse concurso, os escritores que não *emigraram para a metrópole*, que permaneceram *féis à cidade ou à região* em que nasceram e que já são ou podem vir a tornar-se escritores dos mais autênticos e representativos do seu meio, como foi Mário Sette (...).²⁸⁶

As regras desse pleito sustentam uma tradição, ao mesmo tempo em que estimulam e fortalecem a produção provinciana que eles mesmos, os irmãos Condé, não puderam desfrutar, pois tiveram que migrar para o Rio de Janeiro seguindo uma antiga tradição desse processo social e histórico, que caracterizava a relação entre as regiões Nordeste e Sudeste. Esse tipo de prática cultural era uma tentativa de quebrar essa história e de fixar uma nova forma de revitalização da província por meio da literatura já que, politicamente, a história da província sempre foi submetida aos domínios da metrópole, ainda mais na história de Pernambuco, de contestação do poder imperial representado pela Corte na cidade do Rio de Janeiro.

É interessante para nós resgatarmos a discussão ainda bastante latente entre os intelectuais da região Nordeste, especialmente José Lins e Gilberto Freyre, sobre essa interpretação política que extrapola a literatura desde, pelos menos, meados da década de 1930. Não por acaso, Gilberto Freyre era o principal

²⁸³ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano II, n. 15, set. 1950, p. 1.

²⁸⁴ Ibidem, p. 1.

²⁸⁵ Ibidem, p. 1.

²⁸⁶ Ibidem, p. 6.

exponente da visão provinciana e tentava ideologizar polemicamente com autores de outros estados, como Rio de Janeiro e São Paulo, sobre a relevância do movimento modernista em Recife, do qual ele colocava-se como um dos precursores.

Por isso que José Lins do Rego, enviesado por esse discurso forjado por anos, insuflava tal empreendimento cultural com o concurso em homenagem a Mário Sette, resgatando aquela antiga polarização numa enquete feita pelo próprio JL: “Iniciativas culturais dessa natureza servem para impedir que o Brasil se transforme numa capital federal e o resto num deserto”.²⁸⁷

Na seção “Variedades”, mais especificamente na subseção “Correio Literário”, o periódico voltou a publicar as cartas dos leitores do Brasil afora, com o intuito de aproximar ou “estender a mão”²⁸⁸ aos intelectuais das províncias a fim de inseri-los no ambiente intelectual mais amplo da capital:

(...) Jornal de Letras poderá através das respostas que der à sua volumosa correspondência, prestar um bom serviço aos intelectuais da província, especialmente aos novos, cheios, quase sempre de aspirações e inspirações frequentemente condenados à asfixia ou à morte.²⁸⁹

Os irmãos Condé agregavam valor a esses concursos ao organizá-los focando no pertencimento de um “sentimento provinciano” e na inserção e na defesa dos novos agentes culturais do canário nacional. Também por meio do JL, os Condés tornaram-se figuras mobilizadoras e transformadoras dos bens culturais produzidos pelos novos integrantes dessas redes intelectuais, colocando em prática esse projeto político-cultural que marcou suas trajetórias.

Nesse intuito, o concurso em homenagem aos escritores Mário Sette e Manuel Bandeira contemplou autores jovens embora já conhecidos e com obras já publicadas. Na poesia, o poeta mineiro Alphonsus de Guimaraens Filho levou o Prêmio Manuel Bandeira com a obra *O irmão*. Na categoria ficção, o Prêmio Mário Sette foi para a obra *Cidade enferma*, do sergipano Paulo Dantas, que já tinha contribuído com o jornal literário *Dom Casmurro* nos anos 1940. Outro que também foi agraciado (empate) nessa categoria foi o mineiro Waldomiro Autran Dourado com *Sombra e exílio*, que em 1945 havia sido diretor da importante

²⁸⁷ Ibidem, p. 7.

²⁸⁸ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 24, jun. 1951, p. 16.

²⁸⁹ Ibidem, p. 16.

Revista Edifício, de Belo Horizonte. Conforme se percebe, os autores já tinham certo reconhecimento por parte dos avaliadores e possuíam uma considerável experiência profissional na imprensa literária em seus respectivos circuitos intelectuais locais.

Nessa interlocução entre a capital e os estados, na promoção desses concursos o *Jornal de Letras* estabeleceu parcerias com instituições culturais e literárias. Como uma prática vulgarizadora dessas ações culturais, o mensário organizou o concurso para comemorar o aniversário de dois anos de criação do periódico, motivo pelo qual seriam contemplados os melhores ensaios para o teatro, com o patrocínio do diplomata e intelectual Paschoal Carlos Magno.²⁹⁰ Os candidatos deveriam enviar os seus ensaios às respectivas Academias de Letras dos seus estados que, por sua vez, estavam incumbidas de escolher as melhores obras e as remeter ao JL na capital federal, mas a comissão julgadora era formada pelos próprios colaboradores do periódico, que dariam o veredicto.

Inicialmente, os concursos eram organizados e patrocinados pelo próprio *Jornal de Letras*. Porém, ao longo dos anos e como indício da consolidação do mensário, foram se estabelecendo parcerias também com o “mecenato empresarial”. Tanto que o prêmio de 20 mil cruzeiros instituído por Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo em 1953, causou grande impressão na intelectualidade. Lançado em dezembro daquele ano, o *Jornal de letras* lançou as bases do “seu grande concurso” para a escolha da melhor crítica de arte sobre a II Bienal em São Paulo, que “(...) representa, portanto, um acontecimento pouco vulgar”.²⁹¹

Essas parcerias dos irmãos Condé com figuras representativas de instituições culturais de relevância nacional são indícios dessa extensa tessitura de relações intelectuais, que possibilitaria potencializar as práticas de criação, circulação e recepção desses bens culturais. Por isso, os anúncios dos concursos sempre apareciam estampados com destaque nas capas das edições, tal importância que os diretores davam para os concursos e aos seus patrocinadores.

A entrega dos prêmios era sempre uma ocasião de festa e de exercício da intelectualidade em rede com os seus afetos e desafetos, sem dúvidas. Com o patrocínio do professor pernambucano Nehemias Gueiros, que doou o valor de 10

²⁹⁰ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 25, jul. 1951, p. 16.

²⁹¹ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano V, n. 54, dez. 1953, p. 1.

mil cruzeiros para a melhor poesia sobre a cidade de Recife, foi oferecido um banquete em homenagem à escritora vencedora Lucy Teixeira e ao *Jornal de Letras*. Estiveram naquele ambiente intelectual festivo João e José Condé, Hélio Fernandes, Accioly Netto, Augusto Frederico Schmidt, Candido Portinari, Dinah Silveria de Queiroz e os membros da comissão julgadora Manuel Bandeira, Aurélio Buarque de Hollanda e Luiz Santa Cruz.

Já apontamos anteriormente que membros das comissões julgadoras pertenciam, quase sempre, ao corpo de redatores do JL ou faziam parte do seu conselho editorial. Em abril de 1954, por exemplo, o mensário formou uma comissão julgadora composta por Orris Soraes, Otto Maria Carpeaux e José Lins do Rego no concurso para a escolha do melhor ensaio a respeito do poeta paraibano Augusto dos Anjos no valor de 20 mil cruzeiros. O valor do prêmio foi doado pelo político e empresário Drault Ernanny e o autor do artigo ressaltou uma característica muito comum no incentivo à cultura por figuras do setor privado naquele período:

Outrora tornavam-se bem raros, acentuando o divórcio entre o espírito burguês e as letras. Hoje, começamos a verificar uma compreensão cada vez maior dos interesses culturais por parte da burguesia, anulando as barreiras tão decantadas pela refratariedade social dos boêmios.²⁹²

Esse posicionamento poderia ser uma resposta à falta de compromisso do governo com a cultura, como uma das pautas das reivindicações dos intelectuais da comissão composta para dialogar diretamente com o presidente Getúlio Vargas em anos anteriores. O incentivo à cultura por parte do setor público em parceria com o privado sempre foi uma política cultural assumida pelos irmãos Condé em editoriais do periódico.

²⁹² JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VI, n. 58, abr. 1954, capa.



Figura 25 – João Condé, Drault Ernanny, M. Cavalcanti Proença e Francisco de Assis.



Figura 26 – Orris Soares, Peregrino Junior, M. Cavalcanti Proença e José Lins.²⁹³

Acentuando o divórcio entre o espírito burguês e as letras, conforme escreveu o redator, o prêmio do concurso patrocinado por Drault Ernanny foi dividido entre os dois concorrentes empatados: Manuel Cavalcanti Proença, do Rio de Janeiro, e João Pacheco, de São Paulo, que veio para a solenidade da entrega do prêmio na casa do deputado financiador do concurso, que contava com mais de cem intelectuais, entre eles Francisco de Assis, José Lins, Valdemar Cavalcanti, Lêdo Ivo, João Condé, do embaixador Gilberto Amado e os filhos de Augusto dos Anjos, além de Orris Soares – amigo do poeta e o seu maior especialista – comungando da fraternidade social dos intelectuais:

Naquela mansão paraibana, simpática e acolhedora, casa brasileira das melhores tradições, unia-se agora o espírito do poeta à fidalguia do anfitrião, Drault Ernanny, grande homem, bom, inteligente e empreendedor, verdadeiro pioneiro de obras que marcam o progresso do Brasil de nossos dias.²⁹⁴

O patrocínio de concursos culturais servia como uma espécie de plataforma de propaganda política. Em meados de 1955, o *Jornal de Letras* atualizava os seus leitores a respeito da realização de três concursos que

²⁹³ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VII, fev. 1956, p. 20.

²⁹⁴ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, Ano VI, n. 59, maio 1954, capa. Em meados de 1956 foi anunciado que o deputado iria patrocinar mais dois concursos em homenagem ao escritor e diplomata sergipano Gilberto Amado e a José Lins do Rego, no valor de 40 mil cruzeiros. O prêmio seria dividido entre o melhor estudo crítico da obra de cada um dos homenageados.

organizavam concomitantemente.²⁹⁵ Entre esses, um causou grande interesse na intelectualidade: o Prêmio Juscelino Kubitschek. Ainda como governador de Minas Gerais, mas já como candidato à presidência da República pelo Partido Social Democrático (PSD) no pleito de outubro, o político já bastante reconhecido e integrado às rodas literárias e culturais ofereceu a quantia considerável de trinta mil cruzeiros para o melhor resumo crítico da história da literatura mineira, que “resultou de um gesto cativante do governador de Minas Gerais”.²⁹⁶ O periódico estampava orgulhosamente em sua capa em meados do ano seguinte: “o concorrente vitorioso receberá o prêmio das próprias mãos de seu instituidor, o sr. Juscelino Kubitschek, nesta capital, em sessão solene promovida pelo JORNAL DE LETRAS”.²⁹⁷ Esse entusiasmo não era para menos, afinal de contas aquele fora o maior de todos os concursos já organizados pelo mensário dos Condé:

É de esperar-se que não nos faltem nesse sentido a simpatia e o apoio de particulares e homens de governo com a vocação do mecenato, como o sr. Juscelino Kubitschek, graças aos quais temos podido proporcionar aos nossos leitores um número bem significativo de concursos.²⁹⁸

Juscelino visava uma projeção nacional ainda maior no meio cultural e o *Jornal de Letras* lhe dava essa possibilidade, devido à sua introspecção nas rodas intelectuais das cidades de médio e grande porte de todo o país como principal meio de informação cultural naquele momento.

A comissão julgadora contava com nomes de destaque na crítica literária: o redator-chefe do JL Brito Broca (depois substituído por Otto Maria Carpeaux), o

²⁹⁵ O Prêmio Martins Pena, no valor de vinte mil cruzeiros, doado por Aldo Calvet para a melhor peça de “autor novo” em parceria com o Serviço Nacional do Teatro, dirigido pelo escritor e teatrólogo pernambucano José Cesar Borba. A comissão julgadora era integrada por Aníbal Machado, Jorge Leão Teixeira, José Paulo Moreira da Fonseca e o vencedor foi João Augusto de Azevedo Filho. Já o Prêmio Adolfo Caminha, que assegurava a quantia de dez mil cruzeiros para o autor de melhor ensaio sobre obra do literato, tinha na comissão julgadora Maurício Caminha de Lacerda e Aglais Caminha, filha de Adolfo Caminha. Na sua comissão constavam nomes importantes na história do JL e na trajetória dos irmãos Condé, como Adonias Filho (relator e crítico literário do periódico), Brito Broca (chefe de redação), Valdemar Cavalcanti (crítico literário e chefe de redação). O autor vitorioso foi Saboia Ribeiro do Rio de Grande do Norte.

²⁹⁶ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VI, n. 66, dez. 1954, p. 2. Gilberto Freyre constava no quadro de conselheiros ao lado de outros nordestinos: Álvaro Lins, Manuel Bandeira e José Lins do Rego. Os outros dois eram Augusto F. Schmidt e Carlos Drummond. Outra mudança foi a presença somente de José Condé na direção do periódico, enquanto João Condé aparecia apenas como um dos redatores.

²⁹⁷ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VII, n. 71, maio 1955, capa. Apesar do anúncio da solenidade festiva, não encontramos indícios no periódico de que tenha ocorrido essa confraternização.

²⁹⁸ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VII, n. 68, fev. 1955, p. 3.

experiente Aníbal Machado e o jovem escritor mineiro Otto Lara Resende. O resultado do concurso foi divulgado e festejado justamente no mês de outubro com os laureados do concurso: o crítico mineiro Waltensir Dutra e o pernambucano Fausto Cunha.²⁹⁹ Radicados e bastante atuantes no Rio em suas rodas literárias, a obra escrita em parceria foi a *Biografia crítica das letras mineiras: esboço de uma história da literatura em Minas Gerais*. Segundo o parecer de Otto Maria Carpeaux, o trabalho vencedor tinha sido escrito “com sensibilidade crítica e consciência histórica”.³⁰⁰

Durante muitos anos, Fausto Cunha foi um dos mais importantes críticos literários do país. Ele escrevia em diversas revistas e tinha uma famosa e definitiva coluna no suplemento literário do *Correio da Manhã*, ao lado de José Condé e Álvaro Lins. No entanto, assim como esse, e depois de substituí-lo, Fausto Cunha foi fazer parte da chefia da Casa Civil do governo Kubitschek, mecenas do valioso concurso.³⁰¹

Muitos dos concursos organizados pelo JL tornaram-se permanentes, sempre de acordo com as relações estabelecidas entre os irmãos Condé, os “apadrinhadores” e instituições culturais privadas ou estatais que eram dirigidas por pessoas próximas aos diretores do periódico. Por outro lado, principalmente para os novos escritores os concursos era uma oportunidade de incrementar a renda e, mais do que isso, de se inserir por seus méritos no mundo letrado no concorrido mercado editorial e na imprensa. O próprio José Condé ficou conhecido como escritor graças aos prêmios literários que recebeu no início da sua carreira, como já discutimos.

Portanto, a instituição ou a organização desses concursos e os seus prêmios são práticas culturais interessantes para percebermos os grupos, suas interações e

²⁹⁹ No período de 1949 a 1951, Fausto Cunha participou do grupo literário Café da Manhã, coordenado por Dinah Silveira de Queiroz e com a participação de vários outros membros, como Renard Perez e Samuel Rawet, que ficaram conhecidos como “geração GRD”, das iniciais do editor Gumercido Rocha Dorea, que editou o livro autobiográfico de Elysio Condé intitulado *O navegante solitário*, em convênio com o INL em 1983. O livro de José Condé intitulado *Vento do amanhecer em Macambira* (1962), premiado pelo Pen Club do Brasil, foi dedicado a Fausto Cunha.

³⁰⁰ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VII, n. 77, nov. 1955, capa.

³⁰¹ Em texto de despedida de Álvaro Lins, estampado na capa do mensário quando este foi chefiar a Casa Civil do governo Juscelino, os irmãos Condé agradeceram a contribuição intelectual do crítico, enquanto membro do Conselho Fiscal, “(...) acrescido de sentimentos de estima pessoal cimentada pelos anos, e pelos laços invisíveis de uma origem regional comum em relação aos seus Diretores” (JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano VIII, n. 80, fev./mar. 1956).

as relações de poder dentro das redes estabelecidas ou criadas. Nas escolhas dos premiados e na composição das comissões julgadoras tais práticas evidenciam as tendências e possíveis alterações no gosto literário e culturais de modo geral, que ajudam a compreender o contexto político-cultural, pois nos veredictos e justificativas dos membros avaliadores constam os seus entendimentos, interpretações e posições no mundo letrado.

4.3.

“A varanda de Portugal”: O Jornal de Letras e o intercâmbio com os intelectuais portugueses

Prestes a comemorar o terceiro ano de existência do JL, João Condé olhava “a varanda” que ele ajudou a construir no exterior. Em 1952, reconhecido pelos seus “Arquivos Implacáveis” e pelo JL, João Condé concedeu uma entrevista ao principal periódico cultural daquele país, *O Século Ilustrado*, de Lisboa, sobre o periódico dos irmãos que logo foi posta em destaque no próprio JL.³⁰²

O título que nomeia a subseção deste capítulo fora a manchete do periódico português, que fazia alusão não só à colaboração já intensa de importantes escritores portugueses no mensário dos Condé sobre a literatura portuguesa, mas também mostrava a perspectiva dos patrícios sobre a literatura brasileira.

³⁰² JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano IV, n. 36, jun. 1952, capa.

DE "O SÉCULO ILUSTRADO", DE LISBOA:

A VARANDA DE PORTUGAL NO «JORNAL DE LETRAS»



Na "Sá da Costa", os dois brasileiros foram procurar as últimas novidades; e o fotógrafo registou, nesta imagem, da direita para a esquerda: Domitelo Grieco, Agripino, João de Barros, João Condé e Guedes de Amorim.

João Condé, que após visitar a França e a Espanha, já deve estar de volta ao Rio, permaneceu várias semanas em Portugal, onde teve ocasião de entrar em contacto com o ambiente literário e jornalístico lisboense. Seus primeiros passados foram em companhia de Agripino Grieco e do ilustre escritor lusu João de Barros, grande amigo do Brasil, que aqui tem estado tantas vezes e recebe sempre de braços abertos os brasileiros. Foram fazer a clássica volta do Chiado e tomar café na "Brasileira". O "Século Ilustrado", nem dos seus últimos números, estampam várias fotografias de Grieco e João Condé, em diversos pontos da cidade, ambos encantados com a paisagem urbana de Lisboa. E a par disso publica uma curiosa entrevista de Guedes de Amorim com João Condé, página que abaixo reproduzimos, sensibilizados com as delirantes referências ao JORNAL DE LETRAS e ao seu diretor:

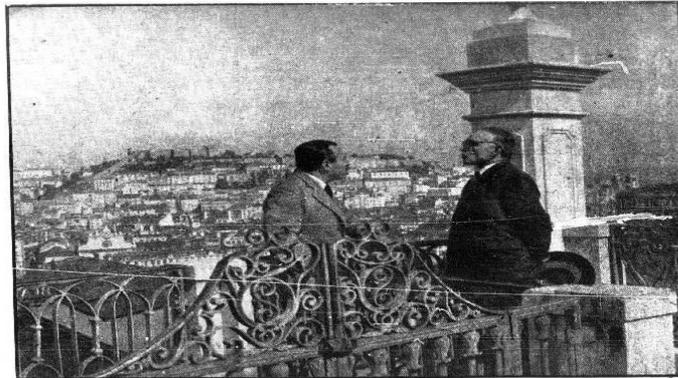
A VARANDA DE PORTUGAL NO "JORNAL DE LETRAS"

FICO a conversar com João Condé. O ilustre diretor do melhor jornal literário do Brasil (e da Europa, também) não começa, todavia, por falar de si, mas do grande crítico que dali acaba de sair:

— O Agripino podia ter alcançado no Brasil os postos de maior relevo intelectual. Fico sempre independente. A sua regência, por convite, da cadeira de Literatura luso-brasileira, na Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, não lhe despertou ambições para ir mais longe. Fico sempre ele próprio. E nem acenos ou suspiros para se sentar (como social nam "quintal") da Academia encontraram alguma vez eco (e não ser ironia e indiferença) no seu belo espírito.

Acende um cigarro e, serenamente, explica que se demorou mais do que pretendia porque andava a ver todo aquele poema de pedra que é a igreja dos serenos.

— O brasileiro que chega pela primeira vez a esta Lisboa vem quase sempre continuar (de forma mais concreta) um convívio de mim, nos anos com os vossos artistas e as suas obras. (Uma pausa). Não vou calcular qual foi o primeiro romance que eu li. Foi o "Amor de Perdido". O segundo foi o "Guaraní", de José de Alencar. O primeiro que me fez chorar foi poema, o de Camilo. Frequentava o colégio, lá no Recife, do Estado de Pernambuco, e a paixão de Teresa e de Simão Hotelão convencia-me profundamente



Agripino Grieco e João Condé, vendo-se ao fundo um trecho de Lisboa.

te. Depois, anos adiante, li-o mais quatro, cinco vezes. (Um sorriso justificável). Digas-se agora que os sentimentais já acabaram...

"Leia Camilo, João". Quando faço anos, também não se esquece de me oferecer um volume do gênio de S. Miguel de Seide. (Outro sorriso

grávia burguesa" e, entre outros mais, Clarissa Lipektor, com "Lusitres". (Conclui na pág. 16)

ENTREVISTADO POR GUEDES DE AMORIM
O DIRETOR DÊSTE MENSÁRIO

*
"O MELHOR JORNAL LITERÁRIO
DO BRASIL (E DA EUROPA, TAMBÉM)"

— Mas, Camilo ainda se lê muito, no Brasil?

— Tem dedicações e fideis leitores que o defendem, dizamos assim. Olhe: Um tio meu, velho simpático e reformado, homem do seu tempo, claro, é dedicado ao romancista de "A deusa do Candal" e não leva a bom modernismo nem renovações. Sempre que me encontra, e sucede encontrar-me duas, três vezes no dia, recomenda-me com ares de quem aconselha um bom remédio:

justificado). Camilo tem dedicações inalteráveis.

O diálogo inclina-se para os romancistas modernos brasileiros mais conhecidos em Portugal. João Condé, que é, evidentemente, defensor dos novos valores da ficção, lastima, por isso mesmo, que entre nos não sejam também conhecidos os da geração que se seguiu à dos já consagrados, por exemplo, um Cornélio Fogaça, com "Fronteiras" e "Repouso"; um Lúcio Cardoso, com "Inácio"; um Grávia de Faria, com "Trá-

Figura 27 - Destaque do Jornal de Letras à viagem de João Condé para Portugal.³⁰³

Na ocasião, João Condé foi entrevistado pelo escritor e jornalista António Guedes Amorim (1901-1979), diretor do jornal lisboense. Ele estava acompanhado do romancista Agripino Grieco e do poeta e pedagogo português João de Barros (1881-1960)³⁰⁴ para divulgar a produção dos autores novos do Brasil em Portugal e também divulgar a literatura dos portugueses no Brasil. E "(...) para remediar tão precária situação",³⁰⁵ em cada número do *Jornal de Letras* duas páginas seriam dedicadas exclusivamente aos escritores portugueses, como o

³⁰³ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano IV, n. 36, jun. 1952, capa. Na fotografia superior, João Condé numa livraria de Lisboa, com Agripino Grieco e os escritores portugueses Guedes Amorim e João de Barros.

³⁰⁴ Em 1945, João de Barros colocou-se ao lado das reivindicações públicas do Movimento da Unidade Democrática e apoiou sucessivas candidaturas à presidência da República de oposição ao regime de Salazar em textos no Diário de Lisboa. Contraditoriamente a essa posição política, ele era sogro de Marcello Caetano, um importante dirigente dos quadros institucionais do Estado Novo português, que substituiu o próprio António Salazar no cargo de Presidente do Conselho de Ministros, sendo deposto do poder com a Revolução dos Cravos, em 1974.

³⁰⁵ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano IV, n. 36, jun. 1952, p. 20.

próprio João de Barros, João Gaspar Simões, José Osório de Oliveira, Vitorino Nemésio, entre tantos outros.

Essa expansão para Portugal era compreensível e até facilitada, mas o JL já contava, desde outubro de 1950, com um correspondente em Paris, Louis Wiznitzer, que atualizava o leitor com informações do movimento cultural europeu, principalmente o francês e o inglês. No entanto, o vínculo historicamente construído entre os autores portugueses e brasileiros e os seus respectivos leitores careceu de uma atenção maior dos diretores do JL, uma vez que o periódico estava sendo muito lido em Portugal. Aliás, Elysio Condé sempre defendeu que o JL fosse um periódico luso-brasileiro, ou seja, de intercâmbio cultural.

O ano de 1952 foi especialmente significativo nessa relação intelectual orgânica por intermédio desse periódico. Logo no início daquele ano, Elysio Condé fez uma extensa viagem que se iniciou por Portugal, passando pela Espanha, França, Itália, Suíça e Inglaterra, com múltiplas tarefas acerca do propósito do mensário.

A primeira necessidade parece ter sido apresentar melhor o periódico para os intelectuais da imprensa e às instituições culturais desses países “(...) facilitando assim a sua penetração nos principais meios de cultura do velho mundo”³⁰⁶ e, especialmente, nas embaixadas brasileiras desses países. O diretor-responsável também aproveitou a viagem para fazer um demorado curso de aperfeiçoamento em Paris, onde entrou em contato diversos fornecedores de maquinaria de imprensa da Suíça, deixando bastante adiantadas as negociações para a aquisição de máquinas para o *Jornal de Letras*. Tal ação empresarial foi bastante importante devido às dificuldades daquele pós-guerra, que ainda impactavam negativamente a importação e causavam ineficiência de uma política estatal de incentivo à indústria interna e a falta de isenção de imposto para importação daquele produto por parte do governo federal.

Como indício dessa articulação intelectual entre os diretores do mensário e os intelectuais portugueses após essa viagem, o *Jornal de Letras* entrevistou Gilberto Freyre, que faz uma reafirmação da sua teoria lusotropicalista em muitas obras suas, que foram patrocinadas pelo governo Salazarista ao longo de toda aquela década. As obras valorizavam o domínio colonial português nos trópicos

³⁰⁶ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano III, n. 19, jan. 1951, p. 4.

de “uma civilização lusotropical”, calcada numa pretensa legitimidade histórica positiva ainda muito em voga em Portugal naquele pós-guerra, marcado pelo discurso anticolonial e anti-imperialista:

Em contato com as províncias portuguesas do Ultramar, tive a grande alegria de ver confirmadas minhas antecipações sobre a vida e a cultura nessas áreas. Vi com os próprios olhos o que já notara através do estudo que portugueses e descendentes de portugueses formamos um mundo só.³⁰⁷

Gilberto Freyre viajou por diversos territórios coloniais de Portugal para pesquisar e escrever os seus livros, que defendiam o lusotropicalismo. Além disso, ele era um dos conselheiros do *Jornal de Letras* que, nessa mesma entrevista, defendeu uma maior integração dos intelectuais brasileiros com os escritores portugueses, muitos desses ligados ao governo de Salazar, que defendiam a manutenção das suas colônias frente à comunidade internacional representada pela ONU. O intelectual brasileiro que reuniu todo arcabouço teórico para legitimar tal posição imperialista de Portugal era o já reconhecido e respeitado internacionalmente Gilberto Freyre, e foi o sociólogo pernambucano que procurou estreitar ainda mais esses intelectuais portugueses ao JL. Por outro lado, os diretores do periódico também almejavam ampliar ou manter sua recepção em Portugal e em seus domínios ultramarinos, conforme se percebe na contracapa o alcance em Moçambique e em Angola. O Brasil fora colocado como o símbolo nessa estratégia discursiva para a diplomacia portuguesa, como exemplo de ex-colônia que deu certo graças ao bom empreendedorismo histórico de Portugal.³⁰⁸

Segundo levantamento de Cláudia Castelo (2002), os dois autores que mais se corresponderam com Freyre foram justamente Luís Forjaz trigueiros (95 cartas) e Nuno Simões (53 cartas) – defensor do direito de Portugal de manter seus domínios ultramarinos na condição de províncias (com a supressão do termo colônia).³⁰⁹

³⁰⁷ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano IV, n. 33, mar. 1952, p. 10. Percebamos que o conceito de “províncias” foi mobilizado por Freyre para se referir às colônias, evidenciando as mudanças no mundo político daqueles países europeus, que tinham territórios sob o seu domínio.

³⁰⁸ Entre 1951 e 1952, Gilberto Freyre excursionou pelos domínios portugueses de Ultramar patrocinado pelo governo Salazar. Foi justamente nessa época que Luís Forjaz aproximou-se de Freyre.

³⁰⁹ Também economista e jurista, Simões tinha sido deputado, ministro do Comércio e governador civil de Vila Real. Junto a João de Barros fundou a revista *Atlântico*.

Tanto é que esse apelo do sociólogo pernambucano, tão admirado pelos irmãos Condé, resultou na visita à sede do *Jornal de Letras* na chamada “Missão Cultural Portuguesa”, naquele mesmo ano de 1952, de dois importantes escritores portugueses pró-Estadonovista: José Osório de Oliveira (1900-1964), importante poeta, crítico literário e ensaísta, que secretariou a revista *Atlântico*³¹⁰ nos anos 1940, e Vitorino Nemésio, professor de Letras da Universidade de Lisboa.³¹¹ Ambos trabalharam ativamente na aproximação entre Brasil e Portugal. Além deles, integraram a comitiva o Padre Bernardo Xavier Coutinho e outros professores e intelectuais: Daniel Vieira Barbosa, João Ameal, Orlando Ribeiro, Luís Ribeiro e Ferrer Correia, que tinham a intenção de propagandear o regime salazarista.³¹²

No entanto, os diretores do JL esforçavam-se para adentrar no mercado português e fazer uma maior integração com a comunidade intelectual daquele país:

JORNAL DE LETRAS, que sempre tem batido por uma aproximação entre os homens de pensamento do Brasil e Portugal, tem a satisfação de saudar a eminente equipe de escritores e eruditos [...] nos pode proporcionar, no âmbito de sua inteligência, sensibilidade e cultura. E que essa visita constitua uma espécie de novo caminho para o Brasil à literatura portuguesa, com direito à turna-viagem por parte da literatura brasileira.³¹³

Sem dúvidas que o JL se colocava como uma das “embarcações” que ajudavam no entendimento desse tráfego de intelectuais já que, pela falta de empenho das autoridades políticas, perdia-se, segundo o texto, a oportunidade de intensificar os negócios “nos grandes mercados do livro de língua portuguesa”.³¹⁴ Ainda segundo essa espécie de editorial, o problema tinha merecido uma atenção mais formal do que prática por parte do governo dos dois países, esboçavam

³¹⁰ A revista *Atlântico*: revista luso-brasileira surgiu em 1942 e durou até 1950, um ano após a fundação do JL. Foi patrocinada por António Salazar e contou com a colaboração de escritores brasileiros e portugueses.

³¹¹ Também foi professor visitante, na década de 1950, nas Universidades da Bahia, do Ceará e do Rio de Janeiro (Cf. FERNANDES; GOBBI; JUNQUEIRA, 2002).

³¹² Muitos desses homens de letras ocupavam cargos nas instituições de governo: o padre Bernardo era diretor da revista *Museu*; Daniel Vieira era professor da Faculdade de Engenharia do Porto; João Ameal era historiador; Orlando Ribeiro era professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Luís Ribeiro Soares era professor de História e ensaísta e Ferrer Correia era professor da Faculdade de Direito de Coimbra.

³¹³ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano IV, n. 33, mar. 1952, p. 6.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 6.

convênios e tratados sem uma política efetiva que consolidasse esses dois mercados.

O que o texto estava refletindo eram as discussões em torno de entraves burocráticos, como a proibição da importação de traduções portuguesas pelo governo brasileiro, medida protecionista que perdurou de 1948 a 1956. Em meio às discussões acerca do Acordo de Cooperação Intelectual, que resultou na viagem de Raul Fernandes, ministro de Relações Exteriores do Brasil, em 1948, e que só viria a ser aprovado pelo Senado brasileiro em maio de 1950.³¹⁵ Além da retomada das discussões sobre o Acordo Ortográfico, a partir de 1951 com a volta de Vargas, mesmo tendo sido aprovado em 1948. E, finalmente, sendo consolidada tal relação, em novembro de 1953, com a assinatura, no Itamaraty, do Tratado de Amizade e Consulta entre Portugal e Brasil, tendo a frente do Ministério das Relações Exteriores o professor Vicente Rao. Em reconhecimento pelo ato, ele foi condecorado com a medalha da Ordem Militar de Cristo pelo embaixador português António de Faria (PATO, 2017). Portanto, essas aproximações nas políticas culturais foram reconhecidas pelas autoridades dos dois países envolvidos como oportunidades de estreitar o intercâmbio cultural, conceito tão mobilizado por Elysio Condé.

O fato é que essa aproximação foi se consolidando e os laços de amizade intelectual e profissional foram bastante frutíferos ao longo de toda a existência do *Jornal de Letras*, que contou com a colaboração mútua de correspondentes e na divulgação das obras dos autores dos dois lados do Atlântico. Do lado português, Elysio Condé reconheceu a ajuda providencial de importantes intelectuais, como a do jornalista e crítico Álvaro Salema (1914-1991),³¹⁶ Luís Forjaz Trigueiros,³¹⁷ Joaquim Paço D’Arcos (1908-1979)³¹⁸, Fernando Namora (1919-1989),³¹⁹

³¹⁵ Esse acordo só foi efetivamente regulamento pelos dois países em 1953 (Brasil) e 1954 (Portugal).

³¹⁶ Ele foi colaborador do *Diário de Lisboa* e crítico literário e redator no *Mundo Literário* (1946-1948), do qual Adolfo Casais Monteiro era diretor, ambos de oposição à ditadura de Salazar, inclusive foram presos algumas vezes. Autor muito conhecido no Brasil, recebeu a Medalha Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (1980), pelo conjunto da sua obra.

³¹⁷ Desde o final dos anos 1920, Luís F. Trigueiros era simpático a ideias centralizadoras e autoritárias e entre os anos 1930 e 1940 circulava em cerimônias oficiais patrocinadas pelo S. P. N., que era o principal órgão de propaganda política. Luís Forjaz Trigueiros passou 4 anos vivendo no Brasil como diretor da editora Nova Fronteira e sua mulher Maria Helena era tradutora. Ele voltou a Portugal em 1975, após terem os seus direitos políticos readquiridos com a deposição de Salazar.

³¹⁸ Joaquim Paços D’Arcos foi um dos mais traduzidos e lidos romancistas portugueses nos anos 1950 e 1960. Foi presidente da famosa Sociedade Portuguesa de Escritores (1956-1965) quando

Ferreira de Castro³²⁰ e Nuno Simões, sendo esses dois últimos grandes incentivadores e articuladores “no intercâmbio cultural luso-brasileiro”.³²¹

Contando com a recepção desses homens, João Condé viajou ainda naquele ano à Europa, conforme noticiado na seção “Variedades”:

Essa viagem lhe dará oportunidade, certamente, de entrarem contato com leitores e administradores do “Jornal de Letras” na Europa, principalmente em Portugal, onde eles são bem numerosos – podendo assim estudar as possibilidades de uma comunicação mais íntima entre o nosso periódico e os seus leitores no estrangeiro.³²²

Como já apontamos no início da seção do capítulo, a viagem de João Condé rendeu uma grande publicidade para o *Jornal de Letras* naquele país. Tanto que ele reproduziu em suas páginas o destaque que o *Diário de Lisboa* concedeu ao JL, ao reconhecer “(...) que é o jornal de maior divulgação no mundo português” e que tal publicação, exclusivamente literária, trazia inveja a muitos diários por sua grande tiragem mensal.³²³

Como consequência dessa estreita parceria intelectual, em outubro de 1952 o *Jornal de Letras* estreou uma nova subseção dedicada à literatura portuguesa: a “Livros Portugueses”. Ela somava-se a outras subseções dedicadas às obras dos principais países que tinham boa recepção no mercado brasileiro, como “Livros Americanos”, “Livros Ingleses” e “Livros Franceses”.

Essa nova subseção, dedicada à literatura portuguesa, estava a cargo do escritor Luís Forjaz Trigueiros, que também havia feito parte da Missão Cultural Portuguesa e justificava:

A nova seção concretiza uma aspiração comum da direção e dos leitores deste jornal, uma vez propiciará a todos o conhecimento do movimento editorial e cultural de uma literatura tão grata a todos os brasileiros.³²⁴

fechada pelo presidente Marcello Caetano, onde foram retidos ele, Luís Forjaz Trigueiro, entre outros. Era membro do Pen Club e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

³¹⁹ Fernando Namora era, assim como Elysio, médico, além disso escritor de romances e poeta. Recebeu em 1961 o Prémio José Lins do Rego com a obra *Domingo à tarde*. O autor era um simpatizante do comunismo soviético, inclusive fazendo viagens à URSS e publicando, posteriormente, o livro *URSS mal-amada, bem-amada: crônica* (1986) (Cf. BEZERRA, 2019).

³²⁰ Ferreira de Castro viveu em Belém do Pará e no Amazonas entre 1911 e 1919.

³²¹ CONDÉ, Elysio. “De volta à pátria”. In: CONDÉ, Elysio. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. 152.

³²² JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano IV, n. 33, mar. 1952, p. 2.

³²³ Ibidem, p. 6.

³²⁴ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano IV, n. 40, out. 1952, p. 4-5.

Também havia no JL a seção “Correio de Portugal”, que estava a cargo de Adolfo Casais Monteiro,³²⁵ que também atualizava o leitor brasileiro a respeito desse movimento literário em Portugal.

O que percebemos na sequência do periódico, é que, após a viagem de João Condé à Europa, especialmente na seção “Panorama do Mundo” houve um maior espaço não somente às literaturas francesa e inglesa, mas também às obras editoriais da Espanha, da Alemanha e até da Itália. Além disso, houve um acréscimo de notícias e de entrevistas com escritores importantes desses países. Tal amplitude pode ter sido uma consequência do encontro entre João Condé com Louis Wiznitzer, correspondente do *Jornal de Letras* em Paris, que deve ter atualizado o diretor sobre esses possíveis interlocutores do mundo editorial europeu.

Seguindo nesse objetivo, na edição de novembro de 1952 o JL traz na capa com bastante destaque a seguinte manchete: “Jornal de Letras na Itália: como somos julgados por um escritor e editor italiano”.³²⁶ Se tratava do editor da Edizioni 900, Teodosio Capalozza que, segundo o JL, iria colaborar na publicação dos seus primeiros trabalhos no mensário: “É alguém que vem ao nosso encontro, num movimento sincero de solidariedade intelectual, trazendo-nos o mais caloroso estímulo pelo qual lhe somos sumamente gratos”.³²⁷ Ainda na capa do jornal, editores publicaram a entrevista do escritor italiano, que reconhecia a qualidade técnica do periódico:

Apreciável é ainda o Jornal de Letras pelo seu feitio editorial muito bem cuidado, tanto no que concerne ao papel quanto à impressão; o lado puramente tipográfico revela bom gosto e em tudo encontramos a marca da grande cultura dos diretores.³²⁸

No entanto, parece que os planos de intercâmbios intelectual e editorial com o tal escritor não foram concretizados, pois não há qualquer referência nos exemplares seguintes dentro do recorte temporal desta pesquisa.

³²⁵ Adolfo Casais Monteiro fundou em 1927, junto a João Gaspar Simões (1903-1987), a revista *Presença*, periódico de referência do modernismo literário português. Ele fora impedido de dar aulas e dirigir periódicos desde os anos 1930. Simões, também oposicionista ao regime ditatorial português, foi reconhecido com uma referência da crítica literária portuguesa e escrevia no *Diário de Lisboa* e no *Diário Popular*. Foi sócio correspondente da ABL e grande interlocutor de Álvaro Lins, especialistas em autores como Eça de Queirós e Antero de Quental, desde quando colaboravam com a revista *Atlântico*, financiada por ambos os regimes no início dos anos 1940.

³²⁶ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano IV, n. 41, nov. 1952, capa.

³²⁷ *Ibidem*, capa.

³²⁸ *Ibidem*, capa.

O que continuavam cada vez mais solidificadas eram as relações entre o JL e os intelectuais portugueses. Entre os intelectuais mais próximos aos irmãos Condé, estava o historiador, jornalista e político Nuno Simões, também colaborador do JL. Os diretores do periódico o convidaram para visitar o Brasil na ocasião de seu aniversário de 60 anos, como uma maneira de agradecer por sua contribuição naqueles últimos 20 anos “(...) no destino comum de Portugal e Brasil”.³²⁹ Como forma de homenagem ao ilustre escritor português, o JL publicou artigo em que reconhece as relações de solidariedade intelectual entre portugueses e brasileiros:

Nas suas ações públicas e na sua cordialidade da sua expressão humana ele concretiza, quase cotidianamente, fervor e confiança na cultura luso-brasileira [...].

[...] Julgamos que a comunicação íntima da inteligência dos nossos países é um dever comum.³³⁰

Como reconhecimento intelectual mútuo, “(...) sob o patrocínio do Jornal de letras, num encontro de amigos (...) unidos pelos mesmos laços de cultura e inteligência”,³³¹ inúmeros intelectuais brasileiros assinaram a nota e o convite em referência ao escritor Nuno Simões divulgada pelo JL, entre eles: Agripino Grieco, Alceu Amoroso Lima, Assis Chateaubriand, Augusto Frederico Schmidt, Aurélio Buarque de Holanda, Austregésilo de Athayde, Brito Broca, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Lacerda, Dante Costa, Eugênio Gomes, Elmano Cardim, Francisco de Assis Barbosa, Francisco Negrão de Lima, Gilberto Freyre, João Neves da Fontoura, José Lins, Josué Montello, Lúcia Miguel Pereira, Lúcio Cardoso, Luís Jardim, Manuel Bandeira, Marque Rebelo, Mauro Mota, Odorico Tavares, Octávio Tarquínio de Souza, Pedro Calmon, Peregrino Júnior, Rachel de Queiroz, Renato Almeida, Santiago Dantas e, claro, os irmãos diretores *do Jornal de Letras*.

Tamanha demonstração de afetividade intelectual ao escritor tinha justificativa, devido ao apoio que ele havia dado para o JL se transformar num jornal luso-brasileiro. Afinal, ele havia sido parte do Conselho fiscal e tinha contribuído para tal entrelaçamento, fazendo uso da sua posição política em Portugal, como assegurou Elysio: “Ex-ministro do Estado, com vastíssima

³²⁹ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, Ano VI, n. 55, jan. 1954, capa.

³³⁰ Ibidem, capa. Continha o seguinte título em destaque: “Mensagem de intelectuais brasileiros a Nuno Simões.”

³³¹ Ibidem, capa.

repercussão em todo o país, ajudou e foi grande divulgador do nosso mensário em Portugal”.³³²

Contudo, as relações nem sempre foram amistosas com as autoridades de Estado português. Entre os colaboradores portugueses no JL, havia escritores que faziam oposição ao governo ditatorial de Salazar, que foi derrubado do poder pela Revolução dos Cravos em outubro de 1974. Em anos anteriores, já durante a crise portuguesa, Homero Sena, escritor e redator-chefe do JL, fez uma entrevista com o polêmico romancista brasileiro Marques Rebelo, que teceu duras críticas ao governo português por ocasião de sua viagem ao exterior. A consequência foi imediata: Elysio Condé recebeu um comunicado de Lisboa, informando que o mensário havia sido proibido de circular no país. O diretor-responsável entrou em contato com o ministro da Justiça português para amenizar o atrito e fazer voltar à normalidade receptiva do periódico.

Essa atitude de Elysio revela não apenas a abrangência da recepção que o mensário tinha na sociedade portuguesa, como também indica a influência do diretor perante algumas das autoridades máximas da República portuguesa. Dentre elas, muitos intelectuais relevantes no mundo literário daquele país, conforme demonstramos anteriormente.

Ao longo da história do impresso, os editores tiveram que desenvolver táticas semelhantes na divulgação de suas obras, tanto por pressões políticas quanto por questões financeiras. Desenvolver a prática mediadora era uma questão de sobrevivência quando os agentes dos bens culturais impressos experimentavam tempos de vulnerabilidade às suas atividades empresariais, durante o Antigo Regime europeu ou nos anos 1950 quando, no Brasil, vivia-se ainda um respiro democrático.

Por outro lado, ou na outra “varanda”, Elysio Condé teve o reconhecimento por sua “missão” com inúmeras homenagens ao longo da existência do JL. A mais significativa honraria foi a condecoração de Comendador da Ordem Infante Dom Henrique, entregue pelo embaixador de Portugal Adriano de Carvalho, em 1981, e o Troféu e Medalha de Portugal pelos serviços prestados à comunidade luso-brasileira.

³³² CONDÉ, Elysio. “Intercâmbio cultural”. In: CONDÉ, Elysio. **O navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983, p. 143.

Elysio Condé e os seus irmãos tiveram no programa-diretor do periódico duas diretrizes gerais que consolidaram a sua longuíssima existência. A primeira foi uma preocupação na divulgação interna, valorizando o intelectual e a sua produção cultural local ou nas províncias, como gostavam de se referir, como uma forma de articular e expandir as redes intelectuais vinculadas aos grandes centros urbanos. Essa produção de bens culturais tão importantes, como os concursos literários, possibilitava uma interseção geracional na qual todos os intelectuais envolvidos, embora nem sempre imbuídos do senso de solidariedade, pareciam confluir na compreensão de quão aquele mensário de literatura e artes mostrava-se fundamental como plataforma de discussão literária e de defesa dos seus interesses nas questões políticas-culturais em um contexto histórico tão instável.

Por outro lado, tornou-se um esteio naquele projeto, desde o início da sua criação, uma articulação e um diálogo profícuos com as produções literária e cultural externas como a francesa e a portuguesa – especialmente –, conforme analisamos com vagar. Sendo a relação intelectual com os portugueses já histórica, pelos motivos óbvios, aquele período de intercâmbio cultural nos parece singular. Primeiro porque tal esforço de aproximação partiu dos próprios fundadores de um periódico que não contava com o patrocínio exclusivo ou direto de autoridades políticas do Estado.

Outro ponto que percebemos na pesquisa é que esse bem cultural de divulgação de ideias, cultura e de intelectuais a elas atreladas foi pensado, concretizado e consolidado a partir de uma ex-colônia portuguesa. E lá, não só desfrutava de uma boa recepção no antigo país colonizador, como gozava de considerável prestígio perante o seu público letrado, a ponto de servir-se do próprio mensário como sua “varanda”. Isso graças ao empenho dos irmãos Condé, em especial do “navegante solitário” Elysio, com a finalidade (re)enlaçar as duas margens do Atlântico durante os quarenta anos ininterruptos de existência do *Jornal de Letras*.

5 Considerações finais

“Estabeleceram eles o seu reduto, organizaram equipes, mantem contato com tudo quanto é escritor e poeta brasileiro, empenharam-se na difusão de ideias e no debate de pontos de vista, realizam concursos, dão, enfim, movimento à vida literária”.

(Valdemar Cavalcanti, jul. 1952).³³³

Os irmãos Condé foram percebidos no princípio desta pesquisa como indivíduos que atuaram nos bastidores da sociabilidade literária e cultural por meio da imprensa ou nos lugares de reunião intelectual. Na maturação da tese pude perceber uma participação profícua deles na vida cultural não apenas na capital da República, mas também nos rumos da literatura brasileira em interlocução ativa com a literatura portuguesa.

Atuando em suas respectivas áreas literárias, Elysio, João e José Condé tornaram-se os “senhores da República das Letras”, como os definiu Dinah Silveira de Queiroz a partir de pelos menos meados dos anos 1940. Cada qual em suas atribuições ou em conjunto e nos meios impressos ajudaram a tecer uma extensa rede intelectual em torno de um sobrenome incomum: Condé.

Nas distintas atividades de colunistas, jornalistas, críticos ou como editores de periódicos, livros e seções, os irmãos Condé exerceram *práticas culturais* como *intelectuais mediadores*, uma vez que faziam os *bens culturais* circularem para além das fronteiras nacionais, especialmente com o *Jornal de Letras* e a seção “Arquivos Implacáveis”. Cada qual estabeleceu uma multiplicidade de relações profissionais e de amizade com intelectuais de instituições, de órgãos públicos e privados e das demais áreas culturais do país e do exterior com a sua “(...) capacidade de ressonância e de amplificação” e exercendo poder de influência (RIOUX; SIRINELLI, 1998).

As profícuas atuações desses *homens de letras* colaboraram para uma maior aproximação do leitor comum ao mundo intelectual imaginado por meio dos Arquivos Implacáveis, pelas colunas do JL ou pelas crônicas e críticas de José Condé.

³³³ JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, ano IV, n. 37, jul. 1952, p. 5.

Aproximar é um verbo de ação, que corresponde perfeitamente às atribuições dos irmãos Condé, que aproximaram cultura e literatura. Na circulação de ideias utilizando-se de mídias diversas, eles inseriram a comunidade leitora no cotidiano dos escritores famosos, levaram o conhecimento do mais sensível ao mais básico de maneira para diversas cidades do país. Por outro lado, a comunidade intelectual não deixava se ver contemplada nas seções, nos suplementos, no jornal e nos livros editados pelos Condé. Era uma via de mão dupla, na qual todos usufruíam de um bem comum: a cultura brasileira.

Não que nessa dinâmica cultural não fosse atravessada por desafios e conflitos, que revelavam dificuldades dos projetos e os bens em que eles estavam submersos. Conforme assinalamos ao longo dos capítulos desta tese, não foram poucos os embates, principalmente nas páginas do mensário fundado por eles, em que as questões políticas internas e externas foram expostas, embora de maneira velada na maioria das vezes. Afinal, desvincular a trajetória intelectual desses indivíduos das questões políticas e sociais do seu tempo seria um sacrilégio historiográfico, para não dizer uma tarefa impossível de ser realizada. Aliás, provamos ao longo da tese que o discurso de uma pretensa neutralidade dos irmãos empreendedores não passava de uma estratégia de legitimação e, por vezes, de negociação perante o Estado e à classe intelectual.

Seja como for, certas situações e questões requeriam deles uma desenvoltura política que nem sempre resultava em êxito. Por outro lado, os irmãos Condé conseguiram, cada qual à sua maneira e/ou agindo conjuntamente, constituir seus espaços tanto no mundo literário como no político adquirindo uma respeitabilidade para além das margens atlânticas.

A análise da atuação desses três irmãos envolvidos em práticas de *mediações culturais* foi capaz de fornecer subsídios para entendermos um contexto mais amplo da criação, da produção e da divulgação da literatura nas dinâmicas do mercado editorial brasileiro entre meados das décadas de 1940 e 1950. Também foi possível constituir, de modo considerável, as conexões culturais, políticas e sociais entre os intelectuais nos veículos de imprensa em que estiveram envolvidos.

As redações do *Jornal de Letras* e dos suplementos dos jornais nas quais as colunas eram produzidas e em torno das editoras consolidaram-se como os lugares por excelência para a tessitura de *redes intelectuais* em torno de seus

nomes. As *redes intelectuais* “conformavam dinâmicas distintas, mas complementares e necessárias à comunicação intelectual” (GOMES, 1999, p. 27). Os irmãos Elysio, João e José Condé construíram fios dessa rede composta por escritores de província e da capital, de distintas posições políticas e ideológicas e de gerações variadas.

Neste trabalho historiográfico, procuramos seguir esses fios costurados ao longo dos anos, em meio a desafios, afetos e conflitos que certamente os irmãos Condé vivenciaram e enfrentaram para executar os seus projetos intelectuais e empresariais. Afinal, seguindo mais uma vez o conselho de Ângela de Castro Gomes, as *redes intelectuais* não explicam por si só as relações entre os personagens históricos: as redes precisam ser evidenciadas e explicadas para a construção do conhecimento histórico, embora saibamos que se trata de um desafio metodológico. No entanto, seguir os vestígios dessa tessitura é intrigante, porque se evidenciam as fragilidades e consolidações das amizades, dos negócios, das disputas e conciliações em torno dos lugares de sociabilidade e dos projetos em suas etapas de criação, produção, circulação, recepção e, claro, de consolidação.

De fato, percebemos que as redes não poderiam ser vistas como apenas uma ferramenta metodológica. A experiência de pesquisa indica que ela pode ser usada como uma teoria das relações individuais e coletivas de um determinado grupo social. Como um tecido social, a sua composição a partir do olhar historiador pode ser ilimitada. Por isso, tivemos a necessidade de limitá-la em várias frentes diferentes: em torno dos irmãos Condé, nas mídias nas quais trabalharam, nos projetos envolvidos, a partir de uma cidade e de um período específico.

As redes construídas e visualizadas ao longo deste trabalho são sempre parciais, pois poderiam ser acrescidas ou diminuídas, de acordo com as informações as quais o historiador tem acesso no momento de pesquisa. Isso porque a própria dinâmica da vida social desses indivíduos também era bastante variável, como podemos supor. Portanto, os nexos que a compõem precisariam de uma análise mais densa, que poderia revelar as relações entre esses intelectuais e os irmãos Condé. Essas redes, ao serem evidenciadas e explicadas pelo historiador, podem fornecer uma série de informações que, somadas a outras fontes, como cartas, por exemplo, tornam-se providenciais na compreensão da

sociabilidade intelectual daquele período e da literatura brasileira e de suas relações com o mercado impresso, com as políticas públicas, com o Estado e outras instituições etc.

As redes intelectuais são (des)construções sociais forjadas no presente para o presente, mas também são tecidas olhando para o passado, buscando filiações de legitimidade para se por ou contrapor aos desafios ou propósitos em jogo naquele contexto jogando para um futuro.

Tendo a imprensa como objeto de análise, nesta tese procuramos demonstrar empiricamente como os irmãos Condé constituíram uma presença fundamental na história da imprensa literária brasileira na segunda metade do século XX. Debruçamo-nos também, em contrapartida, nas formas em que foram consagrados por um coletivo de intelectuais e, principalmente, pelo público leitor/ouvinte/telespectador.

Como um dos propósitos desta tese, procuramos demonstrar que as ações intelectuais dos irmãos Condé não estavam inertes aos propósitos políticos na execução desses projetos nos quais estavam inseridos. Afinal, como nos alerta o historiador Christophe Charle (2003, p. 150),

(...) os escritores mais reconhecidos consideram-se mais autorizados a tomar a palavra no debate ou são mais solicitados para isso, devido à caução moral de autoridade que conferem à causa defendida.

Por meio da análise da documentação foi possível perceber o esforço dos Condé na composição dessas redes em dois propósitos principais distintos, porém complementares, ao longo desse período aqui delimitado e nos meios diversos em que atuaram.

O primeiro foi a defesa e a valorização do escritor e dos veículos literários provincianos com a divulgação e a inserção de novos autores e suas criações literárias nos estados do país, ou seja, no cenário literário mais amplo. Esse engajamento é perceptível na análise da produção literária e editorial: nas colunas de periódicos, nos princípios do *Jornal de Letras* e até nas duas pequenas editoras criadas por eles (Edições Condé e Edições Jornal de Letras).³³⁴ Nesse sentido, é válido afirmar que esse engajamento cultural e político, em certa medida,

³³⁴ Essa outra dimensão da atividade editorial e empresarial não foi contemplada nesta tese, mas merece um estudo aprofundado.

transformou-se num legado fundamental da trajetória dos irmãos Condé. Tal atividade empresarial, além da prática editorial, precisaria de uma investigação mais detida, que poderia revelar as negociações com os autores na edição de suas obras, com livreiros, gráficas, ilustradores, enfim, com toda a dimensão da produção editorial de um periódico tão importante marcado pelo *Jornal de Letras*, por exemplo.

Como principal porta-voz cultural da segunda metade do século XX, o mensário dos Condé possibilita ao investigador, seja ele da área de Letras, da Comunicação, da História etc., compreender aspectos imprescindíveis da nossa vida cultural e literária. Ou seja, é um objeto de estudo quase desconhecido dos pesquisadores, tendo esta tese se proposto a contribuir apenas como ponto de partida para potenciais pesquisas futuras.

Portanto, de modo geral, o engajamento dos irmãos Condé foi perceptível nas questões do mercado editorial e nos interesses da classe intelectual. No período em questão, os problemas com a chamada “crise do livro” constituíam um tema recorrente dos editoriais visando, principalmente: o barateamento do papel; a profissionalização do escritor; os direitos autorais; uma eficaz distribuição do livro e a alfabetização da população. Eles também saíram em defesa de investimentos para a literatura e para a cultura, de um intercâmbio da política cultural entre Brasil e Portugal, além das valorizações do intelectual e da produção das províncias, como vimos.

Esse “sentimento provinciano” mobilizava os irmãos Condé como um propósito de seus projetos. O estímulo à produção literária e cultural em todos os estados do país mobilizava as atividades dos irmãos Condé em várias frentes, como discutimos. Esses esforços representavam um entendimento de que o desenvolvimento da cultural local (da província) gerava uma igualdade de condições para a vida literária eclodir mesmo longe da capital. Essa valorização dos intelectuais e de suas obras revelava, por sua vez, um sentimento de afeto direto à sua terra natal. Como demonstrado, José, João e Elysio constituíram e consolidaram as filiações em torno de uma extensa rede de conterrâneos da região Nordeste como um todo, e de Pernambuco em particular, enquanto usufruíam de inúmeras funções que requeriam práticas de *mediação cultural*.

Essas relações eram formalizadas tanto por uma noção de *sociabilidade objetiva*, com a organização das comissões de concursos, como nas escolhas de

obras submetidas à crítica ou nas escolhas de autores que seriam alvo dos Arquivos Implacáveis, por exemplo. Por outro lado, essa ideia de *sociabilidade era movida por um sentimento afetivo* de pertencimento e de solidariedade regional baseado num discurso muito valoroso para irmãos Condé, principalmente por difusão e influência de Gilberto Freyre.³³⁵

Portanto, essa presença e acolhimento regional necessitam de uma investigação em sua extensão, com um olhar aprofundado acerca das atividades de José, João e Elysio Condé que não foi possível de ser contemplado nesta tese. A atividade de escritor de romances e de contos do premiado José Condé, por exemplo, precisa ser mais bem explorada do ponto de vista da historiografia, apesar do excelente trabalho do professor Edson Tavares Costa (2013), que investigou justamente a ausência de José no cânone da literatura do século XX. É fundamental conhecer essa obra extensa do romancista José Condé, que inclusive teve livro adaptado para a televisão e outras obras traduzidas para vários países. Também é interessante investigar a vinculação dele com o rádio, já que o autor e colunista literário apresentava um programa onde os intelectuais discutiam os personagens de suas obras nas ondas do rádio, interagindo com o ouvinte/leitor. Enfim, José Condé atuava numa atividade de mediação cultural por excelência, fazendo “uma ponte” entre o autor e esse ouvinte/leitor, ao vulgarizar os conhecimentos e o saber literário para um grande público.

Tal produção e difusão de *bens culturais* simbólicos não eram distintas daquela do irmão mais velho com a seção literária mais inovadora daqueles tempos, os Arquivos Implacáveis, que extrapolou as páginas do jornal *A Manhã* e depois da revista *O Cruzeiro* até chegar à mídia de ponta daquele momento: a televisão. O colecionador João Condé estreou, em 1956, um programa na extinta TV Tupi chamado “Os Arquivos Implacáveis na TV”, dirigido por Carlos Thiré.³³⁶ No programa, Condé entrevistava escritores, lia trechos de romances e poemas, mostrava documentos raros da literatura e, claro, contava os “causos” corriqueiros dos intelectuais para um público novo, que passava a recepcionar e a enxergar os intelectuais e a literatura brasileira de outras formas.

³³⁵ Os conceitos em destaque no trecho foram retirados de Ângela de Castro Gomes (1996, p. 41). Embora alerte a autora que na composição dessas redes de sociabilidades estejam sempre presentes os conflitos, afinidades e disputas nem sempre aparentes ou percebidos.

³³⁶ A TV Tupi, assim como a Rádio Tupi e a revista *O Cruzeiro*, faziam parte do conglomerado midiático do empresário e político Assis Chateaubriand. O ano de estreia do programa apresentado por João Condé coincide com o seu afastamento por alguns meses da direção do *Jornal de Letras*.

Disse, com certo alívio, o poeta Carlos Drummond acerca do acervo de João Condé: “Se um dia eu rasgasse os meus versos, por desencanto ou nojo da poesia, não estaria certo da sua extinção: restariam os ARQUIVOS IMPLACÁVEIS de João Condé”. Pois bem, as pesquisas nos acervos desse arquivo são imprescindíveis para entendermos não apenas a esfera privada da intelectualidade brasileira do século XX, como também auxilia na compreensão das dinâmicas públicas desses indivíduos e de suas relações com a própria literatura que estavam produzindo. Como guardião e construtor de memórias, João Condé precisa ser reconhecido atualmente como o era na sua contemporaneidade. Afinal de contas, ele é até hoje um personagem singular na história da literatura e da nossa cultura por sua atuação inovadora e marcante – além do valor simbólico incalculável de seus *bens culturais* acumulados em décadas.

Portanto, os dois irmãos (José e João) como intelectuais mediadores em suas diversas atividades de vulgarização literária alargaram os seus propósitos de democratização do acesso à cultura e à literatura para um público amplo e diverso. Nesse processo interativo, eles transformavam o que era mediado: a informação do autor e da obra.

Como nos lembra o historiador francês Roger Chartier (2001, p. 44-45), é na edição que se pensam as estratégias de como o produto cultural livro encontrará o público leitor. Por isso, tais práticas executadas pelos irmãos Condé em suas frentes na imprensa são práticas mediadoras potentes, pois nos revelam uma série de aspectos das relações sociais e das políticas culturais em vigor e da discussão no país daqueles tempos.

Enquanto escritores, colaboradores, críticos, editores e apresentadores, os irmãos Condé foram emblemáticos no sentido de exercerem papéis que requeriam a expertise de *mediação cultural* nessas diferentes vertentes literárias. Nesse sentido, pretendeu-se nesta tese identificar e discutir as ambivalências dessa categoria de intelectual diante das atividades praticadas pela “trinca de Caruaru”. Esses agentes em seus projetos, ações e produções intelectuais como *homens de letras* dotados de especificidades atuaram no cotidiano, nos meandros das sociabilidades intelectuais da capital e do país produzindo e reproduzindo a literatura brasileira num de seus períodos mais significativos, com engajamento e uma visão singular de mundo literário e cultural. E, com isso, eles construíram e

consolidaram em torno de si e desses projetos e produções uma vasta *rede de sociabilidade intelectual*.

Nesse sentido, os irmãos Condé atuaram como *intelectuais medidores* na intensificação dessas relações afetivas, aglutinando uma quantidade enorme de “homens de letras” em torno de si. Não mediarão apenas escritores-leitores, editores-escritores, críticos-autores, escritores-leitores, instituições-escritores ou Estado-intelectuais etc. Eles ajudaram a fortalecer esses vínculos profissionais, sociais, comerciais, culturais e políticos a fim de concretizar seus projetos individuais e compartilhados entre eles, embora com embates e atritos.

Enfim, o que pudemos constatar na pesquisa sobre esses indivíduos, olhando-os pela perspectiva da categoria de *intelectuais mediadores*, é que tal conceito deve sintetizar e corresponder com clareza de detalhes às experiências vivenciadas ou frustradas desses personagens em relação aos seus projetos, expectativas e ações em consonância com as circunstâncias que se impunham. Tal categoria permite-nos enxergar detalhadamente as ações intelectuais e, conseqüentemente, identificar as posições de destaque que eles exerceram naquela sociedade, que, de outra forma não seria possível e perceptível. Afinal de contas, como *mediadores de bens culturais*, eles executaram como homens práticos os seus negócios editoriais e, ao mesmo tempo, atuaram com uma sensibilidade mais aguçada como requer a prática literária. Do ponto de vista pessoal, esse intelectual na qualidade de *mediador* também precisa possuir uma habilidade intelectual delicada, pois nessa função ele deve estar atento às duas “pontas” desses *bens culturais* (criação e recepção) e numa atenção dupla com aqueles envolvidos no processo mediado (pessoas ou instituições, por exemplo).

Enfim, o que pretendemos dizer é que o próprio conceito de intelectual ganha uma significação mais potente porque corresponde às experiências que efetivamente ajudaram a mudar os rumos de uma sociedade dali em diante. E coube a nós iniciarmos timidamente nesta tese, limitados pela dificuldade de acesso à documentação e à falta de trabalhos acadêmicos anteriores, percorrer a superfície das trajetórias desses três intelectuais bastante singulares entre si, mas basilares para compreendermos a literatura brasileira dos anos 1940 em diante. Uma certa “trinca de Caruaru” que, naquele tempo, chegou até a outra margem do Atlântico, mas que ainda hoje é quase desconhecida em sua própria nação.

6 Referências bibliográficas e outras fontes

6.1. Fontes

6.1.1. Livros

BARBALHO, Nelson. **José Condé**: romancista de Caruaru. Caruaru: WDimeron, 2017.

CONDÉ, Elysio. **O Navegante solitário**. São Paulo/Brasília: GDR/INL, 1983.

CONDÉ, João (Org.). **10 romancistas falam de seus personagens**. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1946.

CONDÉ, José. **As chuvas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.

CONDÉ, José. **Histórias da cidade morta**. Rio de Janeiro: Edição Jornal de Letras, 1951.

CONDÉ, José. **Um Ramo para Luísa**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1959.

CONDÉ, José. **Santa Rita**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

CONDÉ, José. **Terra de Caruaru**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

6.1.2. Jornais

A Manhã, Rio de Janeiro (1940-1950).

Correio da Manhã, Rio de Janeiro (1940-59).

Diário de Pernambuco, Pernambuco (nov. 1953).

Jornal de Letras, Rio de Janeiro (1949-1956).

Revista do Rádio, Rio de Janeiro (05 dez. 1950; 16 jun. 1953).

Revista Manchete, Rio de Janeiro (1953).

Revista O Cruzeiro, Rio de Janeiro (1937-1954).

Revista Sombra, Rio de Janeiro (nov./dez. 1941).

6.1.3. Cartas

Carta de João Condé a Carlos Drummond de Andrade, julho de 1944 – CDA –CP – 0443 (AMLB).

Carta de Álvaro Lins para José Olympio, 3 de julho de 1938. Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (AMLB).

Carta de Álvaro Lins para José Olympio, 4 de novembro de 1938. Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (AMLB).

Carta de Álvaro Lins para José Olympio (de início de 1938). Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (AMLB).

Carta de Álvaro Lins para José Condé, 20 de abril de 1940. Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (AMLB).

Carta de Álvaro Lins para José Condé, 20 de abril de 1940. Fundo LJOE. ADM. COD. EDT. 250 (AMLB).

6.1.4. Outras fontes

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ... : autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. Joaõ V.* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v; 2 Suplementos. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/>>. Acesso em 5 de Julho de 2022.

Arquivos

Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital).

Fundação Casa de Rui Barbosa Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB).

6.2.

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de; RAMOS, Plínio de Abreu [et al]. **A imprensa em transição.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa: 1970-2000.** Rio de Janeiro, 2002.

ARIÉS, Philippe. “Gerações”. In. **Enciclopédia Einaudi** (Vida/Morte – Tradições-Gerações). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997 (Vol. 36).

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformação da memória cultural**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

BARBALHO, Nelson. **José Condé: romancista de Caruaru**. Caruaru: WDimeron, 2017.

BEZERRA, Antony C. “As viagens, os regimes, os olhares: Fernando Namora na União Soviética e nos Estados Unidos”. In: **Metamorfoses**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 83-97, 2019.

BOLLE, Adélia B. de Meneses. **A obra crítica de Álvares Lins e sua função histórica**. Petrópolis: Vozes, 1979.

BRAGANÇA, Aníbal. “Sobre o editor: Notas para sua história”. In: **Em questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 219-237, jul./dez. 2005.

BROCA, Brito; EULÁLIO, Alexandre (orgs.). **Teatro das letras**. Campinas: Editora UNICAMP, 1993.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CANDIDO, Antonio. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Editora UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CASTELO, Cláudia. “Leituras da correspondência de portugueses para Gilberto Freyre”. In: **Anais do Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, Porto, 2002, p. 421-444.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Leonardo A. de M. (orgs.). **Histórias em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

CHARLE, Christophe. “Nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860-1898)”. Tradução de Maria Helena Camara Bastos. In: **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, n. 14, p. 141-156, set. 2003 [1985].

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

COSTA, Edson Tavares. **A construção e a permanência do nome do autor: o caso de José Condé**. 2013. 294f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

COSTA E SILVA, Alberto da. **Recordações de Manuel Bandeira nos “Arquivos Implacáveis” de João Condé**. Lisboa: Embaixada do Brasil, 1990.

FERNANDES, Maria Lúcia O.; GOBBI, Márcia V. Z.; JUNQUEIRA, Renata S. (orgs.) **Intelectuais portugueses e a cultura brasileira**: depoimentos e estudos. São Paulo, Editora Unesp/Edusc, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FONSECA, Maria Rachel F. da; GOMES, Ângela de Castro; KODAMA, Kaori. “Imprensa e mediadores culturais – ciência, história e literatura (Apresentação)”. In. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 34, n. 66, p. 593-600, set./dez. 2018.

GOMES, Ângela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (orgs.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **A invenção do Trabalhismo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005 [1988].

GOMES, Ângela Maria de Castro. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

GOMES, Ângela Maria de Castro. “*Essa gente do Rio...*”: modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GOMES, Ângela Maria de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Ângela Maria de Castro. “Educação, ciência e edição: consagração intelectual dos periódicos às coleções”. In: **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 6-15, jan./jun. 2014.

LÓPEZ, Isabel S.; RECHOU, Blanca-Ana R.; RODRIGUÉZ, Marta N. (orgs.). **Premios literarios e de ilustracion na LIX**. Pontevedra: Edicións Xerais de Galicia, 2013.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977-1978 (Vol. 7).

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe dirigente no Brasil**. São Paulo: DIFEL, 1979.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. 4ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PATO, Rosa Ana S. R. **A cultura dos dois lados do Atlântico**: um olhar sobre as relações culturais luso-brasileiras entre 1945 e 1953. 2017. 109f. Dissertação

(Mestrado em História). Departamento de História, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2017.

RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean (orgs.). **Para uma história cultural**. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SAPIRO, Gisèle. **Sociologia da literatura**. Tradução de Juçara Valentino. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2019.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SILVA, Simone. “As ‘rodas’ literárias no Brasil nas décadas de 1920-30: troca e obrigações no mundo do livro”. In: **Latitude**, v. 2, n. 2, p.182-210, 2008.

SORÁ, Gustavo. **Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro**. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2010.

SUSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1993.

VARELA, Antaxo Tarrío. “Os premios literários”. In: LÓPEZ, Isabel S.; RECHOU, Blanca-Ana R.; RODRIGUÉZ, Marta N. (orgs.). **Premios literarios e de ilustracion na LIX**. Pontevedra: Edicións Xerais de Galicia, 2013.

VELASQUES, Muza C. Chaves. **Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40**. 2000. 204f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

VELLOSO, Monica Pimenta. **História e Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VICENTE, Silvana M. “Perfis da província e máscaras da modernidade: uma leitura da correspondência de Gilberto Freyre com Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Rodrigo Melo Franco de Andrade”. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 128-137, abr./jun. 2014.

VICENTE, Silvana M. **Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira**. São Paulo: Global, 2017.

VOVELLE, Michel (org.). **O homem do Iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2017 [1976].

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

7 Anexos

Anexo 1

Nesse anexo constam apenas algumas entrevistas que revelam as caracterizações e singularidades da subseção *Flash* e que reverberaram nas rodas e na imprensa literárias.

Subseção Flash (Arquivos Implacáveis)

Cyro dos Anjos (4/6/1948)

- Nasceu em Montes Claros, Minas, em 1906.
- Casado e tem 5 filhos.
- Altura, 1,76.
- Pesa 74 quilos.
- Usa óculos
- Colarinho n. 39.
- Sapato n. 40.
- Não gosta de andar à pé.
- Sua leitura predileta: ensaios filosóficos e literários.
- Não gosta de rádio.
- Pratica a boa vizinhança.
- Não usa chapéu.
- Não faz esportes.
- Acorda e dorme cedo.
- Tem cabelo, com ligeiras entradas.
- Faz visitas, (ilegível).
- Vai ao cinema raras vezes.
- Seu prato predileto: frango assado.
- Gosta de músicas.
- Seu compositor predileto: Mozart.
- Não ajuda a mulher em casa.

- Brinca com os filhos.
- Responde cartas com muita pontualidade.
- No banho nem assovia e nem canta.
- Comer é o seu fraco.
- Suas frutas prediletas: lima e mamão.
- Gosta de gravatas de tons discretos.
- Está de namoro com a Academia Brasileira de Letras.
- Gosta de cachorros.
- É católico.
- Vai todos os domingos à missa, com a família.
- Não fuma.
- Gosta de vida campestre.
- Atualmente, é um dos diretores do IPASE.
- Não é parente do poeta Augusto dos Anjos.
- Acha que morrerá depois dos 70 anos.

José Américo de Almeida (20/06/1948)

- Nasceu em Areia, Paraíba, em 1887.
- Casado, tem três filhos e duas netas.
- Altura, 170.
- Pesa 74 quilos.
- Usa óculos fora de casa.
- Sapato n. 39.
- Colarinho n. 39.
- Prefere andar de automóvel, mas vem para casa quase sempre de bonde.
- Dorme quando pode e acorda cedo e à mesma hora, mesmo que coma tarde.
- Raramente faz visita.
- Gosta de música.
- Seu compositor preferido: Chopin.
- O prato que mais gosta: cabrito, conquanto coma raramente.
- Não fuma.

- Nos seus intervalos de seus estudos e trabalhos, lê romances, poesia e biografia.
- Só lê e escreve à luz do solar, de preferência pela manhã.
- Sua fruta predileta: laranja, por ser boa no inverno e melhor no verão.
- Santo que mais admira: São Francisco de Assis.
- Não escreve cartas por não ter estilo para o estilo epistolar.
- Sua correspondência é telegráfica.
- Tem mais saúde agora do que quando moço, por já conhecer e defender o organismo.
- Gosta das campanhas e não propriamente da política partidária.
- O primeiro livro que lhe causou impressão: “Crime e Castigo”.
- Escreveu “Bagaceira” com 38 anos.
- Tem vários inimigos todos feitos na vida pública: como político e administrador.
- Poetas modernos da sua predileção: Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Murilo Mendes.
- Habitualmente dita seus trabalhos, aproveitando as notas que lhe dão um plano.
- Gosta de cuidar do jardim.
- Ajudou a mulher a criar os filhos, fazendo-as dormir contando-lhes histórias.
- Romancistas de sua predileção: José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Amando Fontes.
- Deseja viver enquanto puder viver lucidamente.
(Assinatura do autor).

Graciliano Ramos (meados 1948)

- Nasceu em 1892 em Quebrangulo (Alagoas).
- Casado duas vezes e tem seis filhos.
- Altura, 1, 75.
- Pesa 70 quilos.
- Sapato n. 41.
- Colarinho n. 39.

- Prefere não andar.
- Não gosta dos vizinhos.
- Detesta rádio, telefone e campanhas.
- Tem horror às pessoas que falam alto.
- Usa óculos.
- Meio calvo.
- Não tem preferência por nenhuma comida.
- Indiferente à música.
- Não gosta nem de frutas nem de doces.
- Sua leitora predileta: A BÍBLIA.
- Escreveu “Cahetés” com 34 anos de idade.
- Não há preferência a nenhum dos seus livros publicados.
- Gosta de beber aguardente.
- É ateu.
- Indiferente às Academias.
- Adora crianças.
- Odeia a burguesia.
- Romancistas brasileiros que mais lhe agradam: Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz.
- Gosta de palavrões escritos e falados.
- Escreve seus livros pela manhã.
- Fuma cigarros SELMA (3 maços por dia).
- É inspetor de ensino, trabalha no “Correio da Manhã”.
- Apesar de o acharem pessimista, discorda disto.
- Só tem 5 ternos de roupa, estragados.
- Esteve preso duas vezes.
- É-lhe indiferente estar preso ou solto.
- Gasta em excesso.
- Seu maior desejo: a morte do capitalismo.
- Escreve à mão.

- Seus maiores amigos: Capitão Lobo (um oficial conhecido na prisão, em Pernambuco). Cabano (vagabundo encontrado na Colônia Correccional), José Lins do Rego e José Olympio.
- Tem poucas dívidas.
- Quando prefeito de uma cidade do interior, soltava os presos para construir estradas.
- Espera morrer aos 57 anos.
(Assinatura do autor)

Candido Portinari (05/09/1948)

- Nasceu em 1903, em Brodowski (São Paulo).
- Casado, tem um filho.
- Altura, 1,54.
- Pesa 63 quilos.
- Colarinho n. 38.
- Sapato n. 38.
- Usa óculos.
- Ouve raramente rádio.
- Fuma charuto e cigarros Columbia.
- Faz regime alimentar.
- Frutas prediletas: mamão e ameixa.
- Não vai ao cinema nem ao teatro.
- Nunca pode beber, mas gosta.
- Fez a primeira comunhão aos 7 anos de idade.
- Seus pintores prediletos: Goya, Tintorette, David, Delacroix, Carapaccio e Brueghel.
- Leitura do seu agrado: “Diário de Delacroix”.
- Pintores brasileiros de sua preferência: Almeida Junior, Amoedo, Batista da Costa.
- Não é contra as religiões em geral.
- A figura que mais admira: Luiz Carlos Prestes.
- O seu maior desejo: Que haja um governo que olhe para o povo.
- Gosta de ver gente em casa.

- O primeiro dinheiro que ganhou: uma prata de dois mil réis ajudando pintores na Igreja de Brodowski.
- A primeira encomenda que teve foi um retrato que vendeu por 8 mil réis.
- O seu quadro mais caro: um mural ao Ministério da Educação, por 100 contos, e os murais na biblioteca do Congresso de Washington, por 160 contos.
- Tirou o prêmio de viagem, em 1928, com um retrato do poeta Olegário Mariano.
- Gasta muito com a família, que é grande.
- Começou a pintar com a idade de 8 anos.
- É neurastésico.
- Falador inveterado.
- Lucílio de Albuquerque foi o seu primeiro professor na Escola de Belas Artes e o considera grande mestre e grande amigo.
- Seu primeiro professor de desenho: o pintor português Justino Minguez, conhecido decorador de cafés e botecos do Rio.
- Foi discípulo, na Escola de Belas Artes, de Rodolfo Chamberlain, Amoedo e Batista da Costa.
- Recebeu a Legião de Honra.
- Prefere sua cidadezinha às grandes cidades.
- Gosta de futebol, não tendo preferência por clubes.
- Atualmente estuda um mural projetado por Oscar Niemeyer para o Colégio dos Peixotos, em Cataguazes.
- Tema: Tiradentes.
- Espera morrer: “Cruz credo”.

(Assinatura do autor)

Cícero Dias (03/04/49)

Nasceu em Escada, estado de Pernambuco.

Casado sem filhos.

Altura, 1,73.

Pesa 70 quilos

Colarinho n. 37.

Gosta de andar de avião, sabe andar de bicicleta.

É católico.

Tem vertigem mesmo no segundo andar.

Seu prato predileto: tutu de feijão.

Só ouviu rádio durante a guerra.

Só fuma charuto.

Não come frutas e nem bebe leite.

Leitura de seu agrado: Balzac, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Jorge Amado, Manuel Bandeira.

Tem mania das revistas velhas que compra à peso.

Seus pintores prediletos: a linha que veio de Giotto, passando por Cezanne, Picasso a Kandinsky.

Preso pelo governador Lima Cavalcanti, em Recife, e pelos nazistas, em Baden Baden.

Escreve sempre poesia.

Tem um livro inédito de memórias, chamado “Jundiá”.

Aprendeu a pintar no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes.

Ilustrou a “Ilha dos Amores”, de Camões, e Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre.

Já expôs em várias galerias de Paris.

Vai sempre às óperas.

Pintores brasileiros de sua preferência: Tarsila, Di Cavalcanti, Portinari, Segall, Pancetti, Milton da Costa e Cardoso Ayres.

Foi menino criado em engenhos.

Seu apelido: Cicinho.

Bebe sempre em companhia de amigos: Na França, Eluard, Picasso, Madame Zervos, o americano Calder; Em Portugal, Casais Monteiro; No Brasil, Rubem Braga e Carlos Leão.

Já morou com Villa Lobos, Ophelia Nascimento e Gilberto Amado.

Dá mais presentes do que recebe.

Já amou loucamente uma dançarina.

Depois de 10 anos de ausência, continua achando o Rio lindo, visto de Niterói.

Espera morrer brevemente.

Começou a pintar desde menino.

Executou vários murais em Recife, que oferece ao povo pernambucano.

(Assinatura do autor)

Otto Maria Carpeaux (10/07/49)

Nome: Otto Maria Carpeaux.

Nasceu em 1900 na cidade de Viena.

Casado, sem filhos: “Não transmitiu a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.”

Altura: 1,71

Colarinho: Variável, conforme o grau de mal-estar íntimo.

Sapatos: Não sabe o número, mas sabe onde lhe aperta.

É muito míope; Não usa óculos porque é preciso ver tudo.

Cabelo com entradas, mas ainda não pode economizar o cabelo inteiro.

É católico romano.

Gosta de seus vizinhos de edifício: Coronel Olímpio Mourão Filho e Jorge Lacerda.

Fuma: Não diz a mulher quantos maços por dia.

Gosta muito de uísque escocês, conhaque francês, mas ainda mais do cafezinho nacional.

Quase nunca come frutas nem legumes.

Não gosta de fazer visitas: Mas faz.

É nervoso, mas não controlado.

As mais das vezes não sabe o que come.

Dorme a madrugada e levanta-se cedo.

Gosta de viajar de avião, e gostaria mais se fosse barato.

Entre os meios de condução, prefere o táxi.

Nunca deixa sem resposta uma carta, embora responda com atraso.

Tem paixão pelos cachorros, especialmente “Basset”, que não considera como bicho.

Só escreve à mão.

Gosta muito de tomar remédios e injeções; Não acredita em vitaminas, mas “Que las hay, hay”.

Seu maior inimigo: Álvaro Lins.

Não gosta de crianças.

Usa exclusivamente gravatas listradas.

Já aprendeu a jogar no bicho, mas nunca acertou.

Julga-se muito organizado, entretanto não tem fichário.

Detesta rádio e não aprecia cinema sonoro.

Poetas brasileiros de sua predileção: (sem preocupação de ordem) Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Dante Milano e Cecília Meireles e Jorge de Lima.

Gosta muitíssimo do poeta paulista Juo Bananere.

Romancistas brasileiros de sua predileção: José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Octávio de Faria.

Santo de sua devoção: Santa Teresa de Ávila.

Dos seus livros prefere os que não publicará nunca.

Se pudesse recomeçar a vida, faria provavelmente as mesmas bobagens.

Pintor brasileiro de sua predileção: Portinari.

É um devoto profissional da música.

Seus compositores prediletos: Bach e Beethoven.

Detesta música popular de qualquer país.

Seu escritores preferidos: Dante e Shakespeare.

Acredita não conhecer nenhum livro essencial da literatura brasileira; Mas desejaria desconhecer alguns que leu.

Aprendeu a língua portuguesa só por meio da leitura e dos conselhos de Aurélio Buarque de Holanda.

Sua leitura predileta: poesia.

Línguas: fala 5, escreve 4, lê 11.

Formou-se em Matemática, Física e Química, e depois em Letras e Filosofia.

Já escreveu “scripts” para cinema mudo.

Não gosta de escrever; escreve porque precisa – e porque gosta.

O primeiro livro brasileiro que leu: “Páginas recolhidas”, de Machado de Assis.

Perdeu em Viena sua biblioteca; Vendeu em São Paulo últimos objetos para comprar alguns livros nacionais; Reconstituiu no Rio sua biblioteca.

Tem medo da agonia, mas não teme a morte.

Sente particular afinidade espiritual com Carlos Drummond de Andrade.

É brasileiro por naturalização e por afeto; Além da possibilidade de viagens, não pretende mais deixar o país, ficando enfim enterrado no São João Batista.

Não gosta muito de biografias; Mas admira especialmente as obras biográficas de Lúcia Miguel Pereira.

Dos poetas brasileiros do passado, o poema que mais o impressionou, é “Último credo”, de Augusto dos Anjos.

É supersticioso; Acredita em assombração, sobretudo na política.

Espera morrer ao 58 anos de idade, conforme lhe predisse uma cigana.

(Assinatura do autor)

Agripino Grieco (07/11/48)

Nasceu em 1888, em Paraíba do Sul.

Casado, tem 5 filhos e 3 netos.

Altura, 1,75.

Pesa 74 quilos.

Sapato n. 41 folgado.

Não tem rancor aos vizinhos.

Já não sente preferência pelo rádio.

Nunca fumou.

Só assistiu a uma única partida de futebol. E, por acaso, na cidade de Leopoldina.

Sua fruta predileta: manga.

Seu compositor predileto: Mozart.

É Católico.

Gosta muito de procissão e não admite que falem mal da Igreja.

Sua leitura predileta: crítica e ensaio.

Dos seus livros publicados prefere: “S. Francisco de Assis e a poesia cristã”.

Gosta de ler romance policial.

Ajuda a mulher em casa comprando verduras e pão pela manhã no mercado.

Seus romancistas prediletos: Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Octávio de Faria, Cornélio Penna, Lúcio Cardoso, Plínio Salgado, Cyro dos Anjos, Érico Veríssimo, Galeão Coutinho e Gastão Cruels.

Vai pouco ao cinema.

Dorme e acorda cedo.

Poetas de sua predileção: Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Agripa Vasconcelos, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, Augusto Meyer e Lêdo Ivo.

Escreve pela manhã e lê à noite.

Gostaria de ser dono de armarinho.

Não faz visitas para não receber retribuição.

Sua biblioteca compõe-se de quase 30 mil volumes.

Pintores de sua predileção: Pedro Américo, Portinari (primeira fase).

Santos de sua devoção: São Francisco de Assis e Santa Teresa de Jesus, porque é padroeira de 15 de outubro, data em que nasceu.

Péssimo correspondente epistolar.

Tem pavor de viajar de avião. (Só viajaria se fosse à Florença ou Paris). Que adianta chegar algumas horas antes a uma das nossas cidades do interior?

Acredita em assombração. Não tendo ainda visto nada. É verdade que já se tem encontrado algumas vezes com o Sr. Cláudio de Sousa e Ataulfo de Paiva...

Iniciou-se como crítico por indicação de Tristão de Athayde no “O Jornal”.

Já ganhou centenas de contos em conferências. Dividindo-os com o seu secretário Salomão Jorge, que, a exemplo de Salomão bíblico, mandava cortar tudo pela metade.

Está à disposição dos futuros conferencistas para indicar as melhores praças.

Nunca teve mentalidade de político ou jogador.

Sua maior vítima literária: Laudelino **Freire**, cuja morte muito deplorou, por ter perdido um esplendido assunto.

O primeiro livro que leu: “O romance de um moço pobre”, de Octave Feuillet.

Tem sido prejudicado por causa de seu espírito crítico.

É funcionário aposentado da Secretaria da Viação, Classe K, carregando assim um anacronismo, já repellido pelos próprios (?).

Sua comida predileta: feijão com arroz, que come diariamente.

Morando no Meyer, pouco vai à cidade.

Só tem inimigos literários.

O livro que mais o impressionou: “La chartreuse de Parme” (Principalmente por causa de uma parte de sensualidade e a velhacaria italianas).

Acha que os novos da Academia estão excedendo em velhice os velhos que lá encontraram... E é este o primeiro louvor que faz, apesar de tudo, a Cláudio de Sousa e a Ataulfo de Paiva.

Adora crianças e cachorros.

Ainda não cogitou da morte.

(Assinatura do autor)

José Lins do Rego (14/11/48)

Nasceu em 1901, Pilar (Paraíba).

Casado, tem três filhas.

Altura, 1,75.

Pesa 90 quilos, apesar de todas as prevenções contra a gordura (com a sua idade seu pai pesava mais de 100 quilos).

Sapatos n. 39.

Colarinho n. 41.

Usa óculos.

É amigo de todos os seus vizinhos, inclusive dos cavalos do Sr. Peixoto de Castro.

Só gosta de rádio quando lhe é uma utilidade.

Tem horror ao fumo.

Todas as frutas lhe são prediletas.

Só escreve à mão pela manhã.

Gosta muito de música.

Não tem compositor preferido. Gosta de um Mozart e de um Noel Rosa.

É católico, mas raramente vai à missa.

Sua leitura predileta: ensaios literários.

Não tem preferência por qualquer dos seus livros.

Às vezes ajuda a mulher em casa, menos em bordados e costuras, mas dá o seu palpite.

Romancistas de sua preferência: Stendhal, Thomas Hardy, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Cornélio Penna, Amando Fontes.

Gosta muito de cinema onde chora muitas vezes (Não gosta do Gordo e o Magro e nem dos Três Patetas).

Geralmente dorme e acordo cedo.

Poetas de sua predileção: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Dante Milano, Augusto Frederico Schmidt e Murilo Mendes.

Gostaria de tocar qualquer instrumento musical.

Raramente faz visitas, mas gosta de receber.

Detesta mulher que fuma.

Tem mania de doenças.

Gosta de apelidar os amigos.

Ao terminar de escrever um livro não o ler nunca mais.

Uma das suas expressões habituais: “Com o Zé do Rego, ninguém pode...”.

Suas grandes admirações literárias: Gilberto Freyre e José Américo.

Preocupa-se com as suas dívidas, mas só não tem dinheiro para pagá-las.

Não deixa de dormir por isso.

Gosta de passar rasteiras nos amigos.

Nunca passa em frente a uma balança que não se pese.

Pintores da sua predileção: Cícero Dias, Portinari, Di Cavalcanti e José Pancetti.

Santo da sua devoção: Nossa Senhora da Conceição.

Atualmente se considera péssimo correspondente epistolar.

Não gosta e nem desgosta de viajar de avião, mas prefere estar em terra firme.

O primeiro livro que leu: “A história de Carlos Magno”, tinha 9 anos.

Sua comida preferida: galinha cozida com pirão.

Só fez até hoje um soneto horrorosamente consertado por José Américo.

Tem conseguido mais popularidade no futebol do que na literatura.

É impressionável.

Quando o atacam, fica desolado.

Nervosíssimo.

Joga tênis muito mal, mas insiste.

Tem uma caligrafia das mais horrorosas.

Se está ao lado de um amigo, nunca tem 50 centavos para comprar um jornal.

É desconfiado.

Quando o seu clube (Flamengo) perde, acorda de noite e não dorme mais.

Tem medo da morte e não gosta de falar nela.

(Assinatura do autor)

Érico Veríssimo (11/12/49)

Nome: Érico Veríssimo

Nasceu em 1905, na cidade de Cruz Alta, Rio Grande do Sul.

Altura: 1,71.

Sapato n. 39.

Colarinho n. 38.

Casado, tem dois filhos.

Tem tez e as feições indiáticas, o ar sonolento e a carranca fechada.
Fala pouco, mas como papagaio da anedota, pensa muito.
Pressão arterial: normal.
Mau fígado, mas bom coração.
Não fuma, não bebe, não joga. Mas faz o resto.
Neto de tropeiros e estancieiros.
Não sabe andar a cavalo e prefere a cidade ao campo.
É agnóstico, mas porta-se como um cristão.
Tem má memória para nomes e datas, mas ótima para caras.
Quando adolescente hesitou entre ser desenhista e escritor.
Foi bancário, securitário e boticário, fracassando em todas essas profissões.
Adora música.
Sues compositores prediletos: Bach, Beethoven e Mozart. Mas tem ótimas relações com Debussy e Ravel e conhece Brahms de cumprimento.
Gosta também de musica popular negra, russa e hebrática.
Não se preocupa com a posteridade.
Gosta de crianças, livros, jogar tênis, pintar e rabiscar caricaturas.
Detesta ser mandado, ditadores e ditaduras, gente intolerante, dentes de ouro e “cock-tails” barulhentos.
Trabalhou aos dezoito anos num armazém de secos e molhados, onde nas horas vagas fazia clandestinamente sua literatura.
É fã da culinária chinesa.
O autor que lê com maior prazer: Eça de Queiroz.
O livro que leu o maior número de vezes: OS MAIAS.
Considera-se melhor leitor do que escritor.
Só fez versos uma vez na vida, aos doze anos, para empregar uma palavra bonita que descobriu no seu primeiro dicionário: meteórico.
Não é metódico.
No princípio de sua carreira escrevia com prazer e assiduidade; hoje escreve com dificuldade e sem muito prazer.
Detesta jantares formais, tangos argentinos, homem de cabeleira comprida, colarinhos engomados.
Acredita em vitaminas e toma-as.
Tem bons nervos.

O tipo de ficção que gostaria de ser: Papai Noel.

É um otimista à curto prazo.

Seu provérbio chinês favorito: é melhor acender uma vela do que ficar maldizendo a escuridão.

Adora caminhar à toa pelas ruas, olhando pessoas, animais e coisas.

Gosta também de escutar quartetos deitado no chão, falar sozinho, dormir e ir ao cinema.

Não pensa no passado.

Tem fama de trabalhar, mas na verdade considera-se um grande vadio.

É um pessimista a “lo largo”, ou vice-versa...não sabe ao certo.

Não se considera um tipo de mau caráter, mas não gosta de animais domésticos.

Nunca viu fantasmas nem teve alucinações.

Tem um grande respeito pela pessoa humana.

A respeito do dia em que pretende morrer diz que nunca pensou nem pretende pensar nisso.

(Assinatura do autor)